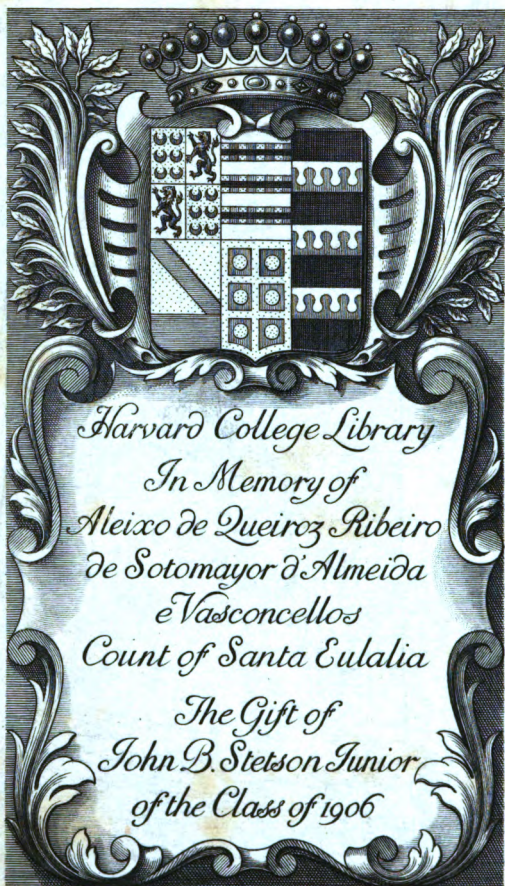




Post 4140.10



A. G. Bounay Jr.

LONDON 1911

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

0

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, e da Academia Archeologica de Madrid.

TOMO X.

*Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.*

DADO Á LUZ

pelo Editor

JOÃO PEDRO DA COSTA.



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1855.**

Port 4140.10
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAR 3 1925

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

PONTAS PORTUGUEZES.

LIVRO XXIII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Antonio da Fonseca Soares.

Ha homens que nascem fóra do seu seculo, que suplantam as suas preocupações, que o modificam, e alteram, e lhe imprimem, se é licito o dizer-lo, o sello do seu genio. Taes foram Dante, e Petrarca entre os Italianos, Haller, e Hagedorn entre os Alemães, Garcilaso entre os Hespanhoes, Racine na França, e Garção em Portugal. Ha porém outros, que talvez com maior erudição e genio, luctam, é verdade, contra a torrente de uma opinião que reprovam, mas acabam por ceder-lhe, e deixar-se arrebatado por ella. Tal foi Lope de Vega em Castella, e Antonio da Fonseca Soares entre nós.

A natureza o havia criado para grande Poeta; tinha-o prendado com uma imaginação viva, e ardente, coração sensível, e terno, ouvido delicado, e proprio para conhecer os feitiços da harmonia metrica, amor do estudo, e da gloria; mas nascido no imperio do gongorismo, criado com o pessimo leite da philosophia escolastica, introduzida pelos Jesuitas em nossas escholas, arrastado pelo exemplo dos seus contemporaneos, e pelos applausos, que o vulgo lhe tributava, abraçou aquel-

le estylo vicioso, e cheio de brilhantes falsos; e se não deu em todas as extravagancias dos Poetas do seu tempo, se é um dos primeiros ornamentos da Eschola Hespanhola, entre nós, perdeu com o renascimento do bom gosto, a gloria, que era devida ao seu saber, e aos seus talentos.

Antonio da Fonseca Soares nasceu na Villa da Vedigueira, da Provincia Transtagana, em vinte e quatro de Junho de 1631. Foi filho legitimo do Doutor Antonio Soares de Figueiroa, da principal nobreza d'aquella Villa, e de D. Helena de Zuniga, natural da Irlanda, porém de origem hespanhola, como bem o indica o seu appellido.

Seus pais, que da sua viveza concebiam grandes esperanças, lhe fizeram cursar os estudos, que então haviam em Portugal, em que aproveitou quanto era de esperar de uma indole tão feliz, e de um talento tão precoce.

Terminado o curso dos seus estudos veio á Côrte, onde foi bem recebido da alta sociedade, e dos Literatos, pelas suas maneiras cortezãs, e pelos bellissimos versos que compunha, tanto em portuguez como em hespanhol; porque a mania do tempo era escrever nessa lingua, que erradamente se julgava superior á lingua patria, tanto em elegancia, como em harmonia, e fallando verdade, neste absurdo não deixava de haver um ponto de vista razoavel, porque a gravidade magestosa do idyoma Lusitano não se accommodava bem com os retrocanos, conceitos alambicados, equivocos, jogos de palavras, e as mais extravagancias engenhosas, que formavam os principaes ingredientes do estylo em voga.

Antonio da Fonseca Soares, como nobre, que era, seguiu os preconceitos da sua classe, abraçando a vida militar, de preferencia a outra qualquer profissão.

Fez a campanha da aclamação de D. João IV., em que se portou, segundo consta, como Official de grande valor, e de illibado procedimento, merecendo sempre o applauso, e a estimação dos seus Chefes; e muitas vezes empregou a sua lyra em celebrar os grandes feitos, e conquistas de praças, que tiveram logar durante aquella guerra de independencia.

Moço, nobre, militar, abastado, e Poeta, não admira que nas folgas das armas, se abandonasse aos amores, aos passatempos, e ao cultivo das Musas. Creio que a esta epocha deve referir-se a composição da sua *Phylis*, Epopeia heroico-amorosa, escripta em hespanhol, e que foi recebida com applauso enthusiastico dos dous reinos, e essa alluvião de versos, em ambas as linguas, que hoje se encontram derramados pelos Volumes da *Phenix Renascida*, do *Postilhão de Apollo*, e de muitas outras compilações desse tempo, e dos immediatamente posteriores, compilações na verdade feitas sem gosto, nem escolha, mas que apésar disso, é necessario precorrer, porque nellas é que unicamente se encontram muitas composições estimaveis, daquella epocha, que é necessario não confundir com outras, que com toda a razão se desprezam. Até porque sem essas compilações mal se poderia fazer idéa do que foi então a poesia, e o engenho portuguez, e do que a lingua perdeu, ou ganhou com o systema de escrever então adoptado.

Seria muito para desejar que no nosso tempo reinasse o mesmo gosto de publicar collecções de poesias, que não se teriam perdido tantas Obras estimaveis, que foram impressas em folhas, e folhetos avulsos, ou que giram manuscriptas por mãos de alguns curiosos, em cujo poder vam desapparecendo todos os dias, com grave perda para o nosso Parnaso, e para a reputação do talento portuguez! Mil vezes tenho instado neste objecto, e na necessidade de fazer reimpressões dos nossos livros classicos, e em edições pouco despendiosas, para chegarem facilmente ás mãos de todos, advertimos porém, que quando tocamos esta especie só nos dirigimos á Academia das Sciencias; não ignoramos que a esta erudita, e benemerita Corporação, e a alguns Literatos é que somos devedores da resurreição de alguns Authores antigos, como Caminha, e Frey Bernardo de Brito; bem sabemos que entre nós os Typographos não sam Aldos, nem Elziviros; e que os Livreiros preferem vender uma vez na vida um livro raro por alto preço, a fazer delles edições, que lhe dariam maior proveito.

Corria o anno de 1662 quando se divulgou em Lisboa a noticia, logo confirmada, de que no dia dezoito de

Maio, Antonio da Fonseca Soares, abandonando a profissão das armas, as esperanças de melhor fortuna, os prazeres, o mundo, e a gloria poetica havia vestido a roupa de Franciscano, em um Convento de Evora.

Este grande, e inesperado successo deu por muito tempo assumpto ás conjecturas, e discussões dos salões, como era de esperar em um tempo, em que havia tão poucas distracções, e em que todos tomavam tanto a`peito quanto tinha relação com as letras.

A opinião pública se dividio a respeito dos motivos que haviam conduzido Antonio da Fonseca Soares a transformar-se de militar em frade, e de Poeta em Frey Antonio das Chagas.

Diziam os beatos, que um toque repentino da graça do Senhor havia mudado o coração de Saulo, desgarrado pelos caminhos do mundo; diziam outros, que pretendiam campar por mais bem informados, que as serias reflexões, que elle havia muito fazia sobre os erros de seus annos juvenis o tinham conduzido áquelle resultado; não faltava quem capitulasse aquella resolução de capricho poetico, quem a attribui-se a desesperação amorosa, quem a desgostos de familia, quem ao medo que concebera, em razão de um tiro de bacamarte com que fôra ferido em Setubal; cada um ajuizava do caso segundo as suas idéas, mas o público ficou então ignorante dos seus motivos, e querer elucida-los seria hoje cousa mui difficil; o que não admite duvida, é que elle permaneceu constante no seu proposito, que observou á risca a regra do seu instituto, que compria com todo o zêlo as suas obrigações religiosas, e foi logo considerado como modêlo de austeridade, e virtude.

Passados alguns annos, Frey Antonio das Chagas instituiu no Varatojo um seminario, de que tomou posse em seis de Maio de 1680, e passou o resto de seus dias empregado na sua direcção, em asperas penitencias, e na composição de alguns Sermões, e Obras Asceticas, em que entremeava alguns versos; mas tão frios, que valem tão pouco a pena de lêr-se como as prosas de que fazem parte.

No mesmo seminario do Varatojo o visitou o Anjo da Morte, no dia vinte de Outubro de 1682, contando ape-

nas de idade cincoenta e um annos tres mezes e vinte dias. Seus discipulos, e companheiros, de quem sempre fôra amado, e venerado como pai, o sepultaram com sinceras lagrimas, e em testemunho da santidade de sua vida, o nomearam sempre, o *Veneravel Padre Mestre Frey Antonio das Chagas*.

Não serei eu quem condemne Antonio da Fonseca Soares por haver abraçado o estado religioso, é isso um caso de consciencia, em que não é permittido entrar, especialmente quando a austeridade da sua vida conventual nos prova, que a sua vocação foi sincera. Também não terei a temeridade de querer julgar os seus motivos; se alguma paixão violenta, e desgraçada, se algum grande infortunio occulto o compelliram a tão grande sacrificio na flôr da idade; isso não diminue o seu merecimento, antes mostra, que soube tomar um partido prudente: ha desgostos que só acham allivio na solidão; ha molestia d'alma, que só Deos tem o poder de curar! Respeitemos o segredo deste homem exemplar, e não calumniemos as suas cinzas.

Sou porém demasiado amator da bella arte da poesia, demasiado zeloso do credito das nossas letras para que de boamente lhe perdoe o encarniçamento, e a tenacidade com que procurou aniquillar todas as suas poesias, e com especialidade a *Phylis*, de que queimou todos os exemplares, que poudé haver á mão, tornando-a tão rara, que tendo-a procurado com todo o interesse que sempre puz em adquirir livros, nunca vi della se não tres exemplares, e todos tres manuscriptos. Parece-me que neste negocio o zêlo do veneravel Padre foi longe de mais! Talvez as suggestões fanaticas dos seus directores transtornassem o seu bom juizo! Se queria ganhar o Ceo pelos caminhos da austeridade, e da virtude contemplativa, era para isso necessario fazer um Auto de Fé da *Phylis*, e dos seus outros versos? Póde a critica, é verdade, notar ahi muitas faltas contra o bom gosto, mas nada que seja offensivo para a religião, ou para os bons costumes. Para que é abandonar a poesia? não é ella um dom de Deos? um dom que elle concede a poucos homens? e será justo deixa-lo occioso? Mas póde abusar-se d'elle; não o nego, e desgraçadamente não

faltam exemplos: mas impedia o veneravel Padre de santifica-lo, como praticaram S. Basilio, S. Prudencio, S. Prospero? não podia emprega-lo celebrando as maravilhas de Deos, e as verdades da Religião? saltavam-lhe excellentes assumptos na Biblia, e no Evangelho? Dirá alguém que o Bispo d'Alba, Jeronymo Vida, ou o Dominicano Ortega peccaram cantando a morte de Christo, um em um Poema latino, outro em um Poema hespanhol, ambos tão ricos de poesia, como de sentimentos de piedade?

Poucos Poetas terão conseguido tamanha estima dos seus contemporaneos, como Fonseca Soares, e mesmo quando a preponderancia exemplar da antiguidade aniquilaram entre nós a Eschola de Gongora, derramando largamente o ridiculo sobre elle, e os seus discipulos, muitos dos proprios reformadores conservaram para com elle certo respeito, que me parece indicar, que nelle existia um merecimento real, e que não se emborilhara tanto como os outros no labyrintho do mau gosto.

O Padre Francisco José Freyre (conhecido geralmente pelo anagramma de Candido Lusitano,) um dos fundadores da Arcadia, e que mais trabalhou para o resurgimento do bom gosto, não duvida declara-lo por muito bom Lyrico, posto que se mostre pouco contente delle como Poeta Epico.

E' certo que o erudito Verney, nas suas Cartas de Barbadinho, o tracta com demasiado azedume, mas todos sabem que não foi mais indulgente com Camões, e que em suas criticas se mostrou pouco moderado; e direi, até juiz pouco competente em materias de poesia, cujo sentimento parece que não possuia em grau muito elevado.

Para se avaliar um Poema não basta, me parece, mostrar que ha nelle meia duzia de Oitavas defeituosas, nem basta citar um Soneto ruim para dar idéa do talento de um Poeta: será ruim a Eneida porque nella se acha este verso

Anchisem facio certum, remque ordine pando?

Dirá alguém que Anténio Diniz da Cruz e Silva é um pessimo lyrico porque dirigiu a Garção uma Ode Hora-

ciana muito ruim? Havemos julgar de Garção pela cantiga, que se acha nas suas Obras,

Cuidava que Briolanja
Hera meiga como bella,
Cuidava que hera marmanja
Mais tenra do que Vitella?

Para um Censor se mostrar justo, é necessario que examine com prudencia, e imparcialidade as Obras do Author, que censura, que balance as suas bellezas, e os seus defeitos, que leve em conta as suas circumstancias, o seculo em que viveu; só assim é que poderá ser justo, e dar com segurança a sua sentença.

Contando mais com o meu zêlo, que com as minhas forças, que reconheço serem bem poucas, propuz-me a prehencher uma lacuna, que existia na nossa Literatura, escrevendo um resumo historico-critico sobre os nossos Poetas, e as suas Obras; mas não entra no meu plano o tractar d'aquelles Poemas que escreveram em hespanhol, ou latim, mas só das suas producções portuguezas: não me cabe por isso examinar a Phylis; só direi de passagem que me parece grande injustiça o quererem os Criticos julgar pelas regras da Epopeia um Poema puramente Erotico, e que por isso pôde sahir da gravidade do estylo heroico; e adornar-se com os florecios do estylo lyrico; e sem querer negar-lhe os defeitos de composição, de idéas alambicadas, e de expressões violentamente methaphoricas, parece-me com tudo encontrar n'elle sufficientes bellezas, e algumas descripções, e trechos que tornam a sua leitura agradável, abonam o talento do Poeta, e explicam a grande voga, que teve no tempo da sua publicação.

O Padre Francisco José Freyre (Candido Lusitano) sempre fez grande apreço do talento lyrico de Antonio da Fonseca Soares, e no Capitulo XX. do Livro I. da sua *Arte Poetica*, louvou muito as comparações, de que se adorna este Poema.

Entre os ensaios Epicos de Antonio da Fonseca Soares, distingue-se, a meu vêr, até por o estylo estar ali mais descarregado de gongorismos, o Poema, em um só

Canto, e em sessenta e duas Estanças, que tem por titulo: *Mourão Restaurada*. Esta praça, que estava em poder das tropas hespanholas, foi na guerra da aclamação investida, e sitiada pelo General Joanne Mendes de Vasconcellos, com um exercito de sete mil homens; e depois de alguns dias de trincheira aberta, deu-se o assalto com grande impetuosidade; e apesar da obstinada resistencia da guarnição, esta capitulou por fim, e os Portuguezes a renderam, e entraram nella triumphantes, no dia vinte e nove de Outubro de 1657.

O Poeta, que fizera parte desta facção brilhante, quiz immortalisar o denodo patriotico dos seus camaradas, compondo este Poema, que dedicou a Joanne Mendes de Vasconcellos, e com toda a razão, pois fôra elle quem empreendeu, e levou ao cabo, com um punhado de bravos, aquella difficil empreza.

Nesta Obra respira a todo o instante o enthusiasmo bellicoso de um Poeta militar; as Estanças sam bem fabricadas, a narração rapida, o colorido vivo, e animado, e os versos harmoniosos, e correntes, como sam de ordinario todos os que o Poeta fazia.

Depois da Dedicatoria, indica Fonseca Soares a epocha da acção, o tempo em que a praça esteve em poder dos Castelhanos, e como Joanne Mendes emprehendera a sua restauração.

Dourava o claro Principe do Dia
Do signo venenoso a forma impura,
E o Anno, envelhecendo-se, cahia
Na idade enferma, na estação madura;
O observador de Ceres repetia
No campo grato a provida cultura,
E Pales tão fecunda se mostrava,
Que o valle encanecia, o monte armava!

Quando o Gran Vasconcellos, que estivera,
De Traz-os-montes tanto em fim melido,
E contra os males, que alhanar viera,
Fôra então dos chamados o escolhido;
Com luz maior sondando lá da esphera
Da mente excelsa o mar embravecido,

Da sorte, com que o Reino tibia
Prudente o olha, e prompto remedeia.

As Syrtes da Borrasca antecedente
Adverte, e foge; e qual Piloto esperto
Conduz ao porto venturosamente
A Nau do Estado, que vagava incerto:
Se inchado o mar, si as ondas bravas sente,
Assi as applaca, com ditoso acerto,
Que no socego em fim que as desconhece,
Inda o que Syrte foi porto parece.

Quatro vezes a tocha mais brilhante
Da Noite a luz crescera, e consumira,
Depois que, obedecendo á sorte errante,
Mourão nas garras do Leão cahira;
Mas bem que os Estandartes arrogante
De Iberia ao ar tremola, ao vento gira,
Isso, que mais ufano, e vão se ostenta,
Mais no triumpho do que a rende augmenta.

Temos pois que Mourão havia quatro mezes, que tinha cahido no poder dos Hespanhoes; que a principal causa desta desgraça fôra a desintelligencia, e caprichos dos nossos Generaes, que por seus mal entendidos pondeneres, e ciumes do commando abriram passo á victoria do inimigo, não reunindo suas forças para a defesa da praça; que Joannes Mendes conhecendo todos estes inconvenientes, pozera todo o cuidado em remove-los, e parti-ra de Traz-os-Montes, para expulsar os Castelhanos daquella praça, cuja posse era de tanto interesse para nós: o Poeta, em só quatro Estanças, faz sentir tudo isto, e acha meios de explica-lo com concisão, clareza, e estilo poetico.

As disposições, e trabalhos do cerco sam descriptos com a mesma energia, e concisão.

Já no nosso hemispherio o gran Planeta
Vira o dia uma vez resuscitado,
E outras, chegando á desejada meta,
Havia da Alva os nectares chupado,

Depois que co'a presteza mais secreta,
Que o desejo podia haver formado,
O generoso Sancho á Praça tinha
Gauhado os postos, e deitado a Linha.

Tendo pois da Provincia aonde assiste,
Quasi junto esse Exercito famoso,
Bem que he de toda a Gente, em que consiste,
Só de sete mil Praças numeroso,
Marcha, e chega a Mourão, já quandô enviste
Sancho os muros, e a Praça valoroso;
Pois co'a Gente que leva, Portuguesa,
Inda se vê maior que a mesma empreza.

Aquartelou-se o Exercito por onde
Tinha já desenhado na campanha;
E entre o mais forte do quartel esconde
O que póde offender do Povo a sanha:
Abre trincheiras, com que corresponde
Ao designio e trabalho; e com tamanha
Prensa, e cuidado a todos assegura,
Que mais que a terra, a vigilancia a mura.

A propriedade dos termos, e a regular distribuição
dos trabalhos dá bem a vêr que é um official o que es-
creve, e official pratico em fazer a guerra.

O famoso Albuquerque, que regia
O mobil Campo de animados Ventos,
Por varias partes cuidadoso envia
Quem do Inimigo advirta os pensamentos,
Os Campos assegura, os Combois fia,
A quem guarde melhor seus mandamentos,
A'lerta neste officio, em que se exalta,
Muito faz, tudo adverte, e nada falta.

Albuquerque é o General da Cavallaria, Mathias de Al-
buquerque; o verso

O mobil Campo de animados Ventos,
para designar os Esquadrões de Cavallaria, que batiam
os campos, poderia passar em poesia lyrica, mas no es-

tylo epico não póde eximir-se da tacha de muito affectada, e violenta methaphora. O ultimo verso da Estança, dividido em tres incisos, compostos de um verbo, e um adjunto, torna o estylo conciso, e vibrado, mas para produzirem effeito é necessario que estas collocações artificiosas se não prodigalisem; mas o Author attendeu pouco a esta regra, e a leitura das suas poesias nos mostrará que elle abusa destas formulas, mais do que todos os seus contemporaneos.

Logo pois que alojado o campo esteve
Na fórma á Terra, e Gente accommodada,
Manda o supremo Heroe, que em termo breve,
Se vá fazer ao de Mourão chamada;
Que assim se conheça o que se deve
A' sua presença; e quer que respeitada
Seja nelle, ou por sua authoridade
Do Rei, que serve, a sacra Magestade.

Da Artilheria o General, que excio
Da Praça, e gloria nossa ser pertende,
E em quem a obrigação enche de Officio
O valor, de quem leis o alento apprende
No aproche, onde dá de eterno indicio
De Marte as iras, e o furor suspende,
E, chamando os sitiados, que elle applica,
A ordem superior lhe rectifica.

O segundo verso desta Estança é defeituoso, porque a letra delle sôa, que o General da Artilheria pertende ser excio da praça, e da nossa gloria; quando o sentido é, que elle quer ser nossa gloria, e excio da praça: um Poeta que aspira á reputação de correcto deve desvelar-se em evitar semelhantes amphibologias, de que ás vezes resultam interpretações absurdas, e ridiculas; tambem o verbo *applicar* no penultimo verso, está abusivamente empregado.

Havendo exposto as disposições do cerco, o Poeta não se deseuída de nos dar a conhecer a praça, o que faz deste modo.

Lá na Provincia Betica metido,
Do grande Rei Diniz reedificado,
Se ergue o Castello de Mourão, sobido
N'um monte, de asperezas rodeado,
De excelsas Torres ao redor cingido,
De forte muro, bem que antigo, armado,
Co'a larga barbacãa, que grave ostenta,
Soberbo está, robusto se sustenta.

Confesso que tambem me não agrada a expressão *Provincia Betica* para designar a Beira; visto que por ella se entende mais de preça a Provincia Hespanhola de que é capital Sevilhã: continuemos.

Tão provido anticipa o provimento
De tudo em fim, que sem que ali redunde
Confusão, de tão vario ajuntamento,
Faz que o regalo honesto ao campo abunde,
Tão senhor do alvedrio mais ísempto,
Obra o que quer, o que deseja infunde,
Que em fim, sem que a razão desaccommode
Tudo vê, tudo manda, e tudo póde.

O jogo da artilheria, e os assallos dados á praça estavam pintados com rasgos fortes, e animados, como póde vêr-se dos seguintes trechos.

Não soffreu a galharda intrepidez
Dos Soldados, mais tempo aos que se irritam,
Cada qual das muralhas tenta a empreza,
Todos ser os primeiros solicitam;
Trepam com valorosa ligeireza,
Este salta, este vóa, aquelles gritam,
E dos que topam, si fugir não tractam,
N'este dam, ferem este, aquelle matam.

Mas o Mestre Mendonça em outra parte,
D'onde coberto a offensa proseguia,
Vendo do Luso o bellico Estandarte
Arvorado nos muros, que offendia,
Dando a Alexandre inveja, assombro a Marte,

Cioso de tão brava galhardia
Expondo-se ao perigo, a que se iguala,
Sem brecha, a parte, em que peleja, escala.

Menos veloz o Sota Marinheiro,
Sobe á gavia, apesar dos, que refuta,
Vai-vens, quando c'o misero madeiro
Choca o mar, a agua investe, Boreas lucha;
Quer cada qual, intrepido, e ligeiro
Sohir ao muro, apesar da força imuta
Do Hespanhol, que já louco do que adverte
Mortes dá, pedras tira, e rayos verte.

Sahindo pois com impeto violento
Do sacre ardente a polvora opprimida,
Cégam nuvens de fumo o firmamento,
Vê-se a machina etherea estremecida;
Cheio de ardentes chammas deixa o vento,
Pallido o Sol, a Esphera esmorecida,
E em discordia fatal tudo confuso,
Muda o ser, perde a fórma, estrga o uso.

Treme a Praça pasmada, e duvidosa,
Vendo que em taes assombros castigada,
Dos muros jaz a fabrica espantosa,
Em cadaveres broncos desatada;
Bem que ás chammas resista valorosa,
Fica em cinzas, e incendios sepultada,
E, sendo já dos Elementos tumba,
Medonha geme, a que cruel retumba.

O muro cái, as Torres se arruinam,
E na defesa cada qual constante,
Do risco zomba; porque não fulminam
Tiros de bronze a peitos de diamante;
Quando que a Terra acabam, determinam
Os corações por armas pôr diante,
E então parece ficam mais seguros,
Pois é Torre o valor, e alento muros.

O Poeta desvia ás vezes os olhos das massas dos
combatentes, para os empregar nas façanhas indivi-

duaes de alguns dos seus heroes: assim acontece quando refere a ferida do Capitão Figueiredo, que naquella dia se tinha distinguido pela intrepidez, e valentia de seu braço.

Menos do mando usando, que do exemplo
Fazia inda dos riscos respeitar-se
O Figueiredo insigne, que no Templo
Da Fama sabe em tudo eternisar-se:
Quando atrevida bala, a quem contemplo.
Ambição de querer assignalar-se,
Lhe fere o rosto, e sem que o desanime,
Character immortal nelle lhe imprime.

Ao bizaro Varão, que dos primeiros
Foi no ataque, no alento, e no perigo,
Que applausos darei eu, que em fim rasteiros
Não faça os que inda alcança do Inimigo?
Inveja faz aos mais aventureiros,
E os Leões Hespanhoes, inda no abrigo,
Tanto em vêr este Lobo se esmorecem,
Que não Leões, Cordeiros já parecem.

Não houve voz no agonisar notoria,
Que ás queixas desse a ultima caricia,
Que se o viver á Fama hera vangloria,
O morrer pela honra hera delicia;
Cada golpe hum esmalte hera á memoria,
Cada morte hum triumpho hera a Milicia,
Porque em fim pela Patria, que o merece,
Vive o que acaba, e se honra o que padece.

.....
Das torres, e dos muros superiores,
Vendo as armas do Luso tão chegadas,
Chovem sobre os fataes oppugnadores,
Alcanzias, barrís, bombas, granadas:
Porém sam como os rapidos fulgores,
Do rayo, que das Nuvens carregadas,
Abrotados dos troncos a que vôam,
A casca lambem, o centro não magôam.

.....

Terceira vez ao auge conduzia
Pirois, e Ethonte a rapida carroça,
Depois que a Praça, sem cessar, se vira
Batida da violencia, que a destroça;
E como pela brecha, que lhe abrira,
Para assalta-la, a Gente se alvoroça,
Tomada a ordem do que a obrar se entrega,
Sancho aos assaltos brevemente chega.

De dous mil, que ao assalto destinados
Estavam, escolheu de Rodeleiros
Breve Esquadrão, mas tal, que os nomeados,
De muito mais merecem ser primeiros;
Põe de lanças de fogo outros armados,
Junto a quem os mais bravos Mosqueteiros
Vam, e apprestando escadas ao mais alto,
As minas atacam, depois o assalto.

Cabo delles, e de boas esperanças,
Hera de São João o illustre Conde,
Em quem sempre as mais arduas confianças,
Inda maior o effeito corresponde,
Com vivo alento ardendo entre as tardanças
O immerso coração no peito esconde,
Apenas, porque vê que, o peito errante
Lhe rouba huma victoria a cada instante.

Os Hespanhoes capitulam finalmente; e o Poema conclui com os elogios do General commandante da acção.

O outro Ensaio Epico de Antonio da Fonseca Soares, é outro Canto de quarenta e nove Estanças, que tem por objecto a Victoria das Linhas de Elvas, que teve lugar no dia quatorze de Janeiro de 1659, sendo esta renhida, e decisiva acção commandada por D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, e Conde de Castanhedo.

O Poeta começa dirigindo-se ao Marquez de Marialva, ponderando a fraqueza do seu éstro, para celebrar dignamente tão grande acção; e passa logo a marcar a epocha do successo.

Hera a Estação caduca, idade triste,
Em que o Anno decrepito expirava,
E o Sol, que ao Mundo eternamente assiste,
No mais frio dos tropicos entrava;
A Esmeralda do Campo hera Amatiste,
Turvo o Rio corria, o Mar bramava,
E entre os ramos, com vario movimento,
Gemia o Ar, e suspirava o Vento.

Designado o tempo da acção, apresenta o objecto della, fazendo vêr o estado, em que se encontra a Praça de Elvas cercada, e combatida pelo exercito hespanhol.

Quando da nossa Praça mais luzida,
Que do Hespanhol estava sitiada,
Hera a falta de Gente tão sabida
Como a sobra do mal experimentada:
Já não tinha miseria a humana vida,
Sendo a força maior que aqui a expugna
A fome, o mal, as armas, e a fortuna.

Com força grande, e militar sciencia
Tinha o famoso Exercito Inimigo,
Bem que provado brava resistencia,
Crescido em seus apertos o perigo,
E, apesar da Estação, cuja inclemencia
Crescia da Campanha o desabrigo,
Exposto ao tempo, e contra a sorte armado,
Mais de noventa Soes tinha contado.

Nas forças confiado, e nos apprestos
Com que de empreza tal se leva a gloria,
Por toda a Europa, em varios manifestos,
Já cantava os triumphos da victoria;
A' Praça já fizera seus protestos,
E ao Reino outros, não dignos de memoria,
E havendo ao Campo a Côrte conduzido,
Tudo já na opinião tinha vencido.

Em quanto os inimigos lisongeados com a esperança de dentro em pouco tempo entrarem triumphantes

em Elvas apertam o sitio da Praça, e cantam a victoria como infalivel, o Conde de Castanhedo, sem amedrontar-se com bravatas castelhanas, dispunha prudentemente tudo para os obrigar a levantar o cerco.

Disto informado o Conde generoso,
De Castanhedo o Conde, que de parte
Pondo o gosto da Côrte delicioso,
Para as fadigas se dispõe de Marte:
Não soffre, não, que o Reino mais glorioso
De quem inda veneram o Estandarte
Tantos Reinos, Nações, Climas, Imperios,
De Hespanha se sujeite aos vituperios.

Já lida aquelle Espirito invencivel
Nas prevenções, que faz para esta empreza,
E aquella fé no zêlo inaccessible
Arde, entre a chamma de valor accesa:
Das forças junta logo o que he possivel,
E, engrossando a Milicia Portugueza
Co'as levas, que lhe vão do Reino todo,
De soccorrer a Praça estuda o modo.

Por não pôr a fortuna em contingencia,
Que tudo arrisca huma hora, e perde hum dia,
A Gente fez sahir com diligencia,
Bem quando a cento o numero excedia;
As acções que se estudam na experiencia
De tal sorte o valor substituiu,
Que armado o peito desta confiança,
Mostrou maior accerto, que a esperanza.

.....
Vendo pois o Exercito formado,
Que estando para a marcha prevenido,
O que observancias mostra de Soldado,
O que eloquencias vence de entendido,
De sorte anima a todos de alentado,
Tanto persuade a todos de advertido,
Que com razões, a que efficacia sobra,
Tanto o juizo como as armas obra.

A confiança que ha, de quem governa,
De sorte anima a Lusitana Gente,
Que por ser digna de memoria eterna
Anhella o risco com furor ardente;
Hum bravo orgulho, huma alegria externa,
Faz a Victoria a todos tão presente,
Que hera das que o destino promettia
A menor circumstancia prophecia.

Deu signal o clarim com força estranha,
Cujo bellico impulso, cujo alento,
Fazendo estremecer toda a campanha,
Foi salva ao Sol, e admiração ao Vento :
Movem-se as Tropas com galharda sanha,
C'os Esquadrões iguaes no movimento,
E ao som tremolam d'armas, e tambores
Os Estandartes de diversas côres.

O Sol, ou já das nuvens offendido,
Ou já da nossa injuria envergonhado,
Negava ao Mundo, em sombras escondido,
A luz que alegra o campo, e anima o prado :
Então de varios rayos guarnecido
Desvaneceu das nevoas o toucado,
E corôando a todos de esplendores,
Outros Soes pelas armas faz maiores.

Porém antes que a fulgida carroça
Em montes de crystal se submergisse,
E antes que ao pobre alvergue, ou pobre choça
Lavrador, ou Pastor se reduzisse,
Mandando a Gente, que já se alvoroça,
O Conde fazer alto, e que se visse
O sitio mais capaz de alojamento,
Deu ao trabalho allivio, ao tempo assento.

O ataque dado ás linhas hespanholas pelo exerci-
to portuguez, e o valor com que sam defendidas pelo
inimigo sam descriptas com muita viveza, e força de
estyllo, o que mostra que o Author tinha mais disposi-
ção para a poesia epica, do que o Padre Francisco Jo-

sé Freyre assevera, fundando este juizo na *Phylis*, que não é um Poema Heroico, no sentido restricto deste termo, nem Fonseca Soares o considerou como tal, pois lhe deu o titulo de *Poema Tragico*, como se vê das poucas copias mutiladas, e informes, que ainda se conservam em poder de alguns curiosos.

O Poeta, depois de invocar a sua Musa em uma elegante Estança, começa assim a narração da batalha.

Começou da trombeta o som terrivel
A encher o ar de horror, de espanto a Terra,
Intimando fatal, com furia incrível,
Medo ao Sol, ira ao Vento, ao Mundo guerra :
Signal do ultimo dia hera infalivel
A muitos dos que o campo agora enterra,
Não nos mortos, que então resuscitaram,
Mas nos vivos, que muitos acabaram.

Logo o grande Varão, a cuja espada
Tinba as Artes da Guerra reduzido,
Manda se desse ás Linhas a escalada,
A que o valor se tinha offerecido :
E porque em tudo não ficasse nada,
Que não vencesse o braço não vencido,
Sendo merecedor de Eterno Templo,
Menos usou do mando, que do exemplo.

-Não tão violento o Mar tempestuoso,
Quando abysmos, e Estrellas ameaça,
Espumando de bravo, e furioso,
A praya investe, as rochas despedaça,
Como o Conde entre riscos valoroso,
Apesar dos perigos, que rechaaça,
Sem se lhe dar do posto, que interrompe,
As Linhas quebra, as Estacadas rompe.

Para chegar ao fosso dilatado,
Vôa, não corre, cada qual ligeiro,
E apenas algum cahe de apressado,
Quando serve de ponte ao companheiro ;
Parece que da morte arrebatado

Não basta ser o Espirito guerreiro,
Pois faz o Rei, em tão confusa sorte,
Sirva ali de cadaveres a morte.

As Cargas da Hespanhola Artilheria
Tão bastas se despedem cento a cento,
Que o ar se atrôa, e se esmorece o Dia,
Turvam-se os Ceos, e treme o firmamento,
Pallido o Sol o resplendor enfia,
Tudo se esconde em seu profundo assento,
E a terra em fim confusamente triste,
Sem lei, sem fôrma, e sem discurso assiste.

Vendo da Praça os Heroes generosos
O valor, e o soccorro dos amigos,
Já não socegam bravos e invejosos,
De que a honra lhe ganhem nos perigos:
Bem que em numero breve, valorosos,
Acommettem de sorte os inimigos,
Que nas acções, que a competencia cresce,
Cada qual hum Exercito parece.

Menos feroz o Touro, que estivera
Preso, quando no Córro se desata,
Com furia brava, e catadura fêra,
Brama, escava, accommette, offende, e mata;
Menos embravecido o mar se altera,
As penhas ergue, os orbes arrebatá,
Vento que solto das prisões que teve
Ao Mar, á Terra, ao mesmo Ceo se atreve.

Pelo meio das armas Castelhanas
Unir-se ao nosso Exercito pertendem,
E franquear ás Quinas Lusitanas
Huma das portas que do campo comprehendem:
Não basta aos Hespanhoes forças humanas,
Bem que com arte, e forças se defendem,
Porque o valor daquelles Vencedores,
Inda mais he, que para acções maiores.

O Conde illustre, que os amigos via
De Belona entre os riscos empenhados,

Entrar tambem com cada qual queria
A' honra dos successos arriscados :
Onde a peleja mais se embravecia,
Onde vê já ceder muitos Soldados,
Bravo se arroja, e na maior tormenta
Quanto hum perde, outro ganha, elle sustenta.

Todos ao seu exemplo Aventureiros
Do amor da chara vida se despojam,
E expondo-se das balas aos chuveiros
Só de não vêr-se em tudo os mais se enojam :
Nenhum ha que não seja dos primeiros,
Todos ao risco intrepidos se arrojam
Com furia tal, que em golfo de escarlata
Este choca, esse fere, aquelle mata.

Em fim, rôtas as Linhas do inimigo,
E formado Esquadrão no seu terreno,
Dando ás soberbas tragico castigo,
De estrago se enche logo o campo ameno :
Está já com temores do perigo
O maior dos seus Grandes, tão pequeno,
Que ha pouco lhe era grande estreita Praça,
E hum canto já lhe sobra na Desgraça.

De Marte com as iras, e rigores
Foi a Batalha tão cruel, e ardente,
Que parece que os Orbes superiores
Chocaram pelo Mundo juntamente :
Todo o Campo 'entre furias, e clamores
Hera da morte rapida torrente,
Sendo fatal da vida paroxismo
Copia do Cáos, original do Abysmo.

Granizando os Mosquetes, e Arcabuzes
Rayos de chumbo entre trovões ardentes,
O mesmo fogo das funestas luzes
De pharol serve aos animos valentes :
Os Leões, Estremenhos, e Andaluzes
Por mais que então as garras impacientes

Féros esgrimam, morrem bem que ufanos,
Entre os Herculeos braços Lusitanos.

Entre nuvens de fumo anoitecido
O Ceo se ignora, o Mundo se escurece,
Tudo vaga entre as armas confundido,
Tudo em iras, e mortes se enfurece :
Em diluvios de chammas derretido
Que chega o Mundo a estreito fim parece ;
Pois sem que baste a tanta força escudo,
Tudo se offende, e se consome tudo.

No rôxo mar, que o campo representa,
De sorte o mais intrepido naufraga,
Que soçobrado em misera tormenta,
A vida perde, quando a sêde apaga :
Outro de sorte as veias alimenta,
Que exausto d'elle em suas ondas vaga,
E ao mesmo tempo que esta acção lastima,
Quando aquelle se affoga, este se anima.

O Conde invicto, que a fortuna irada
Vê no vagar, com que a victoria chega,
Montes rompe de ferro, com a espada,
De sangue huns rios abre, outros navega,
E qual o segador co'a dextra armada
Da curva fouce, em Julho, espigas sega,
De hum golpe só, nas bellicas fadigas,
Cabeças corta mais, que aquelle Espigas.

As pernas bate ao rapido Ginete,
Que impellido da força, que o domina,
Se pisa quanto intrepido accomette,
Quanto encontra belligero arruina :
Sendo do ar fogoso martinete,
Tanto a vista, e distancias desatina,
Que n'hum só ponto a tudo está presente,
Vivo trovão, relampago vivente.

Dos Cavallos o estrepito furioso,
O retinir das armas repetido,

Dos mortos o espectáculo horroroso,
Os ays do afflicto, as vozes do rendido,
Do estropeado o grito lastimoso,
E em fim dos que agonisam o alarido
He tal, que o echo só de tantos males
Magôa as penhas, e atormenta os valles.

Mas já de Hisperia as Gentes, cujo estrago
As nossas Tropas, sem parar, cresciam,
O Campo envertendo em rôxo lago,
Apressados das sombras se valiam :
E hum a infausta ruina, hum triste amago,
Nos deformes cadaveres se viam,
Causando a vista deste horrendo ensaio
Aos olhos medo, aos corações desmaio,

Em fim cahiu a Estatua, que queria
Adoração no Mar, na Terra e Vento,
Cahiu a Noite que intentado havia
Chegar do Luso ao alto firmamento :
Com pedra negra, Hespanha, deste dia
Conte a memoria, chore o sentimento,
Que o Luso, inda que esqueça isto que acclama,
Em vivos bronzes lho eternisa a Fama.

Voltando toda, em fuga declarada,
Toda Hespanha com vozes, e alaridos,
Já deixa presa a Gente assignalada,
E os mais dos Cabos mortos, e feridos :
Segue a victoria a Portugueza espada,
C'os clarins, vivamente repetidos,
Celebrando do Conde excelso a gloria,
Já lhe cantam alegres a victoria.

Rôtas as linhas, derrotado, e posto em fuga o exercito hespanhol, o Conde apodera-se dos fortins, mete a sacco os arrayaes, em que se encontram riquissimos despojos, e remata a sua empreza levantando o cerco de Elvas.

Não pertendo ensinar que nestes dous Poemas haja toda a perfeição, de que eram susceptiveis, mas acho

nelles muitas Estanças mui bem fabricadas, pinturas vivas, excellentes versos, e outras bellezas de composição, e de estylo, que podem justificar a approvação com que os receberam os contemporaneos. Deve tambem ponderar-se as circumstancias em que sahiram á luz. A nação acabava de quebrar o jugo de Castella, que durante sessenta annos havia pesado sobre a sua cerviz, e enthusiasmada com a restauração da sua independencia, e com a posse de um Monarcha legitimo, de cujo governo esperava toda a sorte de melhoramentos politicos, civís, industriaes, e commerciaes, defendia briosamente com as armas as suas fronteiras, repellindo as invasões dos Hespanhoes, que trabalhavam por subjugar-nos de novo. Já se vê que nesta disposição dos espiritos, não podiam deixar de ser bem recebidos do público dous Poemas, que tinham por assumpto celebrar duas victorias de tanta ponderação, que punham os inimigos na impossibilidade de anniquillar a gloriosa revolução de 1640; para ser bem applaudido em taes assumptos não era de certo necessario ter tanto engenho como Antonio da Fonseca Soares.

CAPITULO II.

Poesias Lyricas de Antonio da Fonseca Soares.

—

Antonio da Fonseca Soares devia a sua grande reputação á poesia lyrica mais do que a Obras de outro qualquer genero. Tal é a opinião do douto congregado Francisco José Freyre, e de quasi todos os Escriptores que fizeram menção deste Poeta.

Sam com effeito numerosissimas as suas poesias lyricas, na accepção em que naquelle tempo se tomava este vocabulo, designando-se por elle Canções, Sonetos, Elegias, Epistolas, Madrigaes, e Romances, e taes Poemas enchem, quasi exclusivamente tres grossos Volumes manuscritos, que tive presentes ao ordenar este Capitulo; só os Romances completam alguns centenares, e igualam, si não excedem, os de Frey Jeronymo Vahia, o mais fecundo Romanceiro, que temos lido, sendo-lhe porém, os de Fonseca Soares, mui superiores pelo gosto, invenção, e poesia de estylo.

Em todas estas poesias ha muito espirito, e para me explicar com mais propriedade o seu maior defeito está no sobejo espirito, de que o Poeta muitas vezes abusa; porém este defeito é de alguma maneira compensado pela originalidade, a delicadeza de alguns conceitos, e o pictoresco de algumas expressões; assim como pela valentia e sonoridade do metro, em que não conheceu superior, no seu tempo.

Os Tercetos das suas Elegias sam geralmente bem fabricados, e sentenciosos, e revestidos de pensamentos sublimes; tenho por um dos seus melhores Poemas, deste genero, o que elle compôz pouco tempo depois de haver professado, em um Convento de Franciscanos, ou Capuchos da Cidade de Evora; é porém muito para sen-

tir que sahisse demasiadamente extenso, o que sendo sempre inconveniente em todos os generos, se torna gravissimo em poesias funebres, ou asceticas, porque fatiga necessariamente a attenção do Leitor. Lancemos os olhos para esta composição, que vale bem a pena.

Entre o sagrado horror d'esta Clausura,
Onde tinha por habito a mortalha,
Casa faço tambem da sepultura.

D'onde como Gusano, que trabalha
Por se esconder no Tumulo tecido,
Roubo hum triumpho á temporal batalha.

Passo tão outro, oh Fabio, do que hei sido,
Que ou o que sou mil vezes desconheço,
Ou quasi sempre do que fui duvido.

Pasmo de vêr que a verde idade teço
No Mausoleo de hum Claustro, lemitado,
Eu, que não eube de Babel no excesso.

Pasmo de vêr-me a tantos pés prostrado,
Eu, que no Olympo de hum soberbo intento,
Quiz dar ao Mundo assombro, aos Ceos cuidado.

E o que me admira por maior portento,
He que efficacia fosse do discurso
O que não poudo ser d'ancia escarmento.

Se bem não tendo as lagrimas o curso,
Já creio que tão altos exercicios,
Effeitos sam do celestial concurso.

Impulsos sam daquelles benefícios
Com que a bondade immensa nós declara,
Que as vontades quer mais que os sacrificios.

Pois ao ferir da sacrosanta vara
Desfez em agua hum coração de pedra,
Que lavra agora para pedra de ara.

Este que hum tempo de Ariadne, e Phedra
Se votava ás imagens fabulosas
Com que inda a louca Idolatria medra.

Hoje, com differenças prodigiôsas
Só de imagem se préza, e semilhaça
De quem taes pedras assim faz preciosas.

Porém que muito he vêr-se esta mudança,
Si desse de piedades Oceano,
O fluxo ao clima mais remoto alcança?

Si em fim chega o seu curso soberano
Por encantos de occulta providencia
Aos pedernaes do coração humano,

Onde bem que ache dura resistencia,
Vêmos què o manancial da Eterna Graça
Nasce, ou rebenta com feliz violencia,

Para que bem que entre os Espinhos nasça
O campo esteril regue, e fortaleça,
E os Ermos tristes apraziveis faça,

E em fim para que ao tempo que agonize
Do rôxo mar do sangue seu se chegue,
E nelle com mais gloria se eternize.

Neste, sem que a ignorancia mais navegue,
He força já, que Pharaó se affogue,
E he bem que o Povo, que he de Deos, se entregue.

Razão he já que aqui se desaffogue
A alma, de tantos laços encobertos,
E que a soltem, dos que os sentem, rogue.

.....
De mais, que vêr os bons como acabaram
Lá dentro d'alma hum vivo lume infunde,
Com que se foge aos gostos que se amaram.

E não he facil que em razão se funde
Quem para levantar-se desta sorte
Sem cahir na razão a alma confunde.

Venus, Minerva, Jupiter, Mavorte,
Que honras, que glorias podem dar-lhe á vida,
De que de preça não triumphe a Morte?

Qual flôr se murcha a idade mais florida,
Qual sonho acaba a gloria mais presada,
Qual sombra passa a pompa mais florida.

Só vêr no Terceto antecedente os nomes de Venus, Minerva, Jupiter, e Mavorte parece um tanto estranho na bocca de um homem desenganado do mundo, e recentemente acolhido em um claustro. Este ultimo escripto em estylo Biblico, é cheio de imagens graciosas e surprehende agradavelmente o Leitor.

E antes que a meta da fatal Jornada
 Corôe a vida, a todos nos parece
 Breve a flôr, vão o sonho, a sombra nada.
 Se pois com o tempo cada qual floresce,
 Secca aquella, este solto, essa desfeita,
 Magôas faz, ancias custa, horrores cresce?

Estas collocações artificiosas de palavras, passavam por grande primor de estylo no tempo do Poeta, mas elle abusou demasiado destes modos de dizer, que o bom gosto não rejeita, mas de que nos manda ser muito parcous: o que se segue faz-nos lembrar os rasgos do pincel de Young, o sublime, e eloquente Author dos Pensamentos Nocturnos,

Quem mais o Sonho, que a verdade acceita?
 Quem pela flôr a fructa, a alma perde?
 Quem pela sombra a luz do Sol engeita?
 E se a Esperança no Zenith mais verde
 Das Primaveras, os Outonos vira,
 Aonde Abril he força se desherde,
 Que depressa entre os gostos advertira
 Que he ephime, e caduca a flôr da idade,
 A gloria fumo, a ostentação mentira?
 E si não, diga a vã Prosperidade,
 Quando em auge maior se considera,
 Que tempos goza os fructos da Vaidade?
 O que ha de ser incerto se pondera,
 Aquillo, que está sendo, vai passando,
 E hoje não he o mesmo que então hera.
 Logo, si o mesmo, que se está gozando,
 No crepusculo leve de hum momento,
 Vai da vida as Auroras enganando,
 Si aquelle arrebatado movimento
 Das Horas, vai fugindo quando dura,
 Só por mostrar que a gloria humana he vento,
 Quem das lições do tempo, e da ventura
 Não apprende que o bem todo he mudança,
 E he só meta da vida a sepultura?

Esta poesia philosophica era então nova, e mais nova ainda a rica expressão destas idéas, em versos har-

moniosos, e correntes de que só Camões havia dado exemplo no seculo precedente.

Que importa pois que ousada a confiança
Do soberbo baixel, pasmo ás Nereas,
Navegue vento em pôpa, mar bonança?

Si arrebatado ao canto das Seréas
Pára, entre os riscos desse Imperio undoso,
Horror das praias, magôa das aréas?

Que importa pois, que o menos caudaloso
Raudal das chuvas com a grossa enchente
Os campos senhorêe impetuoso?

Si em fim, passando o lobrego accidente,
Das Antarticas nuvens confundidas,
Morre corrida a misera corrente?

Que importa que com ancias repetidas,
Busque como esplendor, ou como abrigo
A borboleta as luzes pertendidas,

Si em fim, galanteando o seu perigo,
Acha naquelle agrado o seu tormento,
Tem no seu luzimento o seu castigo?

Que importa que da fonte o vago alento
Com as substancias, que bebo ao monte,
Os valles encha de crystal, e argento?

Se estivo o Sol, apenas no horizonte
Raia, quando a que rio era de prata,
Mostra só que de lagrimas é fonte?

E ao Sol que importa, quando mais dilata
Seus raios, nesse exercito luzente,
Com que de Erebo as sombras desbarata,

Si por mais tempo que o triumpho augmente,
Vê que lhe dá no espaço de um só dia
Throno o zenith, e tumba o occidente?

Navegue pois a intrepida ousadia,
Corra a soberba, vôle o cégo engano,
Ria o deleite, e lusa a tyrannia;

Que em fim de todos ha de ser no humano
Theatro baixo, risco, morte, pena,
Fim a luz, raio a dôr, e occaso o damno.

Governe o carro pois da luz serena
Esse, a quem inda em arvore Lampesia,
Chora de Padua na ribeira amena.

Erija em fim, com arrogancia nescia,
Aos Ptolomêos pyramides o Egypto,
E aos Cesares estatuas Roma, e Grecia: .

Porque dos fados seus ao fim prescripto,
Ham de cabir, ludibrios da Fortuna,
Quanto ostentavam culto do Delicto.

Não será muito para sentir que um homem, que possuía esta abundancia, e facilidade nascesse em seculo tão corrompido de gosto? Não afflige vê-lo tanto a miúdo malogar as forças de um Hercules, em equilibrios de volteador, e saltos de volantim? Se Antonio da Fonseca Soares tivesse tido a fortuna de nascer no tempo da *Arcadia*, rivalisaria de certo com os seus pastores mais affamados, a quem não cedia nos dotes da natureza.

Seria facil apontar muitos outros trechos de excellente poesia extrahidos deste largo poema; mas limitar-me-hei a esta digressão sobre a facilidade com que em Portugal se corromperam os estatutos da Ordem Seraphica, a ponto de tornar necessaria a reforma.

Por elles já mais claro amanhecia
Nos mais dos horisontes Lusitanos,
O sol de Christo, a aurora de Maria;

Até que em fim nos campos Transtaganos
Tomando humildes religioso assento,
Pagar quizeram seu tributo aos annos.

Aqui fundaram pobre este convento,
Que oriente foi do nosso antigo lustre,
E delles logo occaso, e monumento,

As cinzas deste ardor, hem que lhe frustre
Outro esplendor dos seculos o vicio,
Fecha o marmore humilde em urna illustre.

Mas tanto que da Parca o duro officio
Deixou de tanto raio extincto o lume,
E a luz nublou no funeral hospicio,

Entibiano dos tempos o costume
O primeiro fervor, que alguns seguiram,
Nos mais se fez ou lastima, ou queixume,

Pois por mostrar que aproveitar queriam
Os engenhos da patria generosos,
Que aos Saccos, mais que ás Togas attendiam,

Edificios erguendo sumptuosos,
Aulas soberbas, claustros sublimados,
A pobreza aggravavam de zelosos :

Vio-se com sete corpos dilatados
Este Templo, Gigantes de Corintho,
Que o Ceo deixou depressa fulminados.

Depois com tres, de quem nem base, ou plintho
Se vê, mais que essa obra, que a grandeza
Fez do forte Africano Affonso Quinto ;

Vio-se então que a magnifica riqueza
Mudou em Colisseos da Vaidade
Os cubiculos santos da Pobreza.

Contra quem essa vã superfluidade
Canonizou por culto a demasia,
Pondo a grandeza em traje de humildade,

Pois quando mais aquella se encobria,
Onde outras solidões se edificavam,
Paços no mundo cada qual fazia.

Mas os sceptros de Luso, que intentavam
Mostrar do Egypto aos symbolos egregios,
Que os olhos seus sobre hum bastão velavam,

Quebrando-lhe os illustres privilegios
Este templo, e convento lhe erigiram,
E os mais tomaram para hospicios regios.

Este facto prova que em Portugal sempre foi doutrina corrente, que os bens das Ordens eram propriedade do Estado, que delles podia dispôr segundo a sua prudencia, ou necessidade lhe dictasse, e não dos Religiosos, que delles só tinham o usufructo; e esta opinião é conforme ao bom Direito Canonico. Foi firmado neste Direito que D. Diniz detou com as rendas dos Templarios, quando foram abolidos, a nova Ordem de Christo

por elle instituida; foi pela mesma razão que D. José dispôz dos bens da Companhia de Jesus, quando banio do seu reino aquelles Regulares. Não pertendo interpretar as intenções de ninguem, mas é certo que alguns dos escriptores mancebos têm tomado por moda lamentar a extincção dos frades, e capitularem de espoliação, e ataque ao direito de propriedade a redução dos seus bens a bens nacionaes. E' necessario mui pouca philosophia historica para conhecer que a decadencia dos frades era um acontecimento que mais tarde, ou mais cedo devia realisar-se, independente das idéas que elles chamam revolucionarias; que attentá a mudança gradual que tem havido no modo de existir, de pensar, e nos costumes dos povos, nem era possivel que as Ordens Monasticas continuassem a existir como estavam, despresadas, e invilecidas por sua relaxação, e comportamento desmoralisado; nem tornarem a seu vigor primitivo os seus estatutos. Convencidos destas verdades é que muitos Soberanos absolutos haviam supprimido certas Ordens mais escandalosas, secularisando seus bens em proveito do Estado, e se preparavam para fazer o mesmo ás outras.

Mas aquelles varões, que se sentiram
De que os Reis lhe usurpassem religiosos,
Os bens que seculares possuiram,

Deixando este solar dos generosos
Filhos dessas montanhas de Galliza,
A' Italia deram bem que ouvir queixosos;

Porém João, aquelle que eternisa
De Principe perfeito na memoria

Quanto o clarim da Fama immortalisa,

Aos que ficaram conseguindo a gloria

De que observantes foram, reformando

Acções fez dignas de mais alta historia.

A estes logo os principaes juntando

Da Provincia, que ao Reino o nome toma,

Foi esta dos Algarves começando.

Não tão luzida em seus triumphos Roma

Vio os monarchas, que a memoria abraça,

E inda immortal posteridade assoma,

Que na presença aos olhos nunca escassa,
Dos Pais da Patria, e Reis mais excellentes,
Se vio por tempos, de Sertorio a praça,

Tão pouco lá nos bosques eminentes
Vio de Alverne, e de Grecia a terra Ausonia
De Deos as côrtes, e do Imperio as gentes,

Que aqui sobre os pensis de Babilonia,
Se vio das Artes o alto municipio,
Ser das Virtudes superior colonia.

Tornando pois ao seu feliz principio,
Neste celebre circulo, observancia,
Que alguns entendem como ao fluxo Euripio,

Muito apezar da estygia repugnancia
Deste jardim do Ceo se achou nas flores
Clara virtude, celestial fragrancia.

Mas tanto que os pendões da Fé melhore,
Lá nas arêas de Africa cahiram,
A arrastaram de Luso os resplendores :

Tanto porém que subditos se viram
Os Dragões Lusos aos Leões Iberios,
E as Aguias sobre as Quinas se subiram ;

Jactando-se dos nossos vituperios
A Sorte, que custou tantos azares,
Fundou na nossa injuria os seus imperios.

Desertos pouco a pouco os patrios lares
Foram sentindo as lastimas que enchiam
De lucto o reino, e de eças os altares.

Não ha frade que escreva uma obra (disse com muita graça um escriptor francez, parece-me que foi Voltaire) que não arranje nella um cantosinho, onde colloque o seu Convento. Foi isto o mesmo que nesta elegia praticou o veneravel padre Frey Antonio das Chagas. Descreveu em optimos tercetos a fundação, e progressos da sua Ordem Seraphica, e as diferentes phazes por que havia passado, e sem embargo da belleza do trecho, forçoso é confessar, que diminue o interesse, que todo se reconcentrava na individualidade do author, pois o que chama a nossa attenção é saber o motivo que elle teve para abandonar o mundo, quaes os seus

sentimentos depois de religioso, e como encara a nova carreira, que havia tomado.

A paixão mais dominante no coração dos frades e freiras, é o espirito de proselytismo: por mais que lhes pese o jugo monastico, por mais que d'elle se queixem, e lamentem, não ha um só, não ha só uma, que tendo occasião, não trabalhe por seduzir algum incauto, ou incauta para envergar o habito, e cingir a toalha. Si dermos ouvidos ás suas affirmativas, não ha salvação possível para quem tem a desgraça de espirar fóra das paredes de um claustro, nem dormitorio de mosteiro, que tenha si quer um alçapão, que vá dar ás chafurdas de Pero Botelho! O seu desejo seria tornar o mundo todo, si fosse possível, n'um vasto mosteiro. De que nascerá esta mania fradesca? Será de recearem que suas respectivas Ordens se acabem á mingua de gente, como os administradores de vinculos suspiram por ter filhos, para que os morgados não recaiam na Corôa? Será vontade de se vingarem da sociedade, arremessando o maior numero dos seus membros nas cadêas, que ella lhe lançou? Não sei: mas é certo que esta enfermidade dos claustros iscou depressa o animo de Fonseca Soares, pois em outra elegia trabalhou por persuadir um amigo a fugir como elle do mundo: citaremos alguns tercetos della para se vêr como elle advoga esta ruim causa.

A elegia é dirigida a Gonçalo Vasques da Cunha, pessoa mui distincta, e ao que parece, então desgostoso com a côrte. O primeiro terceto é a quinta essencia do estylo culto, e viciosamente methaphorico, que ás vezes se depára nas obras deste poeta.

Da Académia de Marte, em cujo estudo
 E' papel a campanha, o sangue tinta,
 A penna espada, e o tinteiro escudo: .

Foi neste tempo que principiou o abuso de pronunciar *Académia* com a penultima breve, em lugar de *Academia* com a penultima longa, contra a razão ethymologica, pois a palavra grega é *Ακαδημία*, o que deve tornar o i longo em portuguez, porque representa um diphthongo.

Para a guerra da Córte, onde requinta
Amor batalhas, Venus interpresas,
Onde quem Troya foi, campo se pinta :

Senti deste meu mal nas asperezas,
E ouvi desta montanha nos retiros
Que tambem vinheis aliviar tristezas.

Oh ! se eloquente a lingua dos suspiros
Mostrar podera destes longes duros
D'Amor os laços, e da Morte os tiros !

Que depressa dos golfos mal seguros
Do mar da Córte cautelada a vida,
Se retirára deste monte aos muros !

Não se deseja vêr convalescida
Uma ancia, oh Fabio, que sarar pretende
N'um bem, que foi de uma alma recabida.

Antes se vê quam cégo se arrepende
Quem, buscando o remedio do seu damno,
As febres d'alma n'uma vista accende.

Vejamos que é relógio o desengano,
Que vendo-nos nos riscos de hora em hora,
Nos não mostra os avisos de anno em anno.

Conheçamos da vida, oh Fabio, agora
Quanto em si, de si mesma combatida,
Como contraria se lamenta, e chora.

Com taes contrariedades vive unida,
Que se Deos chamou pó á essencia humana,
Tambem chamaste, oh Job, vento a uma vida.

Si pois é pó, e vento a mais ufana,
Si do mesmo, que, vive acha que morre,
Que olhos céga este pó ? que ar os engana ?

Que homem, que fera nesta culpa incorre,
Si é força em fim, que seus estragos beba,
Um pó, que se levanta, um ar que corre ?

Que importa pois que ao mesmo Sol se atreva
Esta cinza vivente em nuve alliva,
Se inda que a erga o Sol, o vento a leva ?

E ordena a lei da Parca executiva,
Que em si mesmo nos mostre o ser vivente,
Porque a minutos morra, a instantes viva ?

Oh Fabio, si quizera o mais prudente
Pôr na cabeça o pó de seus ant'olhos,
E ter nesta ardua vida a dôr presente ;

Não cada qual dos racionaes pimplinhos
Por ter mais ar, como ouro em pó quizera,
Ter o ar na cabeça, o pó nos olhos !

Mas que val isto, si a maior esphera
Dos troncos racionaes, por ter mais folha
Se abraça só com a ambição da hera ?

E já sem medo de que a Morte os colha,
Não se olha ao pó com que a raiz se enterra,
Só para o ar, com que se cresce, se olha !

Por isso já dos seculos na guerra,
O pó, que em pó se torna, o ar que é nada,
Um ficou abatido, outro por terra.

D'onde tarde a Razão desenganada,
Chora de Amor os idolos cahidos,
E da Fortuna á roda vã prostrada.

Não faço eu os discursos referidos,
Fabio, contra esses vossos sentimentos
De quem tenho os melhores aprendidos ;

Mas porque possam vêr meus escarmentos,
No pó do mundo os ventos dos enganãos,
Na paz da vida, a guerra dos mementos.

Passam da vida cada hora os annos,
Acaba a cada instante a que mais dura,
E a cada passo vem da morte os damnos.

Tanto dos fins prescriptos se procura
Esta fatal, e aborrecida meta,
Que ou luz se apaga, ou sombra se apressura.

Menos rasga veloz o vento a setta,
Que na esphera do seculo profana
Este da vida ephimeral Cometa.

Veleira nau, que o cégo vento engana,
Sem sentir quanto arou campo de neve,
Não corre mais veloz que a vida humana.

Tam pouco ave, que o ar, e os ventos beve
Assim o estadio dessas nuvens cõa,
Quando rapido aqor mais se lhe atreve.

Mas se no fim o acerto não corôa
Seu curso, á nau que importa o que navega,
A' setta o que acha, ao passaro o que vêa?

Si é pena vêr que a uma ave outra se entrega,
Que a setta errando o alvo perde o tiro,
Que a nau para perder-se ao porto chega;

Que será vêr no ultimo suspiro
Que o porto se perdeu da Eternidade,
O ponto d'alma, e desta esphera o giro?

Oh! que gloria será da Liberdade
Vôar, ferir, correr ao Ceo de tudo,
Da luz ao alvo, ao mar da immensidade!

Porém, se assim não sôr, pelo que cudo,
Que ha de valer ser nau no mais pomposo,
Ser aguia no real, setta no agudo?

Si pois de tanto oceano enganoso
Já não quereis que tanta onda vibre,
Um risco alegre, um baixo caricioso,

Das arêas, que ao Téjo inveja o Tibre,
Fugi, pois bem que sejam de ouro arêas,
Sam riscos cégos para uma alma libre.

Fugi, que os doces cantos das Serêas
Podem ao coração pelos ouvidos
Meter venenos, e lavar cadêas.

Quando não, nesses golfos fementidos,
Donde naufraga o proprio advertimento,
Será final destroço dos sentidos
O que era ultima taboa do escarmento.

A conclusão é qual devia esperar-se; no mundo vive-se pouco, e mal; ha pobreza, desgraças, perseguições, desgostos, trabalhos, enfermidades physicas, e moraes, e para todos os que nelle habitam estão fechadas as portas do ceo: por tanto é necessario meter-se frade, ou freira todo o homem, ou toda a mulher, porque o habito é remédio universal para todos os males do mundo, como os pós de Quintilio eram, na opinião do Doutor Curvo Semedo, uma panacea milagrosa para curar todas as molestias; e que remédio, se nos claustros não ha doenças, não ha vícios, não ha crimes; vive-se muito, e bem, e está cer-

ta a salvação? E' verdade que esse monachismo universal tem um pequeno desconto, e é, que se elle se pozesse em pratica, o genero humano se extinguiria no fim de um seculo; mas quem repára em tão pequeno mal, á vista dos grandes bens, que o compensariam?

Deixemos porém as poucas poesias do veneravel padre Frey Antonio das Chagas, para nos entretermos com as do poeta Antonio da Fonseca Soares, e principiaremos pela elegia, que elle dirigiu ao Conde de Soure, consolando-o pela morte de sua filha.

ELEGIA.

Hoje, Senhor, que neste monte sôa
Daquelle ultimo valle hum echo triste,
Que os ares fere, e os pedernaes magôa,
Hoje que o mar, e vento, que lhe assiste,
Das aves troca em roucos sons o canto,
E a neve enlucta em eças de ametiste;

A' minha penna permitti que em quanto
Vôa, correio d'alma internecido,
Proprio do mal não corra o vosso pranto.

Pois bem que tema ao coração ferido
Com as memorias renovar as chagas,
Que faz a imagem do melhor sentido,

Inda que as Musas se imaginem vagas,
Contra os venenos d'alma, estes suspiros
Talvez serão do espirito triagas.

Vagas está aqui em significação de *não poderosas*, e *triagas* não fazem aqui a melhor figura.

Sobre o convexo dos celestes giros,
Subio essa Deidade soberana,
A ser diamante, em côrte de saphiros.

Não Parca atroz se lhe atreveu tyranna,
Transito foi, não morte, aquelle excesso
Com que sahiu das condições de humana.

De tanto Sol parece que ao progresso
Era eclipctica pouca o largo espaço,
Que de um só Orbe nas distancias messo.

Quiz desatar da vida o doce laço
Por não caber n'um mundo, que lhe dera
Para mares de luz estreito, e escaço.

Subida pois á superior esphera,
Sem vêr o hynverno da caduca idade,
Se foi lograr a eterna primavera.

Bem sei que estas razões, que acha a piedade
Da parte do juizo, ou do remedio,
Não acha a dôr da parte da saudade.

Pois sem alivio de penoso tedio
Vos serve agora ao rosto nunca enxuto
Dê lucto a magoa, o pranto de epicedio.

Mas se é pensão da vida esse tributo,
Para que é pois, senhor, cobrir-se tanto
A alma de dôr, e o coração de lucto?

Si dais aos olhos da prudencia espanto,
Dando-lhe a vêr que a tragica fortuna,
E' dos heroicos corações quebranto;

Não é razão, que aos pezares se una
A grandeza dos animos supremos
A quem se prostra o Fado, que os impugna.

Esta é a parte da alma, que só temos
Capaz de oppormos á maior crueldade
Que ha das glorias humanas nos extremos.

Quem pois tanto ao desar vos persuade,
Que esta força melhor do entendimento
Rendeis hoje aos imperios da vontade?

Não fere o raio á choça o pavimento,
Não bate o mar da praya o debil muro,
Nem ao pobre baixel contrasta o vento.

Chocam as ondas c'o penhasco duro,
Co'a terra altiva, o fogo arrebatado,
Co'a nau robusta o Boreal conjuro.

Tal é a antipathia com que o fado
Faz aos Colossos, e aos Olympos guerra
Dos ceos, do mundo, e da fortuna armado.

Tal a carranca com que o Ceo se cerra,
Ou a Terra se abre, a quem não morre,
C'o primeiro vai-vem que o põe por terra.

Como pois, si sois nau, penhasco, e torre,
As furias estranhais do mar, que brama,
Do fogo que arde, e temporal que corre?

Desse mar nos vais-vens se adquire a fama,
Desse vento na injuria se accredita,
E se achrysola desse amor na chamma.

Por incapaz do exame da desdita
Na tenra flôr, que melindrosa cresce,
Mimosamente o rego s'exercita.

Tal debil nasce, e vive, que parece
Sem dar-lhe o Boreas, que de sôpro a mata,
Que ar menor de hum Zephyro fenece.

Não assim nobre tronco, a quem maltrata
A furia Austral, que os mesmos Ceos perturba,
Que o mar açouta, e as nuvens arrebatá.

Pois sem mostrar que a seu furor se encurba,
Tanto as carraucas mais feroz arrostra,
Quanto é maior dos seus vai-vens a turba.

Si pois, Senhor, como a razão nos mostra,
C'o peso grave a palma illustre se ergue,
C'o sôpro leve a canna vã se prostra,

Como é razão que em tal valor se enxergue
Essa fragilidade, que não póde
Achar nos grandes corações alvergue?

Quem faz com que a prudencia se accomode
A' desigual fortuna, pouco sente
Que a sorte cáia, ou que a fortuna rode.

Que só gloria é do coração prudente
Dos Astros dominar o vario influxo,
E viver de seu fado independente,

Cresça de Cynthia, ou diminua o fluxo,
Que quando quer a Fama o seu retrato,
Primeiro faz co'as pennas o debuxo.

Não fôra de seu templo illustre ornato
Thyphis, si lá nos baixos de Carybdes
Perdera o nome, e confundira o tracto.

De Amor, e Marte Jupiter nas lides
Delicias deu ao frouxo Ganimedes,
Mas os trabalhos, ao valor d'Alcides.

Si pois a gloria humana, como vêdes,
Consiste no valor mais que no augmento,
Que tu, Fortuna, como qués concedes ;

qués, modificação irregular do presente indicativo do verbo *querer*, equivale a *queres*, e se encontra repetida em alguns dos nossos antigos escriptores de melhor nota. Hoje apenas este vocabulo se emprega na linguagem da plebe, como muitos de igual jaez, e igualmente reprovados pelos que capricham de fallar bem.

Quem, si vos vir, crerá que documento
Sois do valor, que foi de Hespanha assombro,
Da Europa horror, d'America portento ?

D'onde está pois aquelle desassombro
Com que de Atlante ao peso Hercules anda
Não sei se braço a braço, se hombro a hombro ?

Donde assim se transpôz quem desta banda
Foi no campo Hespanhol Marte de Luso,
E no Anthartico mar raio de Hollanda ?

Não pois se perca da constancia o uso,
Porque perdeis com isto huma victoria,
Maior que a guerra, que vos tem confuso.

Vive em vós da que amais com maior glória
A belleza na idéa, a graça n'alma,
No peito o nome, a vida na memoria.

Não pois façais a luctuosa calma
Chuveiro do pesar, que em grito mudo,
Das mãos vos quer tirar a melhor palma.

Vivei, para que sendo á pátria escudo,
Traga nas palmas o civil governo,
E augmente os lauros ao marcial estudo.

Para que assim com luzimento alterno
Apesar desse fado, que o repugna,
Mostreis nas éras, que tereis de eterno,
Que onde sóbe o valor, desce a fortuna.

Em geral, estas elegias á morte de personagens estranhas ao poeta, não passam de meras composições de aparato, em que o pathetico pouco predomina, por que

sam dictadas pelo engenho, e não pelo coração: o seu fim é mais lisongear os interessados, que exaltar as virtudes dos mortos; e o escriptor em mostrando engenho, e alardeando a belleza, e elegancia de seu estylo tem da sua parte desempenhado o seu mister.

Não acontece assim quando o poeta é inspirado pela dôr, pela saudade, que dilaceram o seu coração; é então que a sua alma apaixonada se derrama com pathetica impetuosidade, que o fogo de suas queixas nos abraza, que a sua magoa nos commove, e arrebatá, como acontece quando Young lamenta sobre o tumulto de Narcisa, e Halles sobre as cinzas de Marianna arrancada de seus braços pela morte.

Os Romances de Antonio da Fonseca Soares não cedem a palma a nenhum dos seus contemporaneos, nem em numero, nem em merecimento; ha nelles muita variedade, graça, idéas engenhosas, estylo elegante, e versificação harmoniosa, que é dote particular deste poeta em tudo quanto sahio da sua fecunda penna. Ha delles serios, amorosos, jocoseros, e familiares, e em todos elles deixou o poeta alguns, que podem servir de modelo.

Entre os Romances familiares me parece distinguir-se o que elle endereçou a Francisco Pereira Coutinho, Mestre de Campo, e Governador de Setubal, agradecendo-lhe um presente, que lhe mandara.

Insigne amigo Pereira,
Cujas prendas generosas
A propria Inveja encarece,
E a mesma Calumnia louva :

Cujo coração bizarro
Julga com vaidade honrosa,
Breve esphera todo o Mundo,
Pouco applauso a Fama toda :

Tão querido das estrellas,
Que vos chama a mais opposta
O requebrado de Venus,
O valido de Bellona :

Camarada em fim das Musas,
E em fim, sem fazer lisonja,
O Benjamin da Fortuna,
E o tudo da patria nossa.

Em cuja arvore fecunda,
Por mais que hum pique, outro rôa,
Tendo todos para peras,
Sam mais que de Conde todas.

Vós, que sem ser dos Forjazes
Pereira, com qualquer folha
Podeis mandar ir á Feira
O fructo das mais formosas.

Vós, a cuja sombra tantos
Vivem luzidos, pois monta
Mais a vossa sombra obscura,
Que ess'outra luz que os adorna :

Que quereis que hoje vos diga
Si ao que sois, fazendo a somma,
Na cifra só dos extremos
Tenho mil erros de contas ?

Digam-no estes vossos mimos,
Que me tapam trinta boccas,
Quando mais o pasmo as abre,
Ou mais a vontade as dobra.

Mostrem-no estas vossas peças,
Cujas menores amostras
Sam canhões, com que se bate
O juizo de mais prova.

Lembram-me estes vossos queijos,
Pois sam já tamanha cousa,
Que tem feito memoravel
O que é mais contra a memoria.

Os doces, bem que entre dentes
Os trago, fazem que eu ponha
A bocca aos pés de quem tanto
Doce ma tem feito agora.

Dos queijos se assim me amardes,
E' bem que, a poder que eu possa,
Quando os não coma por traça,
Que por muito rato os coma.

Do vinho não sei que diga,
Sei só que em casa ha pessoa,
Que o põe na sua cabeça,
Quando o põe menos á bocca.

Vá bogiar Alexandre,
Cesar a hum canto se ponha,
Dem-lhe a Cresso quatro figas,
E a Midas dem-lhe hum a forca.

Pois do Grego, e do Romano
E' nada o mais que se conta,
E é fabula Cresso, e Midas,
Até quando sois historia.

Crêde que digo mil vezes
Quando estou comigo a solas :
Valha-te Deos, por Pereira
Quem ha que chegar-te possa ?

Tu só das palmas, e cedros,
Tens feito sem muitas rencas
Humilde a maior grandeza,
Folhage a melhor corôa.

Nesse tear das edades
Parcas, sem duvida heroicas,
Para gran-Senhor te urdiram,
Sem sê-lo em Constantinopla.

Tens por nada dar um reino;
E é nessas mãos pouca roupa
Todo o mundo para um dia,
Toda a India para uma hora.

Cuido que Juno estimara
Por blasonar de senhora,
Que só por ser do teu rancho
Andara de foz em fóra.

Entendo que si Mercurio
Te quizer erguer tramoia,
Que souberas mais dormindo
Do que elle acordado sonha.

Entendo que si te vira
O Deos, que na guerra é cora,
Que sem comeres meninos
Te julgara praça morta,

Creio, si o Sol se apeara
De lá do Téjo nas ondas,
Que por campar tu de estrella
Lhe tomaras a carroça.

Presumo que si souberas
O ninho onde a Phenix mora,
Que nessa casa em tres dias
A viramos na gaiola.

Creio, si em França tirares
O que lá chamam pistolas,
Que um portuguez mais valera,
Que mil castelhanas dobrás.

Detem-te pois por tua alma,
Pasma desta idade nossa,
Que si dás um passo avante,
Atraz os fará quem te olha.

Aquieta-te, alma d'azougue,
Que teme a Fortuna propria
De que hoje a rodar a deites
Sem que lhe untes bem as rodas.

Deixa-nos viver no mundo,
Que teme a Razão mais douta,
Como em todo elle não cabes,
Que entre nós de abafo morras.

Vai lá morar nesse Empyrio,
E vê si sobre elle ha cousa
Que no espaço imaginario
Possa servir-te de alcova.

E tem mão nesse bizarro
Coração, pois será força,
Quando á bocca te não venha,
Sabir-te pelas mãos fóra.

Mas adeos, que a entrar de guarda
Toca o tambor, com que importa
Bem que falte ao mais que devo,
Que não falte ao que me toca.

Por esta ultima estrophe se vê que este romance foi composto no tempo em que o author seguiu a vida militar, e pelo seu conteúdo a estima que os superiores faziam do seu talento, pois que admittiam que elle lhe escrevesse com tanta familiaridade, e desenfado.

No tempo em que florescia Antonio da Fonseca Soares estava o monachismo no zenith da sua gloria, não pelas virtudes que exercia, mas pela influencia que havia adquirido sobre todas as classes do Estado; os confesores da familia real, dos secretarios de Estado, dos grandes, dos magistrados, e todas as pessoas por quem se repartia o poder, eram as molas occultas, mas efficazes por que se movia toda a governança: ser protegido por um frade, era ter o caminho aberto para fazer fortuna; esta influencia dos frades a partilhavam as freiras com os seus encantos, e as suas prendas: era nas grades dos

conventos de freiras que se reuniam todos os ociosos da côrte, e da cidade; para o que muito cooperava o retiro em que vivia o bello sexo, e a tinctura de costumes mouriscos que ainda permanecia entre nós. Qualquer freira divertia-se mais, e gozava de mais liberdade no claustro do que na casa paterna, e por isso as donzellas tinham tão pouca repugnancia em tomar o véo. Ninguem se julgava taful de bom tom, sem ter a sua freira, e uma freira não só era uma amante apaixonada, mas uma protectora poderosa, por que per si, ou pelas suas amigas tudo conseguia, e pedia tudo para aquelle por quem se interessava! Se as paredes dos conventos fallassem, que intrigas, que escandalos, que aventuras curiosas nos não refeririam! que assumptos para Dramas nos forneceriam ao theatro, que illucidações a milhares de factos, mal interpretados na historia daquelles tempos!

O seguinte Romance poderá dar alguma idéa de como se tractavam os amores claustraes, e da pouca edificação dos costumes freiraticos daquela epocha: é dirigido a uma freira de Chellas, que então estava doente.

Vá de versos, já que dizes
Fugiu para mim a vêa,
Vêa d'agua, sim, nos olhos,
Teria, mas não de poeta.

Porém picado do dito,
Podendo-o ser da lanceta,
Não correrá de mim sangue,
Menos correrão sentenças.

Vá de versos, minha Brites,
Quero dizer vá de versos,
Que quem está de pão, e agua,
Faz motetes de endoenças.

Agora chega o rapaz,
E o teu lá; pego da penna,
E juntamente jantando
Faço estes de sobremesa.

Não se pôde ser christão
 N'uma sexta feira destas!
 Pão, e agua! já não posso
 Bolir com mão, nem com perna!

Vê tu, menina, que versos
 Poderá fazer quem leva
 Os dias como Deos sabe,
 E as noites como Deos queira!

Vê tu como pôde estar
 Quem te vê na cama enferma,
 E saltando-lhe esta dita,
 Cá na idéa te contempla.

Agora com febre grande,
 Logo com dôr de cabeça,
 Agora vem o barbeiro,
 Agora o medico chega.

Chega a amiga, e melindrosa
 Diz: « Mana, que doença he esta! »
 « Estais muito acabadinha. »
 Diz outra: « Estais amarellas. »

E já por muito favor
 Vem visitar-te uma velha,
 E tremendo com a falla,
 Te diz, que é mimo a doença.

Chega a noite, e anciada
 Não qués vêr ninguem na cella,
 Digo, na enfermaria,
 E enche-se a casa de freiras.

Chega Maria das Chagas,
 Da-te a minha carta, e vê-la
 Tão cheia de necessidades,
 De disparates tão cheia,

“Que te motiva pesares,
“Que te motiva molestias,
Dizem as freiras amigas,
“De quem é? é do Fonseca?”

Respondes muito enfiada:
“Sim, mana, porém vem, nescia;
“Ai Brites, que isto é verdade,
“Ai, mana, que isto é certeza!”

Mas quem deseja servir-te,
Quem agradar-te deseja,
Já que te não manda mimos,
Manda momos por offrenda.

Bem sei eu que a minha prosa
Não te agrada, antes dá pena,
E quando falla picada,
Cuido não faz prestoleta.

Porém tornemos aos versos,
Não quero admittir suspeitas,
Que te devem minhas cartas
A estima, que fazes dellas.

Bem sei eu que lhe dirás:
“Vinde cá, queridas letras,
“Diverti-me estes pesares,
“Ausentai-me estas molestias.”

Bem sei eu dirás: “Vejamos
“Como me escreve esta penna,
“Si ajudando-me nos males
“Consolações me offereça.

“Vejamos como se porta,
“Si ama firme, si receia,
“Si diz amores, si rinhe,
“Si desconfia, si zéla.

"Quero ver si aprende em mim
"Esta dulcissima prenda,
"Ou a estorvar os temores,
"Ou segurar as finezas.

"A mim diz o sobrescripto,
"A Dona Maria em Chellas,
"No coração de quem amo
"Fôra melhor que dissera.

"Rasguemos este papel,
"Que branda está esta obrêa,
"Não sei si aprende a ser branda
"De um coração tão de cera.

"Lagrimas traz o papel,
"Não me lastimeis finezas,
"Que si se esforça o amor
"A confiança fraquêa.

"Em verso me escreve agora,
"Quero lêr, oh quem podera
"Mostrar com lagrimas proprias
"Quanto agradeço as alheias!

"Maná, lêde-me estes versos,
"Que eu não posso, porque apenas
"Vi obediencia tanta
"Quando chorei: sam endechas?"

Respondem logo as amigas:
"Não, mana, sam umas letras
"Com muito de affectuosas,
"Sem nada de lisongeiras.

"Romance é, e hem mostra
"Ser feito com toda a pressa,
"Sobre o joelho, pois traz
"A mesma carta as emendas.

„Muito lhe deveis menina !
„Eu digo, querida prenda,
„Que não póde dever nada
„Quem faz favor no que acceita.

„Ai, minha prenda adorada,
„Muito agora te dissera,
„Porém vou-me para o côro,
„Que tocaram a completas.

„O moço fica esperando ,
„Eu torno com toda a pressa,
„Para cerrar esta carta,
„Que não quero vá sem ella.

„Vê o que ordenas de mi,
„Desta vontade o que ordenas,
„Que não poderei faltar-te,
„Sendo não servir-te offensa.

„Adeos, minha adoração,
„Elle te guarde, *et cætera*,
„Hospital ás tres da tarde
„Em ponto, hoje sexta feira.”

Do principio deste romance consta , que fôra escripto em sexta feira de paixão ; já se vê o modo edificante com que soror Brites, que estava enferma, e Antonio da Fonseca Soares, que jejuava a pão, e agua, celebravam a semana santa : no mesmo se observa a relaxação a que haviam chegado as freiras com os seus namoros ; pois sem nenhum reboço fallavam dos seus amantes umas com as outras, communicavam-se as cartas que recebiam com uma franqueza, que talvez fosse difficil de encontrar em seculares.

Além destes merecem particular menção, pela graça com que estão escriptos, um Romance a uma senhora, que lhe pedira remedio para o mal d'amores ; outro a um homem que se presava muito de fazer versos, tendo mui pouca disposição para os fazer bem ; outro ao Dr. João de Medeiros, Desembargador da Relação do Porto, em respos-

ta ao que elle lhe enviára; outro a uma hortelãa de Chellas vendendo laranjas; outro em que faz o seu retrato a uma dama, estando ambos presos; outro a uma dama, que teve um desmaio na occasião de sangrar-se; outro a uma rosa; outro a uma freira, que lhe quiz dar uma bofetada por que elle lhe pediu um abraço. Não posso resistir á tentação de transcreve-lo para dar ao leitor um guapo exemplo dos conceitos que andavam em moda nos namoros freiraticos.

Joanna, que, sendo joya
Que eu mais estimo, e mais prezo,
Por joya de tanto custo,
Sois joya que não tem preço.

Por serdes o meu brinquinho
Tanto, minha flôr, vos quero
Que si vos ponho nos olhos
Tambem vos trago no peito.

Perla sois, que entre a clausura
Dessa concha, em que vos vêjo,
No mar de tantos prodigios
Servis á Aurora de espelho.

De tanto Sol breve nuvem
Avalio esse convento,
Pois só com vento esse Sol
E' bem que dissipe as nuvens.

Bella emulação de Daphne,
Que de Apollo nos desprezos,
Tendo em folha a formosura
Deixais em flôr meus desejos.

De Diana outro traslado,
Que nesses globos supremos,
Sem ser astro sem segundo
Brilha Amor, astro primeiro.

Venus pelos resplendores
Que do diaphano imperio
Crepusculisando raios,
Triumphais dos luzimentos.

Desejando os braços vossos,
Um abraço, doce emprego,
Vos pedi, pois sempre em braços
Estar com voseo desejo.

Mas si os ceos com as mãos tomo
Quando abraçar-vos pertendo,
E' pelo que apaixonado
Então me mostro em querer-vos.

Ter queria o ceo nos braços,
Por vos mostrar neste empenho
Que o que Atlante tem nos hombros
Eu nos braços o sustento.

Mas como ao ceo se atreveram,
Vêr castigados receio
De desejos amorosos
Sacrilegos pensamentos.

Mas que importa que d'amor
Gigantes atrevimentos,
Por barbaros si confundam
Em babilonias de extremos?

Si não se lhes frustra a gloria
Neste arrôjo queprehenderam,
Quando se culpam d'altivos,
Por se empenharem discretos?

Pelo que uma bofetada
Me quizestes dar, sabendo
Que dessas mãos o castigo
Sam mais glorias que tormento.

E assim que mais deste amores,
Que anhelando obedecer-vos,
Pondes-me na lei de amar-vos,
De mais cinco mandamentos.

Ser mais que castigo, affago,
Pôr-me as mãos no rosto creio,
Que de uma boa vontade,
Me dais pronosticos certos.

Mais que as mais deosas formoso
Ficava, vendo que a Venus,
Na maçã, que cara julgo,
A palma por mão lhe levo.

Pelo que triumphante arrôjo
Empunhara cada dedo,
Com purpurea magestade
De branca açucena o sceptro.

Hydropico de crystaes,
Que nesses Alpes venero,
Bebera em copos de nacar
Liquida porção de argento.

Ceo o meu rosto julgara
Logrando desse hemispherio,
Exhalações crystallinas,
Em atomos lisengeiros.

Mas porém minha Joanninha,
Não é razão aqui entendo,
Que na offerta de meus braços
Me deis de mão ao desejo.

Si vos chamais Joanninha,
Para peras considero,
Que me dareis pelo nome
Neste amor que já vos tenho.

Pelo que por vós suspira
Pyra se constroe um peito,
E em Lisboa por Miranda
Anda uma Troia de incendios.

Aqui pois suspendo as vozes
A explicar o que vós quero,
Que ás adorações de uma alma
E' melhor lingua o silencio.

Aqui póde notar-se a influencia dos bons assumptos : um assumpto bem escolhido inflamma o espirito, move o coração, e eleva a imaginação do poeta, que merece este nome, ás regiões do sublime, e lhe faz deparar as grandes bellezas, e os rasgos originaes ; pelo contrario um assumpto ruim, ou mal escolhido esterilisa o engenho, e o faz debater-se com rasteiros saltos, sem poder tomar um vôo elevado ! Que podia fazer Fonseca Soares, tractando de uma hofetada offerecida por uma freira, a quem pedira um abraço ? Perder-se em conceitos rebuscados, e frivolidades, engenhosas embora, mas insignificantes, e ridiculas.

Deve pois o poeta, que trabalha para a posteridade, escolher assumptos ricos, interessantes, cujo interesse lhe desperte o éstro. Ninguém é grande com pequenos meios. Se as academias, tão numerosas nesta epocha, em vez de cooperarem para a reforma do gosto, precipitaram a sua decadencia, não foi por certo pela falta de instrução, e talento dos seus membros, mas porque os assumptos dados ali para discorrer eram pela maior parte absurdos, extravagantes, futeis, e pueris : vejam-se as actas da Academia dos Anonymos, dos Singulares, &c. e diga-se se com os assumptos ali propostos era possivel produzir cousa que boa fosse ?

Antonio da Fonseca Soares foi, si não me engano, o primeiro que tentou naturalisar na nossa lingua certas coplas de pé quebrado, que os hespanhoes usam muito para cantar á viola, e que eram depois dos romances as suas mais mimosas poesias populares ; nos ensaios que deste genero nos ficaram delle, em que não teve muitos imitadores, soube elle imitar exactamente o colorido, e

tom, que os castelhanos costumam dar a estas cantigas; citarei para exemplo, a que elle intitulou *Retrato de Lysis*, e que se torna notavel pela idéa extravagante de achar relação entre cada feição da dama, que retrata, e um convento. E' natural que o original fosse alguma freira, por que só uma freira poderia lisongear-se de vêr-se transformada em ramallete de conventos.

Levantar quero a Lysis
Templos agora,
Faço o que devo em ordem,
Começo agora.

A Lysis a *Esperança*
Busca, e a *Penna*,
Uma por retrata-la,
Outra por vê-la.

O cabello o convento
E' do *Milagre*,
Pois milagre é que os raios
Nos louros se achem!

Ser da *Serra o convento*
Bem pôde a testa,
Por ser serra de neve,
Serra da *Estrella*.

As sobranceiras hoje
Com as pestanas
Aos corações por gosto
Dam a *Batalha*.

Tem a *Estrella* consigo
Qualquer dos olhos,
A estrella que nos serve
De norte a todos.

Muito vale o nariz
Brinco de prata,
Mas o feitio delle
Tem toda a *Graça*.

Tem da *Rosa o mosteiro*
Nas faces lindas,
Que é do que as outras fazem
Mil maravilhas.

Os beicinhos galantes
Sam do *Ceo Portas*,
Pois bem que apenas se abram
Mostram mil glórias.

A barba a quem o mundo
Perfeita admira,
Fique-se embora em branco,
Por que *Bem-fica*.

Sempre tem a garganta
Natas mui frescas,
E tem nisso notavel
A *Providencia*.

Meteram-se os seus peitos,
Que é cousa linda,
Dos jasmins, e açucenas
Na *Companhia*.

Com não terem as mãos
Do prado nada,
Toda a gente que as vê
Diz que sam *Claras*.

Muito grandes apertos
Soffre a cintura!
Julgo-a mais apertada
Do que a *Cartucha*.

Não pinto o mais que encobre,
Porque o não vêjo,
Por ser tudo isto em *Lysis*
Esotkimento.

Só seus pés sei que em tudo
Andam com ordem,
Só porque estão professos
Na dos *Menores*.

Adeos, Lysis querida,
Que eclipse feito
A luz desses teus olhos
Seguir pertendo.

Antonio da Fonseca Soares grangeou grande reputação, e louvores pelos seus sonetos, em um tempo em que esta qualidade de poemas andava muito valida, e em que uma multidão de poetas lhe disputava a palma. O soneto por sua brevidade, pela belleza de sua contextura, e pelo chistoso enlace de suas rimas lisongeiava o ouvido, sem fatigar a attenção, molda-se a todos os assumptos, e accomoda-se a todos os estylos; em sonetos declara o amante o seu amor, exhala as suas queixas, ou exalta a sua ventura; em sonetos exprime o poeta os seus extasis á vista do formoso quadro da natureza, e se eleva a contemplar a magnificencia dos ceos, e a existencia do Omnipotente; em sonetos derramava o philosopho as sentenças, e axiomas mais sublimes da moral; em sonetos finalmente o odio, e a vingança derramavam o seu veneno; e os prazeres da amisade, e a alegria dos convites eram celebrados em sonetos.

Não admira por tanto que os nossos avós dessem tamanho apreço a um poema, que reúne tantas vantagens, e que os poetas daquella epocha se dessem tanto á sua composição; mas leitores, e poetas foram muito além da meta; pois chegaram-se alguns a persuadir de que ser poeta, era fazer sonetos, e fazer sonetos era titulo bastante para conseguir a immortalidade. Outro inconveniente deste uso immoderado dos sonetos, foi que todos se julgaram com forças para compo-los, e o Parnaso se vio inundado de uma aluvião de ruins combinações de quatorze versos, que contra vontade de Apollo se denominavam sonetos, o que trouxe consigo a depreciação deste genero, e o desprezo a que os Arcades depois o votaram; posto que nem Garção, nem Antonio Diniz, e

Quita, não poderam resistir á tentação de escrever alguns sonetos, que de certo se não contam entre as suas menos valiosas producções.

Antonio da Fouseca Soares nos seus sonetos dá ás vezes em hyperboles descomedidos, e que não estão em harmonia com a importancia dos assumptos que tracta; assim lhe aconteceu com o famoso soneto dirigido ao Conde da Torre por occasião de matar um touro com uma só cutilada.

SONETO.

Foi, oh Conde bizarro, de tal sorte
A vida desse bruto presumida,
Que o roxo mar da mais cruel ferida
Julgava estreito o seu alento forte.

Mas só vós, raio illustre de Mavorte,
Fizestes, com pujança nunca ouvida,
Que por onde a sahir não coube a vida
Soberba entrasse a arrebatá-la a morte.

Em fim cahiu o bruto, e parecia
Que o som do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar exequias lhe fazia!

Pois foi tal desse braço a força dura,
Que inda a terra parece que lhe abria
Nos sobejos do golpe a sepultura.

Confesso de mim, que quanto mais examino esta composição, menos posso alinar com o que nella admiravam tanto os contemporaneos, entre tantos rípios de idéas, e expressões alambicadas, e referencias sem propriedade, por exemplo: a *vida presumida do bruto*, o *mar roxo de uma ferida*, a *morte que cabe a entrar por onde a vida não cabia para sahir*. O correctivo, *parecia*, poderá acaso justificar o hyperbole descommunhal de que o som dos golpes, que dura nos valles, fazia exequias ao touro em todo o ar? E que quer dizer as exequias de um touro? e quem pôde persuadir-se de que uma cutilada por grande que fosse, partindo um touro podesse produzir

um som tão rijo, e sonoro, que altoasse os ares e ecoar do nos valles? A mesma desproporção se encontra na sepultura aberta com os restos do golpe. O padre Francisco José Freyre censura com razão este hyperbole na sua Arte Poetica, e Francisco Manoel o mete a ridiculo nos seguintes versos:

Oh tempo! tempo! em que um fidalgo nosso
C'um golpe de catana abria um touro,
E c'os restos do golpe a sepultura,
Que o fizesse alguém hoje!

Outras vezes o poeta abusando da agudeza de seu espirito, se perde em uma multidão de methaphoras viciosamente engenhosas, que deslumbra o leitor á primeira vista, mas que depressa se conhece que peccam na falta de relação dos objectos entre si, como pôde verificar-se examinando com boa logica este soneto celebrando um cavallo do Conde de Sabugal, que fazia admiraveis meneios com os pés, e com as mãos.

SONETO.

Galhardo bruto, teu bizarro alento
Musica é nova, com que aos olhos entas,
Pois na harmonia de cadencias tantas
E' clave o freio, é solfa o movimento.

Ao compasso da rédea, ao instrumento
Do chão, que tocas quando a vista encantas,
Já baixas grave, e agudo já levantas
Onde o pisar é som, e o andar concento.

Cantão teus pés, e teu mencio prompto,
Nas fugas não, nas clausulas medido,
Mil consonancias forma em cada ponto.

Pois em falsas ayrosas suspendido,
Ergues em cada quebro um contraponto,
Fazes em cada passo um sustenido.

No meio deste chorrilho de vocabulos technicos, violentamente metaphoricos, e abundantemente applicados, poderá alguém encontrar, já não digo poesia, mas deducção logica, ou propriedade verosimil? Que ha de commun entre o *chão*, e um *instrumento*? entre *bizarro alento de um cavallo*, e uma *peça de musica*? como pôde dizer-se que o pizar é *tom*, e o andar *concento*? Pôde alguém deixar de rir-se lendo que o cavallo em cada pé que levanta *ergue um sustenido*, só porque a palavra *sustenido* significa *sustido*, e o pé sustem o animal?

E se ao menos estas idéas extravagantes estivessem em um soneto burlesco! mas é uma composição séria! Na verdade que disparate tal só pôde ter equivalente na approvação que a este soneto deu, no 1.º tomo da sua *Nova Arte de Conceitos*, o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, homem aliás instruido, bom poeta, segundo o gosto do seu tempo, e consumado peripatetico; eis aqui o como elle se explica: « Quiz Antonio da Fonseca Soares elogiar um cavallo destrissimo no ensino da picaria, e recorrendo ao predicamento do *logar*, que comprehende em si todo o movimento, seguiu a metaphora da musica, por ser esta na praxe uma consonancia de vozes, composta de harmonicos movimentos, regulados por tempos, espaços, e medidas, em que as vozes destramente sobem, descem, pausam, esperam, ou fogem, advertidas das figuras, que as dirigem, e da mão do mestre que as compassa; á luz pois desta observação compôz o louvor neste soneto. » E copiando-o termina o capitulo.

Deste exemplo podemos tirar que se os poetas escreviam mal, os criticos julgavam ainda peor do que elles escreviam.

Finalmente, nem todos os sonetos de Antonio da Fonseca Soares descáhem neste excesso de gongorismo: em muitos conserva elle um meio termo, que se não o exemplia totalmente de censura, pelo menos lhe pôde grangear indulgencia. Tal é este, deplorando a morte do principe D. Theodosio, de quem a nação havia concedido as mais lisongeiras esperanças.

SONETO.

Ignorada razão, fatal mysterio,
Que de um golpe acabasse a Parca impia,
Esse, que foi da Lusa monarchia
Astro, e cometa do dominio Iberio !

Desse, que encheu consigo este hemispherio,
Tumulo é hoje pouca terra fria,
E cabe assim, quem mal em si cabia,
Por ser-lhe estreito o mais augusto imperio.

Acabou, ensinando na altiveza
Do que foi, que acabou, porque declina
Todo o ser, que os fins toca da grandeza.

Pois si o ser grande a estragos se destina,
Que thronos busca a humana natureza,
Si é a grandeza achaque da ruina?

No soneto, que se ségue, elogia Antonio da Fonseca Soares um poema, que o Conde da Torre havia composto com o titulo de *Firmezas de Lidio e Inconstancias de Marfisa*. Ignoro se este poema chegou a imprimir-se, ou se ficou sepultado entre os manuscriptos de alguma livraria; pois apesar das diligencias, que para isso fiz, não pude absolutamente depara-lo.

SONETO.

Por vossa penna, oh Conde illustre, rara,
Já tão feliz Marfisa se pondera,
Que hoje em vós por mudavel se venera,
Mais que dantes por firme se louvara.

Vê-se em ser vosso assumpto tão preclara,
Tão sublime o discurso a considera,
Que inconstante outra vez Lidio a quizera,
Si outra vez vosso plectro a celebrara.

Por esta causa glorias mais seguras
Buscou contente Lidio entre as tristezas,
E Marfisa atinada entre as loucuras.

Pois de ambos, porque sam vossas empresas,
Fazeis firme a inconstancia entre as venturas,
E a desgraça felice entre as firmezas.

Antonio da Fonseca Soares não é um poeta correcto quanto a estylo, mas é um poeta de grande engenho, facil, harmonioso, puro na linguagem, e que teria alcançado um lugar mui mais honroso no Parnaso lusitano se tivesse tido a fortuna de nascer em seculo de gosto menos corrompido, e se não se houvera recolhido ao claustro.

CAPITULO III.

Manoel Botelho de Oliveira.

O primeiro brasileiro, que ousou apresentar-se no Pindo demandando logar no templo das Musas, em virtude de uma collecção de poesias impressas, foi Manoel Botelho de Oliveira.

A sua pertença devia parecer ali muito estranha, não só por ser o pertendente um veneravel ancião septuagenario, coberto de respeitosas cãs, e mais proprio para rezar nas contas, e lêr na Biblia, que para vibrar o plectro sobre as cordas da lyra, mas porque um carioca poeta era bicho, até então desconhecido, nos bosques da Castalia.

Tudo quanto Apollo, e as Musas sabiam de poesia brasileira, reduzia-se a algumas cantiguinhas amelaçadas, composições populares improvisadas ao som da cythara, e da viola, que os Satyros, e os Phaunos cantam.

vam ás vezes por desfastio na falda do Monte sagrado, cantigas que apóz algum breve espaço de voga entre os ociosos, ficavam sepultadas nos papeis da solfa, e só duravam gravadas na memoria de alguns velhos: porém o exame do livro depressa convenceo as Pierides de que a terra de Santa Cruz não fôra destinada pelas Parcas só para produzir tabaco, e mandioca, coqueiros, e bananeiras, algodão, e canas de assucar, a nutrir nos seus rios descommunhaes sucrius, e ferocissimas giboias, que os seus bosques não eram propriedade exclusiva dos macacos, e papagaios: e desenganadas de que ali tambem se creavam poetas, fizeram benigno acolhimento ao primeiro, que se lhe apresentava com os labores de uma vida inteira.

Isto não quer dizer que o Brasil não tivesse já produzido poetas dignos deste nome; mas os seus versos, que nunca tinham feito gemer o prelo, dispersos, e manuscritos não os podiam ter feito conhecer si não de um pequeno numero de amigos.

Manoel Botelho de Oliveira foi natural da provincia da Bahia de todos os Santos, onde vio pela primeira vez a luz do dia no anno de 1636: porém não está averiguado o mez, e o dia do seu nascimento. Seu pai chamava-se Antonio Alvares de Oliveira, e era capitão de infantaria; de sua mãe ignora-se o nome.

Concluidos os primeiros estudos na sua patria, como o destinavam para a carreira litteraria, embarcou para o reino, e chegando a Lisboa, partio a tempo competente para Coimbra, em cuja Universidade se matriculou no curso de jurisprudencia, que seguiu até tomar nesta sciencia o grau de licenciado.

Naquella cidade se aperfeiçoou na lingua latina, aprendeu a lingua italiana, e estudou com mais affinco a castelhana, que era então a lingua da moda para a sociedade aristocratica, e para a sociedade poetica, porque era o idioma de Gongora, que era nessa epocha o oraculo da poesia, tanto em Portugal como em Castella.

Entre os muitos mancebos estudiosos com quem se relacionou em Coimbra, tem o primeiro logar Gregorio de Mattos Guerra, como elle brasileiro, como elle estudante de direito, e como elle poeta. Tantas coinci-

dencias deviam naturalmente ligar estes dous moços, e na verdade assim aconteceu, por que a sua amizade durou até á morte.

Posto que Manoel Botelho de Oliveira se distinguisse muito entre os seus contemporaneos no estudo das leis, nem por isso deixava de consagrar ao culto das Musas as horas vagas, e o tempo de descanso, que os seus estudos lhe deixavam; em companhia de Gregorio de Mattos percorria os frequentes outeiros, que tinham logar na cidade, e suburbios, especialmente nos conventos de freiras, onde se faziam taes festividades, já pelo orago do mosteiro, já pela eleição da prelada, ou pelo seu natalicio; ali os dous amigos improvisavam, ou recitavam versos, que sempre eram escutados com enthusiasmo, e applauso dos ouvintes.

Outras vezes os dous amigos celebravam em seus versos as graças, e os encantos das suas amadas; porém é crível que a Gregorio de Mattos dessem mais que fazer as baldas, e os ridiculos dos moradores de Coimbra, do que os feitiços das damas; aquelle genio era tão essencialmente satyrico, que se julgava fóra do seu elemento quando a mordacidade lhe não servia de Musa.

Terminando o seu curso juridico, e tomado o capello de doutor, partiu Manoel Botelho de Oliveira para Lisboa, onde se demorou algum tempo, esperando occasião favoravel para regressar ao Brasil, e por intervenção dos seus amigos alcançou ser despachado com o fôro de fidalgo da casa real.

Restituído á Bahia, ao centro da sua familia, e aos seus amigos de infancia, começou o nosso poeta a exercer o mister de advogado, mister tão util como honroso quando o talento, e a probidade se juntam no mesmo sujeito.

E' mui crível que estas duas qualidades assistissem na pessoa de Manoel Botelho de Oliveira, pois nos consta que fôra sempre mui acceito, e mui bem visto de todos os Governadores, que presidiram naquella provincia durante sua vida, e que fôra sempre muito amado, e respeitado dos seus conterraneos.

Como advogado fez-se notavel pela força, e subtileza dos seus argumentos, pela lucidez das suas provas, e pe-

lo zelo com que defendia os interesses dos seus clientes, respeitando sempre a lei, e as formulas legais.

Servio muitas vezes o cargo de vereador da camara da Bahia, e foi capitão mór das ordenanças de uma das suas comarcas.

Zeloso do credito, e gloria litteraria da sua patria, vendo que a maior parte dos poetas seus contemporaneos como Gregorio, e Eusebio de Mattos, o padre Francisco de Sousa, João de Brito e Lima, e Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira, haviam fallecido sem dar á luz as suas obras, expondo-as assim a perder-se, ou a ficarem em manuscripto, o que equivale a perda, resolveu publicar as suas, posto que em idade já muito avançada.

Com este louvavel intento colligio todos os seus versos em um volume, que foi licenciado em Lisboa, no anno de 1703, e impresso em 1704 na typographia de Miguel Manescal, impressor do tribunal do Santo Officio, e sahiu á luz em 1705, em um volume de formato de 4.º, com o titulo esquipatico de *Musica do Parnasso, dividida em quatro choros, Rimas Portuguezas, Castelhanas, e Latinas, com seu descante comico reduzido em duas Comedias*.

Este titulo é quanto póde ser gongoristico, mas felizmente o estylo da obra não corresponde á extravagancia do titulo. A Academia Real das Sciencias de Lisboa declarou classica, e texto de lingua a parte portugueza destas poesias, e isto já não abona pouco o merecimento dellas.

Dos seus versos em lingua estrangeira sam os latinos os que mais me agradam; quanto aos portuguezes sam em geral bem fabricados, correntes, e sonoros; as rimas faceis, e o estylo poetico; posto que ás vezes se resinta do cultismo castelhano, não deixa por isso de aproximar-se bastante ao dos bons escriptores da eschola italiana.

Outro merito, e não pequeno de Manoel Botelho de Oliveira, attento o tempo em que escreveu, é certa porção de colorido americano, que tanto se faz desejar na maior parte dos poetas brasileiros, ainda os de maior esphera.

Resta agora apresentar aos leitores alguns trechos de

suas obras, que façam conhecer o alcance, e a indole do seu genio na poesia portugueza.

Havendo o poeta advogado uma causa, aconteceu que os juizes della dessem sentença contra o seu cliente, segundo a opinião delle, contra direito, e justiça. Este proceder daquelles magistrados o escandalisou tanto, que publicou contra elles o seguinte

SONETO.

Que julgas, oh ministro de justiça?
Porque fazes das leis arbitrio errado?
Cuidas que dás sentença sem peccado,
Sendo que algum respeito mais te atiaça!

Para obrar os enganos da injustiça,
Bem que teu peito vive confiado,
O entendimento tens todo arrastrado
Por amor, ou por odio, ou por cobiça.

Si tens amor, julgaste o que te manda;
Si tens odio, no inferno tens o pleito;
Si tens cubiça, é barbara, execranda.

Oh miseria fatal de todo o peito!
Que não basta o direito da demanda,
Si o julgador te nega esse direito.

Este soneto é bom, mas não lhe fica inferior outro feito á morte do famoso orador o padre Antonio Vieira, e á de seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, succedidas no mesmo tempo.

SONETO.

Creou Deos na celeste architectura
Dous luzeiros com giro cuidadoso,
Um, que preside ao dia luminoso,
Outro, que presidisse á noite escura.

Dous luzeiros também de igual ventura
Creou na terra o Artifice piedoso,
Um, que foi da Escriptura sol famoso,
Outro, planeta da ignorancia impura.

Brilhando juntos um, e outro luzeiro,
Com sabia discrição, siso profundo,
Não podia um viver sem companheiro.

Succedeo justamente neste mundo,
Que fenecendo aquelle por primeiro,
Este tambem fenece por segundo.

Na descripção da Ilha de Maré, que é um dos mais bellos trechos das poesias lusitanas de Manoel Botelho de Oliveira, verá o leitor, que a leia com reflexão, quanto basta para fazer idéa dos defeitos, e bellezas do estylo deste poeta brasiliense.

A ILHA DE MARÉ.

Jaz em obliqua sórma, e prolongada
A terra de Maré, toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante
Lhe dá muitos abraços por amante,
E botando-lhe os braços dentro della
A pertende gozar por ser mui bella.

Nesta assistencia tanto a senhoreia,
E tanto a galanteia,
Que do mar de Maré tem appellido,
Como quem presa o amor do seu querido,
E por gozar das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas ancias successivas
Sam de amor marés vivas,
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.

Vista por fóra é pouco appetecida,
Porque aos olhos por feia é parecida,
Porém dentro habitada
E' muito bella, e muito desejada,
E como a concha tosca, e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa:
Erguem-se nella outeiros

Com soberbas de montes altaneiros,
Que os valles por humildes despresando
As presumpções do mundo estão mostrando,
E querendo ser principes subidos
Ficam os valles a seus pés rendidos.

Por um, e outro lado
Varios lenhos se vêem no mar salgado,
Que vam buscando da cidade a via,
Outros della se vam com alegria,
E na desigual ordem
Consiste a formosura na desordem.

Os pobres pescadores em saveiros,
Em canoas ligeiros,
Fazem com tanto abalo
Do trabalho maritimo regalo;
Uns as rêdes estendem,
E varios peixes por pequenos prendem,
Que até nos peixes, com verdade pura,
Ser pequeno no mundo é desventura;
Outros no anzol fiados
Tem aos miseros peixes enganados,
Que sempre de vil isca cubiçosos
Perdem a propria vida por gulosos.

Aqui se cria o peixe regalado
Com tal substancia, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para appetite,
Faz guloso convite,
E se pôde dizer, com graça rara,
Que a mesma natureza os temperara.

Não falta aqui marisco saboroso
Para tirar fastio ao melindroso;
Os polvos radiantes,
Os lagostins flammantes,
Camarões excellentes,
Que sam dos lagostins pobres parentes;
Retrogrados cangrejos
Que formam pés das boccas com festejos.

Chama o poeta aos caranguejos *retrogrados*, porque dizem que andam para traz; mas isto é uma idéa errada do vulgo, porque a verdade é, que aquelles mariscos andam para a ilharga.

Ostras, que alimentadas
Estam nas pedras, onde sam geradas,
Em fim tanto marisco, em que não fallo,
Que é vasto perrexil para o regalo.

As plantas sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do inverno os dissabores,
Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E dellas, por adorno appetecido,
Faz a divina Flora seu vestido.

As fructas se produzem copiosas,
E sam tão deleitosas,
Que como juncto ao mar o sitio é posto,
Lhe deu salgado o mar o sal do gosto;
As cannas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, por que crescem muito,
Em doze mezes lhe sasona o fruito,
E não quer, quando o fruito se deseja,
Que sendo velha a canna fertil seja.

As laranjas da terra
Poucas azedas sam, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
Sam primas dos limões, todas azedas.

Com perdão do poeta, as laranjas de Portugal não são todas *azedas*, como elle diz; pelo contrario sam reconhecidas pelas melhores da Europa, sem exceptuar mesmo as mais affamadas da Italia. Nós tambem temos comido laranjas do Brasil; sam mui grandes, e enjoam por demasiado doces, falta-lhe aquelle sabor acido, que tor-

na as nossas tão agradaveis ao paladar ; tem além disso menos aroma, mais entrecasco, e menos çumo que as nossas, e a pelle menos lisa ; mas o author era carioca, e queria achar em tudo a doçura do melaço.

Nas que chamam da China
Grande sabor se affina,
Mais que as d'Europa doces, e melhores,
E tem sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioria
Como maiores sam tem mais valia.

Os limões não se presam,
Antes, por serem muitos, se despresam.
Ah ! se Hollanda os gozara
Por nenhuma provincia se trocara.

As cidras amarellas
Cahindo estam de bellas,
E como sam inchadas, presumidas,
E' bem que estejam pelo chão cahidas.

Cahir de maduras as fructas sei eu muito bem o que quer dizer ; mas *cahirem de bellas*, é para mim loquocão exotica, e inintelligivel, pois não sei como a belleza de um pomo possa ser causa delle cahir.

As uvas moscateis sam tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que si Lisboa as vira, imaginara
Que alguem de seus pomares as furtara ;
Dellas a producção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes
Geram dous partos sempre em doze mezes.

Os melões celebrados .
Aqui tão docemente sam gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que sam feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados
Bem se pôde dizer que sam letrados.

Melões feitos de assucar e pimenta devem na verdade ter um gosto superior !

Não fallo em Valariça, nem Chamusca,
 Porque todos offusca
 O gosto destes, que esta terra abona,
 Como proprias delicias de Pomona !

As melancias com egual bondade,
 São de tal qualidade,
 Que em quanto docemente nos recrea,
 E' cada melancia uma colmea,
 E ás que tem Portugal lhe dão de rosto,
 Por insulsas aboboras no gosto.

Aquí não faltam figos,
 E os solicitam passaros amigos,
 Appetitosos de sua doce usura,
 Porque cria appetites a doçura,
 E quando acaso os matam,
 Porque os figos maltratam,
 Parecem mariposas, que embebidas
 Na chamma, alegres vam perdendo as vidas.

As romãs rubicundas, quando abertas,
 A' vista agrados sam, á lingua offertas,
 Sam thesouros das fructas entre affagos,
 Pois sam rubis suaves os seus bagos;
 As fructas quasi todas nomeadas
 Sam ao Brasil d'Europa trasladadas,
 Porque tenha o Brasil por mais façanhas
 Além das proprias fructas as estranhas.

Pela mesma razão de que estas fructas foram trasladadas da Europa para o Brasil devia o poeta ter sido menos prolixo na sua enumeração, fallando-nos antes das indigenas, para dar ao seu estylo algum colorido local.

E tractando das proprias, os coqueiros
 Galhardos, e frondosos,
 Criam cocos gostosos,

E andou tão liberal a natureza,
Que lhes deu por grandeza
Não só para bebida, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento;
De varias côres sam os cajús bellos,
Uns sam vermelhos, outros amarellos,
E como varios sam nas varias côres,
Tambem se mostram varios nos sabores,
E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.

O gosto das castanhas de cajú é na verdade excellente; mas tambem o poeta contará entre os seus titulos de superioridade sobre as da Europa o fumo, e pessimo cheiro, que exhalam quando se assam?

As pitangas fecundas
Sam na côr rubicundas,
E no gosto picante comparadas
Sam d'America ginjas disfarçadas.

As pitombas douradas, si as desejas,
Sam de gosto melhores, do que as cerejas;
E para terem o primor inteiro
A vantagem lhes levam pelo cheiro.

Os arasazes, grandes, ou pequenos,
Que na terra se criam, mais, ou menos,
Como as peras d'Europa engrandecidas,
Com ellas variamente parecidas,
Tambem se fazem dellas
De varias castas marmeladas bellas.

As bananas no mundo conhecidas
Por fructa, e mantimento appetecidas,
Que o ceo para regalo, e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo,
Competem com maçãs, ou haonezas,
Com peros-verdeaes, ou camoezas.

Não posso attingir que relação, ou similhaça encontrou o author entre as bananas, e as maçãs, e os peros

verdeaes ! Si dissesse que competiam com os figos, pare-
ceme que teria mais razão.

Tambem servem de pão aos moradores
Si da farinha faltam os favores,
E' conducto tambem, que dá sustento
Como si fosse proprio mantimento :
De sorte que por graça, ou por tributo
E' fructo, é como pão, serve ao conducto.

A pimenta elegante
E' tanta, tão diversa, e tão picante,
Para todo o tempero accommodada,
Que é muito vantajada
Por fresca, e por sadia
A' que n'Asia se gera, Europa cria.

O mamão por frequente
Se cria vulgarmente,
E não o presa o mundo
Por ser muito vulgar em ser fecundo.

O marcujá tambem gostoso, e frio
Entre as fructas merece nome, e brio,
Tem nas pevides mais gostoso agrado
Do que assucar rosado,
E' bello, cordeal, e como é molle
Qual suave manjar todo se engolle :
Vereis os ananazes,
Que para reis das fructas sam capazes,
Vestem-se de escarlata,
Com magestade grata,
Que para ter do imperio a gravidade
Logram da verde côroa a magestade ;
Mas como tem a c'rôa levantada,
De picantes espinhos rodêada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas,
Não ha c'rôa no mundo sem espinhas ;
Este pomo celebra toda a gente,
E' muito mais que o pecego excellente,
Pois lhe leva vantagem gracioso
Por maior, por mais doce, e mais cheiroso.

Esta pintura do ananaz, é na verdade poetica, e graciosa. Em geral os brasileiros, e as pessoas, que tem estado no Brasil o gabam como o rei das fructas: "E' um fructo (me dizia enfaticamente o poeta brasileiro, José Eloy Othoni), que sabe a todas as fructas, e junta o aroma de todas ellas." Mas apesar disso, eu tenho para mim que um bom melão do reino não lhe cede em perfume, e é muito mais delicado no sabor; pelo menos quando se come não se encontram na bocca certas fibras duras, e lenhosas, que presenta o ananaz. E' certo que os que tenho tido não eram do Brasil, mas da Madeira, e Africa, mas não creio que essa circumstancia produza tanta differença entre estes, e aquelles, que por uns se não possam avaliar os outros.

Além das fructas, que esta terra cria,
Tambem não faltam outras na Bahia,
A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa,
Tem o cheiro famoso
Como se fôra almiscar oloroso;
E' produção do mato
Sem querer da cultura o duro tracto,
Que como em si toda a bondade apura
Não quer dever aos homens a cultura;
Oh que galharda fructa, e soberana
Sem ter industria humana!
E si Jove as tirara dos pomares
Por ambrosia a pozera entre os manjares.
Com a mangava bella a similhança
Do macuje se alcança,
Que tambem se produz no mato inculto
Por soberano indulto,
E sem fazer ao sol injusto aggravo
Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras fructas dissera, porém basta
Das que tenho descripto a varia casta,
E vamos aos legumes, que plantados
Sam do Brasil sustentos duplicados.

E vamos aos legumes, é formula prosaica, expressão baixa, que por isso não devia encontrar-se em um poema; porém o author é muito sujeito a estas negligencias de estylo.

Os mangarás, que brancos, ou vermelhos
Sam da abundancia espelhos,
Os candidos inhames, si não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.

Tirar a fome ao mais faminto é cousa que podem fazer todas as substancias alimenticias, parece-me por isso rasgo de pouca discrição attribuir este effeito sómente ao inhame, e ao mangarás!

As batatas, que assadas, ou cosidas,
Sam muito appetecidas;
Dellas se faz a bella batatada
Das belgicas nações solicitada;
Os caras, que de roxo estão vestidos,
Sam loyos dos legumes parecidos,
Dentro sam alvos, cuja côr modesta
Se quiz cobrir de roxo por honesta.

A expressão rebuscada, e gongoristica de *loyos* dos legumes faz sentir ainda mais o prosaismo dos primeiros versos desta estrophe.

A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta,
Que sempre o que é feliz se difficulta,
E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fructo deleitosa;
Della se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia, sem trabalho muito,
Se arranca, se desfaz, se cose o fructo.

Della se faz tambem com mais cuidado
O beiju regalado,

Que feito tenro por curioso amigo,
Grande vantagem leva ao pão de trigo.

Os aypins se aparentam
C'o a mandioca, e tal favor alentam
Que tem qualquer, cosido, ou seja assado,
Das castanhas d'Europa o mesmo agrado.

O milho, que se planta sem fadigas,
Todo o anno nos dá faceis espigas,
E é tão fecundo em um, e em outro filho,
Que sam mãos liberaes as mãos de milho.

O arrôz semeado
Facilmente se vê multiplicado,
Cale-se de Valença por estranha
O que tributa Hespanha,
Cale-se do Oriente
O que come o gentio, e a lysia gente,
Que o do Brasil, quando se vê cosido,
Como tem mais substancia é mais crescido.

Tenho explicado as fructas, e legumes,
Que dam a Portugal muitos ciumes,
Tenho recopilado
O que o Brasil contém para invejado ;
E para preferir a toda a terra
Em si perfectos quatro AA encerra :
Tem o primeiro A nos arvoredos,
Sempre verdes aos olhos, sempre lêdos ;
Tem o segundo A nos ares puros,
Na temperie agradaveis, e seguros ;

Creio que não dirão outro tanto os que tem experi-
mentado a temperatura ardente, e suffocadora do Pará,
e do Maranhão ! O poeta faz aqui como alguns prégado-
res, que costumam representar o sancto de quem pré-
gam como o maior sancto da côrte dos céos.

Tem o terceiro A nas aguas frias,
Que refrescam o peito, e sam sadias ;

O quarto A no assucar deleitoso,
Que é do mundo o regalo mais mimoso;
Sam pois os quátro AA por singulares
Arvoredos, assucar, aguas, ares.

Nesta ilha está mui lêdo, e mui vistoso
Um engenho famoso,
Que quando quiz o fado antigamente
Era rei dos engenhos preeminente;
E quando Hollanda perfida, e nociva
O queimou, renasceu qual phenix viva.

Aqui se fabricaram tres capellas
Ditosamente bellas;
Uma se esmera em fortaleza tanta,
Que de abobeda forte se levanta,
Da Senhora das Neves se appellida
Renovando a piedade esclarecida,
Quando em devoto sonho se vio posto
O nevado candor no mez d'Agosto;
Outra capella vemos fabricada
A Xavier illustre dedicada,
Que o Maldonado, parochó entendido,
Este edificio fez agradecido .
A Xavier, que foi com sacro alento
Gloria da Igreja, do Japão portento.
Outra capella aqui se reconhece
Cujo nome a engrandece,
Pois se dedica á Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre immaculada,
Que foi por singular, e mais formosa
Sem mancha lua, e sem espinhos rosa.

Esta Ilha de Maré, ou da alegria,
Que é termo da Bahia,
Tem quasi tudo quanto o Brasil todo,
Que de todo o Brasil é leve apodo;
E si algum tempo Cytherea a achara,
Por esta a sua Chypre despresara;
Porém tem em Maria verdadeira
Outra Venus melhor por padroeira.

Não pertendo menoscabar esta descripção da ilha de Maré, mas parece-me que está mui longe do que devia ser. O poeta perde-se em uma longa e prosaica nomenclatura das plantas, e legumes que produz; mas esquece-se de representar a nossos olhos a sua exposição maritima, e celeste; as suas fontes e regatos; os aspectos pitorescos das suas colinas, e o engraçado, e grandioso dos seus arvoredos, e os principaes animaes que produz: mas o poeta não podia saber tanto, por que no seu tempo não haviam apparecido, ou pelo menos não eram conhecidos entre nós os modêlos do genero descriptivo.

Manoel Botelho de Oliveira não é um poeta de primeira ordem, está muito longe d'isso, mas é um escriptor puro, posto que nem sempre elegante, menos eivado de gongorismo do que o geral dos seus contemporaneos, e muitas vezes não desprovido de originalidade: a sua versificação é corrente, e harmoniosa. Tambem não é para mim pequeno titulo de gloria o ser elle o primeiro poeta do Brasil, que não se envergonhou de ser tido por americano, pois apresenta nas suas composições alguns rasgos de colorido local. Posto que educado na Europa, longe de desprezar a terra do seu nascimento mostra por ella um enthusiasmo ás vezes excessivo, mas que muito honra os sentimentos do seu coração. O seu nome, e ainda mais as suas obras sam quasi desconhecidas em Portugal, e pouco mais no Brasil aonde mesmo sam raras. E com tudo este poeta, fazendo-lhe justiça, não merece semelhante esquecimento. Segundo porém o gosto que no Brasil se vai manifestando pelos estudos amenos, e em especial pela poesia, podemos esperar que algum litterato, ou typographo se lembre de fazer resuscitar a gloria deste poeta, fazendo uma edição nova das suas poesias.

Manoel Botelho de Oliveira falleceu na cidade da Bahia, no dia 5 de Janeiro de 1711, segundo affirma o conego Januario da Cunha Barbosa.

CAPITULO IV.

Manoel Tavares Cavalleiro.

É circumstancia mui digna de observação, tanto nos tempos antigos como nos modernos, a alliança entre a medicina, e a poesia, que muitas vezes se encontram cultivadas pelo mesmo individuo. Arato, e Nicandro entre os gregos, Virgilio, e Samonico entre os latinos, Redi, e Fracastor entre os italianos, Haller, e Withof entre os alemães, Darwin, e Garth em Inglaterra, sam sufficientes provas desta asserção.

Mas de que virá esta tendencia para o cultivo das Musas nos homens que se consagram ao estudo da arte de curar? Será porque ambas estas faculdades tem por objecto a observação, e estudo da natureza? Póde bem ser: o exemplo dos doutores Nolasco, Mello Franco, e Lima Leitão mostram que Portugal não carece tambem de facultativos poetas.

Neste numero deve contar-se Manoel Tavares Cavalleiro, cujo nome está á testa do presente capitulo, e de quem daremos as poucas noticias, que nos foi possivel alcançar.

Nasceu este poeta na cidade de Portalegre, na fertil provincia do Alemtéjo; não consta a data prefixa do seu nascimento; mas como as licenças para a impressão das suas poesias sam datadas de 1675, posto, que só em Dezembro de 1687 alcançassem a permissão de poderem correr, o que prova que só depois deste tracto, na verdade longo, é que o poeta poudé, ou quiz entrega-las ao prélo; parece-me que sem grande perigo de errar podemos suppôr que este author nasceria em 1645, pouco mais, pouco menos, isto é, trinta annos antes de pedir a licença para a publicação de seus versos, que elle proprio confessa no prologo serem obra de sua adolescen-

cia, *quando para apagar as sombras da sua ignorancia não havia mais luz do que a grammatica.*

Ignoramos egualmente quem foram seus paes, si era de familia illustre ou plebea, com que mestres estudou as disciplinas preparatorias, e aonde.

E' porém certo que cursou na Universidade de Coimbra as aulas de medicina com bastante aproveitamento, e nella recebeu o grau de licenciado, e de lá regressara á sua patria, onde passou tranquillamente a vida, no exercicio da clinica, gozando sempre como medico de grande reputação, por causa da felicidade que o acompanhava no tractamento dos enfermos.

Não queremos dizer com isto, que Manoel Tavares Cavalleiro fosse um grande facultativo, por que sabemos o grande atrazo em que naquella epocha estava entre nós a medicina, a cyrurgia, e as mais sciencias naturaes, de que tanto aquellas faculdades se ajudam; mas sem ser um medico consumado, podia bem dar-se que tivesse mais alguns conhecimentos que os seus contemporaneos, ou mesmo que tivesse mais tino, e felicidade do que elles.

Testefica elle proprio que desde mui tenros annos despertara nelle o amor da poesia, e é mui de crêr que nella, em idade mais avançada, procurasse distração ao penoso encargo de visitar doentes, ao aspecto de cujas dôres, e acerbos padecimentos não pôde deixar de commover-se todo aquelle que alcançou da natureza um coração piedoso, e sensivel.

Não consta igualmente se permaneceu no estado do celibato, ou se dobrou o collo ao jugo de hymeneo, e nesse caso se deixou descendencia: a mesma incerteza existe ácerca do tempo, e do local do seu obito.

As poesias de Manoel Tavares Cavalleiro, que com o titulo de *Ramalhete Juvenil* sahiram á luz em Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, sórmam um pequeno volume em 8.^o, contendo tres cantos de lyras, ao todo trinta, cincoenta sonetos, tres eclogas, dez canções, vinte e cinco romances, redondilhas, decimas, e outras composições deste genero:

Manoel Tavares Cavalleiro é um poeta essencialmente mediocre, tem mais espirito que talento, mais graça que imaginação, mais delicadeza que força; a sua linguagem

é em geral pura, a sua expressão muitas vezes elegante, o seu estylo facil, corrente, e ameno, a sua versificação harmoniosa, e as suas rimas bem collocadas. Posto que seja alumno da escola hespanhola, e grande admirador de Gongora, soube preservar-se do excesso de desvarios, e dos conceitos affectados, em que se despenharam a maior parte dos seus coevos, o que prova que lhe não faltava de todo o bom gosto.

Foi socio de algumas Academias, como se depreheende dos assumptos, que ás vezes tractou, e que eram dados naquellas reuniões litterarias para os socios discorrerem; assumptos quasi sempre phantasticos, insolitos, exquisitos, e ridiculos, que não cooperaram pouco para a completa corrupção do gosto, obrigando os authores a discretear sobre objectos futeis, e estranhos, desviando-os assim da singeleza, e moderação, que a razão, e a natureza prescrevem. Que podia dizer um poeta obrigado a fazer versos sobre uma luz, que se apagava na presença de uma dama? Vejamos como Manoel Tavares se tirou deste bello thema.

DECIMAS.

Lume, cuja luz tão rara
Resplandecente alumia,
Que nas ausencias do dia
Tornar póde a noite clara :
Belleza tal porque avara
Se mostra de luzimento?
Recobra, luz, novo alento
Não te exponhas a desmaios ;
Porque se eclypsam teus raios,
E outros luzem com augmento.

Não me atrevo a consentir
Que sem escusa recuses
Mostrar-me umas bellas luzes
De que aprendes a luzir ;
Não me queiras encobrir
Com tão rigorosa lei
O resplendor, que admirei
No lume de uns olhos bellos,

Que inda que morro de vê-los,
Mais de os não vêr morrerei.

Si o fazes por ter inveja
De os olhos não pôr em ti,
Foi porque outros lumes vi
De luz muito mais sobeja;
Mas antes, si é que deseja
Luzir mais teu resplendor,
Mais mostrará seu primor
Quanto melhor descobrir
A quanto chega o luzir
De uns olhos, que o dam maior.

Mas não me atrevo a soffrer
Que a deixar em sombra escura
Te atrevas uma luz pura,
Que ao Sol póde escurecer;
Mas ai que chegaste a vêr
Luzes, que sam para ti,
Soes para sombra, e assi
Quando taes as descobriste,
Si morres, é porque as viste,
Pois eu morro porque as vi.

Em morrer por luzes taes,
Clara luz, te assim disvellas,
Porque morrendo por ellas
Alcanças na vida mais :
Tanto esses transes mortaes
Que experimentas, eu te invejo,
Que se queixa o meu desejo
Da mesma gloria não ter,
Que tu ganhas em morrer
Pela que em taes olhos vejo.

Mas emfim, por estranheza
Não tenho teu lance esquivo,
Porque descubro o motivo
Da tua esquiva rudeza;
E' porque a rara belleza

Te vence de outros fulgores;
Pois como seus resplendores
Perdem c'o sol as estrellas;
A' vista de outras mais bellas
Cessam as luzes menores.

Já que nos achamos neste ensejo, vejamos outro assumpto dos chamados academicos, que tanto naquelle tempo aguçavam o espirito dos infelizes habitantes do Parnaso, que andavam espediçando o seu tempo, e cançando a imaginação em busca de conceitos proprios de objectos tão interessantes.

A um galã, a quem a sua dama deu por prenda o salto de um çapato.

DECIMAS.

Apesar de quem murmura
Farei, senhor, que se entenda
Vos abaixastes á prenda
Levantado da ventura:
Foi pois, porque em tanta altura
Se admirou, em caso tal
Vossa dama, que em signal
De que o erro conheceu,
Dando um salto se desceu
Por ficar comvosco igual.

Mostra o primor desta acção
Tanto estimar vossa fé,
Que vos vai dando de pé,
Quanto lhe ganhais de mão;
Estimai-lhe o galardão,
Ainda que o deu barato,
Pois tendes nelle o recato
Dos que podem murmurar,
Que não são para chegar
A' sola do seu çapato.

Quem faz de impossiveis conta;
Por termo infalivel tenha,

Nesse instante se despenha,
Que mais alto se remonta;
Mas vós, livre desta affronta
Ficais na vossa subida,
Pois quando a sorte homicida
Vos despenha de tão alto,
Vós assim tomais o salto,
Que o não julgo por cahida.

Si de principios falsos é impossivel deduzir consequencias rectas, como será possivel que um poeta sobre argumentos futeis, ridiculos, e extravagantes possa compôr senão extravagancias, futilidades, e conceitos falsos, e alambicados, como se vê nestes versos, e em todos os que sobre semelhantes materias se lêem nas collecções das Academias deste tempo, e nas obras dos poetas, que foram membros dellas? E' raro que um homem, ainda de medio talento, deixe de escrever bem sobre um bom assumpto, porque este naturalmente o auxilia, e lhe desperta idéas convenientes; mas é muito mais raro ainda que um talento de primeira ordem possa produzir obra boa sobre assumpto ingrato, rebelde, ou absurdo, que o não inspira, nem lhe exalta a imaginação, nem lhe dá abalo ao coração. Não era acaso Milton um genio de primeira ordem? Quem vòu mais alto do que elle no *Paraíso Perdido*? E porque nos parece elle tão desigual a si no *Paraíso Restaurado*? Porque este assumpto tem tanto de triste, e de esteril quanto o primeiro de grandioso, de pathetico, e de sublime. Foi por isso que todos os criticos judiciosos nas suas poeticas insistem tanto em recomendar aos poetas, que escolham assumptos de sua natureza nobres, elevados, e ricos, que secundem a phantasia, e auxiliem o engenho na boa execução delles.

Nada menos campestre do que as eclogas de Manoel Tavares Cavalleiro: os seus actores, pastores no nome, sam na linguagem cidadãos, e cidadãos mui polidos, que exprimem os seus amores com um estylo tão elegante, que parece terem frequentado a eschola de Tibulo, ou de Propercio; vêja-se como na ecloga primeira Orsindo explica o estado de duvida em que se encontra sobre preferir Celia a Florina, ou esta áquella.

ORSINDO.

Ai chara Celia minha,
A quem frequencia justa
De habitual pensão meu peito amante
Já tributado tinha,
Que estranha dôr me custa
Quebra comvosco ter fé tão constante!
Mas quem tão de diamante
Cercado encerra o peito
Que á sobrehumana vista
De Florina resista,
Sem captivo se vêr do bello objecto,
Cujo altivo primor
Matar de amores póde o mesmo Amor?

Quem na urgencia forçosa
De obrigação alguma
Tanto em fidelidade resplandece,
Que em materia amorosa,
Gosto alheio costuma
Preferir sempre ao seu proprio interesse?
Mas ai que assim carece
Do mais, que afformoseia
Animos immortaes,
Quem não o obriga mais
Que o gosto proprio, cortezia alheia?
Ingratidão é dura
Gosto não dar a quem mo dar procura.

Será porém possível
Poder-me inteiramente
Da obrigação remir, que me sujeita?
Tendo por infalível
Que como a differente
Fôrma de objectos dous mandar perfeita
Não posso a vista estreita,
Nenhuma obediencia
N'um tempo a dous senhores
Servir, nem dous amores

Pagos vi de uma só correspondencia:
Quem esta repartio
Egual um, e outro amor nunca servio.

Na verde primavera
Dos annos mais floridos,
Quando as flechas provei do moço alado,
A causa Celia era;
E agora divertidos
Traz de Florina os olhos meu cuidado,
De ambas me vêjo amado,
Sam por extremo bellas,
Minha alma esta ronbou,
Aquella lha ganhou,
Digna de estimação é qualquer dellas:
Não sei nesta fadiga
Que emprenda, de que fuja, e que prosiga!

Não negarei que estes versos sam bons, que os pensamentos sam engenhosos, e ás vezes nobres; mas pergunto ao leitor judicioso se encontra nisto alguma cousa que seja pastoril? Se este estylo, poetico quanto quizerem, não é mais academico, que campestre? Si é assim que se exprimem os pastores das eclogas de Ferreira, de Bernardes, ou de Camões? Si o poeta não queria ou não sabia revestir os seus pensamentos de imagens campestres, porque pôz o nome de eclogas a estas composições? Porque alcunhou de pastores as personagens que nellas introduziu a fallar? Para que havia incorrer na censura de Horacio na sua Arte Poetica:

*Descriptas servare vices, operumque coloses
Cur ego, si nequeo, ignoroque Poeta salutor?*

Si o pastor Orsindo se mostra burguez vestido de currão, a pastora Florinda não lhe fica devendo nada em discrição, e cortezania de linguagem: ouça-a o leitor, e veja o que lhe falta para uma perfeita elegante de salão.

Successo estranho, nunca imaginado!
Quem com ventura igual te mereceu
Para logro do bem mais estimado?

Da estrella mais feliz que habita o Ceo,
Fostes guiado aqui, dando-me a dita
Que atégora a desgraça me escondeu.

Si uma pura affeição, que amor me incita,
Na vossa estimação tem algum preço,
Sempre me vivirá no peito escripta.

E supposto incapaz eu reconheço
Este sujeito meu, de um tão altivo
Serva me chamarei, si inda o mereço.

.....

Ignoro qual de nós o mais culpado
Neste descuido foi; mais de mil giros
Tem dado a clara luz do sol dourado,
Que o peito meu dos amorosos tiros
Vencido jaz, e quanto nelle occulto
Tem seu temor, divulgam meus suspiros.

O inútil voto do receio estulto,
Seguindo contra amor, dissimulando
Meu mal, delle o remedio difficulto.

Bem pôde o brando olhar d'um gesto brando,
Que descobrir deixei, o doce emprego
Ir dos cuidados meus manifestando.

Mas amor, que do meu desassocego
Foi sempre author, o logro dilatava
Do amado bem, a que ditosa chego.

E que penosa dôr me não custava
Poder imaginar que outro o bem tinha
Que eu com razão maior solicitava?

Si o premio logro já, que me convinha,
Por tão digna eleição, e justo accerto,
Mil parabens me dou da sorte minha.

Em uma grade de freiras, quando era moda frequen-
ta-las, não seria facil ouvir conceitos mais finos, nem
mais requebrados; e chamava-se a isto estylo pastoril!
Não se entenda porém que censurando esta cultura, e
refinamento das eclogas de Manoel Tavares Cavalleiro,
approvo nellas o estylo rustico, de que Manoel de Faria
e Sousa, e mesmo Francisco Rodrigues Lobo se servi-
ram nas suas. E' necessario que o estylo dos poemas pas-

toris nem seja tão artificioso, e elevado que se perca nas nuvens, nem tão rasteiro, e desalinhado que offenda os ouvidos delicados: tão ridiculo é o pastor de uma ecloga quando se exprime tão refinadamente como Orsindo aqui, como expressando-se como os de Faria e Sousa, em linguagem barbara, e plebea; a phrase dos authores destes pequenos dramas deve ser singela, e graciosa, mas não tão rude que atropelle, e desacate a grammatica. Veja-se como Theocrito entre os antigos, e Gesner entre os modernos, souberam attingir o meio termo que requer o caracter destes poemas: o judicioso Boileau no canto II. da sua Arte Poetica, depois de comparar o Idyllo a uma pastora, que nos dias de festa não adorna a cabeça com rubins, mas com as simples flores do campo, caracteriza assim o estylo pastoril:

Telle, aimable en son air, mais humble dans son style,
Doit eclater sans pompe une elegante Idylle,
Son tour simple, et naïf n'a rien de fastueux,
Et n'aime point l'orgueil d'un vers presomptueux.
Il faut que sa douceur flate, chatouille, éveille,
Et jamais de grands mots n'épouvante l'oreille.

Mais souvent dans son style un rimeur aux abois,
Jette là de dépit la flûte, et le hautbois
Et follement pompeux dans sa verve indiscrete
Au milieu d'une Eglogue entonne la trompette.
De peur de l'écouter Pan fuit dans les roseaux,
Et les Nymphes, d'effroi, se cachent dans les eaux.

Mas se o severo censor condemna na ecloga o estylo demasiadamente elevado, e as idéas não campestres, não se mostra mais favoravel ás escriptas em estylo rustico, e linguagem plebea.

Au contraire cet autre, abject dans son langage,
Fait parler ses Bergers *comme on parle au village*:
Ses vers plats, et grossieres, depouillés d'agrement,
Toujours baisent la terre, et rampent tristement:
On dirait que Ronsard sur ses pipeaux rustiques

Vient encor fredonner ses idylles gothiques .
Et changer, sans respect de l'oreille, et du son
Lycidas en Pierrot, et Phylis en Toinon.

Tem razão Boileau ; a ecloga é um poema, e um poema não pôde prescindir do estylo poetico, embora simples, e singelo. Os interlocutores de uma ecloga não devem fallar como os guarda-porcós, e cabreiros das nossas aldêas enfiando barbarismos, e solecismos uns nos outros, e usando de phrases, e termos chulos. Boileau chega a accusar Ronsard pelos nomes rusticos dos seus pastores, e nisto tambem tem razão, por que a melodia dos nomes além de recrear o ouvido, dá suavidade ao verso. O mais galante é que parece que quando o grande critico francez escreveu aquelle trecho da sua *Arté Poetica*, tinha lido na vespera as eclogas de Sá Miranda, Lobo, Faria e Sousa, e Bernardim Ribeiro, em que á rusticidade do estylo se junta a trivialidade dos nomes, porque Joanna, Madanella, Bicito, Braz, Ignez, e os outros quejandos nomes que ali apparecem não sam menos grosseiros, e antipoeticos, que os de Pierrot, e Toinon dos idyllios de Ronsard, de que elle escarneceu chamando-lhe gothicos.

Pela minha parte direi, que entre os dous extremos do estylo pastoril, prefiro o que é nobre demais ao que demais é rustico, pela razão de que, se uma composição campestre escripta em estylo sublime não pôde ser uma ecloga, ao menos pôde ser um poema, que interesse, e dê gosto a lêr-se ; mas uma ecloga em estylo rustico não pôde deixar de causar tedio a todo o leitor que não tenha o gosto corrompido.

Manoel Tavares Cavalleiro tinha nascido poeta lyrico ; e bom testemunho d'isso sam as suas canções em geral, escriptas no tom, e estylo proprio desta qualidade de composições ; nellas vêmos aquelle tom de sensibilidade, e de terna melancholia de que Petrarcha, e a sua eschola havia revestido este poema, essencialmente romantico, que sem ter a elevação, e a impetuosidade da ode, tem com tudo bastante similhaça com ella, e com a elegia erotica dos antigos: a estas prendas junta este poeta outro merito não pequeno, que é a brevidade, tanto de ca-

da uma das canções, como dos ramos della. Estes preditados pôde observar-se na canção I. a uma ausencia.

CANÇÃO.

Agora, em quanto a luz de Phebo errrante
Levando em carro ardente
Aos antipodas vai o claro dia,
Sáia dos olhos meus licor manante,
Sendo com a corrente
Liquido augmento desta fonte fria;
Sobre a margem sombria
Deste rio sereno,
Que do florido ameno
Se orna louçan, brilhante se corôa,
Pena lamentarei, que me magôa.

Cahindo a sombra vem da noite escura,
Foi-se a tarde serena,
Passando as horas vam do tempo vario;
E só passar de mim minha tristura
Não soffre a grave pena,
E amarga dôr, que choro solitario!
E' meu maior contrario
Meu proprio pensamento,
Que em machinas de vento
Meu desejo entronisa remontado,
Traz elle vou, e vou precipitado.

Dobra-se minha dôr, e é tão penosa,
Que geme a paciencia
Opprimida do mal intoleravel;
Saudade triste, e magoa saudosa
Effeitos de uma ausencia,
Que o bem me desterrou mais agradavel,
Queixume lamentavel
Em vão ao ar derramo,
Só o misero reclamo
Triste entoando vai desta agua pura
Surdo rumor, que trepido murmura.

Meu pranto acompanhai serenas aguas,
E tu, aura suave,
Presta a suspiros meus errante alento;
E o echo portador de minhas magoas,
Agudo, como grave,
Copia fiel do meu cruel tormento
Vá onde o pensamento
Ligeiramente o guia,
Levando em companhia
Ternuras taes, que movam piedade
Na doce causa desta saudade.

Mas onde vou? quem busco? a quem me queixo?
Si o bem, por quem suspiro,
Dentro do peito meu tenho presente?
Si ausente está de mim, por que não deixo
Do apartado retiro
A triste solidão, que habito ausente?
Que importa que lamente
Conforme a causa pede,
Si nem se me concede
Para alivio de mal tão insoffrivel
A esperança menor de um impossivel?

Vai a causa buscar do meu tormento,
Canção, com esperança
De me desenterrar tua lembrança
Do sepulchro do seu esquecimento.

A canção á batalha de Montes Claros, ganhada pelo exército portuguez sobre as tropas hespanholas, no memoravel dia 17 de Janeiro de 1665, é uma composição, além de demasiado extensa para o genero, mui desigualmente escripta, e uma daquellas em que o poeta, cuidando talvez que assim se tornava mais sublime, se abandonou mais ao estylo turgido, e affectado dos sequazes da eschola de Gongora, a que pertencia: eis aqui o principio:

No aligero rumor da Fama, em quanto
O orbi-vago clarim lêdo apregoa

Glorias de Portugal, tropheos de Marte,
 Fazei de Apollo meu, Antonio sancto,
 Que honra de Padua, e gloria de Lisboa,
 Tão dignamente sois, fazei a parte;

Supra ao defeito d'arte

Vosso sancto favor, que humilde invoco,
 Confiado cantarei, sem fazer caso

Do licor do Parnaso,

Dos em cujo louvor a lyra toco,

As victoriosas armas, cuja fama

Pelo ambito universo,

Em concorde rumor de tom diverso

Multiplicadas vezes se derrama;

Que a virtude subida

Quando se louva mais, é mais crescida.

Esta estrophe é tão mal pensada como mal escripta; invoca-se Santo Antonio para cantar tropheos de Marte, que donoso emprego para um sancto! umas vezes expressões rebuscadas, e atrevidamente metaphoricas, *aligero rumor, orbi-vago clarim*, outras vezes modos de dizer familiares, e triviaes, como *fazei d'Apollo meu, fazei a parte, sem fazer caso do licor do Parnaso, a lyra toco*; não é tudo isto muito elegante, e muito lyrico? Pois a segunda estrophe não fica devendo nada á primeira.

Não me insta a furia, não, de Marte horrendo,
 Tendo em peleja tal mais bellicoso

Planeta em vós, oh novo armi-potente!

Que o todo nella sois, pois nella entendo

Que parte ser deveis: em fim, forçoso

Direi: Quando do mundo a tocha ardente

Luzia na patente

Casa da gemea prole, a quem por fado

Coube alternadamente luz, e sombra,

Pela estrellada alfombra

Conduzia oriental Chryseo dourado

Do ardente carro os brutos anhelantes;

Sete, e dez dos que fingem

Da idade juvenil trazer origem,

Vinte e quatro mil raios militantes,

Vam em ordem unidos
Da preclara Estremoz aperecebidos!

Vio-se geringonça mais ridicula? maior confusão de idéas, e de expressões? as denominações de planeta, e armipotente não cabem bem a sancto Antonio? E este sancto, que é o *tudo naquella peleja, porque o author entende que deve ser parte nolla*, não é uma proposição bem logica? e o mytho dos deus irmãos Castor, e Polux, um dos quaes existia alternadamente no ceo, em quanto o outro só morava no inferno, não é bem claramente designado?

Casa da gemea prole, a quem por fado
Coube alternadamente luz, e sombra!

e os versos:

Sete, e dez, dos que fingem
Da idade juvenil trazer origem

Não sam uma verdadeira charada? Póde alguém lembrar-se de que isto quer dizer, em phrase de tabellião, *Aos dezeseite dias do mez de Janeiro*? A' vista disto não vale a pena notar os

Vinte e quatro mil raios militantes,

que vam unidos, e apercebidos da preclara Estremoz: só direi que Pindaro, e Antonio Diniz da Cruz cantavam os heroes em estylo um pouco differente.

Mas se a critica imparcial aponta os defeitos, não deve tambem occultar as bellezas, e por isso direi que nesta mesma canção se encontram alguns rasgos, que fazem muita honra ao talento do author, tal é o seguinte:

Qual rúmida maré, que de alternadas
Ondas á praia traz soberbo empuxo,
E empollas de crystal arremeçando,
Parte em ruivas aréas sepultadas:
Deixa, e de parte faz fugaz relluxo,

E as vai, para tornar, encorporando,
 Tal o inimigo bando
 Reprime o passo atraz, e reformado
 Torna outra vez a vir; mas rebatido
 No chão parte estendido
 Fica, e parte se vai desbaratado.

A comparação é nova, e de mais a mais bem applicada; a esta podemos junctar a seguinte estrophe:

Vôa o fugaz tropel, e dos cavallos
 Quadrupedante som combate a terra,
 E o podre campo em pó vai convertendo:
 Não cessa o portuguez de atropellalos,
 Por campo, monte, bosque, valle, e serra,
 Muitos matando vam, muitos trazendo,
 E o Caracena vendo
 Em ruina total a armada involta,
 Com plantas de Perseo, azas de Noto
 Annulla o simples voto,
 Preso em mãos do temor, á rédea solta
 Ao desdourar o sol os horizontes,
 Fugio, levando raros
 Dos de que cá deixou em Montes Claros
 Mortos, e na prisão immensos montes
 Tudo em fim, dizer posso,
 Que a fortuna vio seu, marcou por nosso.

Os sonetos de Manoel Tavares Cavalleiro podem contar-se entre as suas melhores produções, posto que em alguns delles não faltem rasgos de gongorismo; muitos porém sam bem pensados, engenhosos, e versificados com facilidade, e harmonia; o seguinte me parece um dos melhores.

SONETO.

Detem, Fortuna, o giro apressurado
 Da fugitiva roda, porque intenta
 Amor, que com enganos me alimenta,
 Fartar-me de viver desenganado.

E é justo que um querer tão dilatado,
 Dirigido a quem magoas me accrescenta,
 Acabe de infeliz, quando lamenta
 Menos que seu descuido meu cuidado.

Bella tyranna, tyrannia ingrata,
 Justo emprego não é de um generoso
 Sujeito, em maltractar quem bem o tracta.

Nem é de um peito affavel, e amoroso,
 Indigno de morrer, de quem o mata
 Offendido viver, e não queixoso.

O trocadilho do primeiro verso do primeiro terceto é a mancha que mais desfigura este soneto.

SONETO.

Um doce pensamento namorado
 Me inclina, bella Chlora, a teu sugeito,
 Me traz em puro amor por ti desfeito,
 E todo em ti, por elle, transformado.

Quer descobrir-se, mas desconfiado
 De o muito alcançar de ser-te acceito,
 Se occulta no mais intimo do peito
 Em amorosas flammás abrazado.

Si algum logar em teu favor tivesse,
 Por ti sempre sentira, e padecera
 Como quem nunca sente o que padece.

Fogo teus olhos sam, meu peito é cera,
 E com sempre soffrer nunca merece
 O que sem merecer ninguem soffrera.

Estas subtilezas platonicas, que se encontram nas poesias eroticas dos poetas deste seculo, e do antecedente fazem desconfiar de que elles as escreviam mais para alardear espirito, e imitar Petrarcha, que para desafogo da paixão amorosa. A verdadeira paixão exprime-se com

força, mas com singeleza; a verdade desaparece apenas o artificio se manifesta.

O soneto setimo tem por fim aconselhar uma dama que se aproveite do tempo em que é moça, e bella, por que essa quadra venturosa não dura por muito tempo.

SONETO.

Antes que já na rubricada neve,
Laura gentil, do rosto delicado
Dos fugitivos annos transformado
A idade pague quanto ao tempo deve;

Que o lento passo da mudança breve
A loura côr do teu subtil trançado
Troque das brancas mãos no prateado,
Ou tudo juncto n'uma cinza leve;

Sem tudo só fiar de uma esperança,
Logra feliz do teu Abril as flores,
Lástima já dos tempos avarentos.

Que o triste fim da tragica mudança
Não deixa mais dos annos voadores,
Que desenganos, e arrependimentos!

No soneto dezeseis procura o poeta provar, que a ausencia acrysola o verdadeiro amor, em logar de desvanecer-lo, como ordinariamente se pensa.

SONETO.

Quem madrastra d'Amor chamou a ausencia,
E a ausencia mãe chamou do esquecimento,
Mais de enganosa fé tinha escarmento,
Que de perfeito amor experiencia.

E' do affecto maior a preeminencia,
Que a fé firme observou no apartamento,
Credito do maior merecimento,
Que acredita o valor da paciencia.

Amo, e da ausencia o mal soffro constante,
Lembranças extinguir me não consente
Saúdosa dôr, e magoa penetrante.

Queixoso, lastimado, e paciente,
Morrendo em fim ausente, como amante,
Vivo então mais amante, quando ausente.

Nos romances, composição tão valida no tempo do poeta, é elle de ordinario elegante, gracioso, e cheio de espirito, e de graça; o que vamos transcrever será bastante para fazer que o leitor possa ajuizar do modo porque elle tractava este poema popular.

ROMANCE.

Sem causa, bella Arminda,
Zelosa por Lisea,
Cruel em mim castigas
Não comettida offensa.

Da practica, que argues
De mim para com ella,
Mais tu me deves graças,
Que eu te mereço queixas.

Foi, si de mim te fias,
Quanto fiar-te devas,
Da fé, com que te adoro,
Dar credito á firmeza.

Em quanto a seus favores
De ingrato me condemna,
Lhe foi reprehensão dura
Premio de instancias ternas.

Não sejas, quando amante,
Tão credula em suspeitas,
Que nunca havendo culpa,
Demandam sempre pena.

Antes o curso altivo
Dessa decima esphera,
Volvendo atraz o passo
Por via irá diversa.

Que em ti não tenha, Atminda,
Minha alma doce prenda;
Que em mim não seja amante
Mas que amado não seja.

Si mal contigo acabo,
Que taes verdades crêas,
Oh! que tyranna fazes
Que maior damno tema!

Temo que tu mudavel,
Porque outro bem desejas,
Finges, por me deixares,
Tão perfida cautela.

Mas, ah! que peito illustre
Pagou, tendo nobreza,
Com vil perfidia occulta,
Clara benevolencia?

Vê desta fonte pura
A natural simpleza,
Com que tão clara mostra
Quanto no centro encerra!

Este crystal corrente
Vê, que, limando pedras,
Vai de ti murmurando,
Que tens maior dureza.

Qual ave namorada
Povoa o ar de pennas,
Que as que me das sem culpa
Não lamente com queixas?

Sem que em ti, fera humada,
Se mostre uma apparencia,
De que a meu mal movida
Delle te compadeças!

Taes queixas triste Aliço
Com lagrimas alterna;
Mais repetio, mas todas
Debalde o vento leva.

Parece-me porém que as melhores poesias de Manoel Tavares Cavalleiro sam as que compõem os seus tres livros de lyras. Sam estas escriptas em estylo facil, gracioso, e elegante; contém pensamentos engenhosos, pinturas cheias de amenidade, e proprias do genero lyrico. As estrophes sam hem cortadas, e as rimas agradavelmente travadas, segundo o requerem as clausulas musicaes. Foi elle um dos primeiros que introduziram no nosso idyoma este pœma, que faz a transição da ode grega, e romana para a canção dos modernos, participando do character de ambas.

Na segunda lyra do livro I. nos apresenta mui philosophicamente o poeta as quatro grandes phases da vida humana, symbolizadas nas quatro estações do anno, com a differença porém de que o hynverno da nossa vida não é seguido de nova primavera.

LYRA.

Cessou do formidavel
Aspero hynverno o frio rigoroso,
E á vista do principio saudoso
Do verão agradavel,
Quanto Phebo alumia
Cheio se vê de placida alegria.

Com graça peregrina
De nova luz, diversos resplendores,
Pompa maior de esplendidos fulgores,
De Apollo a crystalina
Luz vem trazendo ao mundo
Mais alegre prazer, doce, e jocundo.

Com suave ruido
Zephyro o bosque adorna da verdura,
Que expulsou Boreas com violencia dura;
Já porém, esquecido,
Sopra de accomette-lo
Com settas frias de cruel regelo.

A multidão renasce
Da fertil herva, que viçosa cresce,

Verdega o prado, o monte reverdece;

Contente o gado pasce,

O campo a seus cultores

Ricos thalamos dá de bellas flores.

O verbo *verdegar*, que o author emprega nesta estrophe, é privativo da provincia do Alentejo, patria do author: *verdejar* é que é admittido no uso geral dos nossos bons escriptores.

E tu, sereno rio,

Que argentea guarnição deste horizonte

Cláro retratas, a quem todo o monte

Do concavo sombrio,

Teu tributario intenso,

Prodigio invia crystalino censo:

Vê o curso vagaroso

Do teu claro crystal como augmentando,

De si mesmo incapaz discorre o prado,

E em tempo deleitoso

Já com superflua chéa

De regelo deixou triste cadéa.

Tão serena corrente

O hyverno enfrêa com grillhões de prata,

No florido verão, porque os desata,

Crystalina serpente

O espaçoso terreno

Com girante licor vagas ameno.

Roríferas capellas

O florescente Abril, e alegre Maio,

Mostrar cedo verás com lêdo ensaio,

Por tuas margens bellas,

Dando em crecido augmento

Doceis floridos a teu claro argento.

Mas ai, que o secco estio

Por ordem chegará, quando o insolente

Cão queima as terras com latido ardente;

De seu vistoso brio
Despindo o monte, e prado,
E a ti de teu processo dilatado !

Formoso rio, quando
Na, que levando vés, corrente extensa
Se admire de feição tal differença,
Que aos prados usurpando
Vás, com crystal escasso,
Breve limitação de ameno espaço.

O bosque mais florido
Que ornar Pomona de aprazível copia,
Triste experimentará misera inopia,
Da verdura despido,
E em fim de outro infalível
Hynverno o ceo trará carranca horrível.

O tempo assim passando
Se vai por ora, dia, mez, e anno
Claro porém, de todos desengano ;
Que outro verão tornando
Finito é seu hynverno,
Mas o da eterna morte, sempiterno !

A lyra quinta contém uma bella descripção da noite,
no estylo que prevalecia no seculo do author, mas que
por isso não deixa de abundar em rasgos agradaveis.

LYRA.

Já Phebo luminoso
No reino de Neptuno as luzes perde ;
De horrenda escuridão com tenebroso
Manto, no prado verde,
As flores se esconderam,
Porque as do globo azul appareceram.

Da verdura esquecidos
Os brutos dormem no covil seguro,
Em triste solidão se vêem vestidos

De azul, e rôxo escuro,
Do occaso os horizontes,
De horror os vales, e de lucto os montes.

Nenhuma o ar povôa
Cantora alegre do volante bando,
De horror vestida vem, si alguma sêa,
Triste pronunciando
Com som funesto, e vario
Nocturna queixa, agouro solitário.

Por toda a redondeza
Commum repouso facil desobriga
Já dos humanos a mortal fraqueza
Da diurna fadiga,
E a todos doce, e manso
Domina os membros placido descanso.

Blandicias repetidas
Apprende em seus umbraes dama inconstante;
De falsas illusões vãs, e fingidas,
Se cré o incanto amante:
Que em methodo pequeno
Cifras constroe do diurno acceno.

Por fins extraordinarios
Do ocio vil os nocivos professores,
Impia turba de infandos adversarios,
Mortiferos authores
Andam, dos patrios damnos,
Tecendo fraudes, machinando enganoso.

Com face reluzente
Já descobrindo vem novo hemispherio
Diana clara, que resplandecente,
Do Neptunino imperio
Sobre os crystaes retrata
Tremula luz de sua bella prata.

E em carro pressuroso
Briosa, alegre, airoso, e triumphante,

Rompendo vem por campo luminoso
 Com carreira gigante
 Sua luz formosa, e pura
 Tornando claro dia a noite escura.

Este verso parece imitado de Camões, na sua ode á
 Lua, onde diz:

*Aquella, cujo objecto
 Todo o mundo alumia,
 Tornando a noite escura em claro dia.*

Do ceo puro, e sereno
 Transcursa o meio, e em floridos prados
 A Alva derrama seu thesouro ameno,
 Para que semeados
 De perolas luzentes
 Prepare ao Sol os campos florescentes.

Lucifera assomando
 A clara filha vem da branca espuma,
 Da marchetada Aurora annuncios dando,
 Preceito a cada uma
 Luz do celeste polo
 De abrir coberta franco passo a Apollo.

Do claro mensageiro
 Precisa lei observa obediente
 Qualquer da noite fulgido luzeiro,
 Porque pelo oriente
 O estrepito fogoso
 Se ouvia já do coche luminoso.

Mal deixa definidas
 Tosco pincel as propriedades tuas,
 Negra a metade das humanas vidas,
 Bem que a melhor das duas
 Ao que tem por officio
 Licita occupação, justo exercicio.

A lyra sexta ao Têjo parece ser improvisada á vista da
 magestosa corrente das aguas deste rio, e da frescura,
 e amenidade de suas margens.

LYRA.

Formoso Téjo, cujo curso ameno
Vertendo arêas de ouro,
Vai do licor sereno
Logrando o gran thesouro
De amenas praias, sitio branco, e louro.

Rompendo os campos vens da terra hispana,
Crystal precipitado,
Té que da Lusitana
Vagas o ameno estrado
De verde multidão acompanhado.

Com pingue innundação fertilizando
Vens terreno abundante,
Talvez bravo encrespando
Furor de onda espumante,
Contra o peso veloz d'ave nadante.

Com perene licor de copia clara,
Qual reciprocamente,
De crystaes nunca avara,
Vem da veloz corrente
Dar-se em tributo teu, sonora enchente:

Tal discorrendo tu com sorte igual
Por campo lusitano,
Sepultas teu crystal
Nas do falso Oceano
Timidas ondas com final engano!

Rio aprazivel, que de polo a polo
Quantos ha senhoreas,
Rico mais que o Pactolo
De auriferas arêas,
Que os mais na fresquidão, com que recreas:

Harpas de neve do Caystro claro
Não ouças invejoso,

Pois com excesso raro
Te torna mais famoso
Dos cysnes teus o bando glorioso.

Chamar aos cysnes harpas de neve, é metaphora não só demasiadamente atrevida, mas muito mal formada, e viciosa, pois lhe falta a similhança, base do translato. Quando chamamos raio a uma bala, todos percebem a similhança que se dá entre o trovão, o relampago, e os estragos produzidos pelo raio, e a detonação, o clarão da polvora inflammada, que sahe da bocca da arma de fogo, e o estrago da bala, que ella vomita: mas que similhança ha entre uma harpa, e um cysne? Que relação tem a neve com a harpa? Que se possa dizer que um cysne é de neve, todos concordarão, porque o cysne, e a neve sam brancos; mas chamar ao cysne harpa de neve, é fundar metaphoras em metaphoras, e dizer puerilidades; mas os seiscentistas, a exemplo de Gongora seu mestre e modelo admiravam, essas puerilidades, como prodigios de engenho, e conceitos sublimes, não sendo ellas em verdade mais que maneiras de dizer absurdas e extravagantes.

Todos conhecem os lindos versos de Catulo á morte do pardal de Lesbia; cotejemos com elles a lyra segunda do livro segundo, em que se lamenta a morte de um papagaio pertencente a Chloris; e pelo diverso modo, por que um assumpto identico inspirou os dous poetas, conheceremos o quanto a poesia dos seiscentistas se afastava da nobre simplicidade, e desaffectedada elegancia da poesia romana do seculo de Virgilio.

LYRA.

De um lindo papagaio
Chlori a sentida perda lamentava,
Quando com furia brava,
Mortifero desmaio
Ehe roubara das mãos alegre ensaio.

„ Verde cantor, (dizia,
E aljofar derramando crystal chora),

- » Que dos berços da aurora
- » Te trouxe a longa via
- » Té quasi ás tumbas, onde morre o dia.

Os papagaios fallam, quando os ensinam a fallar, mas não cantam, e nesse caso com que propriedade chama o poeta ao papagaio de *Chloris verde cantor*?

- » Cruel obediencia
- » Cá tributar vieste ao fado adverso,
- » Que contra mim perverso
- » Quiz tão justa innocencia
- » Nas mãos depositar da eterna ausência !
- » Oh ! quanto me alegravas
- » Quando com tal prazer, com graça tanta
- » Da palreira garganta
- » As vozes espalhavas
- » Com que ao vivo as humanas imitavas !
- » Do manjar a doçura
- » Lêda te offereci no dedo oblico,
- » Tu, com teu curvo pico
- » Lasciva mordedura
- » Davas na branca mão de neve pura.

Esta imagem é propria, graciosa, e natural; mas não sei o que ganhou o estylo em o poeta empregar a palavra castelhana *pico*, em lugar da portugueza *bico*, que de certo não é menos nobre, e harmoniosa do que esse vocabulo estrangeiro, que demais a mais tem em nossa lingua acceção mixta; sempre foi, e será licito ao poeta valer-se de vozes peregrinas,

Propter egestatem linguæ, et rerum invitatem

como dizia Lucrecio, mas quando nella deparamos os termos necessarios, e ás vezes melhores, para que é admittir palavras estranhas?

- » Na delicada neve
- » Tinhas de minha mão throno ditoso,
- » Já com fim lastimoso

„ De um duro transe breve;
 „ Languido jazes n'um regaço leve!

„ Porque em veloz fugida,
 „ Companheiro fiel, amigo caro,
 „ Em meu favor avaro
 „ Deste tão de corrida
 „ Nas mãos da amarga morte a doce vida?

„ Perjuria tal convinha
 „ Me houvesses de render por gratifício,
 „ Devido ao beneficio,
 „ Dos muitos, ave minha,
 „ Favores, que te fiz, quando te tinha?

„ Debalde em fim te chamo,
 „ Si vendo já do Elysio a loura arêa,
 „ Junto da agua Lethea,
 „ Soltas lêdo reclamo,
 „ Verdura errante de animado ramo!

A seguinte, endereçada a uma dama cantando, me parece conter alguns trechos de poesia excellente.

LYRA.

Belleza peregrina,
 De encarnado setim sobre almofada
 Se via collocada;
 Giros de prata fina
 Cingiam rutilantes
 De tãa carmesi roupas brilhantes.

Esta estrophe prova que no tempo do poeta ainda as senhoras em Portugal estavam costumadas a sentar-se em almofadas, segundo o uso mourisco, que prevaleceu por muito tempo neste reino, e ainda hoje, a pesar da grande mudança que tem havido em nossos costumes, podem encontrar-se nas provincias, e com especialidade no Algarve, muitos vestigios do modo de viver dos Arabes.

De seus aureos cabellos
Botão de argentea flôr tem parte involta;
Na parte ao vento solta
Tem cada qual dos bellos
Fios deste thesouro
Zephyro brando por lisonja de ouro.

Uma lyra dourada
Que no bisterno par de corda dura,
Da mão candida, e pura
Levemente tocada
Reciprocas em breve
Sente nas vozes seis prisões de neve.

Concertadas distancias
Faz destra mão soar cordas douradas;
Distancias concertadas
Se alternam consonancias
De harmonicos accentos,
Com que anima prisão aos surdos ventos.

Não fica, tendo ouvido
Tão suave tanger, tão doce canto
Quem nos braços do espanto
Não caia emmudecido,
Fazendo da vontade
Sacrificio fiel a tal deidade.

Ninguém, vendo-a, se escusa
Co' das cordas subtis tono acordado,
Ser de taes mãos atado,
Nem captivo recusa
Ter no sonoro accento
Do canto seu suave encantamento.

Qual o Ithaco manboso,
Caliópeas irmãs tendo em desprezo,
Da nau ao mastro preso,
Ao canto saudoso
Quando applica os sentidos
O deixam de escutar adormecidos.

Tal por estranho modo
Com quantas prendas tem assim recréa
Esta bella serêa,
Que os meus de todo em todo
Ignoram a destreza
De retratar os dons de tal grandeza.

E' muito natural que esta serêa não passasse de cantar à viola algumas chacaras, romances, ou modinhas, como faziam ainda algumas no tempo da minha mocidade, e por isso gozaram da fama de excellentes cantoras, e toda a gente se aballava para hir ouvi-las ás assembleas, que frequentavam. O estabelecimento do theatro de S. Carlos acabou com os triumphos destes pequenos talentos, e hoje uma senhora, para recommendar-se pelo seu canto necessita ser professora, e poder hombrear com as artistas de profissão; e assim temos visto, nestes ultimos annos, algumas dessas chamadas curiosas cantar nas festas de igreja as composições mais delicadas dos grandes mestres, sem que estas desmereçam nada da sua belleza pela sua execução.

Vejamos agora como na lyra quinta, deste mesmo livro, o poeta manejou a seu modo o mesmo assumpto da ode de Horacio a Lyse.

LYRA.

Repetição duravel
De inflammado langor, egra porfia,
De angustia intoleravel,
Queixosa padecia
Nise, a cujos primores
Rendido Amor, lhes tributou amores.

Murchou-se a primavera,
Que dos annos o Abril na face adorna;
E o que de rosas era
Já de açucenas torna,
Reduzindo a candores
Da mais nevada côr, purpureas côres.

A gentil estatura
Mudança tal sentio, que então sentira
Ser marmorea figura,
Lysippo quando a vira;
Si Pygmalião a olhara
Imagem de marfim nella admirara.

Com qualquer dos sabores
Tregoa inviolavel tem frouxo appetite,
Que opprimida de ardores
Mil ambições admitte,
Dos arroios lembrados,
Quanto mais prohibidos, desejados.

Já reduzido á mingoa
Tem dos sentidos seus nobre excellencia,
Presa a discreta lingua,
Nos grilhões da impotencia;
Vive, em fim, de tal sorte
Que alvo das flechas é, que aponta a morte.

Belleza celebrada,
Que das vidas prisão fôra algum dia,
Vida presa tornada
Mortal Fileno a via,
Fileno, a quem seus olhos
Settas tinham d'amor vertido a molhos.

Que o peso contemplando
Do miserando mal, que tolerava,
E a dôr significando
Que no peito apertava,
Silencio emmudecido
Queixoso interrompeo, fallou sentido:

“ Tyranna sorte minha,
„ Mal a meu caro bem sempre odioso,
„ Pois quanto em Nise tinha
„ Me roubas invejoso,
„ Vendo que destruidas
„ Ficam n'uma só vida muitas vidas!

„Formosa Nympha pura,
„Que assombro singular foste em belleza,
„E a maior fermosura
„Te deu a natureza,
„Que armada de primores
„Contra si mesma fulminou amores.

„Que é das madeixas d'ouro,
„De humanos corações doce prisão,
„Do Arabico thesouro
„Sublime emulação?
„Que é da candida neve,
„Que animada de gran no rosto esteve?

„Que é da aprazivel graça
„Dos bellos olhos, cujas luzes bellas
„Tam peregrina traça
„Tem de imitar estrellas,
„Que para taes mostrar-se
„Taes querem parecer té no eclypsar-se?

„Peitos de marmor duro,
„Com braços de marfim, mãos prateadas,
„Plantas de crystal puro,
„Breves, e delicadas,
„Passo honesto, e brioso,
„Movimento gentil do corpo airoso:

„Já com misero exicio
„Paroxismo mortal tudo extermina,
„Mostrando infausto indicio
„Da funesta ruina,
„Que a meu damno inclinados
„Trazer costumam rigorosos fados.

„Ai tragica mudança,
„Verdugo injusto da maior belleza,
„Tyrannica esquivança,
„E asperrima crueza
„Do tempo, que não sabe
„Gloria no mundo vér, que não acabe!

» Vejam as, com que avara
 » Não foi de perfeições a natureza,
 » O termino, em que pára
 » De uma altiva grandeza
 » A grave estimação,
 » Alvo de amor, emprego da afeição!

» E a presumpção esquivá
 » Da grandeza maior, mais veneravel,
 » Da Parca vingativa
 » Tema o inevitavel
 » Golpe, de cujo damno
 » Pertende em vão triumphar o excesso humano. »

A similhança da ode de Horacio com a lyra de Manoel Tavares Cavalleiro está em tractar-se em ambas de uma mulher, que tem perdido a belleza; a diversidade em que Lyse perde a belleza porque envelhece, e Nise porque a enfermidade a tem desfigurado: esta differença de assumpto produz a diversidade com que é tractado. Horacio zomba, e escarnece de Lyse, porque ainda tem pertenções de conquistas, teima em se julgar formosa, nem renuncia aos bailes, e bebe como qualquer rapariga; Manoel Tavares introduz Fileno, amante de Nise, lamentando o estado em que a observa, lembrando-se com saudade da belleza, que nella idolatrara. Os dous poetas atinaram pois com o modo de composição, que lhe cumpria; mas o romano ficou muito superior ao portuguez na força da expressão, e naturalidade do estylo.

A lyra setima parece pelo esquipatico ter sido assumpto academico; tracta-se de uma dama, que recebendo de outra um espelho, o deixou cahir das mãos, fazendo-se em pedaços com a queda. Já se vê que um tal assumpto era uma secundíssima mina de conceitos, e trocadilhos, segundo o gosto do seculo.

LYRA.

Nas mãos o espelho fino
 De outra candida mão Nisarda acceita;
 Em o qual de continuo

Vendo-se tão perfeita
Nunca fica de vêr-se satisfeita.

Qual em manhã formosa
Nos liquidos crystaes da fonte pura
Se vê da bella rosa
Graciosa figura
Bello epilogo ser da formosura.

Mas ai, veloz mudança
Roubadora do bem mais estimado!
Que esquecida a lembrança
Do quadrangulo amado
Deixa-o das mãos cahir precipitado!

Seu rosto junctamente
A côr desamparando estremecida,
Com sinistro accidente
Da voz emmudecida
Rompendo a suspensão, fallou sentida :

„Térso crystal, que estavas
„Mais seguro sem mim eu bem o sei,
„Pois porque me alegravas
„Tão pouco te logrei,
„Sem os damnos provar da esquivia lei!

„Inda agora de mim
„Déste, mudo pintor, vivo traslado :
„Já com rigido fim
„Te vejo pelo estrado
„Em quebrados fragmentos derramado.

„Da candida brancura
„Desse manifestar ligeiramente
„A leve cobertura,
„Que inda te não consente
„Privilegio lograr de transparente.

„Não porque reprovasses
„Do artifice o primor, na toga fina

„Que o fez, porque lograsses
„Belleza peregrina
„Debuxada na face crystalina.

„De minha formosura
„Por fiel secretario foste eleito,
„Quando em facil pintura
„Louvaste meu sujeito
„Com tacita razão, mudo conceito.

„Quando em teu claro argento
„Raio reverberou ferindo o tecto,
„E o fulgor inquieto
„Vi com cuidado attento,
„Comsigo o comparou meu pensamento.

„Nelle os ardentes raios
„Já destes olhos meus reverberaram,
„Quando em doces ensaios
„Comtigo se ensinaram
„A tributar a Amor quantos mataram.

„Quando na testa pura
„Capellas imprimi de flores bellas,
„Tão natural pintura
„Em ti logravam ellas,
„Que eram flores em ti, se em mim estrellas.

„Pois si ô rigor tyranno
„Me dá no damno teu pena maior,
„De muito maior damno
„Tempera teu rigor
„Na desconsolação da minha dôr.

„De teu tragico exicio
Perde a lembrança tu, que eu me accommodo,
„Com que no mesmo officio
„Faça do proprio modo
„Parte qualquer de ti, quanto o seu todo.”

Disse, e seus niveos braços
Movendo para o chão, com mão airosa

Recolhendo os pedaços
Os meteu saudosa
D'ebano, e de marfim na casa umbrosa.

O author usa muito da prosopopeia, que é sem duvida um dos mais bellos ornatos da poesia lyrica; parece-me com tudo que nesta foi pouco feliz, pois o discurso que presta a Nisarda, é sobre modo inconveniente, fazendo-lhe dizer cousas inverosimeis em uma mulher que não haja endoidecido de presumpção de sua belleza, por exemplo:

Nelle os ardentes raios
Já destes olhos meus reverberaram,
Quando em doces ensaios
Comtigo se ensinaram
A tributar a Amor quantos mataram.
.....

Que eram flores em ti, si em mim estrellas.

E outras semelhantes fanfarronadas, que fazem pouca honra ao discernimento do poeta; felizmente estes desvarios não são muito frequentes nelle.

Na lyra decima, sobre o poder do ouro, applica o author mui judiciosamente a fabula de Atalanta, e Hypomenes, que descreve mui poeticamente.

LYRA.

Tyranna lei fazia
O hymeneo claro de Atalanta bella,
Premio do que excede-la
Podesse de feição, que não podia
Quem por decreto urgente
Palma, e vida perdia junctamente.

Reciproca frequencia
D'oppositores vem, que aventureiros
Ganhar querem ligeiros
Do curso mais veloz na competencia
Da Nympha o casamento
Por premio singular do vencimento.

Quem póde assim correr
Que os bens possa alcançar, que nega a sorte?
Muitos buscando a morte
Vam c'os passos, que dam para a vencer,
Com tributo vital
Supplicio pagam todos capital.

Nenhum transe apertado,
Que a muitos infeliz ali succede,
A Hypómenes impede
A esperança de um bem tão arriscado;
Si bem que ser podia
Causa de tanto amor, como ousadia.

Mas ella, que admirando
N'elle com tal valor, igual nobreza,
Por elle de amor presa
Fica de o vêr, um pouco duvidando,
Qual mais quer, si vencê-lo,
Si a victoria perder por não perdê-lo.

Já (porque declarava
Rouca tuba o signal) contra a balisa,
Qual do logar, que pisa,
Com passo mais veloz o fim deixava,
Com curso acelerado
Buscar o termo vam determinado.

Mil vezes exedel-o
Poude a nympha veloz, e se deleve,
Porque suspensa esteve
Do mancebo gentil no gesto bello,
Que a reciproco instante
Deixava, sem querer, passar diante.

O joven fadigado
Secco anhelito dá no peito ardente,
Vendo que de presente
Lhe resta por correr mais que o passado;
Tanto que desconfia
Do que humano vigor obrar podia.

Nas mãos uma tomou
Das tres aureas maçãas, que em seu favor
Dado a deosa do amor
Lhe tinha a rogo seu, e esta lançou,
Com generoso braço,
No plano extenso do arenoso espaço.

Tal vista ella admirando,
Cobiça o peito seu concebe ardente
Do pomo reluzente,
Logro foi da tenção, que declinando
Seus passos Atalanta,
O ouro volubil com primor levanta.

De novo alento cobra
O Hypómenes audaz, passando ávante,
Mas ella, em breve instante,
Vence a detença, novo excesso obra ;
Segunda vez detida
D'outrò aureo pomo se cobrou perdida.

Té á mata destinada
O ultimo espaço resta da carreira,
E o moço a derradeira
Tem, para despedir, maçãa dourada,
Que expulsa ao ar vôando,
Novo favor a Vênus implorando.

Em quanto duvidosa
Na escolha, fluctuou a nympha bella,
Temendo que por ella
Possa a palma perder victoriosa,
Foi, sendo superada
Do amante, ao vencedor em premio dada.

Tam certa segurança
Tens do que queres ter, si ouro possues ;
Qual pois, si destribues
Maçãas douradas, de fugir não cança ?
Por ti quem não fallece
Falivel ouro, misero interesse ?

Tygres insuperaveis,
Vencidas da affeição de um vão thesouro,
Para quem pomos de ouro
Não tem que vos lançar, como intractaveis
Sempre sois! como esquivas!
Como ligeiras! como fugitivas!

No mais forte edificio
Contra a força maior com fé segura,
Defendida clausura
A filha se encerrou do velho Acricio,
Mas lá por derradeiro
A pode ir orvalhar aureo chuvaeiro.

Vicio contaminado,
Mal consentido error do ceo, e estrellas!
Que leis não atropellas
Cégo interesse vil d'ouro estimado!
Mas porque em vão prosigo
Si ao ar derramo quanto fallo, e digo?

Esta lyra me parece perfeita! A descripção da carreira é viva, e animada; a applicação do facto ao que o poeta pertende estabelecer bem feita; o estylo claro, rapido, natural, e inteiramente limpo de gongorismos; a versificação harmoniosa, destacando-se dos outros alguns versos que por sua belleza surprehendem agradavelmente o leitor.

O joven fadigado
Secco anhelito dá no peito ardente,
Estes versos sam dignos de um poeta medico.

A pôde ir orvalhar aureo chuvaeiro,
O que este verso exprime não se pôde expressar nem
com mais graça, nem com maior decencia.

E-esta lançou,
Com generoso braço,
No plano extenso do arenoso espaço,

Não será isto o que hoje se chama harmonia imitativa? Não pintam bem á imaginação o comprimento da arena que os dous tinham que percorrer na carreira?

Tam certa segurança
Tens do que queres ter, si ouro possues?
Qual pois, si distribues
Maçãs douradas, de fugir não cança?

Não é isto uma grande verdade, exprimida com força e concisão pictoresca á maneira de Horacio? Que o diga o bello sexo!

Poderia, se quizesse alargar este capitulo, citar outras lyras, que não sam inferiores a esta, por exemplo, a quinta do livro segundo a um pintasilgo; a oitava a Laura encançando um craveiro; a primeira do livro terceiro a uma nau que partia; a segunda dirigida ás tropas que marchavam para a campanha; a quinta em que pinta Leandro passando a nado o Hellesponto para ir ter com Hero: mas os trechos transcriptos me parecem bastantes para se avaliar o merecimento deste poeta, hoje quasi esquecido, mas que mereceu os applausos que os seus contemporaneos lhe prodigalisaram.

E N S A I O

BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XXIV.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I:

Manoel de Sousa Moreira.

—

A antiga villa de Mogadouro na provincia de Traz-os-Montes teve a gloria de dar o berço a Manoel de Sousa Moreira, um dos mais fecundos, e engenhosos poetas do seu tempo.

Foram seus paes Francisco Moreira de Sousa, e D. Maria Domingues de Antas, pessoas mui qualificadas, e estimadas daquella provincia pela nobreza de sua extracção, e opulenta fortuna que desfrutavam.

O seu nascimento teve logar no anno de 1648. A natureza o dotou de singular vivacidade, memoria tenaz e facilima comprehensão, prendas estas que instigaram seus paes para o destinarem ao estudo das sciencias.

Havendo grangeado amplos conhecimentos dos idiomas grego, e latino, tornou-se igualmente muito habil na lingua castelhana, em que escrevia com tanta elegancia, e pureza como na latina.

Concluidos os estudos preparatorios, passou a matricular-se na famosa Universidade de Salamanca, onde frequentou com grande applicação, e aproveitamento, o curso phylosophico, em que tomou o grau de Bacharel, e a faculdade de Direito Pontificio, e voltando á patria, alcançou ser encorporado na qualidade de Lente na Universidade de Coimbra, segundo testefica Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana.

Ao profundo conhecimento nas sciencias saõradas, e profanas, junctava Manoel de Sousa Moreira o estudo das letras, e amena litteratura, gozando a reputação de grande poeta, tanto latino, e portuguez, como castelhano. Não era menos celebre na oratoria, como se deprehende do grande numero de discursos, que recitou nas mais famosas academias, que floresceram no seu tempo tanto em Portugal, como na Hespanha, que muito se honravam de o contar no numero dos seus socios.

Não se distinguio menos como prégador, sendo sempre que subia ao pulpito escutado com grande attenção, e interesse, não só pelas boas doutrinas, e erudição sagrada que brilhavam nos seus sermões, mas pela pureza de linguagem, de elegancia, e galas de estylo, elevação de pensamentos, e força, e graça de expressão, com que eram escriptos.

Contava trinta annos de idade quando entrou no estado ecclesiastico, ordenando-se de presbytero, sendo pouco depois provido na abbadia de S. Martinho do Peso do bispado de Miranda, d'onde passou para a de Santa Maria de Castello Branco, arcebispado de Brága.

O Arcebispo de Lisboa, e Capellão mór D. Luiz de Sousa, attendendo á sua erudição, e talentos o nomeou Secretario do Padroado Real, emprego importante, e que elle exerceo, e desempenhou com a aptidão, e proficiencia, que eram de esperar de um homem de tanta capacidade.

Foi a rogos daquelle prelado, que Manoel de Sousa Moreira tomou a seu cargo o escrever a historia da casa de Sousa, a que elle pertencia.

Manoel de Sousa desempenhou esta tarefa na lingua castelhana, com grande elegancia de estylo, sendo esta uma das mais bellas historias genealogicas, e panegyricas, que se tem composto na peninsula hespanhola, posto que em muitos logares della o author não podesse, ou não quizesse evitar a nota de lisongeiro; mas póde allegar-se em sua defeza, que em obras deste genero é raro o que se isempta desta culpa.

O Arcebispo ficou tão satisfeito com o historiador da sua familia, que para recompensa-lo do trabalho, que tivera no desempenho daquelle commissão, lhe alcançou

a Abbadia de S. Mamede de Lindoso, d'onde passou depois para a Igreja de Santa Maria de Chãas, que era do Padroado Real, e situada no Concelho de Tavora do bispado de Viseo.

Passados alguns tempos foi Manoel de Sousa Moreira transferido para a Abbadia de Nossa Senhora da Assumpção de S. Bade, no termo da Villa da Alfandega da Fé, na provincia transmontana; um dos beneficios mais pingues, e opulentos do reino, e de que elle foi o ultimo Abbade, por ser depois de sua morte annexado á Basilica Patriarchal de Lishoa.

Esta accumulção de beneficios, e continuadas transferencias de umas para outras Abbadias, era na verdade mui pouco conforme com as regras do direito canonico, e a antiga disciplina da Igreja; porém naquelle tempo não se olhava com demasiado escrupulo para estas materias.

Estabelecida a Academia Real de Historia Portugueza, onde se reuniram todas as capacidades litterarias do tempo, foi Manoel de Sousa Moreira chamado para fazer parte daquella erudita corporação, na qualidade de academico supranumerario, cuja nomeação elle agradeceu em uma carta tão discreta como elegante, que ainda hoje se conserva.

Foi igualmente socio de quasi todas as Academias poeticas, que não eram poucas, que existiam naquelle seculo, sendo muito estimado, e respeitado de todos os litteratos, que as compunham.

Foi Manoel de Sousa Moreira um dos nossos poetas mais favorecidos da fortuna, pois gozou sempre de perfeita e vigorosa saúde, vivendo rico, tranquillo, bem visto na côrte, admirado dos doutos, e respeitado dos povos, junctando a isto a larga vida de setenta e quatro annos, até 13 de Dezembro de 1722 em que falleceu.

E' porém de notar que um homem, que escreveu tanto como Manoel de Sousa Moreira, fosse tão pouco curioso na publicação de seus escriptos, que de todos elles só desse á luz pela imprensa:

Theatro genealogico, y panegyrico erigido a la immortalidad de la Ex.^{ma} Casa de Sousa. Paris, en la em-

prenta real, por Juan Anisson, Director della, en 1694; folio grande, com estampas.

E' natural que nem esta mesma obra se tivesse estampado, se o zêlo do Arcebispo de Lisboa, que lha encomendou, pela gloria da sua familia, se não encarregasse das despezas da publicação.

Deixou porém manuscriptas as seguintes :

Herculeiada, poema heroico, escripto na lingua latina, em doze cantos, comprehendendo os doze trabalhos de Hercules.

Diogo Barbosa Machado diz, que este poema é latino; mas o seu titulo parece indicar que foi composto em portuguez; e mais me confirmo nesta opinião vendo que o padre Francisco José Freyre (Candido Lusitano) que o havia lido, e talvez possuia copia delle, o cita como poema portuguez, accusando o author do defeito de multiplicidade de acção, cahindo assim no erro em que tem cahido muitos epicos antigos, e modernos de tomar para assumpto de um poema toda a vida de um heroe, que deve conter muitas acções distinctas. Como nunca pude vêr a *Herculeiada*, nem conheci pessoa que a tivesse visto, não posso decidir de que parte está o engano. Inclino-me porém muito á opinião de Francisco José Freyre, porque, como já disse, o titulo do poema é *Herculeiada*, que só pôde servir áquella obra sendo escripta em portuguez, ou castelhano, porque se fosse em latim deveria intitular-se *Heracleida*, e não *Herculeiada*.

Sem querer contestar a necessidade da regra citada por Francisco José Freyre, que exige a unidade de acção na epopeia, regra de que se dispensaram quasi todos os poetas epicos da antiguidade, e muitos de grande reputação entre os modernos, como Boyardi, e Ariosto, direi, que os trabalhos de Hercules, que Manoel de Souza Moreira escolheu para a sua *Herculeiada*, tractados por um poeta de imaginação tão fecunda como elle, podiam fornecer-lhe, si não um poema conforme as regras ordinarias da Poetica de Aristoteles, pelo menos um poema rico em quadros variados, e pinturas brilhantes; e mesmo não julgo impossivel combinar uma fabula com tanto artificio, que aquellas acções diversas, narradas como episodios da acção principal, viessem a fazer um todo per-

feito, e unico, como praticou Gabriel Pereira de Castro, com as differentes acções de Ulysses na sua Ulyssia. De qualquer modo que Manoel de Sousa Moreira precedesse na sua epopeia, tenho por grande penda da nossa litteratura que ella não chegasse a vir á luz.

Deixou igualmente em manuscripto:

Aventuras de Telemaco, traduzidas em oitava rima: esta traducção não passou do terceiro livro, porque a morte o embarçou de completal-a.

Poemata Varia. E' uma collecção de epigrammas e outras poesias latinas de differentes generos.

Orações, Problemas, e Discursos Academicos.

Sermões varios.

Duas orações recitadas na Academia instituida no palacio do Almirante de Castella.

Echos da Musa Translagana. E' uma copiosa collecção de poesias portuguezas, e castelhanas, que possuo, e a unica obra do author que até ao presente tenho visto, e de que apresentarei alguns extractos para fazer conhecer ao publico um poeta, de que até ao presente apenas se tem conhecido o nome.

Por estas poesias se depreheende que Manoel de Sousa Moreira foi um dos mais fecundos, e elegantes poetas do seu tempo: uma grande parte dellas é escripta em castelhano, segundo a mania dominante, e o resto em portuguez.

Imaginação viva, linguagem pura, estylo elegante, poetico, posto que ás vezes um pouco affectado, versificação corrente, flexivel, e harmoniosa formam o caracter destas poesias.

Uma das mais notaveis é um poema em romances sobre as façanhas do grande Affonso de Alboquerque; a invenção deste poema é sobremaneira simples. Todos sabem que o conquistador de Gôa, e Malacá, poucos dias antes de terminar a sua existencia, queixoso das injustiças dos homens, desenganado das illusões do mundo, conscio do muito bem que merecera da patria, escreveu a El-Rei a seguinte carta:

«Senhor, esta é a derradeira, que com os soluços da morte, escrevo a Vossa Alteza de quantas com espirito de vida lhe tenho escripto, pela ter livre de confusão des-

ta derradeira hora, e muito contente na occupação do seu serviço. Nesse reino deixei um filho, por nome Braz d'Albuquerque, ao qual peço a Vossa Alteza que o faça Grande, como lhe meus serviços merecem. Quanto ás cousas da India, ella fallará por si, e por mim. »

Tal é a idéa fundamental do poema: o poeta paraphrasea a carta do heroe, relatando em seus romances a serie dos feitos d'armas, e serviços, que elle havia feito. Alguem notará que o author escrevesse um poema heroico em versos, que o não sam. Deve porém advertir-se que elle á imitação dos antigos poetas hespanhoes, quiz formar uma epopeia popular para ser cantada nos salões, e mesmo nas praças. Que outra cousa é o Romanceiro do Cid? o de Bernardo del Carpio? do Rei Rodrigo? do Condestavel de Castella D. Alvaro de Luna? e outras muitas collecções de romances ligados uns com os outros, que com tanto gosto se lêem no *Cancionero de Romances*, e no *Romancero General*, e outras obras deste genero bem conhecidas, e apreciadas por todos os que conhecem a fundo o riquissimo Parnaso hespanhol.

O Abbade Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, equivocadamente disse, que este poema, era um *romance hendecasyllabo*, em cento e trinta coplas, quando na verdade é composto em romances outosyllabos, como se evidencia da seguintes coplas sobre o rendimento de Ormuz.

Propuz em vossos auspicios
Adornar co'a mais preciosa
Pedra do Oriente a esphera
De vossa augusta corôa.

Ormuz digo, por quem d'Asia
Com razão disse a vangloria
Que si fosse annel o mundo,
Ormuz delle a pedra fôra.

Porção da feliz Arabia,
Com magestade imperiosa,
Do mar Persico no seio
Placidamente repousa.

Seus nobres portos frequentam
Quantas naus com larga pompa
Preciosamente opprimidas
Os mares do Oriente cortam.

Para seu culto, e delicia
Nas fabricas engenhosas
O alvo Persa, o China adusto
D'Asia os mineraes esgotam.

De inexpugnaveis muralhas
Com guarnições valorosas
Seus portos, e seus presidios
Soberbamente se adornam.

A esta empreza, que algum tempo
Empenho de Asia era toda,
Com seis naus, mal guarnecidas,
Dei as temerarias prôas.

Proposto, e seguido o intento
De todos foi com tal fórma,
Que a carranca do perigo
Nos pareceu de victoria.

Da qual foi fausto preludio
Mascate, e Soar, que involtas
Em fumo, e sangue a Ormuz deram
Com linguas de fogo as novas.

Destas ruinas fazendo
Passo ao triumpho, a famosa
Vista de Ormuz foi dos olhos
Em vez de assombro, lisonja.

Assim que cheguei, saudada
Com militar cerimonia,
Lhe propuz em vosso nome
De guerra, ou de paz a escolha.

Esta admittida, hospedados
Fomos de seu Rei, que mostra
No apparato da hospedagem
A grandeza da pessoa.

Mas tarde, e mal advertindo,
Que a que vista por de fóra
Parecia paz, só era
Escravidão vergonhosa.

Ainda que a paz proposta pelos portuguezes a Ormuz, e a edificação de uma fortaleza no seu porto, importasse uma verdadeira servidão para aquelle reino, parece-me com tudo que o poeta não andou bem em fazer que Afonso de Albuquerque escrevendo ao seu Rei chamasse á sujeição de Ormuz *escravidão*, e o que é mais ainda *escravidão vergonhosa*. Não era debaixo deste ponto de vista que os capitães portuguezes contemplavam taes factos; elles pelo contrario imaginavam que um Monarcha do Oriente adquiria grande honra, e proveito em declarar-se vassallo d'El-Rei de Portugal, e pagar-lhe tributo: quando um poeta introduz a fallar homens de outro tempo, deve fazel-os expressar, não conforme as suas idéas, mas conforme as idéas delles, por erroneas que sejam, de outro modo faltará ao fim principal da poesia, que é a imitação.

Com trezentas naus possantes,
Que um mundo portatil foram
Antes no mar, que na terra
Mandon hospedar as nossas.

Acceitámos o convíte,
D'onde em tempo de sete horas
Se obraram proezas dignas
De uma eternidade toda.

Bem sei que á posteridade
Sonhos serão, mas que importa,
Si eu as fiz, o mundo as ouve,
Asia as viu, e o mundo as chora?

Vencemos em fim, e aquellas
Naus, que a pique se não foram,
Serviram de luminarias
A tão insigne victoria.

Do mar saltamos em terra,
Que assombrada, e temerosa
Temeu apagar as cinzas
No sangue, que viu nas ondas.

Mas eu, que mais que ruínas
Glorias quero, com piedosa
Atenção ouvia os rogos
Dos que humildes paz imploram.

Concedi-lha, mas com pacto
De que sobre as pedras todas
De um forte se gravaria
De seu obsequio a memoria.

Sobre os altos alicerces
Lancei, com minhas mãos próprias,
Pedras, que tanto serviram
Ao exemplo como á obra.

Era o tempo, em que os ministros
Do gran Sophi com fastosa
Exacção o annual tributo
Demandam sem mais demora.

Eu lho paguei; porque enchendo
De dardos, ballas, pistolas,
Lanças, e espadas um cofre,
Lho dei com esta resposta:

“Dizei ao gran Rei da Persia,
”Que o tributo das corôas,
”Que a Portugal reconhecem
”Só neste metal se cobra.”

Todos sabem que depois da conquista de Góá, para nella estabelecer a metropole do imperio portuguez na Asia, fazendo della a séde estavel do governo, e aproveitando a sua vantajosa situação mercantil para della fazer um emporio de todo o commercio da India propriamente dicta, nada cooperou tanto para a gloria de Af-

fonso de Albuquerque como a conquista de Malaca. Além do heroe, com esta empreza, vingar a morte de tantos portuguezes da frota de Diogo de Sequeira, ali traido-ramente assassinados; de libertar outros, que ali gemiam captivos, e vergando com o peso dos ferros, e dos mais asperos trabalhos, elle com a posse daquella praça gran-geou para Portugal grande influencia em todos os povos da Aurea Chersoneso, e abriu as portas ao commercio das Molucas, do Japão, e da China. O poeta no terceiro, e quarto cantos, ou romances, de que se compõe este poema, descreveo com muita força, e elegancia de estylo aquella famosa expedição.

Pozemos ultimamente
Termo a esta larga derrota,
D'Aurea Chersoneso um tempo
Nas remotissimas costas.

Em cujo estreito servimos
A geographia enganosa
De Ptolomeu, cujas taboas
Naufragaram nestas ondas.

Passado o canal surgimos
Na enseada, que ambiciosa
Da insigne Malaca abraça
As plantas porque a corôa.

A cuja vista nos olhos
Com suspensão temerosa
A admiração, e o assombro
Se confundem, e equivocam.

Não tanto pela estrutura
Dos edificios, que mostram
Quanto na elegancia excede
A rica Asia á culta Europa;

Quanto pela formidavel
Obstinação prodigiosa
De suas muralhas, que eram
De animado bronze todas.

E porque na fé dos olhos
Não ficasse descomposta
Uma verdade com tantas
Presumpções de mentirosa,

Preciso foi que os ouvidos
Os soccorressem na prova,
Do admiravel testemunho
De mais de quatro mil beccas.

Tanta era da artilheria
A immensa, horrisona copia,
De que a praça inexpugnavel
Guarnecia as plataformas.

A qual, disparando a um tempo,
Nos quiz parecer que rotas
As espheras, desmentiam
Dos eternos eixos todas.

E era applauso ! Agora julgue
Cada qual comigo agora
Como seria a da ira,
Si esta era a voz da lisonja.

Applauso foi, mas alheio,
Que a vista da armada nossa
Nem lhe deveu a advertencia,
Quanto mais a cerimonia.

Era El-Rei de Pao, que vinha
A render com fausto, e pompa
De Malaca á bella Infanta
O coração, e a corôa.

Tiravam seis elephantes
Sobre vinte e quatro rodas
Um carro triumphal, qual nunca
Em seus fastos sonhou Roma.

Occupava El-Rei um throno
Que ardia em chammas preciosas
De topasios, que parecem
Que abraçam tudo o que adornam.

Cujo peso soberano
Era esphera luminosa
Das soberbas galarias,
Que um quadro perfeito formam.

Nellas vinha a cõrte, e nellas
Em confusão magestosa
Vinha a riqueza sem preço,
Vinha o numero sem conta.

Real guarda repartida
Em fileiras bem dispostas,
Pomposamente adornavam
A circumferencia toda.

Quando os seis montes viventes
Com lenta, e grave demora
Do Ophyr portatil moviam
A machina prodigiosa,

Pareceu que nelles era
A suspensão magestosa
Mais que alta oppressão do juizo
Soberba apreensão da gloria.

A espectaculo tão novo,
Dividido em varias tropas,
Um, e outro sexo a milhares
A cidade despovoa.

Com razão, porque a admiravel
Estructura prodigiosa
Digno objecto era das vivas
Attenções do mundo todas.

Com tanto regio apparatus
Entre acclamações sonoras
Do estrondo marcial, que os ares
De festivo horror povoa,

Chegou ao palacio, aonde
Nas reaes attenções que adora
Do amante Rei, finalmente
Seus rendimentos soborna.

O poeta aqui judiciosamente aproveitou esta descripção das festividades feitas na recepção de El-Rei de Pao, que vinha a Malaca para se desposar com a Infanta, filha do Sultão Mahamud; em primeiro logar para lançar mais variedade na sua narrativa, e em segundo logar para nos dar idéa da grandeza, pompa, e opulencia daquella cidade, uma das mais nobres, e mais ricas do Oriente.

Nem se julgue que isto é uma invenção da sua phantasia, é facto puramente historico, referido além de outros pelo Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio nos seus livros de *Rebus Emmanuelis*, talvez a historia mais bem escripta que possuímos. Quando Affonso de Albuquerque surgiu com a sua armada diante de Malaca estava esta cidade toda occupada nos festejos das bodas da Infanta com El-Rei de Pao, e cheia de estrangeiros, que haviam concorrido para vê-las. A guerra, sempre ruim hospeda, fez para logo parar tantas alegrias, e não tardou muito que não tornasse as galas em lucto, os prazeres em lagrimas; tão rapidamente se muda o aspecto da fortuna, mesmo nas circumstancias, em que a felicidade humana parece mais segura.

Assim passou, que assim passa
A gloria humana, sem outra
Satisfação mais que a magoa
De vêr como é transitoria.

Desta verdade infallivel
Bem clara, e bem triste prova
Foi da infelice Malaca
A tragedia lastimosa.

Sobre aquelle fatal carro,
Que mais pareceu tramoia,
Em que ostentou a Fortuna
A sua imagem mais propria.

A palavra *tramoia* significa aquelle machinismo por que se operam as transformações, e mudanças de scena nos theatros; mas como na linguagem vulgar significa

tambem enredo, engano, velhacaria, e invenção para iludir, esta circumstancia a tem tornado baixa, e de ruim effeito em escriptura seria, como acontece aqui, apesar de ser termo proprio para exprimir a idéa do poeta; é necessario que fuja cuidadosamente destes termos, e outros similhantes, que não são poucos em nossa lingua; quem aspirar á gloria de escriptor correcto, e elegante, mormente quando a nossa lingua tem muitos termos mais nobres, e igualmente proprios para supprir estes.

Author fabricou o fado
Mutações bem prodigiosas,
Que muito fossem tão breves
Si as movia em tantas rodas!

Eu, vendo que a nossa armada
Ou por pequena, ou por nossa,
Devesse á attenção dos olhos
Curiosidade tão pouca,

Lha meti pelos ouvidos
Com uma salva espantosa,
Por vêr si tinha mais vulto
Em uma attenção, que em outra.

Não me enganou meu conceito,
Porque logo sem demora
Deu fé de vista, e de ouvida
A promptidão da resposta.

Desta foi nuncio um malaio
De lingoa, e de mãos tão promptas,
Que na côrte, e na campanha
Dava as leis, mandava as tropas.

Vinha o barbaro tão cheio
De arrogancia, e de vangloria
Que era ali no ar do semblante
A submissão imperiosa.

Porém vendo, ou presumindo,
No meu, senhor, uma sombra,
Que o temor, ou que o respeito
Lhe fez crêr imagem vossa,

Eu não sei o que viu nelle,
Só sei, senhor, que de toda
Aquella ambição de plumas
Se desfez n'um ponto a roda.

Deu mais força a este conceito
A ostentação belicosa
De meus cabos, que adornavam
Mais o terror do que a pompa.

Absortos os cumprimentos
A quem fez por teima, ou moda
Preciosa urbanidade
Proluxiosa cerimonia,

Me perguntou, cautelando
Seu doloso fim, que drogas
Buscava com tal perigo
Em provincias tão remotas.

Respondi-lhe, que os soldados,
Que da violencia aleivosa
D'El-Rei de Malaca presos
Davam manifestas provas,

Para a ambição portugueza
Eram prendas tão preciosas,
Que em seu valor todo o Oriente
Vilissima usura fôra.

Que estes só buscava, e que estes
Seriam sem mais demora,
Ou bem fim, ou bem principio
Da nossa, ou sua derrota.

Que os perigos, e as distancias
Que tem só por termo a gloria,
Nem o infinito as dilata,
Nem o mortal as deforma.

Foi-se; esperei; porém vendo
Que a dilação da resposta
Sobre ser pouco segura
Inda era menos airosa,

Me fiz lembrado mandando
Com uma salva espantosa
A ferro, e fogo intimar-lhe
Segunda vez a proposta.

Foi ella tão bem ouvida,
- Que não sei qual foi mais prompta,
Si a resposta das bombardas,
Si do tyranno a resposta.

Veio o Malaio, e comsigo
Trazia para mais prova
De sua fé, um sómente
Dos vinte, que presos foram.

Não quiz ouvil-o, julgando
Com graduação generosa
Que em vinte, menos de vinte
Não bastava um para amostra.

• O preso depois de feita
A narração lastimosa
Dos mais, cuja vida estava
Ao ultimo transe exposta,

Me disse, que desde o instante
Que ali demos fundo, toda
Malaca atrozmente ardia
Em prevenções bellicosas.

Não me assustou ; porém vendo
Que expedição tão ruidosa
Mais que para seu remedio
Para seu perigo fôra :

Como o baixel fluctuante,
Que por instantes soçobra,
Entre combates furiosos
Já dos ventos, já das ondas,

A um tempo me arrebatava,
Com justa violepta furia,
Dos prisioneiros a vida,
Dos inimigos a affronta.

Insigne Ruy de Araujo,
Que a meu favor nas discordias
Que teve com Dom Francisco
Sacrificou vida, e honra,

Era um dos vinte, que vendo
Que a minha inutil demora
Com salutifero aspeito
Cobria mortaes symptomas,

Me avisou lhe não roubasse
Com piedade escandalosa
A corôa do martyrio
Pela civica corôa.

Que todos estavam promptos
A derramar com fé heroica
Das vidas o ultimo alento,
Do sangue as minimas gotas.

Que si o morrer pela patria
Era em nós acção gloriosa,
Quanto mais nelles, que uniam
A uma gloria outra gloria.

Ah! magnanima, estupenda
Digna acção, merecedora
Do alto fim, a que animaste
Aquellas almas ditosas!

Que importa não conseguissem
Tão nobre intento! que importa
Se para ser admiravel
Na execução tem de sobra!

Mas pois nos échos da Fama,
Oh illustre acção prodigiosa,
Sem voz, como sem exemplo
Ficaste ou perdida, ou morta:

Seja, porque eternamente
Viva eu claro, e tu famosa,
Tua voz a minha inveja,
Men exemplo a tua gloria.

Com taes auspicios eu vendo :
Que a attenção de mais uma hora,
Assim como era já indigna
Podia ser perniciosa :

Mandei pôr fogo aos navios,
De cujo incendio as voadoras
Labaredas alentadas
Do vento que activo sopra,

Prenderam nos edificios
Cuja materia disposta
Deu pasto ás linguas de fogo,
Que activamente os devora.

Mahomet, que as fataes chammas
E aquella luz horrorosa
Do seu estrago iminente
Previu imagem mais propria,

Deu liberdade aos captivos,
Que me disseram que a frota
De Cambaia, em que levavam
Suas esperanças todas,

Se esperava por instantes
Para que unidas as forças,
Do affligido Oriente fosse
Malaca a libertadora.

D'ella surgiram no porto
Tres fragatas horrorosas,
Que com mentido pretexto
Vinham por exploradoras.

A mau tempo; porque as chammas,
Que não estavam ociosas,
Com seu incendio serviram
De exemplo, e de aviso ás outras.

A' vista de tanta injusta
Simulação cautelosa,
Antes dos ultimos transes,
Quiz tentar ultima prova.

Mandei dizer ao tyranno,
Que em satisfação das grossas
Despezas daquelle armada,
Que mais de seis contos monta,

Ou pagasse, ou consentisse
Que para o tracto da Europa,
Se edificasse em Malaca
Uma feitoria nossa.

Mas para que é perder tempo?
Si daquelle, aos ceos odiosa,
Gente infiel estavam findas
No livro do fado as contas?

Amanheceu finalmente
A fausta, felice aurora
Do Protector sacrosanto
Da inclita gente hespanhola,

Em cujos auspicios feita
A consulta, em que zeloso
Da cerimonia dos votos
Se queixou do brio a honra.

Reparto em duas esquadras
Egualmente numerosas
A armada, e nellas por cabos
Eu de uma, o gran Lima d'outra,

Que como está dividida
Malaca da candalosa
Corrente de um grande rio,
Que em partes eguaes a corta,

Preciso foi repartir-nos
A' vista da immensa copia
Da povoação, que uma legoa
Da praia, que occupa, assombra.

Communica-se a cidade
Na entrada da larga bocca
Da barra por uma ponte
De estreitura prodigiosa.

Em competidos extremos
Nella egualmente se mostra
De admiravel artificio
Inexpugnavel a força.

Sobre os ambiciosos arcos
Que parecem se remontam,
Para o triumpho, com que os mares
Impetuosamente doma,

Se viam dous baluartes,
Que um quadro perfeito formam,
Porque o porto das duas partes
Fosse inacessivel todo.

E mais sendo a artilheria
Tanta, que creio ainda agora,
Que mais a arruinou seu peso,
Do que a violencia nossa.

Nada mais exacto do que esta breve descripção do porto, e entrada de Malaca, e da maneira porque estava defendida, e fortificada. Todos os historiadores que tractaram desta guerra, concordam perfeitamente com o aqui expellido pelo poeta.

Quando vi tamanha empreza,
Julguei, senhor, sem lisonja
Ser digno emprego sómente
Da vossa angusta pessoa.

Porém já que foi preciso
Que outra fosse, escrupulosa
Não quiz a minha vaidade
Que outro me roubasse a gloria.

Por saciar do gran Lima
A grande inveja, que mostra,
Por lhe roubar o perigo
De uma empresa tão preciosa,

Lhe dei, para socegar-lhe
Estes escrupulos, outra
A' minha inferior sómente
Nas precedencias da escolha.

Desta machina soberba
Jazia em distancia pouca
Um Templo, em que competiam
Milagres, materia, e fórma.

Das soberbissimas torres,
Que excelsamente a corôam,
Parece que as meias luas
Com as do ceo se equivocam.

Era tão forte, que creio
Que a gente já receiosa
Não quiz librar sua defesa
No poder do seu Mafoma.

Sahia o sol, quando os echos
Do bronze, que horrendo informa,
Das caixas, e das trombetas
Castigado o vento atrôa.

No tempo de Affonso d'Albuquerque não havia tambores, mas atabales; e ainda que os houvesse não devia o poeta fazer que aquelle heroe os designasse pelo nome de *caixas*; pois é sabido que o primeiro que deu aos tambores a denominação impropria de *caixas* foi o Conde da Ericeira no seu Portugal Restaurado. E' isto uma inadvertencia, que produz uma inverosimilhança, e anachronismo.

Quando o marcial preceito
As esquadras valorosas
Do protector soberano
O tremendo nome invocam.

Dado o signal, e as esquadras
Divididas, porque possa
Na diversão, a defesa
Fazer-se mais duvidosa:

Occupamos as chalupas
Tão promptos, como se fôra
A evidencia do perigo
Prognostico da victoria.

Quando vi da nossa armada
Sobre quatro taboas rôtas
Todo o poder, que podera
Ser desprezo a qualquer onda,

Cedi, com que pêjo o digo!
A' immensidade horrorosa
Das esquadras inimigas,
Que um armado mundo formam:

Vi tambem com quanta causa
Para as idades vindouras
Será a fé desta verdade
Hyperbole mentirosa.

Sem duvida a Providencia
Quiz, confundindo a vangloria,
Dar nesta acção do seu braço
Outra omnipotente prova.

Saltam todos a um tempo,
E a um tempo da praia opposta
Disparou a artilheria
Com furia tão portentosa,

Que pareceu, ou que a esphera
Do fogo opprimida e rôta,
Para abraçar todo o mundo
Se desfez em raios toda ;

Ou que o cêgo horrendo abysmo
Das cavernas tenebrosas
Vomitou de fumo em globos
Da tristeza eternas sombras.

Como horrisona tormenta
Que em noite caliginosa
Sobre o pobre caminhante
Parece que os ceos transtorna,

Assim sobre nós cahiam
Naquella noite medonha,
Diluvios de ardentes raios
Dos trovões que o bronze brota.

Neste infausto, e negro abysmo
De imprecações pavorosas
A sulphurea luz maligna
Mais confunde do que informa.

Tal foi o horror, que se o vento
Que opportunamente assopra,
Do fumo não dissipara
A obstinação perniciosa,

Sem duvida que oprimidos
Da nossa confusão propria,
Livrássemos o tyranno
Do perigo, e da deshonra.

Restituída já aos olhos
A entretida luz, a novas
Illustres, grandes empresas
Risco maior nos provoca.

Era a muralha um congesto
De caducas pedras toscas,
Defendidas no conceito
Que dellas o mêdo fórma.

A cidade de Malaca não tinha muralhas, porque a opinião guerreira dos Jaos lhes não consentia edifical-as; julgando-se os mais valentes soldados do Oriente, blazonavam de que os seus braços, e seus peitos, eram bastantes para defendel-a de qualquer ataque dos inimigos. Esta circumstancia não escapou a Francisco de Sá de Menezes, o nosso segundo epico antigo, e pintor exacto dos costumes, e tradições orientaes, que no livro quarto da sua *Malaca Conquistada* descrevendo a posição daquella cidade, assim se explica na estancia noventa e duas:

Jaz Malaca, cidade das famosas,
N'um campo plaino junto ao mar, batida
Brandamente das aguas caudalosas
De um rio pelo meio dividida;
De casas de Pomona deleitosas

10 *

Da parte do sertão ennobrecida ;
Muros não fabricou, porque os despreza
Dos naturaes a indomita braveza.

Devemos por tanto entender que estes muros de pedras toscas, de que falla aqui o poeta, não eram mais que as trincheiras de terra, e fachinas, e outras fortificações de campanha, em que os Malaios haviam assentado a sua artilheria.

Si não do indignado bronze
Que na larga, horrivel pompa,
De mais de oito mil bombardas
Guarnecia a praia toda.

Para cujo assalto as brechas
Mais faceis, e mais expostas,
Dos canhões desformes eram
As horrendissimas boccas.

Todas eram necessarias,
E todas seriam poucas
Para entoar dignamente
O pregão de tanta gloria.

Desta animados, rompendo
Com temeridade heroica
Por impossiveis de bronze
Incendios para mil Troyas.

Estes *impossiveis de bronze* sam um tributo que Manoel de Sousa Moreira pagou ao mau gosto do seu tempo ; mas é preciso confessar que foi elle um dos que melhor souberam perservar-se desta epidemia litteraria que então inficionou os melhores engenhos portuguezes.

Cada qual de valôr phenix,
Das chammas abrazadoras
Renasceu, eternisando
Si não a vida a memoria.

De todos os habitantes do ar, e dos mares foram a Phenix, je a Rémore, os que mais trabalho tiveram com

os nossos poetas seiscentistas; elles em seus versos trazem sempre na casa dianteira esta pobre ave, e aquelle pobre peixe de que tinham feito o necessario, e indispensavel ingrediente das suas composições.

Sam como a hydra os perigos,
Que se a cabeça lhe cortam,
Fecunda em seu mesmo estrago,
A multiplica, e renova.

Quem dissera que vencida
Aquella machina fôra
De tão illustres perigos
Preludio, em vez de corôa?

Assim foi, pois mal pisamos
Com plantas victoriosas
Aquelle orbe ardente, quando
Novos monstros nos assombram.

Pareceu-nos que Malaca
Movia por alta força
Do encanto das suas torres
Uma fulminante tropa;

Ou que alistados os montes
Contra o ceo, faziam nova
Conspiração em despique
Da primeira fabulosa.

O poeta faz aqui allusão á guerra feita pelos gigantes aos Numes para os expulsarem do Olympo conforme lêmos em Hesiodo, e Ovidio, mas parece-me que exprimiu mal o seu pensamento, pois então não foram os montes que se alistaram contra Jove, foram os gigantes, que se serviram delles como de escadas, sobrepondo uns nos outros para subirem á morada dos Numes, o que é muito differente.

Tudo era porque eram vinte
Elephantes de tal fórma,
Que ou de torres, ou de montes
Não lhe vem a phrase impropria.

Pois sobre as vastas espadoas
As machinas prodigiosas
Vinte torres pareciam
Sobre vinte montes postas.

Vinha El-Rei sobre o mais alto
Com presença tão fastosa,
Que uma imagem parecia
De Jupiter, quando trôa.

Sobre outro vinha Aladino
Seu filho, que com pomposa
Ostentação conduzia
As catervas bellicosas.

De imperio digno era o joven,
Si a simulação traidora
Do pai o não defraudara
Da acção, como da corôa.

Todos os historiadores desta guerra, tanto naturaes
como estrangeiros fazem honrosa menção da valentia, e
intrepidez deste principe, que mesmo em tempos poste-
riores incommodou muito os governadores de Malaca com
os seus ataques, e correrias, sem nunca descorçoar-se
com o ruim resultado, que dellas tirava.

Mas já nesse tempo as settas
Em cujas ervadas pontas
Era muito mais nociva
Do que a violencia a peçonha,

Os ares inficionando
Tyrannamente mostravam
Que mantida em seu veneno
Aleivosamente vôa.

Raiva damnada infundiam
Nos feridos, mas que importa?
Si quanto era mais damnada,
Tanto lhe era mais damnosa.

Porque accrescentando as iras
Naturaes as venenosas,
Fizeram que fosse estrago
O que triumpho só fôra.

Neste pois conflicto horrendo
Em que por mais de tres horas
Teve neutral a Fortuna
Suspendida a fatal roda,

Vendo El-Rei que era impossivel
Contrastar humanas forças
A quem faz do proprio estrago
Os instrumentos da gloria;

E vendo já que o perigo
Todos os extremos toca,
Moveu dos brutos gigantes
As machinas monstrosas.

Como horrivel tempestade
Horrivelmente destroça
Da saudosa, fertil seara
As esperanças já louras,

Assim do ordenado campo
As fortes fileiras prostra
Da bruta, feroz tormenta
A violencia impetuosa.

Pois juntando estrago a estrago,
Formidavelmente mostra,
Um sepulchro em cada planta,
Um moutante em cada tromba.

O Bispo Jeronymo Osorio, na vida d'El-Rei D. Manoel, conta que os elephantes traziam espadas presas ás defensas, com que faziam grande estrago aos nossos.
Eliphanti inses dentibus adligatos gestabant, tantaque ferocia in nostros iranobant, ut antesignani pellerentur.

Osorio. L. 7.

Vasco Fernandes Coutinho,
E Fernão Gomes, que as rôtas
Desordenadas esquadras
Viram, com dôr generosa,

Vendo com heroico medo
Que era de uma sorte, ou de outra,
A resistencia impossivel,
A desistencia affrontosa :

Das consternadas fileiras
Como se contrarias foram,
Fecharam a porta ao risco
Para abrir caminho á gloria.

Pois ambos a um mesmo tempo
Fizeram via espacosa
Nas esquadras, porque ás feras
Com menos estrago corram.

E investindo pelos lados
A do Rei, que mais briosa
No risco, como no preço
Seguiu a diante de outras,

Tão a um tempo os duros ferros
Das fataes lanças se encontram,
Nas entranhas, que poderam
Bem quebrar-se ambas as pontas.

Oh gloriosamente illustres
Inclitas almas famosas,
Dignas de que o applauso vosso
Seja só vossa acção propria !

A fera, que mortalmente
Se viu ferida, tão prompta
Sacudiu do immenso pego
As fabricas espantosas,

Que se viu no mesmo ponto
Toda aquella altiva pompa
Do tyranno, entre as ruinas
Miseravelmente involta.

Quem se fia em ti, fortuna,
Si és tão falsa, que risonha
A face mostras sómente,
Para virár logo as costas?

Principes, Reis, este exemplo
Tomai-o bem de memoria,
Que o que cuidais que é grandeza,
Quando muito é só tramoia!

Não vos engane a Fortuna,
Que a sua inconstante roda
A'quelles, que mais exalta,
Sam aquelles, que mais prostra.

Da mortal dôr, pois, a fera
Desatinada, e furiosa
Voltando a tromba ás feridas
Tambem contra os seus se volta.

Seguiram-no os mais, que juntos
Sem disciplina, e sem fórma
Horriavelmente igualaram
A confusão, e a revolta.

O tyranno, a quem a sorte
Com queda mais perigosa
De seu throno precipita,
Que do seu bruto o desmonta,

Por salvar a triste vida,
Que a tanto perigo exposta
Nem achou da Magestade
Para refugio uma sombra,

Se barulhou entre as turbas,
Onde em tanto risco encontra,
Si não reparo á ruina,
Refugio em fim á pessoa.

Fiai-vos lá na grandeza,
Que em transes tão duros posta
Quanto está mais avultada
Tanto está mais perigosa.

Com esta reflexão termina o poeta o quarto canto, ou a quarta *Memoria*, como elle lhe chama, e no quinto prosegue com a narrativa da guerra de Malaca pela maneira seguinte.

Em quanto pois neste tempo
Obstinadamente choram
Os contrarios pela vida,
Os nossos pela victoria.

Chorar pela vida, ou pela victoria, em logar de *combater*, ou *peleijar* me parece phrase pouco propria; já neste tempo, ainda nos melhores escriptores, principiava a manifestar-se a decadencia da lingua, corrompendo-se a pureza da sua phraseologia, sem duvida porque os escriptores do bom seculo de D. Manoel, e D. João III. já eram pouco lidos de uns, e até desprezados de outros, porque não encontravam nelles as subtilezas engenhosas, e os brilhantes falsos da eschola de Gongora, que elles chamavam cultura, e admiravam, estudavam, e imitavam com todo o desvélo.

O illustre D. João de Lima,
Depois de fazer taes cousas,
Que dellas a minha empreza
Podéra ser invejosa :

Assaltada a artilheria,
E a guarnição, que entreposta
Obstinava na defensa
Do profano templo as forças,

Não parou até que as quinas
De Portugal sobrepostas
Nas torres das meias luas
Sacrosanto helice foram.

Eu vendo, oh ! com quanta inveja !
Que mais que o vento as sonoras
Vozes, que o triumpho acclamavam,
As bandeiras se tremolam,

Adverti aos combatentes,
Que aquelles echos, que soam,
Eram, mais que do seu triumpho,
Pregão da minha deshonra.

Que se esperavam que aquella
Consequencia vergonhosa
Da já extincta guerra fosse
Do gran Lima empreza nova,

Se enganavam, porque aquellas
Prostradas reliquias, poucas
Eram do seu braço invicto
Desprezo, em vez de victoria.

Que corressemos ao menos
Para que na patria corra
A voz de que testemunhas
Fomos de acção tão famosa.

Já neste tempo Aladino
Salvara o pai, em que mostra
Piedade, e constancia dignas
Da heroica acção com que as obra.

Logo sem cabeça um corpo
Que é? (disse) por mais que possa,
Mais que um tronco, que cortado
Só resiste nó que estorva?

Mais em formar me detive
Estas palavras, que ou louco,
Ou cego dictava a inveja
Revestida em trajes de honra,

Do que os meus, que como raio,
Desata a constante rocha
Em romper dos inimigos
A obstinação valorosa.

Que muito, si no ar foi vista
Entre luzes pavorosas
Do insigne patrão a espada
Formidavelmente rôxa!

Este apparecimento da espada de Santiago durante o assalto de Malaca é rasgo de maravilhoso da invenção de Manoel de Sousa Moreira. Pelo menos ainda o não achei mencionado em nenhum historiador. E se algum tivesse fallado nelle, é mui crível que Francisco de Sá de Menezes se houvesse servido desta idéa na sua *Malaca Conquistada* onde aproveitou com a destreza propria do genio muitas outras lendas, e tradições semelhantes.

Fez termo a mortal porfia
Da ponte fatal nas portas
Para o refugio patentes,
Mas para o perigo expostas.

Pois por ellas sem reparo
Indistinctamente envoltas,
Entraram ao mesmo tempo
A confusão, e a victoria.

A escolher morte a mais clara,
A mais digna, a mais gloriosa,
Digno theatro da minha,
Senhor, esta ponte fôra.

Perdoai, monarcha invicto,
Que esta cega ambição de honra
Si não descreve a modestia,
Pelo menos a transforma.

Mas não perdoeis, que eu creio
Que culpas tão generosas
Dignas sam da vossa inveja
Mais que da clemencia vossa.

Oh quem podera mostrar-vos,
Senhor, uma imagem propria
Daquella por tantas causas
Grande, immensa, immortal hora!

Vireis sobre aquella ponte,
Que a Fortuna como authora
Adornou para theatro
De acções tão maravilhosas,

A obstinação, e a constancia
Provam as ultimas forças
Sobre qual do acto primeiro
Fosse a primeira pessoa.

Vireis como se empenhavam
Em soccorro de uma, e de outra
A Desesperação cega,
A Valentia briosa.

Vireis de terror, de espanto
Cobrir-se a scena, em que mostra
Da morte a mais triste imagem,
Do inferno a mais negra sombra.

Vireis que a ira, a violencia
Se encontravam tão furiosas,
Que não só vêem o seu damno,
Mas, o que inda é mais, ignoram.

E vireis ultimamente
Porque parecer não possa
Fabula o que foi verdade
De evidencias tão custosas,

Uns tão briosos vassallos,
Que sem mais premio, e sem outra
Esperança mais que a morte,
Que a tão caro preço compram,

Pleitear pelo sepulchro,
Como si fosse por toda
A circumferencia augusta,
Da vossa real corôa.

Já nesse tempo Aladino,
Que com clarissimas provas
Do pai, e da patria a um tempo
Filho igualmente se mostra,

Corria impetuoso á ponte,
Como quem ser não ignora
O Paladio, em que se libram
Os fados daquella Troya.

Foi tão duro o seu combate,
E tão grande a oppressão nossa,
Que já nem para suspiros
O coração tinha forças :

Pois entre tantas angustias
A respiração medrosa
Em vez de ser ar, que anima,
Solução é mortal, que affoga.

Ah! de quantos foi alivio
O vêr que a inimiga ponta
Para respirar lhe abrisse
No peito mais uma bocca !

Neste estado pois, em que era
Com suspensão lastimosa
Da morte menos horrivel
O perigo que a demora,

Nos achou o grande Lima,
Que o ceo tomou por sua conta
Para fatal instrumento
Desta empreza prodigiosa.

Por este, e por outros trechos vê-se que o author por deferencia para com a casa de Lima, a quem talvez teria razões de fazer a côrte, dá nesta empreza a primazia a D. Manoel de Lima, mesmo á custa do credito de Afonso de Albuquerque. Os historiadores não estão nisto concordes com elle, mas a lisónja não repara nessas cousas.

O qual depois de abrazado
O templo excelso, que fôra
Vingança mais que alimento
Das chammas expiadoras :

Depois que do augusto carro
Nas lavaredas preciosas
Accendeu as fataes téas
Daquellas infaustas bodas,

Depois que a improvisa fuga
D'El-Rei de Pau foi tão prompta,
A firmar seguramente
As plantas victoriosas,

Este incendio do carro triumphal d'El-Rei de Pau, e a fuga deste Monarcha, que vendo as cousas em perigo sahiu cobardemente de Malaca com o pretexto de ir buscar soccorros, sam factos historicos.

Força foi que o fatal ferro
A abrisse então espaçosa
Que nella ambiciosamente
Se adornou do triumpho a pompa;

Porém vendo os inimigos
Ser impossivel que possa
Caber em campo tão breve
Uma tão grande victoria,

O despejaram tão promptos,
Que sem fazer cerimonia,
De salto se resolveram
A alojar-se sobre as ondas.

Sem fazer cerimonia, e resolveram-se de salto sam phrases demasiado familiares, e pouco proprias do assumpto.

A mau tempo, porque a gente
Da armada, que já de escolta
Para qualquer accidente
Deixou prevenida e prompta,

Das pontas dos crueis ferros,
Em que os espera, os arroja
Sobre as ondas, a que chegam
Já quasi feitos em postas.

E como si do Oceano
As aguas fossem já poucas
Para um naufragio nos mares,
No proprio sangue se affogam.

Restava o Malaio, aquelle
Cuja embaixada aleivosa
Nos deu motivo, e direito
Para a queixa, e para a força.

Com tanta o valente mouro
Destrissimamente joga,
Um montante, que forjado
Pareceu na fragoa Eolia,

Que como trisulco raio
Com tremulos giros corta
Os ares, que horriavelmente
De maligno Sul assombra ;

Assim, fulminando estragos
Com mortaes fendentes prostra
A quanta humana existencia
Infaustamente o provoca.

Mas o fortissimo Lima
Reputando por affronta
Que para o triumpho isto fosse
Já que não risco, demora,

Interpóz o forte escudo,
Que em tão repetidas provas
Pareceu que temperado
Foi tambem na mesma forja :

E observando um contratempo
Em que o montante deu volta,
Com movimento improvisado
Desde uma mão para a outra,

Meteu a espada, e apenas
Tocou a homicida ponta
O peito, quando co'a alma
Se viu sahir pelas costas.

A alta oppressão, em que a minha
Ficou mortalmente involta
Só respirar se podera
Por aquella mesma bocca.

Ella seja, oh claro Lima,
Quem só dignamente possa
Narrar deste braço invicto
As acções maravithosas.

Em quanto eu de absorto, e mudo
Vou proseguir a derrota,
Que a meus já triumphantes passos
Abre a tua espada heroica.

O generoso Aladino
Vendo que era acção furiosa
Querer com forças humanas
Contrastar divinas forças,

Se retirou, mas já a tempo
Em que entre as nocturnas sombras
Se equivocavam nos passos
A confusão, e a victoria.

Mercê foi do ceo, que amigo
Antecipou com piedosa
Próvida attenção da noite
As faustas propicias horas.

Pois o que a Lima acontece,
Que com aquella acção propria,
Com que vai roendo o ferro
Ou se estraga, ou se rebota.

Succedeu a meus soldados,
Que com teima generosa
Sem descanso, e sem sustento
Batalhamos desde a aurora.

Si os já prostrados alentos
Não se animaram da gloria
De seu proprio esforço invicto
Despoje infallivel foram.

Retiramo-nos á armada;
E foi bem notavel cousa
Que o que não pôde o perigo
Faze-lo o triumpho possa.

Porque a noite, e horror, o estrago
Em suspensão payorosa
De phantasmas, formidaveis
Horrendas imagens fórma.

Medo foi, porém foi medo
Do proprio valor, que agora
Do que antes fez admirado,
Disso mesmo, é que se assombra.

Elle guarneceu os postos,
Em quanto a piedade nossa
Na assistencia dos feridos
Fez a dilação forçosa.

Foi de alguns dias, e em todos
Militou por nossa conta
Do fugitivo Malaio
A consternação famosa.

Mas cobrado finalmente
Do primeiro horror, convoca
Para segunda tragedia
De Java inimigas tropas.

Malaca foi defendida pelos seus habitantes, e alliados com um furor, pertinacia, e encarniçamento igual aos com que os nossos a atacaram. Além da defesa dos seus lares, dos seus bens, de suas mulheres, e filhos, dos seus templos, e das sepulturas dos seus avoengos, os Malaioes queriam sustentar a reputação dos melhores soldados da Asia, que gozavam de tempo immemorial; pôde julgar-se por aqui que valor devia haver nas tropas, que prudencia no chefe para cometterem, e acabarem tão grande empreza; e hoje por vergonha nossa dominam pacíficos os Hollandezes nesse brilhante theatro das nossas antigas glorias! *sic transit gloria Mundi.*

E reparada a ruina,
Em cujos avanços mostra
Que a seu poder os estragos
Mais que a quebrantam, a adornam,

Novo asiático Antheo,
Com resurreição famosa,
Quiz mostrar que da ruína
Mais vivos atentos cobra.

Pareceu que outra Malaca
Della sabiu; mas que importa,
Sendo para o triumpho a mesma,
Que para a vista fosse outra?

A mesma foi, porque os mesmos
Tambem certamente foram
Os que apesar das feridas
Mal curadas, e bem rotas,

Ensinarão ao tyranno,
Com experiencia nova,
Que repetir os perigos
Foi duplicar as victorias.

Mas sendo a soberba ponte
Forte misagra, que abrocha
Da dividida Malaca
As duas partes oppostas,

Preciso foi separa-las,
Porque, ou guarnecida, ou rota,
Nellas fizessem divorcio,
Ou as armas, ou as ondas.

Era (dizei) impossivel
A empreza? Não; mas tão outra,
Sendo a mesma, que de que era
Nem sembra foi o que fôra.

Porque Mahomet, prevenido
Do seu proprio estrago, mostrô
Que de tão altas ruínas
Dignas eram só taes forças.

Contra este fero apparato
A cuja vista inda agora
O horror, que antes foi dos olhos,
Escandalo é da memoria:

Despuz uma nau soberba,
Que animando-se entre as sombras,
A' ponte, só não ao passo,
Transito á vista dar possa.

Tal era a empresa, que entendo
Bem resoluta, e bem prompta,
Disposição para o risco
Não teve acção para a escolha;

Porque os meus, que não viviam
Da vida mais que da honra,
Presentindo em meu semblante
Este, ou receio, ou demora,

Tão a um tempo todos junctos
A occuparam, porque a escolha
De que todos eram dignos
Nenhum aggravar-se possa,

Que o querer dar precedencia
De primeiros, seria força
O mentir, porque os primeiros
A'quella voz todos foram.

E mais que todos o invicto
Antonio de Abreu, que rotas
De um tiro as faces, que quasi
Lhas deixou feitas em postas,

Vendo era o cabo da empresa
Que aquella mão piedosa
Em quanto lhe ata a ferida,
Lhe retarda o risco de outras,

E vendo, oh com quanta furia!
Que haja quem tirar-lhe possa
O logar, que mais que em sangue
Estava alagado em gloria,

Levou da espada, e banhado
De sangue na illustre copia,
Que ao semblante mais que á bala
Sabir-lhe fazia a honra,

Qual forte leão ferido,
De Africana lança, mostra
Que quanto mais vida perde
Tanto mais alento cobra.

Tal o Abreu, que despresando
Com resolução heroica
A cura, que para o brio
Era então mortal symptoma,

« Si alguém (disse em mal distinctas
Vozes, que entre o sangue involtas
A lingua feita em retalhos
Mais do que articula, arroja)

« Si alguém fôr (diz) tão ousado,
« Que intente com furia louca
« Encher um posto, em que o risco
« Me fez digno já da escolha,

« Lhe mostrarei que inda tenho,
« Por mais que a ferida o estorva,
« A lingua para as palavras,
« Livres as mãos para as obras.»

Este facto é igualmente historico; com homens desta
tempera o Oriente devia ser, como foi, subjugado por
um punhado de Portuguezes.

Já nesse tempo desfeita
A carranca procellosa,
Que com furia horrenda armaram,
Conspirados ventos, e ondas,

Corria maior tormenta
A nau fatalmente exposta,
Aos fulminantes diluvios,
Que a raios a ponte arroja.

Mas apesar de tão duro
Contraste, surgiu pomposa,
Junto á ponte já assombrada
Das bandeiras que tremola.

Oh lenho glorioso, e digno
De illustrar-te entre as famosas
Imagens, de que as espheras
Luzidamente se adornam!

Aqui foi quando parece
Que a innocencia luminosa
Da esphera do fogo accesa
Se desfez em raios toda.

E aqui d'onde a lusitana
Paciencia generosa
Venceu mais no soffrimento
Do que ao depois na victoria ;

Porque os inimigos tendo
Obstinadamente postas
Da ponte no fatal muro
As esperanças, e as forças,

Provaram o ultimo alento
Com acções tão generosas,
Que esse, que mais as inveja,
E' aquelle que mais as louva.

Oh varões fortes, oh invictos,
Que dita seria a vossa
Si de tão clara ruina
A causa eclipse não fôra!

Esta reflectão do author me parece menos exacta, e pouco phylosophica ; os Malaços defendiam valorosamente a sua patria, o seu culto, e as suas familias, esta causa era justa, e honrosa, e não podia servir de eclipse ao seu valor, e á gloria adquirida em tão briosa defesa.

Em vós teve a infeliz patria
Já que não a sorte, a honra
De que de suas ruinas
Resultasse a nossa gloria.

Quizera dizer a inveja,
Mas acções tão prodigiosas
Lavradas no próprio alento
Sobre a mesma inveja vóam.

Fostes, é certo, vencidos,
Mas de sorte que inda agora,
E' o horror do vosso estrago
Temor da nossa victoria.

Tu, famoso Abreu, poderas
Dar disto evidentes provas,
Pois tens para o testemunho
Ainda abertas tres boccas.

Para o de tuas proezas
As da mesma Fama roucas,
Todas eram necessarias,
E todas seriam poucas.

E mais quando com teu sangue
Tingindo a enxarcia as cordas
Em que aos companheiros davas
Um exemplo em cada nodoa,

Com heroico precipicio
Dêste da gavela alterosa
Aquelle salto, que inda hoje
Gloriosamente sóa.

Quem de céga, e temeraria
Notou tanta acção, bem mostra
Que jámais os seus excessos
Ham de incorrer em tal nota.

Estes, senhor, sam os votos
Que o templo da Fama adornam,
Que valor mais reportado
Nunca taes milagres obra.

Neste conflicto admiravel
Com gradação protentosa
Dos ultimos os primeiros
Se viu que excedidos foram.

Porque os primeiros subindo
Com resolução heroica
Levavam só do perigo
A apprehensão na coragem posta.

Quando os ultimos á vista
Dos estragos, que os provecam,
Fazem da alheia ruina
Incentivo para a propria.

Todos foram admiraveis
Com diverso fim, pois obram
Os ultimos pelo estrago
Si os primeiros pela gloria.

Oh gran Rei, para estas vistas
Sam, ou para estas memorias
As attensões soberanas,
As reflexões magestosas.

Olhai para estes vassallos,
Que os que vos cercam á roda,
Quanto avultam em grandeza
Tanto estreitam na corôa.

Não vos leve toda a vista
A ostentação das pessoas,
Que é lastima que só sejam
Bem vistas-as mais vistosas.

Mas que haveis de vêr, si eu proprio
Com toda a vista, com toda
A attenção não devo aos olhos
A fé, que pedem taes provas?

Pois quem desde o mesmo effeito
Ha de crêr que a mais ruidosa
Acção, de quantas o mundo
Com brado immortal atroam,

Se intentasse, e conseguisse
Com poder, e armas tão poucas,
Que foi o mesmo successo
Descredito da victoria?

Ganhou-se a ponte, e é sómente
O que direi sem mais pompa,
Que os que a ganharam bem pôde
Ser que dizel-o não possam.

Ganhou-se, oh estupendo caso!
Que os testemunhos, que sobram,
Nas acções para o triumpho
Faltam na voz para a prova.

Assim foi; pois de duzentos
Que deram á empresa heroica,
Nos desperdícios da vida
Prodigalidades de honra,

Nem apenas as reliquias,
Que poderam ser de gloria,
Deram um informe á vista
De tantos que á fama sobram.

Eu, e o fortissimo Lima,
Que por partes contrapostas
Para o mesmo fim corremos
Ou para a mesma derrota,

Quando ouvimos d'entre o estrondo
Da sulphureca ardente copia
Do bronze acclamar o triumpho
Por menos horrendas bocas,

E vemos, antes não vimos,
Da real bandeira nossa,
Em mal distinctos retalhos
Umás reliquias bem rotas,

Corremos, vendo que apenas
Neutral a vista se informa,
Si naquelle movimento,
Si espedaça, ou si tremola.

Tudo era, pois para tudo
Dava horror, e dava mostras,
Da haste os mudos fragmentos,
Do braço a constancia heroica.

Contra quem, barbaros, tanta
Fazeis profusão bisonha,
A quem faz, mais que o dispendio,
O mesmo estrago preciosa !

Contra o vento tanto corpo,
Dá a vil apprehensão vossa
A um conceito ? tanto póde
Do temor sómente a sombra ?

Já neste tempo o tyranno,
Que apesar do estrago agora
Si atéqui de poderoso
De onnipotente blasona,

Por mostrar que não sómente
Para vencer tinha forças,
Que ostentou com formidavel
Reproducção prodigiosa.

Mas por ultimo despique
A um tempo alista, e convoca
Desatada esphera em raios
Derramado abyssmo em sombras.

Foi o caso ; ao repetil-o
Ou de opprimida, ou de absorta,
Em vez de informe parece
Que assombros dicta a memoria.

Que elevada a artilheria
Com resolução tão prompta,
Como se do pensamento
O bronze animado fôra,

Sobre as espadas de um monte,
Que com carranca imperiosa
De Malaca os altos muros,
Si não tyrannisa, assombra,

Em um diluvio de raios,
Em quem para estragos sobra
A violencia, que infinito
O numero fez ociosa,

Se desator sobre quantos
Edifícios a povoam,
Que assolados fabricavam
Armas da ruina própria.

Eu neste horrendo conflicto
Vendo as hostes valorosas,
Muito mais, que do perigo
Assombradas da victoria.

Fiz sobre o lado direito
Conversão, que a larga bocca
De uma rua convidava
Mais franca, ou menos exposta.

Em cuja estrada observando,
Que com ser larga, e formosa
Não se via um só, que acaso
Defendel-a ou queira, ou possa,

Mandei fazer alto a tempo,
Que uma voz clara, e sonora
Igualmente foi ouvida
Quasi das esquadras todas.

“Não pizeis da rua infame
”As pedras (diz), que traidoras
”Tanto mais o damno occultam,
”Quanto mais o passo mostram.”

Não houve algum de tão surda
Piedade, que á protectora
Voz do ceo não tributasse
Graças, e esperanças promptas.

Com que entre um, e outro perigo
Elegemos sem demora
Antes que sepulchro infame,
Desesperação gloriosa.

Pois movida de alto impulso
Por entre aquella espantosa
Nuvem de pedras, e raios
Que o bronze, e a ruina formam,

O monte escallamos d'onde
Entre os estragos, que adornam,
Dos fragmentos da ruina
Se corôou a victoria.

Esta, senhor, de Malaca
A empreza foi, e estas foram
As acções, que do author mesmô
Que as conseguiu, se desformam.

Parece-me que estes dous fragmentos poderão dar aos Leitores sufficiente idéa deste poema, singular, e de um genero novo em nossa lingua, em que o author recopiou todas as acções, e façanhas de Afonso de Albuquerque; e aquelles que acharem estas citações demasiado extensas, devem lembrar-se, que se tracta de fazer conhecer um poeta até agora desconhecido, posto que talento não vulgar, visto que os versos que neste livro depa-ram sam os unicos versos da secunda veia de Manoel de Sousa Moreira, que até hoje se tem publicado pela imprensa, tendo-se conservado até agora manuscritos, esquecidos em algumas livrarias, e por mãos de raros curiosos.

Parece-me que os dous defeitos mais salientes deste poema sam a prolixidade, que nelle reina algumas vezes, e o abuso que o poeta faz em outras dos adverbios terminados em *mente*, que sendo de si pouco poeticos, muito menos o ficam sendo prodigalisados do modo por que elle aqui os prodigalisa.

Na collecção que acima citamos encontram-se mais as seguintes composições: Prometheo, poema em lingua castelhana constante de duzentas estanças; Fabula de Venus e Adonis, tambem em oitavas, dedicada em Salamanca ao Marquez de Pliego, filho do Duque de Feria. Fabula de Jupiter e Europa, Silva. Um poema de dous cantos, e em oitavas, em que debaixo do anagramma de Manleo, nos refere alguns acontecimentos da sua vida, de uma maneira mui poetica, mas pouco clara. Eis aqui como elle designa no principio do segundo canto, o seu nome, a sua patria, e os seus estudos.

Meu nome é Manleo, meu cognome a planta
Que alimenta esse insecto mysterioso,
Que com tanto primor, com gala tanta
Edifica o seu tumulto precioso:
Outro appellido tenho, que levanta
Claro esplendor com fausto magestoso:
Mas só nas Luas tem a par das Quindas
De umas as sombras, de outras as ruínas.

Naquelle alta região, que pelo Oriente
Desta o Douro divide, em quem os montes
Que lhe dam nome, e credito altamente
Levantam juncto á esphera os horizontes,
Nasci; patria foi minha ingenuamente
A que entre os rios dous, e duas fontes
Excelsa jaz, e a quem com falso agouro
Tavora gloria deu, e nome o Deuro.

Passada a infancia, e com variada sorte
De meu pai toda a casa trasladada
Passou de Traz-os-montes para a Côte,
Patria minha segunda, e patria amada,
Ahi corada a cruel paterna morte
Dignamente por mim nunca chorada,
Decorei de bom mestre os documentos,
Do idyoma latizo os rudimentos.

Aprendidos, não sem felicidade,
Logo a universal phylosophia
Passei de Hespanha á inclita cidade,
Que é das letras emporio, e monarchia:
Nella da imperatoria faculdade
Os famosos oraculos ouvia,
Que fazer bem podiam parallellos
A's Apollineas tripodes de Delos.

Mas como o genio foi sempre inclinado
A's cultas, e suavissimas Camenas,
Delle na tenra idade arrebatado,
Pois tres lustros cabaes cumpria apenas,
Por elle fui ouvido, e celebrado

No lyceu, claro da hespanhola Athenas,
D'onde com fama, o sequito me ouvia
Orar, e presidir a Academia,

Tive muitos amigos, que a ventura
Me adquiriu, e entre todos de alta sorte
Um Gomes, claro sol da Estremadura,
E um Medina, esplendor da Iberia cãrte,
Mas sobre todos com maior cultura
Observado por mim será té á morte
Faria excelso, a quem a eschola virá
Dictar as mesmas leis, que dar podia.

Narra depois como, voltando á patria, abraçou o estado ecclesiastico, foi parochó, e entrou na casa do Arcebispo de Lisboa, que o incumbiu, como dissemos, de escrever a historia genealogica da sua familia.

O author faz sentir graciosamente o trabalho e aborrecimento que lhe custou o desempenho daquelle tarefa impertinente.

Como inexperto, facil navegante
Dos suaves galernos enganado,
Se entrega inadvertido ao inconstante
Mar, soberbo sem susto, e sem cuidado,
Quando da doce praia já distante,
Só mar, e ceo descobre, então pasmado
Com desengano nescio lá comsigo,
Tarde, e mal erê, e vê o seu perigo.

Assi engolfado eu já naquelle empenho,
Em que a ninguem jámais darei ciumes,
Quando me vi com pobre, e fragil lenho
No immenso mar de tantos mil volumes,
Que para qualquer leve desempenho
Choviam sobre mim como a cardumes,
Então foi que accusei o cego engano
De medir pelas prajas o Oceano.

Terminado este monumento de vaidade aristocratica, que sahio á luz em Paris, queixa-se o author, de que

o Arcebispo desagradecido a tamanhas fadigas, por obsequia-lo emprehendidas, e superadas, começou não só a tracta-lo com frieza, mas de modo que lhe foi impossivel continuar a servir com elle.

Até que manifesto o seu desvio
Com pesado, e incivil desabrimento,
Picado n'alma vivamente o brio,
Me pareceu vileza o soffrimento;
Com que, remindo logo o alvedrio
De um captiveiro fiel sobre violento,
Repeti por direito, e por piedade
Do postliminio a antiga liberdade.

Este o galardão foi, com que a grandeza
De um principe, que o é cousa é notoria,
Premiou a preciosissima despesa
Que fiz de tanto estudo em tanta historia.
Mas fallando verdade, não me pesa,
Pois de mais que meu premio é minha gloria,
Com despique mui nobre, e muimbarato
Me vinguei delle, pois que o fiz ingrato.

E' neste ponto da vida do author que termina o poema, a que se seguem, no manuscripto, Paris e Enone, Comedia; Paris e Helena, Comedia; Epithalamio no casamento de D. Anna de Lorena com D. Rodrigo de Mello; Endimião e Diana, Lôa nos desposqrios do Conde de S. João; Lôa ao natalicio da Condessa d'Atouguja; outra aos annos d'El-Rei D. Pedro II.; outra ao Natal; outra aos annos da Infanta D. Isabel. Esta Lôa consta que foi representada no Paço. Affectos de Psyche, e Cupido em tertia rima. Alguns sonetos (entre os quaes se contam alguns de bastante merecimento) a diversos assumptos sacros, e profanos; transcreverei alguns.

A um Crucifixo de marmore vermelho, e branco.

SONETO.

Vês esse marmore, que no monte activo
Obstinado em fortissima aspereza,
Constante despresou toda a dureza
De tanto fulminado ardor activo?

Pois vê, que docilmente sensitivo,
 Como sombra da propria Natureza
 Illustra, mais que mancha, sua pureza
 Nesse purpureo arroio successivo.

Abranda-se a dureza de um rochedo,
 E em roxa undosa veia desatado
 Se mostra em tanta lastima sensível.

E chega a ser mais duro que um pénedo
 Teu coração, mortal, pois obstinado
 Mais insensível é que o insensível.

A Alexandre, não querendo vêr a esposa, e filhas de Dario, que depois da derrota daquelle Rei da Persia, haviam ficado prisioneiras no seu campo.

SONETO.

Que acção mysteriosa te embaraça
 Magnanimo Alexandre, a que não queiras
 Vêr nessas tres bellissimas guerreiras
 Da Asia toda a delicia, e toda a graça?

E' por não aggravar da sorte escassa
 O rigor entre vistas lisongeiras,
 Ou porque de tão altas prisioneiras
 Não te cabe nos olhos a desgraça?

Bem pôde ser; e eu mais de ti confio:
 Mas penetrando mais profundamente
 Do teu peito o segredo mysterioso,

Não viste as charas prendas de Dario
 Porque da vista o pejo reverente
 Do coração foi medo valoroso.

Não direi nada do pejo reverente da vista, nem do medo valoroso do coração, porque estes, e outros quejandos modos de dizer fazem parte do dialecto poetico dos seiscentistas, e os capitulos antecedentes nos devem

ter familiarisado com elle. O que me parece mais singular neste Soneto, que não é dos peiores, é a denominação de guerreiras que o poeta dá aqui á esposa e filhas de Dario, como se se tractasse de Penthesilea, de Clorinda, ou de Bradamante, e Marphisa : Nem de Quinto Curcio, nem de nenhum outro author grego, ou romano consta que aquellas princezas tivessem parte nas fadigas da guerra. A religião do paiz lhe não permittia o exercicio das armas ; accompanharam Dario, porque quando o rei dos Persas marchava, marchava com elle toda a casa real. E' crível que Manoel de Sousa Moreira as fizesse guerreiras, influenciado pela leitura dos romances de cavallaria, em que a todo o instante se depara com mulheres que trocam o fuso pela espada, e o toucado pelo capacete.

Ao cabello de D. Leonor de Lorena, metido em uma bolça de setim preto.

SONETO.

Bolça avarenta, ingrata nuvem féra,
Que com negra prisão, com triste agouro,
Da terra escondes o melhor thesouro,
Eclypsas a mais clara luz da esphera.

Que te val condemnar com lei severa,
Que te importa enluctar com vil desdouro
Esse Ophir desatado em rios de ouro ?
Esse Sol, que eclypsado reverbera ?

Mas advertindo bem tua avareza,
Mas tua austeridade bem prevista,
Providencia foi mais que crueldade.

Pois vista a tanta luz tanta belleza,
Quantas almas teriam liberdade ?
Ou quantas attensões teriam vista ?

*A' mesma Senhora soltando os seus cabellos, que
a cobriam toda.*

SONETO.

Ambição, e não gala, é quanto ostenta
Aquella nuvem rica, incendio louro,
Pois só para occultar maior thesouro
Se desata em aurifera tormenta.

Como pôde ser gala uma avarenta
Conspiração de raios, si em desdouro
Dos milagres, que esconde, a rios de ouro
Innundar toda a luz do Sol intenta?

Si já não foi que o Sol, vendo excedida
Toda a sua ambição, da luz mais pura
De seus raios formou nuvem luzida.

E com razão, pois toda a formosura
De todo um Sol á vista de Leonida
E' nuvem, quando mais, menos escura.

Tenho por um dos melhores sonetos desta collecção
o seguinte sobre a renovação de um incendio amoroso,
que se julgava extincto.

SONETO.

Aquelle incendio, Phylis, que apagado
Presumiu a alma que no peito estava,
Como do coração se alimentava
Se occultou entre as cinzas desfarçado.

Porém como do ardor dissimulado
Ou presumida, ou nescia se fiava,
Foi repetir a origem que o formava,
Não sei se por descuido, ou por cuidado.

Mas quando a fatal causa deste damno
A memoria accusou com um suspiro,
Soprou a cinza, a quem o ar inflamma.

Oh nescia confiança ! oh cego engano !
Que aproveita dar vistas o retiro
Si dentro d'alma se alimenta a chamma !

O soneto moral a Fabio elogiando a constancia do varão forte, que resiste às tribulações, e triumpha dos desfavores da Fortuna, póde haver-se por um dos mais perfectos, que sahiram da penna de Manoel de Sousa Moreira.

SONETO.

Por mais que o mar, oh Fabio, embravecido
Contra o rochedo altivo se alevante,
Por mais que furibundo o Noto espante
A robusta altivez do cedro erguido :

Só servirá seu barbaro ruido
De o deixar mais soberbo, e mais constante ;
Só servirá sua cholera arrogante
De o deixar mais ufano, e presumido.

Mais que o rochedo ao mar, que o cedro ao vento
Sobre as injurias da inconstante sorte
Sempre igual teu espirito se eleve !

Pois todo o seu furor, bem que valente,
Se arma contra o valor do varão forte
E', Fabio, espuma vã, é sopro leve.

Entre as poesias de Manoel de Sousa Moreira que mais applaudidas foram no seu tempo, contam-se dous romances, um contendo uma carta de D. Ignez de Castro, depois de condemnada á morte, ao Principe D. Pedro ; e outro contendo uma carta da Condessa de Bولonha a El-Rei D. Affonso III., em ambos acho o defeito de serem muito extensos : eis aqui alguns trechos do primeiro.

Com o cutélo, e com a alma
Na garganta, Augusto Pedro,
Pendente de um fio a vida,
E de um fio de cutélo,

Nestes caracteres puros
Rasgos d'alma, em que funestos
Extractos traslada aos olhos
O coração deste peito,

D'alma te offereço o sangue
Para lavar limpo, e terso
As manchas, com que o das veias
Na violencia perde o preço.

Si é clara a tincta, mais claros
Sam para ti meus conceitos,
Pois tantas vezes nos olhos
Me lias os pensamentos.

Por ti, meu bem, perco a vida,
Por ti! quem viu taes extremos!
Como sendo amor a causa
Serão do odio os effeitos?

Não sinto, esposo, perdel-a
Porque fôra indigno affecto,
O sentir, sendo tu a causa,
Por quem hoje a vida perco.

Sinto que arrogante o odio
Faça ambicioso, e soberbo
De uma offerta voluntaria
Um sacrificio violento.

Sinto que a tanto chegasse
O escandaloso, impio excesso,
Que castiga em mim por culpa
O que é nos mais privilegio.

.....

Guarda pois, meu Pedro, a vida,
Porque o sacrilego ferro,
Vai para o golpe segundo
Ensaiado no primeiro.

Arma-te de minha morte
Que do aleivoso instrumento
A mim só me fêre o golpe,
A ti o golpe, e mais o exemplo.

Repara que a magestade
Não é mais que um só conceito,
Que no rei fôrma o decoro,
E no vassallo o obsequio.

Nos temerarios insultos,
Nos sacrilegos empenhos,
Vencido o horror de intental-os
E' facil o comettel-os.

Não peço, esposo, vingança,
Pois de mais em tal extremo
Tudo que se dá ao castigo
Se usurpa ao merecimento.

.....
Porque não cinja a corôa
Me corta a cabeça um cégo,
Que não vê quanto é mais nobre
A do empyrio, que a do imperio!

Que corrido, que confuso
Ficará seu odio, vendo
Que adornou para o martyrio
Quanto armou para o tormento!

.....
Não sei que nota, ou reparo
Achava ao meu nascimento
Como se fôra mais nobre
Que um estupro, um adulterio!

Tão cégo está que se esquece
Affonso Quarto que é neto
Por Dona Beatriz do Sabio,
Por D. Diniz do Terceiro.

Si a illigitimidade
Excluire os reis, bem creio
Que nem eu perdера a vida,
Nem firmara elle o decreto.

Do grande Castro sou filha,
Aquelle invicto guerreiro,
Em quem foi augusto o sangue,
Illustre o merecimento.

Não foi rei; mas si as corôas
Se deram por justo preço,
Póde ser que as dos Affonsos
Chegassem antes aos Pedros.

.....

Com meu sangue, que animado
Em Diniz, e Affonso deixo,
Podes triumphar da violencia
Em resistir ao preceito.

Nelles, oh reliquias d'alma,
Com reduplicado alento,
Quanto infelice derramo
Tanto immorta! recupero.

.....

Saiba Portugal que nunca
Entrara amor em meu peito,
Si não animara as tochas
Nas luzes de um sacramento.

.....

Não permittas que outra pedra
Mais que a do teu monumento,
Deste infelice despojo
Sepulte os tristes fragmentos.

.....

Devam-te minhas memorias
De algum fiel pensamento
O culto, como sufragio
Quando não fôr como affecto.

E lembre-te quantas vezes,
(Oh quantas!) deram meus echos,
Só de teu nome animados,
Lingua ás pedras, voz aos ventos!

Lembre-te quantas copiaram
De meus olhos, de meu peito
Lagrimas aquella fonte,
Saudades este penedo.

De suas pedras fabrica,
Meu bem, o meu mausoleo,
Que se fôr de amor sepulchro,
Será da saudade templo.

Não temas que sua dureza
Resista, porque o tem feito;
Os meus suspiros mais docil;
Minhas lagrimas mais terno.

Das lagrimas desta fonte,
Ou de meu sangue que é o mesmo,
Rubricada a pedra guarde
Estes ultimos accentos.

Este romance é acompanhado de um soneto, que contém o epitaphio de D. Ignez de Castro.

SONETO.

Aqui jaz Dona Ignez de Castro, esposa
Do Principe Dom Pedro, a quem mentida
Em fineza a traição, tirou a vida
Por fazer a innocencia escandalosa.

Ditosa culpa! e tanto mais ditosa
Quanto é mais que do estrago renascida
Phenix de amor, á morte deve a vida
Que em santa paz eternamente goza.

Cuidou o odio, logo que truncada
Dos hombros a cabeça, já não tinha
O seu logar a tal circumferencia.

Oh como a fêra acção ficou frustrada!
Pois em vez de tirar-lhe a de rainha,
Lhe accresceu a de martyr da Innocencia!

Alguns destes versos podem ser tachados de prosaicos, mas o pensamento é proprio do assumpto.

O segundo romance contém as reconvenções, e as queixas da Condessa Mathilde ao Principe que ella havia recolhido em seus estados, desposando-se com elle, e que a abandonou, desquitando-se della logo que subiu ao throno. E' escripto com muita força, mas com demasiada violencia; parece-me que o poeta teria andado me-

lhor alternando as supplicas com as queixas, os amores com as injurias, e os furores com as lagrimas, é assim que se evita a monotonia, que se interessa o leitor, e se pinta ao vivo o tumulto, e ondulação de affectos encontrados, que agitam um coração apaixonado: mas deixemos o que elle devia fazer para vermos o que fez.

Aonde indignado o Téjo
No Oceano se sepulta,
A D. Affonso, o ingrato,
Mathilde, a infeliz sauda.

Excellent exordio ! A antithese de infeliz, e ingrato acha-se aqui felizmente collocada ; é assim que se tira partido desta figura, é necessario que seja o sentimento, e não o espirito que a sugira.

Lê, prosegue ! que te assombra ?
Que te embarga ? que te assusta ?
Que presa a voz na garganta
Mais se affoga, que articula ?

A mesma sou, mas por isso
A côr no semblante mudas,
Que a ser outra, o que sam queixas
Seriam, traidor, ternuras.

Si temes, que proferido
Meu nome em tua voz, injuria
Seja dessa, que em teus braços
Meu nome infeliz escuta.

Não temás, não, pois suspeito
Que em dous extremos fluctua,
Que é mui notoria a infamia,
E é mui descarçada a culpa.

Antes cuido que o receio
Que internamente a estimula,
Troque os sustos com que teme
Nas vanglorias, com que triumpha.

.....

Mas porque acaso ignorante
Póde estar da fé perjura,
Com que o pacto sacrosanto
Sacrilegamente annullas :

Saiba que só dos fragmentos
Do laço, que rompe, ajunta
Extremos, que bem unidos,
Atam, mas não asseguram.

Saiba que a tua impiedade
Faz nas traições, que executas,
Do escandalo da primeira,
Exemplo para a segunda.

Saiba, ou não saiba, pois creio
Que para sempre ser tua
A não valer-lhe o ser outra,
E' bastante o ser injusto!

Mas quem ha de crêr que Affonso
O sabio com torpe usura
Um reino dê, porque a filha
Vilmente se prostitua?

.....
Herdeira fui de Bolonha,
Antiga porção augusta
Do reino, que de tres flores
A alta diadema circula.

.....
Quando o grão Filippe Augusto,
Que attento emendar procura
No segundo filho a sorte,
Que lhe negou a fortuna,

Para esposa de Filippe
Me elegeu, que fino estuda
Dar a tão mimosas flores
Toda a attenção na cultura.

Tão conformes pois vivemos
Em quanto Deos quiz, que nunca
Nem eu soube o que eram queixas,
Nem elle o que eram desculpas.

Mas esta inimiga sorte
Em nenhum tempo segura
Póde vêr em paz um dia
As durações, e a ventura.

Invejosa de que o mundo
Visse em paz firme, e diuturna
Essa alma, a quem só a morte
Fez parecer que eram duas,

Ma arrebatou, perdoando
A' inutil porção caduca
De uma vida tão infausta,
Que ficou para ser tua.

Mal enchugava nos olhos
Lgrimas, que em dôr tão crua
Poderam ser infinitas
Mas não poderam ser muitas.

Quando estas razões de estado,
Que com politica injusta
Fazem razão da violencia
Para authorisar a injuria,

Quizeram, ou quiz meu fado,
Para maior desventura,
Parecesse eleição minha
O que foi violencia sua.

De todos os que a meu dote,
Mais que a meus dotes, em cultas
Vivas attensões votavam,
Ou a fineza, ou a usura,

Tu só pudeste em meu peito
Accender chammas tão puras,
Que parece as eternisa
A propria dôr, que as sepulta.

Por ti, ingrato, as fieis memorias,
Na propria alma, d'onde inclusas
Pareciam ser eternas
Pareceram ser defuntas.

.....

Ah traidor ! como poderam
N'um mesmo peito estar junctas
Com a traição a fineza,
Com a crueldade a brandura !

Deixas a esposa, destino
Póde ser da sorte dura,
Que os delictos apadrinha
Das violencias, com que insulta.

Nem meu poder permittira
Que com queixas importunas
Accusasse na desgraça
Por cúmplice a formosura.

Mas que um pai aos proprios filhos
Com fereza mais que bruta,
Não só como extranho deixe,
Mas como inimigo fuja,

Quem sem escandalo o crêra ?
Sinão depois que confusa
Viu a natureza uma alma
Tão perversa como a tua ?

E' ponto de historia mui duvidoso que D. Affonso III. tivesse filhos da Condessa Mathilde de Bolonha; antes a sua infecundidade lhe serviu de desculpa, ou de pretexto para o divorcio, passando a segundas nupcias. E' com tudo certo que pela morte d'El-Rei D. Sebastião, entre os candidatos, que pertenderam a corôa de Portugal, houve alguem que pertendeu deduzir seu direito á successão como descendente de D. Affonso, e da Condessa Mathilde; e esta circumstancia basta, me parece, para justificar a asserção do poeta neste lugar.

.....
Tu de Affonso filho ! mentes;
Que tão infame creatura,
Parto foi supposto, e parte
D'uma esphinge, ou de uma féra.
.....

Diga-o Sancho, que fugindo
Trocou com sorte importuna,
Pela purpura a mortalha,
Pelo throno a sepultura.

De attento, e não de covarde
Te fugiu, que em tanta injuria,
Pois não pôde a tyrannia,
O fratrecidio se escusa.

Mas não só te fez o gosto,
Que a infame crueldade tua
Já não lhe agradam delictos,
Que circumstancias não mudam.

Violadas as leis humanas
Te pareceu que era nulla
A violencia, se ficassem
As divinas completas.
.....

Que importa que no seu dote
A nova consorte intrusa
Alargue mais da corôa
A circumferencia augusta?

Si finalmente de quanta
Terra ambicioso accumulas,
Te ha de sobrar toda, menos
A que em seis palmos se funda?

E' certo que seis palmos de terra bastam para fazer uma sepultura; que o maior monarcha do universo, depois de morto não possui mais terreno que o coberto pelo mausoleo em que descançam seus ossos; mas em quanto vive, será para elle o mesmo ser senhor da Ilha de Corsega, ou da Inglaterra? do reino de França, ou do ducado de Modena? Parece-me bem que não; e que D. Affonso podia mui bem responder á Condessa: si isso é assim, si tudo está no terreno que havemos occupar depois de mortos, para que fazes tanta diligencia para entrares na posse de Portugal? Por ventura Bolonha

não póde fornecer-te seis pés de terra, em que sejas sepultada? Tomo a questão nos termos, em que o poeta a apresenta, e não tracto de averiguar se D. Affonso fez ou não bem abandonando, depois de rei, aquella que recebendo-o por esposo o havia feito principe soberano em um paiz estrangeiro. E' esse um assumpto theologico-politico, em que mui de proposito não quero intrometer-me.

.....
Vê quam precioso é teu odio,
Pois com immensa jactancia,
A alma, a fama, a vida, a gloria,
Que por mim perdeste, custa.

E pois estes innocentes,
Em quem a fereza tua,
De prendas da natureza
Fez abortos da fortuna,

Não são teus, estes cachopos
Sobre quem do mar a força
Altamente se dobrava,
Em cholicas espumas,

Os perfilhem; porque ao menos
No meio da desventura,
Que os condemna, ao deshumano
O insensivel substitua.

E os que esta acção condemnarem,
Saibam, que a Mathilde nunca
Está bem ser mãe de filhos
Que Affonso nega, ou recusa.

E continua até ao fim no mesmo tom, e remata com as tres estrophes seguintes.

Fugindo irei dando vozes
Contra o ceo; pois com injusta
Piedade a vida de um monstro
Ou ampara, ou dissimula.

E depois que ás mãos do fado
As odiosas ligaduras
Deste despojo infelice
Ou se rompam, ou desunam,

Te ha de perseguir, ingrato,
A indignada sombra nua,
Na vida como tormento,
E na morte como Furia.

Parece que o poeta tivera aqui em vista os seguintes versos do canto IX. da Jerusalem Libertada de Torquato Tasso.

Fia con memoria eterna
De la mia offesa eterno anco lo sdegno;
Risorgeri nemico ognor più crudo,
Cenero anco sepolto, e sperto ignudo.

Manoel de Sousa Moreira tambem deixou algumas poesias em estylo jocoserio, entre as quaes se destingue uma silva contendo a descripção da Torre-velha, em que ha trechos muito engraçados, mas em que o author emprega, ás vezes vocabulos pouco decentes, que provam a pouca delicadeza dos nossos avós quando se tractava de fazer rir, de que sam boas testemunhas as operas do desgraçado Antonio José da Silva, e os entremezes que fizeram as delicias do nosso theatro, mesmo no tempo de el-Rei D. João V., e D. José I.

Donde soberbo o Téjo ao Oceano
Do imperio de cristal claro tyranno,
Manda mais, que tributa,
Pois em todos seus moveis executa,
Quando ambicioso alista
Vaidosos batalhões para a conquista:
Tão rico que Neptuno de admirado,
De vêr seus cabedaes fica areado;
Mas que muito si corre em suas veias
Prata com agna, ouro com areias!
Jaz a mui venerada Torre-velha
Com quem não tem parelha
A mesma eternidade:

Digo que jaz, e digo-o com verdade,
Pois diz quem por cem seculos déscorre,
Que cadaver do tempo é esta torre,
 Pois mal se determina
 Si é tumba, ou se é ruina ;
Nos estragos, que mostra nos ensina
 Que já foi edificio !

Nesta não vemos o mais leve indício
Do que é, nem do que foi ; pois a mofina
Não mereceu a Deus nem ser ruina,
Que si aos destroços do edificio nobre
Talvez a hera abraça, a herva cobre,
Esta inutil, phantastica chimera,
Porque era não tem já, já não tem era.

As sujas fraldas desta velha immunda
 Tão corrido as innunda
O pobre Téjo, e tão envergonhado,
 Que antes que o mar salgado
 A vomita-lo saia,
Os cachopos gritando lhe dam vaia.

E bem que o rio intenta com clareza
 Mostrar sua limpeza
O mar disto com tudo lhe faz cargo,
E depois de o fazer passa de largo.
Manda lhe que a seus reinos não se assome,
Sob pena de perder ou vida, ou nome ;
Porque neste ourinol, que não é casa,
Diz que a maré não enche, porém vasa,
 Que segundo collijo
 E' a maré do mijo.

Ai ! que já me esquecia a parte donde
Ou morta jaz, ou timida se esconde ;
 Foi descuido com arte,
Porque a tal torre cahe a toda a parte :
Mas si a geographia me não mente,
Jurara que cahia ao Occidente,

E o meu conceito fundo
Em que d'onde ella jaz se acaba o mundo.

Pela parte da terra,
Si é que teme outra guerra,
Mais que os eternos damnos,
Do longo, e duro assedio de seus annos,
Tem um fosso esta antiga fortaleza,
Obra da natureza,
E obra pia, pois provida procura
Dar-lhe, em vez de reparo sepultura,
E se algum judicioso der matraca
Por lhe chamarem fortaleza fraca
Saiba, que um engenheiro, (e que engenheiro!)
Affirmou muito inteiro
Que a pesar do presidio, e sentinellas
Conquistar-se podia ás mijadellas,
E é bem grande fraqueza
Que a tiros taes se renda a fortaleza.

Depois de pintar o estado miseravel da ponte levadiça, das portas, e da guarda, cujos soldados lhe parecem frades, continua :

Da fortaleza a barbacan não vendo,
Perguntámos tremendo
A um d'aquelles, cadaver penitente :
Mas elle de impaciente
« Ociosas (disse) sam essas demandas,
» Em quem vê tantas barbas venerandas,
» Quando sabem que nellas tem Sua Alteza
» A mais inexpugnável fortaleza,
» Pois apesar de tanto louco abuso
« Si não forem da moda, sam do uso. »
Disse, e com passo tremulo voltando,
Ficou barba, e cabeça meneando,
E ao seu compasso os mais com gesto inteiro
Se moveram ao som do companheiro;
Em quanto nós, guiados do sargento,
Fomos com passo lento
Proseguindo a viagem
Para a nefanda torre da homenagem.

E' o sargento um satyro barbado;
De um lascivo semi-capro gerado,
Em uma cepa havido,
Por virtude de Bacho produzido,
Pois mostra em sua traça
Em corpo de odre uma alma de cabaça.

Esta pintura do sargento, nascido por intervenção de Bacho de uma cepa, e de um Satyro é sobremaneira bu-fona, e original.

O salão da torre da homenagem, e os mais quartos interiores não os acha o poeta em melhor estado.

Vencida pois a entrada,
Que não a póde haver mais bem lançada,
Na sala entramos, e depois de entrados,
Ficamos encantados;
Pois logo que subimos.
Mil cousas más na dita sala vimos:
Não é muito formosa,
Porém é tão airosa,
Que nella deu um día.
Ao sior tenente um ar de parlezia,
Com que ficou de um lado
Mal affeito, porém bem inclinado,
E com haver-lhe a casa merecido
Já desta injuria em parte está esquecido,
Mas como é tão catholico tenente
Se esquecerá de todo brevemente.

Não fallemos nas casas interiores,
Que para seus louvores
A língua se suspende;
Mas, si alguém nos attende,
Saiba que nestas casas tão estranhas,
Seu solar tem os ratos, e as aranhas,
E dellas os alumnos são mais graves
Infame turba de nocturnas aves,
Infaustas queixas, funebres gemidos,
Dos corvos, e das gralhas, nunca ouvidos
Aqui foram jámais, que as suas vozes

Bem que horriveis, e atrozes,
 Com gemidos impuros
 Os males pronosticam só futuros :
 Porém nestas cavernas pestilentes
 Todos, todos os males sam presentes,
 Mas bem que os padecemos,
 E' certo que os não vemos,
 Porque a sol a esta lugubre espelunca,
 Pallido chega, ou tarde, ou mal, ou nunca.
 Talvez temendo insultos
 De quem co'a noite tem tractos occultos.
 Pois nos horrores francas
 A' luz fazem carrancas,
 E se algum raio timido entra nellas
 Anda ás apalpadellas.

A esta censura do ruim estado da torre juncta o poeta outra relativa á sua falta de munições, e dos petrechos necessarios em toda a fortaleza para poder servir para alguma cousa.

Sobre os esteréis, barbaros rochedos,
 Que ainda estando quedos
 Um atraz do outro ao mar se precipita,
 Só por fugir talvez desta maldita,
 Cabia uma janella,
 Nem commoda, nem bella,
 Que sendo de sacada
 O tempo mais que a arte a fez rasgada.

A ella uma tarde nos pozemos, quando
 Entrou, o mar sulcando
 Uma nau, e depois que com grandeza
 Salvou de São Gião a fortaleza ;
 Com airoso despejo
 Cortou do claro Téjo
 A prata falsa, que com liga corre,
 Se pôz defronte de uma, e outra torre,
 Dando salva real a artilheria :
 A torre de Belém com magestade
 Ouvida a militar urbanidade

Fez, respondendo logo,
Docil o bronze, e cortezão o fogo,
Repetindo os cortejos militares
Com voz os montes, com a lingua os mares.

Ficamos admirados na verdade
De vêr que sendo tanta a antiguidade
Desta torre, sem della fazer caso
Passasse ávante o peregrino vaso;
 Porém logo o tenente
 Nos disse em tom doente,
Moralisando tudo em um suspiro,
"A uma velha quem ha de fazer tiro?

Mas que importa que as naus sem fazer conta
Passassem, si até um barco nos affronta!

 Pois gritando o sargento
 Com descomposto alento
 A um barquinho d'Alfama,
Nem celebre por nome, nem por fama,
 Que se chegasse á falla,
Ou chegar o fariam c'uma bala,
Os pescadores com galhofa, e bulha,
 Fervendo em viva pulha,
 Responderam de baixo,
 Deixando quando nada

A torre a dous carrilhos empulhada?

 Perguntei admirado
Porque razão não tinham disparado
Contra aquelles immundos pescadores?
Ao que o sargento respondeu: "Senhores,
Como a torre sómente está *ad honorem*,
Tambem estão as armas *ad terrorem*.

Quando uma torre não corresponde por falta de pol-
vora á salva dos navios, que por ella passam; quando
pela mesma causa não póde obrigar um barco de pesca
a ir á falla, é necessario que o desmaselo militar te-
nha tocado o seu auge; presumo que estes trechos bas-
tam para fazer conhecer aos leitores esta composição.

No manuseripto que eu possuo tem esta silva o seguin-

de titulo: Descripção da Torre Velha em occasião que nella assistia o author, *muito contra sua vontade*.

E' certo que esta ultima clausula parece indicar que o author alli estivera preso, mas nem os seus biographos fallam em similhante prisão, nem da leitura da obra se deprehende isso claramente: acaso este poema não será de Manoel de Sousa Moreira, pertencendo a outro que alli estivesse preso? Em collecções manuscritas é mui facil que se insiram escriptos alheios aos authores a quem ellas pertencem, mas tambem pôde ser que a phrase *alli assistir contra sua vontade*, designe que elle alli morasse algum tempo em qualidade de capellão, e que aquella vivenda lhe desagradasse. Alguem virá que possa elucidar esta duvida, que por agora é para mim indissolúvel.

Outra composição jocoseria, que me parece de melhor gosto, é um romance hendecasyllabo, que o poeta dirige em nome de algumas religiosas de certo convento de provincia, a um corregedor, que não contente de ter prendido os freiraticos, que as namoravam, as havia tambem prendido a ellas, formando-lhes culpa por namora-deiras.

Famoso imitador daquelle augusto
Preclaro Imperador, a quem Minerva
Por gloria da Romana monarchia
Honrou com a melhor jurisprudencia :

Vós, a quem cuidadoso o reino luso
Lá donde o Douro espera, o mar se alenta
Para abono maior do seu governo,
Suspira pela vossa intelligencia :

Suspendei por um pouco a soberana
Rectidão, a que o genio vos eleva,
Pois nunca do discreto foi deslustre
Render á formosura attencões bellas.

Umas presas ouvi, que á doce culpa
De amor se vos confessam já sujeitas,
Mas si presas acabam como amantes,
Não é razão, que morram de indefesas.

Ouvi-nos, já que quiz a nossa dita,
Que essa que proferiu recta sentença,
Sendo da culpa nossa originada,
Pelos rasgos se escreva dessa penna.

Bem sabemos, senhor, que em ser amantes
Os dictames se encontram da lei regia,
Mas si, amando se offende o rei das quinas,
Não querendo se ultraja o rei das flexas.

Argumento fazei, e vêde agora
Adonde pôde dar-se mais offensa,
Si negando os decoros ao divino,
Si faltando ás humanas obediencias.

O rei, que como rei as leis intima,
Como homem tambem as leis modera,
Pois fôra injuria grande á regia prole
Saber negar-se ás leis da natureza.

Não é crime o amar, porque se o fôra,
Não houvera no mundo, não houvera
Para tanto aggressor tanto supplicio,
A tanto criminoso já cadeias.

Maior culpa se julga a ingratição,
A isempção mais delicto se contempla,
Que o diga Daphne convertida em louro,
Conte-o Anaxarte transformada em pedra.

De Cupido ao imperio não ha vida
Que com ancia gostosa se não renda,
Porque inda que o seu arco é arco de ouro,
Tambem são suas flexas doces flexas.

Esse deos, que no Olympto vibra raios,
Tributario se vê da sua venda,
Ou já mentido em touro por Europa,
Ou convertido em cisne já por Leda.

Tambem o deos da guerra, Marte digo,
Por amar não sentiu as indecencias,
Que á sua divindade fabricaram
As vingativas de Vulcano idéas?

Pois si os deoses, senhor, com modo grato
Fazem timbre d'amar tanto a belleza,
Como pôde eximir-se um peito amante
Do que uma divindade se glorea?

Não se eximiu de amar o pastor regio
Que decidiu das deosas a contenda,
Pois porque em Troya visse o Sol, que amava,
Para Troya roubou o Sol da Grecia.

Não se livrou de amar aquelle godo
Por quem Hespanha ainda se lamenta,
Pois por lograr agrados de Florinda
Perdeu o reino, e a vida em dura guerra.

Que Rodrigo, o ultimo rei dos godos, perdesse a corôa, e o reino na funesta batalha de Guadalete, é facto que não admittre duvida, mas que alli perdesse tambem a vida tem contra si a authoridade da maior parte dos historiadores, que o dam escapado do combate, e terminando seus dias fazendo vida monastica, e austera penitencia dos seus peccados: um dos quadros mais eloquentes de Frey Bernardo de Brito é aquelle em que nos pinta Rodrigo fugitivo, coberto de pó, e de sangue, desfallecido de fome, e de cançasso, entrando em um convento de que haviam fugido quasi todos os monges, levando comsigo o thesouro, e paramentos sagrados, ajoelhando diante de um altar desornado, chorando, e suspirando até perder os sentidos.

Tambem tenho para mim, que o serem os amores de Cava, ou Florinda a causa dos mouros invadirem a Hespanha, é uma das muitas fabulas enxertadas na historia. Pelo menos nenhum dos historiadores arabes, tão exactos sempre na exposição dos factos, faz menção de semelhante successo. Creio que esta Helena hespanhola, foi copiada da Helena grega. A pedantaria dos chronistas peninsulares foi por muito tempo cuidadosa de accommodar os factos da historia patria aos successos da biblia, da historia antiga, e da mythologia; serme-hia mui facil provar esta asserção comparando muitos factos em que visivelmente se conhece este systema futil de historiar.

Nosso amor não causou estrago tanto,
Como o que Hespanha viu, e Troya encerra,
Que inda que o nosso affecto é fogo activo,
Não é fogo que lance labareda.

Amâmos, mas a nossa inclinação
No nosso rendimento é tão attenta,
Que transcendendo as raias de extremosa,
Nunca passa os limites da modestia.

Queremos, porém é tão recatada
A adoração, que o peito em si conserva,
Que os insultos, que faz, só no silencio
Os póde comprehender a intelligencia.

Com que assim não julgueis, não, como crime
Attenções, que sam filhas da fineza,
Porque poderá ser em vós delicto
Tudo aquillo, que em vós não fôr clemencia.

Lembraí-vos que sois homem, não ministro,
Do favor vos lembrai, e não da beca,
Porque mais lustre póde grangear-vos
Uma piedade grande que a inteireza.

Vêde que quem vos roga, e quem vos pede,
Sam umas formosuras, que estão presas,
E sempre passou praxe de preceito
Rogativa que fez uma belleza.

De tudo que fica exposto resulta, segundo me parece, que Manoel de Sousa Moreira foi escriptor muito instruido para o seu tempo, poeta de rica imaginação, fecundo, elegante, e pouco iscado dos vicios do eclectismo comparativamente aos seus contemporaneos : que as suas obras merecem bastante attenção dos amadores da poesia ; e que seria muito para desejar que alguém se lembrasse de publicar pela imprensa não só as suas poesias lyricas, e poemetos, como o Prometheo, Venus e Adonis, Cupido e Pshyche, mas sobre tudo a sua epopeia da Herculeida, ou os Trabalhos de Hercules, em que o author teve logar para melhor desenvolver o seu talento poetico, e a sua erudição.

CAPITULO II.

Troylo de Vasconcellos da Cunha.

Nasceu na ilha da Madeira, no anno de 1654, no tempo que seu pai, Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, alli exercia o lugar de governador, para que fôra nomeado depois de haver sido Mestre de Campo de Olivença, e Capitão Mór das naus da India.

Troylo de Vasconcellos da Cunha estudou com grande aproveitamento não só as letras humanas, mas a theologia, em que foi tão versado como se vê do seu poema o *Espelho do Invisível*.

Deu-se igualmente ao cultivo da poesia, em que adquiriu grande nomeada entre os seus contemporaneos, sendo membro de muitas Academias, em que era muito estimado dos socios, applaudido, e respeitado.

Chegando á idade de entrar no serviço publico foi declarado Fidalgo da Casa Real, e Secretario da Junta dos tres Estados, emprego que exerceu dando multiplicadas provas de sua aptidão, probidade, e desinteresse, merecendo por isso a estimação de todos os membros que compunham a sobredita Junta.

Alguns annos depois contrahiou matrimonio com D. Monica da Silva Coutinho, pessoa de boa linhagem, e, segundo dizem, dotada das mais bellas, e amaveis qualidades.

Deste matrimonio nasceram ao poeta tres filhos, e duas filhas, a saber :

Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, que foi moço fidalgo da Casa Real, e que teve por mulher a D. Philippa de Menezes, filha natural de D. Henrique de Menezes, filho de D. Jorge de Menezes e Tavora, Viador da Casa das Rainhas D. Maria Sophia, e D. Marianna d'Austria, esposa d'El-Rei D. João V., e depois Governador

da Torre Velha, e de D. Brites Francisca de Mendonça, filha de Henrique de Sousa Tavares de Arronches.

Outro Bartholomeu de Vasconcellos, que abraçou o estado ecclesiastico, tomando a roupeta da Companhia de Jesus, e além de servir differentes cargos daquelle congregação, foi escolhido para confessor do Patriarcha de Lisboa,

Rodrigo de Vasconcellos, que como o antecedente seguiu a vida religiosa, e tomou o habito da Ordem da Santissima Trindade da remissão dos captivos.

E finalmente D. Antonia de Vasconcellos, e D. Guimar de Vasconcellos, que ambas tomaram o véo, e professaram no mosteiro de Santa Clara desta cidade.

De todo o expendido se collige claramente que a vocação para o monachismo era enfermidade endemica da familia deste poeta, pois de cinco filhos que teve apenas o primogenito se conservou no estado secular; e como não seria assim, si naquelle tempo era doutrina corrente, e altamente pregada pelos frades, porque assim lhes convinha, que a porta de um claustro era estrada coimbrã, e segura para o reino dos ceos, e que o habito de qualquer ordem dispensava os merecimentos, e as virtudes?

Posto que nos conste que as obras de TROYLO de Vasconcellos da Cunha foram mui numerosas, tanto em prosa como em verso, e que especialmente estas corresseem largamente recitadas nas Academias, e manuscriptas pelas mãos dos curiosos, é certo que só duas viram a luz publica, a saber:

Justino Lusitano, ou traducção de Justino da lingua latina para a portugueza. Lisboa, por Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, 1726, folio.

Esta traducção é geralmente fiel, em linguagem pura, e não desprovida de elegancia. E' hoje mui rara, e por isso pouco conhecida, mesmo dos litteratos.

Espelho do Invisivel, em que se expõem a Deos, um e trino, no throno da eternidade, as divinas idéas de Christo, a Virgem, o ceo e a terra. Lisboa, por José Lopes Ferreira, 1714, em 4.º

O titulo bastante gongoristico deste poema é natural que indisponha os leitores actuaes, e que o assumpto tambem os não convide a examinal-o: com tudo elle foi

recebido com grande applauso pelos contemporaneos, que em geral se interessavam muito por tudo que tinha relação com a religião: além disso era uma carreira nova, que o author abria com este poema didascalico, o primeiro que apparecia na nossa lingua.

Seria muito para desejar que o poeta tivesse tido o cuidado de enfeitá-lo com algumas digressões, e episodios, que interrompessem a monotonia do assumpto, e austeridade da doutrina, tirando assim ao poema o ar de um tractado, que nelle se faz demasiado sentir, este defeito lhe é commum com todos os poemas da latiniidade moderna especialmente os escriptos por Jesuitas, que sam innumeraveis: desviaram-se nisto da boa pratica dos poetas gregos, e romanos, que composeram poemas didacticos, ou didascalicos. E' pelos seus brilhantes episodios, pela descripção da peste de Athenas, do amor physico, e outros, que Lucrecio temperou a aridez das suas doutrinas epicuristicas, e dos seus atomos turbilhando no espaço. E Virgilio tratando um assumpto muito mais ameno, e popular, qual era a agricultura, não se descuidou de adorná-lo com a descripção do inverno de Scithia, dos agouros que precederam a morte de Cesar, e com o episodio de Aristeo, o mais formoso trecho deste genero, que nos legou a antiguidade.

Outro defeito do *Espelho do Invisivel*, é, quanto a mim, a falta de elegancia do estylo, e o pouco apuro da linguagem, que decahe algumas vezes em termos baixos, e prosaicos.

Não está porém o author tão desprovido de talento, e de imaginação, que ás vezes não apresente repetidos trechos de excellente poesia: eis aqui como elle no canto I. exprime as noções theologicas ácerca da divindade.

Aquelle raro Phenix Africano,
Entrando do que é Deos no fundo abysmo,
Achou ser tanta empreza ao ser humano
Mortal do entendimento paroxismo;
E advertido do sabio desengano
Deixou por memoravel aphorismo
Que só o que Deos não é póde explicar-se,
Mas o que é Deos não póde declarar-se.

Crêr na gloria o mais puro, e reverente
Dos Deoses vãos, que tinha por suprema
O romano politico eminente
Deixou por admiravel apothema.
Discorrer do divino o preeminente
Ensina que o juizo humano tema,
Por vêr que á luz divina incomprehensivel
Chegar a luz mortal era impossivel.

Mas si do racional cabe no lume
Que ha Ser que sobre o mundo predomina,
Não é o discurso vão, de quem presume
Subir á esphera dessa luz divina.
No discurso mortal do immortal Nume
Só admira o resplendor, que não declina,
Que como ardor immenso, e lume vivo,
Quanto cêga, illumina o discursivo.

Haver principio eterno omnipotente
Se acredita evidencia tão notoria,
Que barbara nação, nem séra gente
Ha, que lhe negue de primeiro a gloria.
O ceo com tantos astros refulgente,
E' patente padrão, clara memoria
Que insinua aos mortaes mudo, elegante,
Do creado uma origem relevante.

Não ha gente que indomita resuma
A habitação ao bosque, á gruta, ao monte,
Que da razão guiada não presuma
Que ha Ser Divino do creado fonte :
Mas querendo subir á esphera ~~summa~~
Cêgo com tanta luz como Phaetonte,
Errando adorações, e sacrificios
Cahiram em diversos precipicios.

Quem reparar no adorno, no concerto
De quanto ostenta o ceo, e o mundo encerra,
No ponto fixo, no constante acerto,
Com que os orbes se movem sobre a terra :
As influencias observando experto,

Do tempo a roda, que estações não erra,
Verá que ordem tão certa, e verdadeira
Tem sobrenatural causa primeira.

Não ha vivente racional, ou bruto,
Ou vegetavel seja, ou sensitivo,
Pedra, fonte, metal, flôr, planta, ou fructo,
Que não seja pregão de que ha Deos vivo.
Do Eterno Ser magnifico tributo,
E' tanto ser creado successivo,
E tudo testemunhas repetidas
De uma primeira vida das mais vidas.

Maior bem, ou melhor do que Deos seja
Não póde imaginar o pensamento,
Sobre quanto a vontade mais deseja,
Sobre quanto mais vóa o entendimento,
Posto que manifesto á vista esteja
Do que fôr mais subtil, agudo, attento,
E' impossivel que seja descoberto
Da agudeza do lince mais experto.

Deos aos olhos corporeos invisivel
Que o vejam aos do espirito concede,
Gloria da faculdade intelligivel
Por onde o humano ao mais creado excede:
Oh d'alma privilegio incomprehensivel,
Que essas distancias infinitas mede,
Preparada daquelle eterno lume
Que expõe á luz mortal patente o Nume.

Em Deos tanta divina preeminencia
Que sobrenatural o mundo admira,
E' natural a sempiterna essencia,
E a não ser natural não se admittira:
O sobrenatural por excellencia,
Só como natural lhe competira,
Por que do Ser Eterno por grandeza
O sobrenatural é natureza.

Não tem voz, não tem còr, não tem figura,
O Rei, que os Ceos, e a Terra senhorea,
Mas por estas imagens se affigura,

Porque outras não comprehende a humana idéa,
Como o artifice dextro, que a pintura
Pôz em tão certa porporção, que alheia
Da clara percepção da attenta vista
Em razão da distancia não exista.

Ouvir-lhe Adão a voz no Paraíso
Por onde percebeu, que Deos andava,
Ensina a luz do natural juízo,
Que Deos materiaes vozes não formava.
Seguir os mesmos termos foi preciso
O oraculo, que diz que se assentava,
Pois totaes foram destes movimentos
Os celestes ministros instrumentos.

De corpo divisivel carecendo,
A mente o vai por partes distinguindo,
Pelos termos humanos percebendo
Quanto vai nos divinos advertindo.
Já todo olhos se admira, tudo vendo,
Já como ouvidos todo, tudo ouvindo,
Todo mãos, porque tudo obra, e reparte,
No ceo ao mesmo instante, e em toda a parte.

De Deos incomprehensivel a belleza
E' sobre a imaginavel formosura,
De impossiveis formada a gentileza
Apenas da divina é conjectura :
Quanto matiza o ceo, e o mundo préza
E' tenebroso exemplo, sombra escura,
Dos bellos resplandores, que domina
Qualquer athomo só da luz divina.

A prata, o ouro, as perolas preciosas,
Os rubis, os topasios, os diamantes,
Por mais luzidos uns, outras formosas,
Não podem já estimar-se por brilhantes,
Dos jardins as fragancias deliciosas,
Das espheras as luzes scintilantes
Tudo ao mortal sentido desagrada,
Pois comparado a Deos o mundo é nada.

Ainda que ao creado excedam tanto
Do Author da Natureza as luzes puras,
Em si comprehende de excellencias quanto
De perfeições encerra nas creaturas,
Em Deos alcança a idéa, admira o espanto
As passadas, presentes, e futuras,
Pois si ao principio o termo diz respeito,
Quem chega a vêr a causa vê o effeito.

Contém de perfeições quanto se entende,
Que pôde pertencer ao Ser divino,
Porque em si todas immortal comprehende
Como ineffavel superior destina:
Si as contempla o juizo se suspende,
E o mais subtil de tanto vôo indino,
Publica humilde em cultos reverentes
Quantas em summa a um Deos sam competentes.

Mas toda a perfeição devia achar-se
Em quem todo o poder chega a applaudir-se,
Nem podera defeito imaginar-se
Onde imperio total vem a incluir-se;
Não poderia o mundo governar-se
Si imperfeição podéra consentir-se
No seu Author, pois quem impera deve
Não ter nem sombras de um defeito leve.

E' Rei sobre os mais Reis, mas sem ornato
Da pomposo, magnifico tumulto,
Porque em Deos não consiste no apparato
Como nos reis da terra o regio culto.
Nada visivel pôde ser retrato
Do fausto que Rei tanto encerra occulto,
Que tudo sam thesouros escondidos,
Em Deos, e sobre a esphera dos sentidos.

Falla sem voz, estrepido, ou somido,
Do peito no mais intimo segredo,
Adonde occultamente sendo ouvido,
Uns redmz por amor, outros por medo:
Sem com maior assombro repetido

Que o do echo vão no concavo rochedo,
Pois não se vendo quem, como, ou por onde
Articula, pergunta, insta, responde.

Comparação mui propria, e mui poeticamente expressa-
da, a doutrina desta estancia é a que Santo Agostinho ex-
prime no seu tractado da Essencia Divina *Loqui Deus*
est sine sono vocis in mentibus inspirare.

Tão igualmente o ama, como o teme
Quem lhe ouve os echos, si a attenção escuta,
Bradando ao coração, oh como treme
Das vozes a alma, que de horror se enlucta !
Ao mesmo passo, que se anima, geme,
Entre esperanças, e temores lucta,
Que si a um tempo contém rigor, e affago,
Enleva a gloria, atemorisa o estrago.

Sem tinta grava, o que sem penna escreve,
Sendo as inspirações, que n'alma imprime
Caracteres subtilis, com que descreve
O que ao mortal condemna, e o que o redime:
Expõe-lhe os beneficios, que lhe deve,
Das penas infernaes o horror lhe exprime,
E quanto foi sem letras escrevendo
Das potencias internas se vai lendo.

Manda á idéa que imagens represente,
Affaveis umas, outras espantosas;
Envolvendo-se em luz resplandecente
E enluctando-se em sombras tenebrosas:
Conforme aos corações dispostos sente,
Avisa em varias cifras mysteriosas,
Aos brandos insentivos de favores,
Aos tenazes estimulos de horrores.

Dos racionaes universal abrigo,
Mostra que uns favorece, os outros fere,
Mas de alcançar socego, ou ter perigo
Quaes os amados sejam não se infere,
Gloria, ou tribulação, qual é castigo

Manda a sabia prudencia se pondere;
Estimando o rigor, temendo o affago,
Pois o que é bem da vida, é da alma estrago.

Talvez possa notar-se de demasiada diffusão este trecho, mas não pôde negar-se que estas idéas estão digna, e orthodoxamente explicadas.

Todos sabem que as disputas sobre a Graça agitaram por muito tempo a Igreja de Deos, e perturbaram a paz de alguns Estados, pela imprudencia com que os governos queriam intrometer-se nesta questão escolastica, em lugar de deixar os doutores de solana argumentar sobre este objecto tão abstruso nas aulas dos conventos, e das universidades, e alardear assim as subtilidades dos seus engenhos. Quasi todas as Ordens Religiosas seguiam a este respeito a doutrina de Santo Agostinho, que a Igreja sempre houvera por boa, mas o jesuita Molina, ensinou outra um pouco differente, que foi adoptada, defendida, e propagada pelos seus socios, como era de esperar por ser cousa de casa, *hic iræ*, os prélos gemeram com escriptos polemicos por uma, e outra parte recheados de subtilidades, e injurias. Lançou-se mão do pulpito, e confessionario, e o povo se achou dividido por uma questão que não entendia, e que talvez nem entendiam os mesmos doutores, que a promoviam. Em França especialmente passou-se das injurias ás perseguições, e Luiz XIV. cujo despotismo se estendia ás proprias consciencias, influido pelos Jesuitas, que o dominavam por meio do seu confessor, declarou-se por Molina, e todos os ecclesiasticos, e seculares, que seguiam o parecer contrario foram capitulados de hereges, e rebeldes, e empregou-se para convencer-os os argumentos irresistiveis das espadas dos dragões, das bayonetas da infantaria, e as sentenças dos tribunaes; milhares de cidadãos pacificos foram gemer nas masmorras, outros desterrados, ou emigraram, para evitar maiores incommodos; derramou-se sangue, confiscaram-se bens, arrazaram-se conventos de freiras, porque nem a estas perdoou o zêlo jesuitico, e todas estas violências se julgaram justas, e bem empregadas, pois dellas resultava o triumpho de Molina, e da Companhia de Jesus sobre as doutrinas de Santo Agostinho.

Felizmente este phrenesi theologico apenas se fez sentir em Portugal, onde os jesuitas não tinham quem lhes disputasse o monopolio da instrucção publica, nem a primasia de Molina, de que mui poucas pessoas sabiam o nome; e tanto é isto assim que neste poema, Troylo de Vasconcellos da Cunha explica a questão da graça conforme os principios de Santo Agostinho, e allegando com elle no fim das suas oitavas, sem que ninguem se lembrasse de lhe fazer crime disso: vejamos como elle no canto II. se explica a este respeito.

Por empenho da graça concedidos
Esses premios da gloria soberanos,
Habeis a poz de serem mercedos
Aquelle bem supremo dos humanos:
Pois dando a lei, e a fé que os põe despidos,
Dos affectos terrenos, e profanos,
Os dá ao venturoso, que os cobiça,
Como si os merecera de justiça.

Si a graça exprime acção de graça dada,
E por summa piedade repartida,
Como dadia sempre anticipada
Nunca pôde ser paga merecida.
E não havendo acção justificada,
Por onde possa aos homeus ser devida,
Este divino dom, que a alma engrandece
Já nunca de justiça alguem merece.

Da graça é tão divina a propriedade,
Que depois que aos humanos se concede,
O que antes foi arbitrio da vontade
Que seja obrigação a razão pede.
Pois sendo graça o mesmo que amizade
Com Deos, e dom, que ao merito precede,
Tanto que d'alma ennobreceu o interno,
Se faz devido ao temporal o eterno.

A graça tanto a natureza alenta,
Que o natural vencendo o mundo espanta,
Ao fragil tanto no valor augmenta,

Que nem o mais difficil o quebranta.
O mais arduo vencivel representa,
Ao peito dando valentia tanta,
Que da graça o mais debil alentado
Todo o perigo julga limitado.

A quanto humano delicado peito
A influencia da graça fez robusto,
Sendo o mais fragil pelo seu respeito
Do furor pasmo, da fereza susto.
Aos progressos da graça ambito estreito
E' desde o polo frio ao polo adusto.
Sendo por altos sem iguaes progressos
Da graça incomprehensiveis os excessos.

Quantas frageis donzellas delicadas
Deste divino dom favorecidas,
Venceram, altamente assignaladas,
Duras cadeias, pyras accendidas?
Rotos aos fios das crueis espadas
Gargantas, peitos, corações, e vidas,
Mostraram, pasmo á barbara fereza,
Quanto val com a graça a natureza.

E' o bem da graça que a alma predestina,
Indulto da bondade soberana,
Para que privilegios de divina
Feliz tivesse a geração humana.
Da vida interminavel a fez dina,
Livre da morte universal tyranna,
Porque do humano impuro, e maculado
Templo chega a fazer santificado.

Interna claridade a mais prevista
Expôz, por luz prophetica eminente,
Impraticavel de Deos puro á vista
Viver justificado algum vivente.
Mas impossivel tanto se conquista
Mediante a eterna graça totalmente,
Que aos homens justifica na presença
De Deos, a graça no poder immensa.

Oh incomparavel dadiva subida
 Da sempiterna, prodiga bondade,
 Efeito da grandeza esclarecida,
 Empenho da suprema Divindade!
 Dadiva tambem nunca comprehendida,
 Empenho é de fineza, e magestade,
 Que só poder, assombro, amor, espanto,
 Competindo poderam fazer tanto.

O Sagrado Concilio Tridentino recommenda mui prudentemente aos fieis que não se occupem muito em sondar materias tão abstrusas, e difficeis de comprehender como sam a graça, a predestinação, e outras em que não só os homens de talento mediocre, mas mesmo os muito eruditos, correm risco de desmandar-se querendo regular-se pelas luzes da sciencia humana; e eu tenho que os poetas deviam aproveitar-se deste conselho, não só pelo perigo de errarem, mas mesmo que não errem, pela difficuldade de tractar bem em verso de similhantes materias, pouco susceptiveis dos ornamentos poeticos, necessarios para figurarem, como se requer, em um poema, em que se olha mais para a elegancia do estylo, que para a exactidão da phraseologia dogmatica. Apesar disso merece, creio eu, grande louvor Troylo de Vasconcellos da Cunha pelo bem que se houve na execução de um poema de assumpto tão difficultoso, para que não tinha entre nós poema que lhe podesse servir de modelo.

No canto VII. tracta o author das prerogativas da Virgem, e da sua immaculada Conceição, que segundo as leis destes reinos, era obrigado a defender, especialmente em qualidade de cavalleiro de uma das ordens militares, e empregado publico.

Deos preferindo-a no immortal conceito,
 Ficou antes que o mundo redemida,
 Sendo da redempção primeiro effeito
 Na idéa do supremo author da vida.
 Do ser dos pais primeiros a respeito
 Foi manifestamente preferida,
 De que, attento á razão, o acerto infere
 Ser da regra excepção, se a lei prefere.

Por idéa segunda soberana
Immediatá ao filho omnipotente,
Do horror da culpa, universal tyranna,
Ser livre á Divindade era decente.
Pois debuxando a natureza humana,
Convinha ao puro da divina mente,
Que não desse principio ao ser creado
Quem podesse ter sombra do peccado.

Nem ficava no filho satisfeito
Idéa principal do ser humano,
Que o discurso mortal como imperfeito
Facil tropeça na illusão do engano.
Inda que fosse Christo homem perfeito,
Era Deos junctamente soberano,
E foi preciso haver pura creatura
Livre da mancha original impura.

Pura creatura é um redobro de sons unisonos, que
produz mau effeito, e deve cuidadosamente evitar-se.

Graça tanta caber na dignidade
Da Senhora, alcançou o humano invento,
Que inda que espante ao mundo, assombra a idade,
Não passou de mortal intendimento.
Si preservada sem difficuldade
De um homem pôde achal-a o pensamento,
Se não deve suppôr Deos soberano
Menos piedoso, que o discurso humano.

Desta da terra, e ceo digna princeza
Varias figuras pôz na antiguidade,
O ineffavel Author da Natureza,
Enigmas raros de uma, e outra idade.
Que de milagre tanto na extranheza
Fossem antecipada claridade,
No tempo em que o destino alto, e profundo
Desse este assombro celestial ao mundo.

O primeiro signal de ser em graça
Creada a Aurora mãe do Eterno Dia,

E' que a corôa de rainha enlaça
Dos choros da celeste hierarchia ;
Si Deos os creou livres da desgraça
Da culpa, a Virgem preservar devia ;
Nem melhores devia Deos creal-os,
Dando á rainha menos que aos vassallos.

Do ceo princeza, humildes, a applaudiram,
Tanto que a luz primeira receberam,
Pois porque em Christo o ser humano viram,
Do mundo Redemptor o conheceram.
Pelo humanado Deos logo advertiram
Que os bens da graça, e gloria mereceram,
Venerando a suprema dignidade,
Da que havia de dar-lhe humanidade.

Nem se presume do divino acerto
Que á rainha os vassallos preferira,
Si inda entre os humanos desconcerto
Tão desigual nenhuma idade vira.
Mas preservando-a deu annuncio certo
De que em tudo conforme a produzira
De rainha dos ceos a preeminencia,
Menor sómente que a divina essencia.

Sem que pertenda estabelecer polemica com o author, que não pôde responder-me, e sobre materia, que não é da minha competencia, direi que me parece mal-soante a proposição emittida por elle na estancia antecedente: isto é, que *Deos creou os anjos livres da desgraça da culpa*. Parece-me que se assim fosse nem Lucifer, nem seus companheiros teriam cahido na enorme culpa, porque foram precipitados no inferno, e condemnados a penas eternas. Deixo aos theologos o decidir esta duvida, que me occorre, e que talvez não tenha fundamento, segundo os principios da sciencia.

Da terra, e ceo ao mais sublime excede,
Que si o discurso ao mais perfeito apura,
A quanto por creativa acção procede
Transcende a perfeição da Virgem pura,

A tudo, assombro sem igual, precede,
Quanto cabe na esphera de creatura,
E por mais prodigiosa maravilha
Do eterno Pai se acclama excelsa filha.

A voz, que de Deos Padre, filha a acclama,
Do Deos Filho por mãe é que a publica,
E singular esposa á Virgem chama
Do Espirito que o mundo vivifica;
Ter tão sublimes preeminencias clama
A que só o infalivel certifica;
Porque a Igreja catholica a verdade
Participa da eterna claridade.

De prova em nenhum modo necessita
Ser mãe do Verbo, porque a Fé o expende,
Que esposa do Amor sacro se accredita,
De mãe na preeminencia se comprende:
Si obra do eterno amor, alta, infinita,
Do Eterno Filho a encarnação se entende,
Logo esposa ficou por attributo
Do esposo, de quem teve a Deos por fructo.

Como é filha do Padre, se o pondera,
Absorto se suspende o entendimento,
Porque depois que ao Filho eterno gera,
Na geração não póde ter augmento,
Mas supposto, que em Deos se considera
Da geração, o Verbo complemento,
Externamente, quanto ao ser creado,
Não implica ser Pai Deos increado.

No canto VIII. refere o author a guerra dos anjos, com bastante fogo; porém este quadro fica muito inferior ao traçado por Milton, no seu *Paradise Lost*, em que podem, é certo, notar-se alguns defeitos de invenção, mas que é admiravel pelo lado do colorido, e força da execução.

Sendo-lhes o mysterio revelado
Do Verbo, á humana natureza unido,

Todo o congresso se rendeu prostrado
Ao Redemptor do mundo esclarecido.
Pois do Verbo previsto já humanado
Foi o esquadrão angelico remido,
Preservando-o do horror do lago averno,
Merecendo-lhe premio sempiterno.

Estas grandes virtudes tão formosos
Aos ditosos espiritos fizeram,
Como aos maus infelizes, espantosos
Aquelles vicios horridos puzeram.
Fez a graça aos humildes venturosos,
Pela culpa os soberbos se perderam,
A virtude de uns sendo a fortaleza,
O peccado dos outros a fraqueza.

De Lushel vendo o grande atrevimento
O invencivel Miguel, que o não supporta,
Oppondo-se ao Dragão sanguinolento,
Em campanha se ostenta, e aos seus exhorta.
Obediente o fiel ajuntamento
Acode, denodado, adonde importa,
Armando-se de zelo, e ardor divino,
Do horrivel bruto contra o desatino.

Valoroso, gentil, constante, forte,
O General da Gloria de uma parte,
Alento dando á vida, assombro á morte,
No ceo tremola o angelico estandarte.
Profundo no saber, feliz na sorte,
O campo ordena, as legiões reparte,
Diante tão valente, alegre, e airoso,
Que já está parecendo victorioso.

Da outra parte o dragão brayo iracundo,
Girando o collo, os dentes apertando,
De cholera bramava furibundo,
Os seus com voz horrenda convocando.
Já como nos abysmos do profundo
As tremendas esquadras governando,

Horriveis fúrias incitando, logo
Lança por bocca, e olhos fumo, e fogo.

Vendo aquelle sacrilego tumulto
A Miguel sem mudança no socego,
E que do monstro fero o estranho vulto,
Da lança fulminante fôra emprego,
Cedendo a impulsos de poder occulto,
Todo horror, confusão, desasocego,
Ficou Lusbel, cedendo-lhe a victoria,
Do general celeste sendo a gloria,

“Quem como Deos?” dizendo, em breve espaço,
Uns sobre os outros, e Lusbel primeiro,
Das sombras tropeçando no embaraço
Foram parar no abysmo derradeiro:
Inficionada a luz, o dia escasso,
Como horror tenebroso de chuveiro,
Ao romper o trovão a escura sombra,
Geme o mar, treme a terra, a luz se assombra.

Em bruta fôrma de dragão terrivel
O que prodigio foi de luzes bellas,
Contra o ceo esgrimindo a cauda horrivel
Levou comsigo parte das estrellas.
Cada espirito atroz, furia invencivel,
Da grande Hydra infernal, que impera nellas,
Monstro feroz, horrendo, furibundo
E’ suspensão do inferno, horror do mundo.

Tanto que o bruto desde o empyrio summo
Cahiu no lago do profundo averno,
Densas nuvens lançou de negro fumo
Da pyra horrivel do sulphureo inferno.
Foi aquella acção barbara resumo
Da nescia presumpção, que é fumo eterno,
Porque um soberbo affecto é vão de modo,
Que em fumo leve se transforma todo.

Monstruoso aborto, pavoroso extremo
Se irrita contra si, contra os seus brama,

Vibrando raios contra o ceo supremo
Que forja em fragoas de cerulea chamma.
Passando de sacrilego a blasphemo,
Lingua o fogo voraz, que o peito inflamma,
Protheo de horriveis fórmas, e figuras
Ameaçava todas as creaturas.

Em leões, tigres, touros, e serpentes,
Uns, e outros, repente, se tornaram,
Prevenindo-se de unhas, pontas, dentès,
Que nas estygias fragoas fabricaram.
Basiliscos, e furias inclementes,
Ar, fogo, mar, e terra inficionaram,
Fabricadores ao sentido ignotos,
De incendios, tempestades, terremotos.

Ha aqui algumas idéas, que tambem se encontram em Milton: tal é o attribuir a rebelião de Lusbet ao recusar-se a adorar o Filho como redemptor humanado do homem. Não pertendo com isto fazer paralelo entre Troylo de Vasconcellos da Cunha e o grande epico inglez, mas só fazer sentir que todos os homens tem quasi as mesmas idéas sobre o mesmo objecto; e que a maneira de as exprimir é que differença o poeta de genio do talento mediocre.

No canto IX. sabindo o author do labyrintho das idéas theologicas, e methaphisicas, que até ali lhe prendiam os vãos da imaginação, entra em um campo mais favoravel á poesia, descrevendo os ccos, e os movimentos dos astros, e mais globos celestes, que povoam os immensos campos do espaço, e é pena que já ali chegue caçado da marcha tão longa que acaba de fazer: não deixa porém nestas descripções de elevar-se ás vezes á altura do assumpto.

Dam aos orbes continuos exercicios,
Pelo celeste ambito rotundo,
Espiritos angelicos propicios,
Que o giro alternam com saber profundo.
Movendo-se os celestes edificios
Em circulo perpetuo sobre o mundo,

Por ordem tão igual, que descoberta
Deu ao discurso humano regra certa.

Esta idéa de um anjo, que preside a cada globo celeste, e que dirige a sua marcha, e regula os seus movimentos, é grandemente poetica, e se encontra no Paraíso de Milton, e mais ainda na Messiada de Klopstock e é mui conforme com o texto de Soares, que diz: *Cæli moventer immediate ab intelligentiis.*

Sam no immutavel giro tão constantes
Do mundo celestial os movimentos,
Que o discurso por computo de instantes
Os numera com firmes fundamentos:
Constellações, congressos mais distantes,
Eclipses, e outros celestiaes portentos,
Observa por um calculo tão prompto,
Que não ha differença de um só ponto.

Computados por seculos inteiros,
Calculados por uma, e outra idade,
Se acham tão firmemente verdadeiros,
Que é immutavel firmeza a variedade.
Tão certos os futuros derradeiros,
Segura a celestial mobilidade,
Que só dos ceos podera ser jactancia
Ter a certeza firme na inconstancia.

Da certeza em mover-se inevitavel
A celestial esphera se avalia
Ser aquelle compasso inalteravel
Concertador dos orbes harmonia:
Pois dando a varias vozes o agradavel,
E fixo ponto a acorde melodia,
Dos varios orbes o ordenado acerto
Vai, como as vozes, por compasso certo.

Astros, e espheras concertados choros
Sam da ordenada musica celeste,
Que graves, compassados, e sonoros,
Rodeam todo o circulo celeste:

Certos os dectros musicos canoros
Vam ao ponto final de Leste ao Oeste,
E a todos faz no dilatado espaço
Mestre o primeiro mobil o compasso.

Além do successivo movimento
Pelo primeiro mobil regulado,
Tem cada astro de alheio impulso isempto
Natural movimento em si fundado.
Mas para ter inteiro complemento
O giro a cada estrella destinado,
De uma para outra idade successiva
Não se entenda que o mundo tanto viva.

O celebre astronomo alemão, ou dinamarque, Tycho
Brahe, calcula que cada estrella, percorre cada anno
cincoenta e um segundos dos graus, que sam necessarios
para prefazer um circulo de 25:412 annos.

Sahiu o sol, portento luminoso,
Do quarto dia no zenith fulgente,
No augmento do luzir mais prodigioso,
Nascido apenas no primeiro oriente.
Da luz primeira, resplendor glorioso
Uniu a qualidade á chamma ardente,
Reduzindo a um domiunio, e liberdade,
O imperio unniversal da claridade.

Tanto que rei se viu da esphera toda,
Reconhecer foi logo o vasto imperio
Todo o universo circulando em roda,
Desde o primeiro ao ultimo hemispherio;
Monarcha superior não se accomoda
Ao socego, que julga vituperio,
Que no regio exercicio não descança
O que mais dignamente o sceptro alcança.

Deu sempre memoravel documento
O grande luminar, que ao dia impera,
Em ser tão superior no luzimento
Que igual astro nenhum se considêra.

Deve o rei nas virtudes ser portento,
Como em luzes prodigio o sol na esphera,
Exemplar, que se admire no luzido,
De outro nenhum luzeiro competido.

Quando nasceu brilhante ao quarto dia,
O sol, raios vestindo, insuperaveis,
Viventes sensitivos não havia,
E viviam sómente os vegetaveis.
Revestidas as plantas de alegria
Galas trajando a esphera inestimaveis,
Parabens com reciproca fineza
Ao ceo, ao mundo dava a natureza.

Ilumina-se a pompa das estrellas
Que escurecia o pavilhão nocturno,
A luz do sol reverberando nellas
Desde o solio da lua ao de Saturno;
A cada estrella o sol, inda ás mais bellas,
Prodigo empresta o resplendor diurno,
Tendo por gloria unido ao nascimento
Dar a todos os astros luzimento.

A todos, digo, os que andam sempre errantes,
Vagando em movimento successivo,
Que aos mais que sam do ceo firmes diamantes,
Achou luz propria engenho discursivo.
Pois si as estrellas fixas, por constantes,
Em certo ponto, ostentam lume vivo,
Inculcam, sem desdouro da verdade,
Ter natural, e propria claridade.

Tem de grandeza alguns tanta estranheza,
Que excedem muitas vezes a do mundo,
Mas porque sem luzir não ha grandeza
Como no abysmo estavam do profundo;
Pouco importa ter de astro a natureza,
Nada val nascimento sem segundo,
Sem luz o esclarecido se obscurece,
Com luzimento o escuro resplandece.

Nascido no zenith logo o sol tracta
De descer pelo rumo do occidente,
Que a luz sepulta em tumulto de prata,
Até que resuscita em novo oriente.
Ficou do luminar na ausencia ingrata,
Substituindo-o a irmãa resplandecente,
Que do escondido sol alivio ás magoas,
A's trevas presidindo impera as aguas.

A sombra desterrando que tyranna
Se arma da noite contra a formosura,
Novo esplendor, appareceu Diana,
Nas luzes bella, nos candores pura.
Seguindo a claridade soberana
Do sol, que os luzimentos lhe assegura,
Que desde o grande concavo onde impera,
Sobre o terreno globo reverbera.

Alegre se ostentou a esphera toda,
De lumes refulgentes guarnecida,
Que essa etherea região circunda em roda,
Era gala do ceo, do mundo vida.
Porque ao socego brando se acomoda,
A noite é dos viventes applaudida,
Festivas cortejando-a as luzes bellas,
Com tantas luminarias como estrellas.

De fluida materia fabricadas
Sam as espheras sete transparentes,
Dos luzidos planetas habitadas,
Em concavas distancias concernentes.
Pelo primeiro mobil agitadas
Se movem regulares, e obedientes,
Sendo o ligeiro, e brando movimento
Gloriosa suspensão do pensamento.

Governa a gentil Cynthia o ceo primeiro,
O leve embaixador move o segundo,
Preside Cytherea no terceiro,
No quarto a luz maior que impera ao mundo.
Segue-se o forte luminar guerreiro,

Logo o que os raios vibra furibundo,
Ultimo ostenta a fôrma adusta, e brava
O que, inhumano, os filhos devorava.

Em ambito formado de ouro fino
Por virtude dos raios, que o produzem,
Os que a superstição sobre o destino
Imagina que imperam, se introduzem.
Cada portento se intitula signo,
Que a brutas similhanças se reduzem,
A fôrma attribuindo-lhe o conceito,
Ou pela propensão, ou pelo effeito.

Um se affigura Ariete, outro Tauro,
Um Gemini, outro Cancer se nomea,
Ruge o bravo Leão, a idade de ouro,
Benigna a Virgem, terminando, Astrea.
Põem a balança igual ao Cinthio louro,
Que a Escorpio, e Sagitario senhorea,
E quando Capricornio a Aquario deixe
Fará que ondas de luzes corte o peixe.

No excelso firmamento é sem lemite
A multidão dos lucidos diamantes,
Mas no mesmo alto solio se permite
Numerarem-se os fixos, e os errantes.
Constellações a observação admite,
Por experiencias, practicas constantes,
Por onde tem os homens descoberto
Haver concurso nas estrellas certo.

Constellação que principal se observa
A dos celestes signos se acredita,
A cada signo igual porção reserva
Do imperio, que entre os doze se limita,
Nos seus illustres foros se conserva,
E a usurpações do alheio não se incita,
Pois só logares de outrem pertenderam
Os que como as estrellas não nasceram.

Zodiaco este circulo fulgente
Se acclama, onde o planeta soberano,

Correndo os signos doze inteiramente
Regula iguaes as estações do anno.
Sobe do polo frio ao polo ardente
D'onde, retrocedendo, o ardor tyranno,
Depois que gira aquella estancia toda,
Torna de novo pela mesma roda.

Na estancia o sol de cada signo entrando,
Raios mitiga, ou embravece ardores,
De todos por igual participando,
Ou das benignidades, ou rigores.
Mais propinquo aos benignos se põe brando,
Mais visinho aos crueis arde em furores,
Aos mortaes repartindo as influencias
Ou das serenidades, ou das violencias.

Luzeiro o sol por condição benigno,
Vivificante alento do animado,
Se emprega no louvavel, e no indigno
Conforme com quem se acha acompanhado.
Oh documento sobre todos digno
De ser á eternidade consagrado
Pois acredita quanto perde, ou ganha
Quem do fero, ou benigno se accompanha!

Do Ariete no pasto de zaphyro
D'onde o equinocio a sombra, e luz reparte,
A' noite foi o sol furtando o giro,
Por dar do imperio ao dia maior parte,
O pavilhão das trevas em retiro
Fez liga com o signo o fero Marte,
E prodigo das luzes o thesouro
Vestiu o gentil Aries vélo de ouro.

Raios vibrando em abundante copia
O Aries deixando, ao Tauro senhorea,
Ao tempo, em que a florida cornucopia
Banhavam suavidades de Amalthea:
O hemispherio, do prado bella copia,
A admirações o pensamento enlea,

Porque em pasto de luzes alimenta
Ao formidavel bruto, que apascenta.

Multiplicando ardentes resplendores
Já penetra a de Geminis morada,
No ceo brilhante symbolo de amores,
Uma gêmea luz de outra abraçada.
Era a tempo em que o bosque ás lindas fle
A florida estação já despojada
Retrocedendo verdes hemispherios
Hia esmaltando de ouro os seus imperios.

Do augmento superior do solesticio
Foi os brilhantes giros desfazendo,
A violencia do Cancer, que por vicio
Costuma caminhar retrocedendo.
Do perfido invejoso tem o officio,
Que os augmentos das luzes não soffrendo,
Solicita com barbaros rigores,
Declinar os luzidos resplendores.

Solicitando ardente o desaggravo
O augusto luminar, que impera ao dia,
Setas de ardor dispara ao Leão bravo,
Que em campo, corpo a corpo, desafia.
No debil Cancro não vingando o aggravo,
Se emprega do Leão na valentia,
Dictando-lhe o valor que não suporte
Despicar-se no fraco, mas no forte.

No alto solio de Astrea, virgem bella,
A ceder o Leão da furia obriga,
O sol, movendo a candida donzella,
A que os bravos incendios não prosiga.
Logo applacado da formosa estrella
Benigno, ardores fervidos mitiga,
Sendo em virtude do benigno rogo
Menos voraz, menos violento o fogo.

Astrea, que o mais justo só cobiça,
Porque do antigo ser não fez mudança,

Attenta a que a igualdade é só justiça,
O sol retrocedeu para a balança.
Nem podia haver queixa de injustiça
Si igual imperio noite, e dia alcança,
Pois sombra, e luz no circulo da esphera
Se ostenta no equilibrio, em que nascera.

Deixando Libra, a luminosa praça
Rodeia d'onde Escorpio predomina,
Que a Ceres, e a Pomona despedaça
Porque os bosques, e os prados arruina.
Mortal veneno influe em quanto abraça
Sempre ao rigor, nunca ao favor se inclina,
Sendo o bravo Escorpião por natureza
Horriavel parto da cruel fereza.

Seguindo a lei fatal do tempo vario
Quasi propinquo á derradeira meta,
Pela campanha entrou do Sagittario
Que no arco, furibundo, armara a setta.
No aspecto, e na postura temerario
Tinha a esphera das luzes inquieta,
Ameaçando aos mortaes, em tempo breve
Com frechas de cristal, lanças de neve.

Verso de estylo gongoristico, que dá pena depara-lo
neste trecho.

Já Capricornio, assombro no ligeiro,
Por montanhas de luzes dando saltos,
Augmentava feroz, não lisongeiro,
Da estação congelada os sobresaltos.
Porque no boreal polo derradeiro
A neve coroava os montes altos,
E da liquida prata, que prendia
A fugitiva veia não corria.

Outra vez para o augmento caminhando,
Pela estancia de Aquario o sol rodea,
Innundantes diluvios devastando,
Quanto alenta benigna a luz phebea;

Em pelagos o mundo naufragando
Um elemento do outro se recea,
Porque ameaçavam competida fragoa
Oceanos de fogo, e golfos d'agoa.

De seguir logo ao aureo Peixe tracta,
Nadante sobre o liquido thesouro,
Que menos se ostentava mar de prata,
Do que resplandecia golfo de ouro.
No circulo brilhante se dilata,
Tendo imparar às ondas por desdouro,
Por desprezar das luzes no hemispherio,
Ter sobre as aguas soberano imperio.

Seguiu a lua o sol em breve espaço
Mas por menos véloz no movimento,
Achou na terra horrivel embaraço
Para permanecer no crescimento:
Cada dia o reflexo mais escasso
A fazia minguar no luzimento,
Até que novamente o foi cobrando
A opposição do globo contrastando.

Uma hora mais que o sol Cynthia dilata
Do oriente té o occaso na carreira,
Em que do corpo opaco a sombra ingrata
Parte da luz lhe assombra, ou toda inteira:
Mas a mesma demora lhe resgata
As trevas, refazendo a luz primeira,
Que como torna a encher, retrocedendo,
Por onde foi minguando, vai crescendo.

Representa-se aos olhos quando cheia,
Imperfeita, manchada, e tenebrosa,
Mas illusão é da verdade alheia,
Porque é toda gentil, toda formosa,
Mais densas partes, em que a luz se atea
Ha de Cynthia na esphera luminosa,
Onde a vista, enganada nos effeitos,
Recebe as perfeições como defeitos.

Do hemispherio nocturno presidente
Pelos seus crescimentos, e minguentes,
No centro undoso move totalmente
Das marés as enchentes e as vazantes.
Domina com imperio preeminente
As maritimas ondas inconstantes,
Que despoticamente senhoreia
De luz vazia, ou de resplendores cheia.

Mercurio, que de pennas se reveste,
Assombro no ligeiro, e no facundo,
Supremo embaixador do orbe celeste,
Excelso habitador do ceo segundo.
Em tudo quanto o ser humano veste,
Influe sobre os que vagam pelo mundo,
Eloquentes, sagazes, industriosos,
Inconstantes, fingidos, ambiciosos.

Essa radiante estrella habitadora
Do vistoso jardim do orbe terceiro,
Por flôr, desvelo da gentil aurora,
Por luz, cuidado do maior luzeiro:
Do claro dia alegre percursora,
Da claridade annuncio verdadeiro,
Bello iman celestial ao sol obriga
A que amante a corteje, fino a siga.

O grande luminar que a quarta esphera,
Enriquece de luzes refulgentes,
Domina augusto, soberano impera,
Do mundo sobre todos os viventes.
A todos vivifica, a muitos gera,
Com proporções iguaes, convenientes,
Produzindo, e deixando introduzidas
Distinctas fórmãs em diversas vidas.

Furia mortal, ardor sanguinolento,
Tem imperio despotico distincto
No solio celestial do quinto assento,
Guerreiro horrivel, o planeta quinto.

Ao fero Marte igual poder oppondo,
O Tonante se admira soberano,
Que faz gomer a terra ao bravo estrondo
Com que fulmina os raios de Vulcano :
Essa etheria região toda em redondo
Aballa horivelmente deshumano,
Sendo terror mortal, horrenda injuria
Do relampago a voz, do raio a furia.

Pelo setimo globo vai Saturno
Do estelifero assento o mais distante,
Entre os outros planetas por nocturno
De adusto, e melancholico semblante :
Por mais remoto do esplendor diurno,
Ficou de menos Luz participante,
Ostentando, do sol pelo desvio,
Aspecto sempre funebre e sombrio.

Hoje temos outras idéas astronomicas, que talvez d'aqui a seculos cahirão em desprezo como o systema Ptolemaico, e outros : mas o poeta não pôde ser responsavel senão pelos conhecimentos do seu seculo, e se esta astronomia não é boa, ao menos a poesia deste trecho pôde, fallando em geral, dizer-se excellente : continua depois descrevendo as constellações, mencionando as estrellas, &c. O peor é que se mostra enfatuado das chimeras das influencias celestes, e predominio dos astros nas acções, e sorte dos homens, segundo os principios da astrologia judiciaria, que ainda dominavam bastante no seu tempo, posto que esta sciencia phantastica estivesse já mais desacreditada no resto da Europa, onde havia tido tamanha voga, e occasionado tantas desgraças. Não aconteceu porém assim nas Hespanhas, onde se conservou por mais tempo em credito, porque os erros scientificos sam os mais difficultosos de abandonar, e especialmente quando os credulos, ou os impostores, que tem interesse em propagal-os conseguem dar-lhe uma falsa tinctura de religião : hoje mesmo que os conhecimentos estão mais disseminados, que a philosophia tem feito tão agigantados progressos, não fálta entre nós pessoas capacitadas da supposta influencia das estrellas sobre o

seu destino, e dispostas a dar por impios, e pedreiros livres, todos os que tem o arrojo de zombar destas miseraveis preocupações do espirito humano.

Estou longe de suppôr que o *Espelho do Invisivel* seja uma obra prima de poesia, mas tenho para mim que não lhe fallecem trechos, que abonam o talento do author, e que Troylo de Vasconcellos da Cunha merece muito louvor por haver sido o primeiro que apprehendeu, em nossa lingua, um poema verdadeiramente didascalico, e sobre objecto tão espinhoso, e pouco azado para a poesia.

E' facil de comprehender quantas vezes lhe ataria os vãos da imaginação a necessidade de medir as expressões em assumpto tão melindroso, em que qualquer desvio, mesmo de expressão, podia ser capitulado de erro de doutrina, o que não era pouco perigo no tempo em que ainda durava o grande aballo produzido pelas doutrinas de Luthero, Calvino, Zuinglo, e outros heresiarchas, e em que a Inquisição via em tudo symptomas de tendência para o partido dos innovadores, e sob o mais sutil pretexto desenvolvia toda a furia do seu zêlo, e dos rigores de que se armara para manter a pureza de uma religião toda de paz e de caridade!

A falta de episodios, e digressões, defeito que lhe é commum com grande parte dos poetas didaticos, e didascalicos modernos, e de que acima fallei, juncta Troylo de Vasconcellos da Cunha outra neste poema, que na minha opinião é maior ainda; quero dizer, a penuria de comparações.

Todos sabem que esta sorte de ornamentos, em nenhum genero de poemas tem mais cabida, e se tornam mais necessarios, ou para melhor dizer indispensaveis, do que nos poemas scientificos, não tanto pela illucidação que delles vem ás materias, de que se tracta, mas porque as comparações sam quadros brilhantes, e novos, que descansam agradavelmente o leitor da seriedade doutrinal, recreando-lhe o animo com a variedade dos objectos, e pinturas, que lhe apresentam.

Esta minha opinião tem a seu favor o exemplo, e practica de Hesiodo, e Arato entre os Gregos, de Lucrecio, e Virgilio entre os Latinos, de Rucellai, e Alama-

ni entre os Italianos, de Delille, e Esmenard entre os Francezes, de Pope, e Darwin entre os Inglezes, que todos nos seus poemas didaticos, e didascalicos prodigalisaram as comparações empenhando nellas toda a força, e viveza dos seus pinceis.

Troylo de Vasconcellos da Cunha, ou por falta de imaginação, ou subjugado pelo exemplo dos jesuitas, ou talvez por ambas as cousas, seguiu diverso caminho: nada mais raro do que uma comparação no seu poema, e essas poucas que tem, estão bem longe de se parecerem com as que admiramos na Iliada, na Odyssea, e na Eneida, reduzem-se a simplicies similes sem adorno, nem particularisação.

Todo o cuidado do poeta está no assumpto, de que não ousa afastar-se um momento; as descripções engravam-se nas descripções como os ellos de uma corrente; as doutrinas seguem as doutrinas, e este methodo na verdade muito regular em um simples tractado, tem em poesia o grave inconveniente de produzir o cansasso de espirito pela monotonia, e uniformidade.

A versificação é em geral harmoniosa, e constante, mas parece que todos os versos foram fundidos no mesmo molde, quasi sem haver nenhum que se destaque dos outros, e que venha ferir agradavelmente o ouvido por uma cadencia nova, ou um somido differente dos que até ali se ouviram, ou por uma expressão vibrada, e atrevida: o author ignorava inteiramente a arte de variar as cesuras, e de fazer por meio dellas que o verso corra como o vento, se precipite como a torrente, murmure brandamente como a fonte, caia, e se arraste como a serpente, retumbe como o trovão, se deslize como o regato na arêa; sendo sempre o echo do pensamento, e a representação fiel das idéas: ignorava completamente o segredo da harmonia imitativa, que Camões havia advinhado, e que fez a gloria de Delille nos nossos dias.

O que porém distingue a Troylo de Vasconcellos da maior parte dos alumnos da escola hespanhola, e que não é pequeno abono do bom gosto de que era dotado, é a pureza do seu estylo, raras vezes inquinado pelos trocadilhos, contrapostos, methaphoras violentas, conceitos alambicados, em que no seu tempo se fazia consistir

todo o caracter, e artificio da poesia. Não quero dizer que elle esteja inteiramente limpo destes defeitos, sobejas vezes cahiu nelles, mas não tanto a miudo como os seus contemporaneos, nem se precipitou nos excessos da extravagancia, de que vemos tantos exemplos nos escriptos dos seiscentistas, tanto em prosa, como em verso.

Troylo de Vasconcellos da Cunha falleceu em Lisboa, no dia 4 de Agosto de 1729, na idade de setenta e cinco annos, que é o meio termo entre viver muito, e viver pouco. Ignora-se onde foi sepultado. D. Antonio Caetano de Sousa, religioso theatino, na sua *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* a paginas 250 do volume II., e o erudito Antonio de Carvalho da Costa, a paginas 555 da sua *Chorographia Portugueza*, fizeram menção mui honrosa deste poeta, que não sei porque motivo escapou ao furor laudatorio do padre Antonio dos Reis no seu poema latino intitulado *Enthusiasmus poeticus*, que tantas vezes temos citado no decurso desta obra.

CAPITULO III.

D. Joanna Josefa de Menezes, terceira Condessa da Ericeira.

Esta illustre senhora, tão dada ao estudo, e ao cultivo da poesia, nasceu em Lisboa, em 17 de Setembro de 1651, foi filha do segundo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, a quem succedeu no titulo, por ser filha unica.

O cultivo das sciencias, e das bellas artes parecia fazer parte do patrimonio da casa da Ericeira; e por isso não admira que lhe dessem uma educação esmerada, e litteraria. Desde a mais tenra infancia seu proprio pai a foi instruindo na lingua italiana, castelhana, e franceza, que todas veiu a escrever, e fallar com admiravel faci-

lidade, e pureza; o que mostra bem que o uso é o melhor methodo para aprender com pouco trabalho as linguas vivas.

Florescia então nas aulas da companhia de Jesus, em qualidade de grande latinista, o Padre Antonio de Mello, e este dístico professor foi incumbido de instruir a condessa no idioma de Cicero, e Virgilio, e as suas lições não foram perdidas com uma discipula de tanto talento, e de tão facil comprehensão.

Creio que com o mesmo mestre estudou as regras da rhetorica, e da poetica, como então se ensinavam neste reino, a phylosophia peripatetica, a theologia e os mais conhecimentos proprios de uma pessoa bem educada.

Chegando á idade de casar, foi pertendida a sua mão pelos mancebos mais illustres da côrte, como era de esperar que acontecesse a quem reunia aos outros dotes physicos, e moraes a qualidade de herdeira de um titulo, e de uma casa tão distincta como rica: mas, ou por particular affeição, ou como é mais provavel, por conveniencia de familia, a condessa preferio a todos seu tio D. Luiz de Menezes, fidalgo tão nomeado nas armas como nas letras, e author da Historia de Portugal Restaurado.

Deste matrimonio nasceu D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericeira, tenente general dos reaes exercitos, author da *Henriqueida*, e de uma multidão de outras excellentes obras, tanto em prosa como em verso.

A rainha de Inglaterra D. Catharina, esposa de Carlos II., e tia d'El-Rei D. João V. fazia tanto apreço das prendas, e erudição desta senhora, que voltando a este reino pela morte de seu marido, a nomeou sua camareira mór, conservando-lhe toda a sua vida a mesma benevolencia, e amizade.

Igual valimento teve com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, primeira mulher d'El-Rei D. Pedro II., com quem se correspondia por cartas escriptas em francez, tanto em prosa como em verso.

Tem-se dito, e creio que com razão, que uma mulher estudiosa, é necessariamente ruim mãe de familia, e pessima dona de casa: mas esta regra geral, como todas,

não deixa de soffrer excepções: e uma dellas, si as memorias do tempo nos não enganam, foi D. Joanna de Menezes, que segundo dizem desempenhava com exactidão todos os seus deveres domesticos, e o seu serviço no paço, despendendo na lição da historia antiga, e moderna, dos poetas latinos e vulgares, e nos outros estudos com que illustrava o seu entendimento o tempo, que as senhoras do mundo aristocratico costumam desbaratar em bailes, jogos, assembléas, e frivolidades com que muitas vezes arruinam o credito, a saude, e as mais solidas fortunas.

Nascida no seio de uma das familias mais nobres do reino, e igualmente distincta pelas letras, e pelos serviços militares, e diplomaticos, occupando um dos mais importantes officios do paço, bem vista da côrte, e de toda a familia real, rica, e titulada, gozando da estima geral pelas suas virtudes, e talentos, com um filho em quem concorria tudo quanto era necessario para lisongear o seu orgulho de mãe, D. Joanna Josefa de Menezes podia considerar-se feliz, ao menos segundo a idéa que a boa philosophia costuma dar-nos disso, que no mundo se chama felicidade, bem que os homens raras vezes desfructam, porque não sabem conhecê-lo, e muito menos conservá-lo.

Os escriptos da Condessa da Ericeira, especialmente os poeticos, giravam pelas mãos de todos na côrte, e na cidade, e eram procurados, disputados, e applaudidos com phrenesi. Ella assistia muitas vezes ás sessões da Academia, que seu filho D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericeira, havia estabelecido no seu palacio, e ali era applaudida, e ouvida como oraculo de discricção.

Pindaro disse, em uma das suas bellas odes, que quem vê despontar na esphera um dia brilhante, filho do sol, não deve capacitar-se de que o ha de vê transpôr no occaso revestido da mesma serenidade. Esta idéa sublime, do lyrico Thebano, contém em si a historia da existencia do homem. E' raro que uma vida cuja primeira parte decorreu prospera, e tranquilla se termine sem graves incommodos. A taça das doçuras da vida contém sempre uma porção de veneno, e força é bebel-o, ou elle sobre-

nade, ou se precipite no fundo, segundo a sua diversa natureza.

D. Joanna Josefa de Menezes nos seus ultimos annos foi accommetida de uma parlesya, que posto combatida pela medicina, nunca esta poudede debelal-a de todo, pois lhe deixou uma lesão no corpo, e padecimentos chronicos, que por longo tempo deram exercicio á sua paciencia, e resignação christãa; felizmente as sua faculdades mentaes não soffreram alteração alguma, e poudede porisso continuar com as suas leituras, e as suas composições.

Assim viveu, ou para melhor dizermos, assim durou alguns annos até que estando um dia no convento de Santa Clara, onde havia ido vesitar algumas religiosas de sua amizade, foi ferida de um ataque apopleptico. Havendo sido conduzida para sua casa, onde se lhe prestaram todos os soccorros da arte, depressa conheceu que acabavam de abrir-se para ella as portas da eternidade.

Preparou-se pois para a grande jornada com todos os auxilios espirituaes, e expirou tranquillamente no dia 26 de Agosto de 1709, contando cincoenta e oito annos de idade.

Seu filho lhe fez celebrar pomposas exequias, e foi sepultada na capella mór do Convento da Annunciada, de que a sua casa era padroeira. O terreno onde existiu este convento está hoje occupado por uma parte do passeio publico; acaso os ossos desta illustre poetiza, jazirão agora enlaçados pelas raizes de algum loureiro, ou alfarrobeira?

A maior parte, e é mui natural que a mais importante, das suas composições ficou manuscrita, e segundo testifica Barbosa, se conservava na livraria dos Marquezes de Louriçal, seus descendentes. Eis aqui os seus titulos.

Obras poeticas portuguezas.

Obras poeticas italianas, e francezas.

Obras poeticas hespanholas, 1.^a 2.^a 3.^a parte.

Poema funebre á morte da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, consta de cem estanças.

Vida de Santo Agostinho acompanhada de varias reflexões.

Cartas francezas dirigidas á Rainha, e a muitas outras pessoas.

Cartas familiares endereçadas a varias damas da côrte.
Discursos academicos, e moraes.

Triumpho das mulheres, traduzido do francez.

As suas obras publicadas pela imprensa sam as seguintes:

Panegyrico ao governo da serenissima senhora Duquesa de Saboya D. Maria Joanna Baptista de Saboya, traduzido do italiano, 1680, 4.º

Reflexões sobre a Misericordia de Deos por uma peccadora arrependida. Traducção do francez, Lisboa, 1694, 8.º: esta obra tem passado por muitas edições.

Despertador del Alma al sueño de la vida, en voz de un advertido desengaño. Lisboa, 1695.

Este poema consta de trezentas oitavas, e deveria para commodidade do leitor ser dividido em tres cantos, que de certo não ficavam pequenos; porém a authora preferiu publical-o sem divisões, e pisto não deu provas de bom gosto. Bem sei que ella poderia defender-se deste reparo com o ultimo canto do *Adonis* de Marini, que tem quinhentas estanças; mas além de que os erros de uns não podem servir de desculpa a outros, é evidente que o inconveniente assim mesmo é menor em Marini pela differença do assumpto, que é todo mythologico, e cheio de amenidade, e por isso deve por sua natureza produzir menos enfadamento que as moralidades, e os pensamentos methaphysicos, e theologicos, que contém o *Despertador*.

Este inconveniente poderia ser em grande parte corregido, se a authora tivesse tido o cuidado de amenisar, e variar a severidade do seu assumpto com a frequencia das comparações, e encantos da poesia descriptiva, e mesmo alguns episodios bem escolhidos, segundo a pratica dos poetas, que mais se tem distinguido neste genero de poemas; porém a authora, em quem havia mais talento que gosto, mais saber que imaginação, tomou por outro caminho, e não soube comprehender este segredo da arte, e uma vez tomado o tom dogmatico, não ousa abandonal-o um instante, prejudicando assim a sua fama, afastando pela maneira de expressal-as o fructo que o leitor podia tirar das suas doutrinas.

Os pensamentos deste poema sam nobres, e elevados,

as suas doutrinas solidas, e conformes com a theologia, e a boa philosophia ; a sua linguagem é pura, a sua expressão forte, e concisa, os seus versos harmoniosos e correntes, porém o estylo é a quinta essencia do gongorismo, cujo excesso ninguem levou tão longe : é necessaria toda a attenção, e uma agudeza de engenho não vulgar, para seguil-a por entre as espessas trevas, em que o seu espirito se envolve. Parece que vemos a Pythonisa de Delphos rabiando sobre a tripode no meio da escura caverna, e murmurando oraculos em estylo figurado, e inintelligivel : tenho para mim que a escuridade de Persio nas suas satyras é uma luz clara, e brilhante comparada com a que reina neste poema. E não faltam occasiões em que o leitor chega a duvidar de que a authora se comprehendesse a si propria. Alguns trechos do poema transcriptos sem escolha comprovarão o que levamos dito.

Entrambos de una accion a ver el mundo
Salimos, del materno occulto ensaio,
Que alvergue pude en produccion secundo
Dar un horror por indice a un desmaio :
Y del alvor, que forma vagabundo,
De matizada luz fragrante raio
Llegamos a llorar con un sentido
Al ayre vago, al dia repetido !

Com que propriedade chama a authora *materno occulto ensaio* ao ventre materno ? e os quatro versos que fecham a estança não explicam de uma maneira bem donosa a razão porque uma criança chora apenas nasce ?

Oh vida que este dia en el aereo
Theatro del discurso atencion pide,
Y no saber si infausto astro sydereo,
O propicio a tu horoscopo preside :
Dudoso examen del decreto ethereo
Con que una estella la influencia mide
Siendo a tanto mortal primer designio
El idyoma del llanto el vaticinio !

Mas para que es con tanto afan inquieto
Brujuleando de una estrella el viso,

Querer que de un influxo el duro aspeto
En margen de verdad raye el aviso!
Si sabes de los cielos el decreto,
Y que acabar es termino preciso,
Ensaia-te a morir, y libre obrando
Como advierte el como, ignora el quando.

Entre gemidos ya, ya entre ignorancia,
Colores estremando del arminho,
Nos dió en puerilidade de la infancia
Patria la cuna, arrullos el cariño!
Triste efecto! sabida circunstancia!
Del nascimento proprio desaliño;
Que vida es esta, que presume tanto,
En miserias nascida, enbuelta en llanto!

De la innocencia blanca la librea
Nos dió en cristales claro desempeño,
Y debiera d'emtrambos la tarea
Conservar del character el deseño;
Que pude con dichosa altiva idea
Desmentiendo a la culpa el negro ceño,
Lavar con perigoso, y bello ornato
En mi el original, en ti el retrato.

Tan hermanas, tan unas las acciones
Al nascer, y crescer se han admirado,
Que la vida en precisas attenciones
Seguió de mis impulsos lo animado:
Ayroso revestió de producciones
Mi entendimento e tu primor osado,
Y fueran balbucientes, e velozes
Mia la inspiracion, tuas las voces.

Yo que a tu ser de galas le revisto
Quanto el viviente rosicler colora
Y amaneciendo al mundo ayroso assisto,
De adulta sombra, esperitual aurora,
Matiz condusgo, resplendor existo,
Grato a la vanidad, sublime a Flora,

Pues de lo natural de mis colores
Nonca el pensil pudo animar las flores.

En vital laberintho hilos azules,
Que a la sangre recatan los archivos,
Compartimentos d'apparencia pules,
Que dio naturaleza defensivos.
Mas viviente edificio nó te adules,
Que de la vida fragiles motivos
Solo se admira ser en mortal calma
Un compuesto de sangre, un todo d'alma.

Por mais bellas que sejam as idéas perdem toda a sua
força explicadas neste estylo. Não é neste gosto que a
musa de Young *pregava em verso*, e encantava o mundo
com os seus accentos.

.....

Donde hallará el discurso resumido
Exemplo de la fabula, o la historia,
Que te mostre en el riesgo de un sentido
Quanto esculpíó el acuerdo en la memoria:
De los ojos engaño no advertido,
Que muda en pena prometida gloria,
Trueque el fogo a cenizas el espanto
Y el peligro del agoa lave el llanto?

Quanto el gorgoneo horror con saña adusta
Devoró de los ojos la luz clara,
Que infausto hiero, presuroso assusta,
La vista aguda, la atencion no avara,
Te grava en la pared saña robusta
De piedra que a los ojos fué tan cara,
Y pasmosa al viesgo atemorisa
Piedra, que es el sepulcro, y la ceniza.

Donde señala en repetida quexa,
Infeliz de los ojos prespicacia
Quanto mortal la humana vida dexta
En culpable atencion, vista rehacia,
Digal-o aquel, que vingativo alexa
Del valor de Perseo la eficacia;

Labren Preto, y Fineo en pedras duras
Estatuas, de si proprias sepulturas.

De exemplar tierno harmoniosa ofrenda
Que a los ojos robó con fe perjura,
Beldad, que pude en desdichada senda
Pizar veneno, redemir dulzura
Te ofrece de los ojos la contenda;
Que de un amante acuerda la loucura
Y muestra que la vista por su encanto
Piza infeliz el reyno del espanto.

Por los ojos bebió torpe veneno
Bivora indigna, injustas atenciones,
La que hermanando su cuidado obsceno
A sangre, y fuego repitió oblaciones,
Mas el cielo ultrajando de su seno
Quantas guardava impura sugeiciones,
La ceguedade apura entre cristales,
Desatadas las vendas, en raudales.

A authora algumas vezes, sem deixar de todo este estylo turgido, e empeçado de conceitos, e metaphoras estranhas, que lhe é habitual, e em que talvez assentava que consistia a linguagem das Musas, se exprime em tom mais humano, e natural : assim lhe acontece nas seguintes estancias, em que tracta dos excessos da gula, desse vicio vergonhoso, que torna os homens semelhantes aos brutos, ou para melhor dizer peiores que os brutos.

Qual bruto en la carrera despeñado,
Que indomito saltando, huyendo ciego,
El freno muerde en ancias desatado,
Espumante bolcan de nieve, y fuego:
Assi nuestro apetito desbocado,
Sin que de la razon le valga el ruego,
Sueltas las viendas con la sed avara
La espuela sigue, el freno nó le para.

Quanto industriosa con cuidado inventa
La jactancia en arbitrios de la gula,

Del mar la vaga estancia fraudulenta,
 En red atraés, en hilos acumula,
 Del ayre, tierra desvelado ostenta
 El ave, y bruto que veloz regula.
 Ensañando del plomo, y del azero
 Para mundio segundo, harpon primero.

Qual vibora que engendra incautamente
 En el materno abrigo construida,
 Penzoña, que dispues con saña ardiente
 El seno despedaza en que halló vida:
 Assi del apetito hambre pungente,
 Estrañando lo mismo a que cunbida,
 Maltrata, rompe, offende, estraga, apura
 Muerte el manjar, veneno la dulçura.

Ceguedad indecible, infeliz ancía,
 Del apetito immoderado archivo,
 Que haziendo de un peligro una jactancia,
 Gasta a la vida el fragil incentivo;
 Pues siendo demasia, y no substancia
 Del alimento trueca el fiel motivo,
 Y en desperdicios ser la vida intenta
 Homecida a lo mismo que sustenta.

Y quando el proprio riesgo en amenazas
 Los daños disimula, a que incamina
 Como del maior mal de lo que traças
 Callar podrá castigos, que fulmina?
 Si de peligros, en que el alma enlaças,
 Ya te viria la interior ruina,
 Que hasta las horas passan con engaño,
 Marcando el dia, si roendo el año.

A este trecho pôde sem escrupulo juntar-se o seguinte sobre a variedade, que tanto imperio tem no mundo, muito especialmente nos individuos pertencentes áquella classe da sociedade, em que a authora havia nascido.

Rapido el tiempo en presuroso vuelo
 Siglos aeaba, repitiendo instantes,

Y de la vida el fragil paralelo
 Sus alas signa en passos incessantes.
 Chymera es el applauso en su desvelo,
 Que a peregrinos in el alma errantes
 Quien ay que los aciertos desemboce
 Si cada qual a si se desconoce?

Que es esta vanidad tan celebrada
 Que es mas que vanidad, que al ayre empluma
 Con las ruidosas voces de la Fama:
 Bolante adorno de una fragil pluma?
 Y lo heroico, o lo altivo igual derrama
 La volubilidad del tiempo summa,
 Feriando en el imperio de la suerte
 Alas la fama al tiempo, o a la muerte.

Donde el primero, que buscó arrogante
 Competencia a su applauso, siempre injusto,
 Se esconde; si del cielo, fulgurante
 Rayo le despidió precepto justo?
 O quanto el presumido es ignorante
 Si por lisongear instable gusto
 Del ayre vano en appetite ciego
 Huye la luz para encender el fuego?

Los tymbres varios, que por varios modos
 Derivan los sobervios importunos,
 De Troyanos, Saxonios, Scythas, Godos,
 Di, mortal, que te valen oportunos?
 Si sabiendo que mueres como todos
 No te empuerta ser noble como algunos?
 Y esplendores, que buscas, tan inciertos
 Solo te sirven de contar mas muertos?

Que empuerta repetidos los blasones,
 Oro en el pecho, en el papel annales,
 O dibuxado a fuerça de attenciones,
 O pintado en la idea a los mortales?
 Si dismintiendo nobles paragones
 A todos distribue como iguales,
 Para un principio, y para un fin preciso
 Polvos la Tierra, barro el Paraiso?

Que es de los Reys? en de la corona
 Un siglo existe? veinte lustros dura?
 Si el tiempo que a las vidas no perdona,
 Encubre a muchos aun la sepultura?
 La muerte que sen tymbres abandona,
 Trofeos hurta siempre a la ventura,
 Pues que seran del tiempo en vituperios
 Los reys, si aun acaban los imperios?

El que a la Dicha en hado peregrino
 De la fortuna el patrocinio alcança
 Y por sellar del bien el descamino,
 Con vierde piedra, cuenta en esperança,
 No contraste de un infeliz destino,
 Ultimo fim, que aun quando en mas bonança
 No pudo, o sacrificio fosse, o voto
 El hilo de la red mas que el de Clotho.

Este poema foi impresso, e publicado em nome de Apollinario de Almada, creado da Condessa da Ericeira, mas ninguem ignorava que esta, e não aquelle, o havia composto. O censor do Desembargo do Paço o insinua assim, dizendo em sua censura: "Este canto intitulado Despertador del Alma al sueño de la vida, que com amplo, grave, vehemente, e copioso estylo compoz Apollinario de Almada, *que se diz ser seu author*, não contém cousa alguma, que prohiba a lei civil." Ainda mais explicitamente o declarou seu filho, D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericeira, nos discursos preliminares do seu poema da Henriqueida, onde affirma que este poema, publicado no supposto nome de Apollinario de Almada, era obra de sua mãe D. Joanna. Esta autoridade não deixa duvida alguma.

E' porém notavel que a Condessa se não declarasse francamente authora do poema, que dava á luz! Recearia acaso que não fosse bem recebido? Desdenharia de confessar que cultivava uma arte, a que todos sabiam que ella se dava com grande paixão? Julgaria que isso lhe não era decente? Mas nesse caso seria melhor não escrever versos, que não os querer dar por seus. Queer qualquer pessoa dar-se por superior á arte que pro-

fessa, é quanto a mim uma puerilidade ridícula, por não dizer fatuidade!

Si as poesias, especialmente as portuguezas, da Condessa da Ericeira houvessem sido impressas, si os seus descendentes as não tivessem sepultado em manuscripto nas suas livrarias, poderíamos assentar juizo seguro sobre o seu talento poetico; reduzidos porém a este unico poema, e demais escripto em idyoma estranho, apenas poderemos dizer, que a Condessa havia nascido com grande engenho, e pessimo gosto; que requintou o estylo extravagante de Gongora, e da sua eschola, e que para fazer brilhante figura no Parnaso seria necessario que tivesse vindo ao mundo ou um seculo mais cedo, ou um seculo mais tarde.

Não era de esperar que o padre Antonio dos Reis se esquecesse de cumprimentar esta poetisa no seu *Enthusiasmus Poeticus*, e eis aqui como elle se expressa ácerca desta illustre senhora:

*Thespiadum Joanna choro dabat indita leges
Et graviore sono, quam posset femina, pigros
Surgire mortales extrema in prælia, somno
Admonet excusso: Musas habuisse magistrum,
Doctorem que pudet Phæbum; nec concipit iras
Ob prærepta sibi regalia sceptra Poesis,
Ipse, sed ingenne victum se fassus ab illa,
Plectra dedit, ferante que quondam insignia summi
Præsidis, atque graves, tacita tistudine, lætus
Arrecta bibit aure sonos, grandet que docori.*

E N S A I O

BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XXV.

CONTINUAÇÃO DA ESCOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Caetano José da Silva Soutomaior.

A villa de Olivença, uma das praças mais importantes da provincia Transtagana, que passando depois ao poder de Castella, foi durante a guerra peninsular resgatada pelas nossas tropas, expoliando della a guarnição franceza, que a occupava, e pela paz restituida á Hespanha por influencia da nossa antiga, e fiel aliada a Gran Bretanha, que tanto se interessa na nossa prosperidade, foi a patria deste poeta.

Seu pai chamava-se Gaspar da Silva Moniz, e era doutor em leis, e exercia o logar de Provedor dos Resíduos, e Capellas; sua mãe chamava-se D. Isabel The-reza Soutomaior, Dama da Camara da Rainha D. Mariana de Austria, esposa d'El-Rei D. João V.

Seus pais, que o destinavam para a toga, o conduziram a Lisboa a fim de habilitar-se com os estudos preparatorios, que comprehendeu com muito gosto, e em que fez grandes progressos; terminados elles, passou á Universidade de Coimbra, onde frequentou o curso de leis, e concluido elle, recebeu o grau de Bacharel em direito pontificio.

Em 14 de Abril de 1721, fez a sua leitura no Desembargo do Paço, isto é, fez perante aquelle tribunal um exame, sem o qual nenhum bacharel podia servir os logares de letras. Neste exame deu elle provas eviden-

tes do muito que havia aproveitado nos seus estudos universitarios.

O primeiro lugar que serviu foi o de Juiz dos Orphãos do termo desta cidade; em que se houve, segundo dizem, com grande desinteresse, e louvavel actividade, e bom tino no desempenho das suas obrigações.

Sendo mui bem visto na côrte, e muito agradável a El-Rei D. João V. em razão do seu character jovial, e da agudeza, e graça dos seus ditos, ás vezes um tanto mordazes, foi em breve despachado Juiz do Crime do Bairro da Mouraria.

Era pratica quasi inalteravel, que os logares de magistratura fossem servidos por triennios; não se verificou esta regra com o nosso poeta, pois havia mais de doze annos, que estava com a vara do Bairro da Mouraria. Cançado em fim de marchar no mesmo terreno, e não sabendo como havia desencalhar-se daquella restinga, juntou um dia os seus papeis, dirigiu-se ao Paço, e apresentando-se a Sua Magestade lhe disse, com o seu costumado desembaraço: "Senhor, venho aos pés de Vossa Magestade supplicar-lhe uma mercê." E qual é ella? (disse El-Rei). "Senhor, (respondeu Soutomaior) é certo que o tempo de os Ministros servirem os seus logares é de tres annos; e como me acho servindo ha mais de doze no de Juiz do Crime do Bairro da Mouraria, parece-me que tenho direito para pedir a Vossa Magestade que me conceda a mercê da propriedade do dito officio."

El-Rei, sorrindo-se, e batendo lhe no hombro, lhe disse que podia *ir com Deos*, phrase então muito usada na côrte como equivalente de *vá descançado*, e d'ahi a poucos dias foi provido no logar de Corregedor do Bairro do Rocio, de que tomou posse em 3 de Outubro de 1737.

O Governo o incumbiu de muitas diligencias importantes, e de todas deu mui boa conta, ás vezes com perigo evidente de sua vida, o que não cooperou pouco para grangear-lhe uma especie de privança com o Monarcha, que gostava muito de o ouvir, e levemente o desculpava de alguns factos algum tanto arriscados, e de que outro qualquer não sahiria tão a salvo, e de que referiremos alguns exemplos, que são de notoriedade publica.

Ordenando-lhe El-Rei que prendesse certo individuo, e sendo este de sua amizade, o corregedor cercou a casa com as suas justiças, mas vendo que elle havia fugido para os telhados, em lugar de proseguir na diligencia, mandou que ninguem movesse d'ali o pé, partiu a toda a pressa para o Paço, onde apresentando-se a El-Rei, lhe disse, que para saber como havia de portar-se em um caso de serviço mui delicado, necessitava de que Sua Magestade lhe declarasse, si governava de telhas acima, ou de telhas abaixo.

El-Rei que estava desaperecebido, e que tomou esta pergunta como uma das muitas bufonarias com que o corregedor costumava diverti-lo, respondeu-lhe: "Está visto que só governo de telhas abaixo, porque de telhas acima só Deos tem dominio." — "Beijo as mãos a Vossa Magestade; á vista d'essa real declaração já sei como devo portar-me."

Sabindo de palacio, dirigiu-se ao lugar da diligencia, e vendo que o homem inda estava refugiado sobre o telhado, mandou immediatamente retirar os seus beleguins, dando a diligencia por concluida: constando o caso a El-Rei, estranhou muito ao corregedor este procedimento; mas este, sem perturbar-se, lhe replicou com todo o respeito: "Não me declarou Vossa Magestade que só governava de telhas abaixo? o homem estava sobre o telhado, e como havia eu lá ir prendel-o si me faltava a jurisdicção?"

Andando de ronda encontrou pelas oito horas da noite um homem correndo a toda a pressa pela rua larga de S. Roque, e fazendo-o parar lhe perguntou para onde ia? e respondendo elle, com todos os signaes de verdadeira afflicção, que hia chamar um confessor para sua mulher, que estava a morrer, o corregedor, ou por compaixão, ou por certificar-se da verdade, lhe disse que o acompanhasse, e dirigindo-se á Casa Professa de S. Roque, batendo á portaria, e dando-se a conhecer, pediu que alguns dos Religiosos o acompanhasse para confessar uma enferma, que estava em grande perigo; retirou-se o porteiro, e em breve trouxe ao nosso poeta a seguinte resposta: "Os padres da companhia não sahem de casa depois das Ave Marias seja para o que fôr."

O corregedor indignado repetiu as suas instancias, porém todas as diligencias foram baldadas; dirigiu-se pois a S. Pedro de Alcantara, onde promptamente lhe forneceram o confessor que exigia. Caetano da Silva Souto-maior detestava os Jesuitas, e protestou que havia tirar a desforra, e não tardou muito sem que a occasião se lhe offerecesse.

Estando na rua larga de S. Roque, pelas duas horas da noite, á frente da sua ronda viu desembocar da travessa do Poço dous Jesuitas accompanhados de um criado, que levava diante delles um archote, como era costume das pessoas abastadas quando ainda em Lisboa não existia illuminação.

O corregedor fazendo-os cercar pelos seus homens, lhes perguntou quem eram; e respondendo-lhe elles que eram dous padres da Companhia de Jesus, o corregedor dando uma grande gargalhada lhes respondeu: «A boa per-ta vieram vv. mm. bater! como se eu não soubesse que os padres da Companhia não andam por fóra depois das Ave Marias! inda ha bem pouco tempo que eu proprio lá fui buscar um confessor, eram oito horas da noite, e perdi o meu trabalho; vv. mm. por tanto não são Jesuitas, mas ladrões, que vestiram essa respeitavel roupeta para mais a seu salvo perpetrarem algum roubo; amarrem esses tonantes, e conduzam-os ao tronco, e lá saberemos quem sam.»

Por mais que os bons padrecas disseram, e allegaram em seu favor, o corregedor foi inexoravel, e seu mandado cumpriu-se, e os dous chamados Apostolos foram dormir ao tronco, antiga cadeia, situada onde ora está o theatro da rua dos Condes, cujo pateo inda recorda o seu nome.

Apenas havia rompido o sol, e já o prelado de S. Roque estava em casa do corregedor, que o recebeu com toda a civilidade e respeito; porém como já esperava este passo, havia tomado as suas medidas, de modo que uma chusma de rapazes, montados em cannas, e bengalas, entrando na sala apenas o prelado começou a fallar, e acudindo elle Ministro a enxota-los, não foi possivel expôr-lhe a sua pertença, e se retirou, dirigindo-se ao Paço.

Recebeu Soutomaior ordem para ali comparecer immediatamente, e El-Rei lhe disse dissimulando a custo a hilaridade, que o facto lhe causara: «Então o corregedor prendeu esta noite dous Padres da Companhia?» Deos me livre de tal (respondeu muito sério o magistrado) quem eu prendi foram dous ladrões desfarçados em Jesuitas; estes Padres não sabem de noite, nem para uma confissão. «Apesar disso (disse El-Rei) esses homens sam na verdade dous Padres da Companhia; assim acaba de me affirmar o Geral: mande solta-los.

Soutomaior não contente com a primeira mistificação, correu ao tronco, e determinou aos dous presos que sahissem. Era isso mesmo o que lhes não convinha, e por isso responderam, que sabiriam á noite. «Não é possível, gritou elle, a sua soltura é por ordem d'El-Rei, e as ordens d'El-Rei não admittem dilação.»

Foi pois necessario que os Padres devorassem mais esta vergonha, e cabisbaixos, e melancolicos sahiram do tronco pela uma hora do dia, á vista do povo, que não cessava de admirar-se vendo aquellas graves personagens na habitação dos miseraveis.

O chasco era na verdade bastante pesado, e era necessario que o Magistrado, estivesse muito seguro na protecção d'El-Rei D. João V. para ousar tanto com uma corporação poderosa, e que tanta influencia gozava na côrte, e no espirito dos povos.

Caetano da Silva Soutomaior gozava de grande popularidade, pela sua reconhecida integridade, e pelo seu character jovial, suas maneiras affaveis, e pelas snas poesias, que giravam por todas as mãos, e que eram tão estimadas, que grangearam a seu author a antonomasia de *Camões*, que quanto a mim provava menos o merecimento de seus versos, que a falta de gosto, que reinava nos seus contemporaneos.

O Doutor Caetano José da Silva Soutomaior éra, segundo affirma o compillador de algumas das suas obras Antonio Corrêa Vianna, de estatura mediana, e pela sua gordura, parecia ainda mais baixo do que na verdade era, porém muito robusto, e animoso de sua pessoa, e servia-se da espada como o mais bravo militar. Usava frequentemente de oculos, porque o seu estudo continuo

lhe havia apoucado, e enfraquecido a vista; e poucos homens no seu tempo possuíam tamanho fundo de conhecimentos juridicos; morou sempre na praça do Rocio, em umas casas que ficavam da banda do Convento do Carmo, e ali terminou os seus dias a 18 de Agosto de 1730, e foi sepultado no adro do Convento de Santo Antonio dos Capuchos, em sepultura rasa, junto á cruz.

A maior parte das pessoas só conhecem este poeta pelos dous cantos impressos de um poema obsceno intitulado a *Martinhada*. Dizem que o Frey Martinho, heroe desta composição, era nada menos que o proprio confessor d'El-Rei D. João V., e que o poeta quizera desaffogar o odio, que lhe tinha, expondo ao ridiculo a lubricidade de satyro do tal masmarro, que se queixou altamente, e lêra, pedindo vingança, parte do poema ao seu real penitente, que desatou a rir. Não pude porém averiguar, se o haverem-se publicado só os dous primeiros cantos deste poema foi por se haver perdido o resto, ou porque o author o não adiantou mais.

Confesso que nunca pude gostar de obras de tal estylo; parece-me um sacrilegio o prestar ás Musas a linguagem das prostitutas mais infames, e faze-las passar de mestras da virtude, e dispensadoras da gloria, ao miseravel papel de pregoeiras do vicio: não pôde porém negar-se que na *Martinhada* ha muito vigor de imaginação, mui vivo colorido nas pinturas, e mui robusta verificação, e é para lamentar que estes predicados se encontrem tão mal empregados em um escrito, que só redundando em vergonha, e descredito de quem o escreveu.

Mas Caetano José da Silva Soutomaior tem poesias de outro caracter, que si fossem mais conhecidas lhe dariam um lugar distincto entre os melhores poetas do seu tempo. A collecção manuscripta que tenho presente, e que não é das mais numerosas, foi feita, e copiada por Antonio Corrêa Vianna, em 1779, isto é, quarenta annos depois da morte do author, e contém cincoenta e nove sonetos, sendo alguns delles em castelhano, conforme a moda, ou a mania do tempo. Um poema de cento e oitenta estancias celebrando o casamento do sexto Conde da Ericeira com D. Maria José da Graça e Noronha, filha dos Marquezes de Cascaes. Este poema, que se in-

titula: *As Glorias de Erise*, foi publicado pelo poeta, e deu origem a uma viva polemica pela imprensa, pois alguns criticos publicaram folhetos, em que o censuraram, e Soutomaior os refutou com grande energia, e apparato de razões. Um epicedio á morte da Infanta D. Francisca, que falleceu em 15 de Julho de 1736, e que tambem foi impresso. Dous sonetos, e algumas endeixas hendecasyllabas ao mesmo assumpto. Uma sylva a D. Margarida Baptista, sendo reeleita para o cargo de Abbadessa do Real Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, no anno de 1736. Um romance ao mesmo assumpto. Uma sylva a D. Anna Maria de Sousa, na occasião de ser eleita Abbadessa do Real Convento de Santa Anna de Lisboa. Um soneto ao mesmo assumpto. Romance heroico por occasião de virem a Lisboa tres Embaixadores pretos da Ilha de S. Lourenço prestar voluntariamente preito, e homenagem a El-Rei D. João V. Romance em nome da mãe do author, beijando a mão do Infante D. Alexandre, filho d'El-Rei D. João V., no dia em que completava um anno.

O estylo do doutor Soutomaior é habitualmente o adoptado pela eschola hespanhola, a que pertencia, posto que ás vezes se mostre mais razoavel, mais moderado, e menos affectado que os seus contemporaneos: foi culpa do seculo, e não falta de talento, si transpoz as raias do bom gosto para correr atraz das agudezas, dos conceitos hyperbolicos, deixando o natural pelo caprichoso, e pelos ornamentos ambiciosos; mas para levantar-se acima das preoccupações do seu tempo é necessario ser um genio de primeira ordem, e este poeta estava muito longe disso.

Os seus sonetos, tem, si não me engano, o primeiro logar entre as suas poesias, entre as que eu conheço, pelo menos; bem pensados, fortes de expressão, e bem versificados, nada tem que invejar aos melhores dos seus contemporaneos. E poderia alguem crêr que toparia com alguns sonetos de devoção entre as obras do author da *Martinhada*? Pois nada ha mais certo, e para prova transcreveremos o seguinte, endereçado a Santa Barbara, na occasião de ser pelos algozes despojada dos seus vestidos.

SONETO.

Virgem bella, não julgues tyrannia
Ser despojada dêsse adorno insano,
Não se cobre um planeta mais que humano,
E despido apparece á luz do dia.

Toda espirito o orbe te advertia,
E o decreto infalivel do tyranno,
Mostrou que em ti, com raro desengado,
No mortal o immortal não se encobria.

A belleza, em que o ceo ditas apura,
Desprezando essas gallas infelices,
Brilha triumphante, resplandece pura.

Justo foi, não violento que existisses
Sem manchas no esplendor da formosura,
Porque vestido o sol padece eclipses.

Neste soneto não faltam brilhantes falsos; mas eu não o citei como modello de composição, mas sim para mostrar que o poeta não se occupava só, como alguns cuidam, em tractar assumptos obscenos.

E' de muito melhor gosto este soneto a El-Rei D. João V., mandando celebrar as exequias do Summo Pontifice Clemente XI.

SONETO.

Tumulo excelso a regia potestade
Na morte erige do Pastor Romano,
Qu'o affecto do Monarcha Lusitano
Excede a vida, e chega á eternidade.

No sentimento empenha a magestade,
Pois vendo que da Parca o raio insano
Profanou o alto Solio Vaticano
A obediencia converte hoje em piedadé.

Das cinzas frias á memoria rara
Na funesta, magnifica estrutura,
Triumpho, inda que funebre, prepara.

Pois nesse altivo mausoleo procura
Que pareça o respeito da thiara
Ornato, e não despojo, á sepultura.

Superior a este, ao menos pelo fecho, me parece o soneto, que elle dirigiu ao principe, na occasião de lhe beijar a mão.

SONETO.

Da Lybia ardente o morador adusto
Teme o vêr-me, senhor, de vós honrado,
Pois nessa mão se admira vinculado
De Lysia o hem, da Mauritania o susto.

Receia que esse braço, sempre augusto,
Dos portuguezes todos adorado
Seja com vaticinio antecipado
Prodigio de valor triumphante, e justo.

Conhece que os turbantes orgulhosos
Chegam, senhor, a ter tantos perigos
Quantos tendes agrados decorosos.

Publique a minha dita os seus castigos,
Que a mão, que faz vassallos venturosos,
E' o mais certo terror dos inimigos.

Havendo uma senhora mui nobre, por nome D. Maria da Penha de França, fugido para Hespanha com o Marquez de Gouvêa, correu d'ahi a tempos o boato de que arrependida da sua leviandade se havia recolhido a um convento; e a este assumpto fez o nosso poeta o seguinte soneto, que não é dos peiores, que lhe sahiram da penna.

SONETO.

Esse claustro, em sagrada penitencia,
Pio te esconda, oh bella criminosa,
E converta-se em sombra a luz formosa
Que ardeu nos sacrificios da indecencia.

Tolera da prisão toda a violencia,
Perdida já a nobreza generosa,
Fique ainda entre a culpa indecorosa
Benemerita ao menos a paciencia.

Principia a morrer nessa clausura,
Encobrimdo um descredito infinito
No antecipado horror da morte obscura.

Mas oh! si em ti, por ultimo conflito,
Como vai sendo a vida sepultura
Chegasse a ser cadaver o delito!

Estando em Hespanha Francisco de Pina e Mello, poeta muito acreditado naquelle tempo, visitou no Escorial o Pantheon, ondê estam sepultados os Reis de Hespanha, e á vista da magnificencia daquelles tumulos compoz o seguinte

SONETO.

Que intenta esta soberba architectura
Com tão regio, marmoreo luzimento?
Si mostra aqui distincto o nascimento
Erra, que é tudo igual na sepultura.

Por mais que doure a face á morte escura
Nunca ha de desmentir o monumento:
Que vale o resplendor do fingimento
Aonde existe a sombra da figura?

Quanto mais se mostrar engrandecido,
Maior espelho offerta á vaidade
Vendo-se como é, não como ha sido.

Pois de que serve a funebre deidade,
Si ainda para objecto do sentido
Primeiro está o horror que a magestade?

Divulgado este soneto em Portugal, o doutor Souto-maior, que via as cousas debaixo de um ponto de vista menos phylosophico que Pina e Mello, lhe respondeu com este, que passamos a transcrever.

SONETO.

Padrões dedica a infausta architectura
A' magestade a cinzas reduzida,
Que sempre da grandeza destruida
Alguma parte nas reliquias dura.

Da regia dignidade a sombra escura
Até no ultimo horror esclarescida,
Si não chega a eximir do estrago a vida
Póde honrar no diadema a sepultura.

Na urna o sceptro, melhorado o effeito,
Faz com que triste advirta o peito humano
As cinzas, que se intimam no preceito.

Que importa pois que brilhe o jaspé ufano,
Onde toda a vaidade é só respeito,
E é sómente respeito o desengano?

Ambos os sonetos me parecem bons, mas parece-me que Pina e Mello tem mais razão: gastar contos de contos de réis para amontoar pedras sobre pedras para guardar um cadaver, é na verdade vaidade louca, e pouco christãa. Ha porém razões, tiradas de boa politica, e que não sam as de Soutomaior, que podem até certo ponto justifica-la; essa vaidade alimenta as artes, e as faz prosperar, animando os que as cultivam a aperfeiçoa-las, e assim vem a ceder em proveito publico. Este genero de luxo é como os outros, que os moralistas acanhados tão acremamente censuram: se elles conseguissem banir o luxo da terra, elle levaria comsigo a industria, o commercio, a civilisação, a opulencia dos povos, e todos os commodos da vida social.

Entre os seus sonetos eroticos me parece digno de attenção este, dirigido a uma dama que tendo sido ingrata com o seu amante, chorava muito pelo vêr ferido.

SONETO.

Tarde da ingratidão, Chlorig, despertas,
Pois, trocando á piedade hoje o conceito,
Si offendeste com erros o meu peito,
Sentindo os meus estragos, desacertas.

Vê que em mim podem ser penas mais certas
Feridas d'alma, que, com nobre effeito,
O coração em lagrimas desfeito
Pelos olhos te mostra sempre abertas.

Si entre chammas terriveis me arrebatam
Dê amor, e emulação ardentes lumes,
Pouco, oh Chlори, outras queixas me maltratam.

Erras, si morto acaso me presumes,
Que immortal devo ser, pois me não matam
Nem os teus olhos, nem os meus ciumes.

O seguinte, a uma dama rigorosa, não deixa de respirar viva paixão, e terna melancholia, posto que a sua expressão esteja iscada da methaphysica erotico-platonica de que os poetas daquelle seculo ás vezes abusaram tanto, mesmo a troco de se tornarem inintelligiveis.

SONETO.

Divina, Philis bella, eu te agradeço
Dos teus rigores a continúa instancia,
Que antes, meu bem, da minha tolerancia
Não merecia o mesmo, que mereço.

Si o meu pesar do teu desdem foi preço,
Que adquiriu entre penas a constancia,
Não quero a dicta, quero a só jactancia
De que me debes tudo o que padeço.

Não tenho nem temor, nem resistencia
Aos males, a que o peito não repugna,
Indistincta a paixão, e a paciencia.

Hoje até a gloria me será importuna,
E amor, que fez costume da violencia
Fará também desprezo da fortuna.

O soneto que se segue, feito a uma dama que desparou um tiro contra uma imagem de Cupido, foi um da-

quelles assumptos extravagantes, e inverosímeis com que as academias daquelle tempo atormentavam a imaginação dos seus alumnos, o que em minha opinião não cooperou pouco para a propagação do mau gosto, que então inficionou a poesia.

SONETO.

Do seio de Vulcano um golpe ardente
Dispara Phylis contra a seta hervada,
De um Cupido, que deixa por cortada
Alfaia inutil, si tropheo pendente.

Mas não foi esta acção porque hoje intente
Phylis mostrar-se contra Amor irada,
Foi saber se frustrara, estando armada,
Golpe que o abysmo teme, e que o ceo sente.

Rendeu-se Amor ao tiro, e as armas logo
Offerta a Phylis no mortal desmaio,
Em que acha o rendimento desafoço.

Porque se vêja no primeiro ensaio,
Que si dos corações Amor é fogo,
Das almas, e do amor Phylis é raio.

A' condessa de S. João, que estava contemplando com muitas lagrimas, um retrato da condessa sua mãe, que se havia retirado para um convento:

SONETO.

Senhora, esse retrato, esse portento
Tanta saudosa dôr nunca allivia,
Que a memoria da amada companhia
Não melhora, duplica o sentimento.

Lembrado o bem perdido é mal violento,
E offende essa pintura a phantasia;
Não pôde ser remedio, é tyrannia
Fazer parcial do damno o entendimento.

Fugi dessa bellissima apparencia,
Que o pranto justamente vos persuade,
Que as lagrimas faz credito da ausencia.

E o vosso amor, das côres na verdade,
Hade achar, para abono da impaciencia,
A formosura unida co'a saudade.

Havendo-se certa dama posto mal com o poeta, mandou-lhe os escriptos, que delle havia recebido, e elle os lançou no fogo, fazendo a esse respeito este

SONETO.

Morrei, doces despojos, que algum dia
Fostes de Chlorig persuasão gloriosa,
Que a chamma, ainda que triste, venturosa,
Vai conservar no fogo a idolatria.

Para desprezo ser de Chlorig impia,
Basta arder nessa luz pouco formosa,
Porque da chamma, que é menos preciosa,
Não fica sendo a cinza menos fria.

Não fostes cridos, viestes desprezados,
E das iras de Chlorig como objectos,
Sereis sempre uma injuria aos meus cuidados.

Eu só posso mostrar nestes affectos,
Fazendo-vos agora desgraçados,
Que sois constantes, e que sois discretos.

A uma dama, que o poeta recusou vêr, depois de haver lido alguns versos da mesma senhora :

SONETO.

Para vences basta um só portento,
Pois não foram em tudo sempre claras
As victorias, si acaso acompanharas
Com outro encanto o numerozo accento.

Si a minha vida, e o meu entendimento
 Já dos teus versos são victimas raras,
 Serias, si o resplendor não retiraras
 Menos avara, e eu menos attento.

Outro espirito influe reverente
 Si has de mostrar teu rosto esclarecido,
 Que um, que tinha, está preso felizmente.

Ou cesse o agrado harmonico do ouvido,
 Que hei de expôr a teus olhos indecente
 Sem mais uma alma, ou menos um sentido.

Acham-se na mesma collecção, de que me sirvo, alguns sonetos funebres, de que copiarei aqui os dous seguintes, para dar ao leitor idéa do modo porque o doutor Caetano José da Silva Soutomaior desempenhava estes assumptos. O primeiro é feito á morte de Francisco Dionysio de Almeida, morto na flôr da idade, e que tinha dado esperanças dos seus progressos em litteratura e erudição.

SONETO.

Reduzir esta vida á sombra escura,
 Na mais discreta, e mais florida idade,
 E' da morte fatal temeridade
 Com que infama os decretos da Ventura.

Que avisos, ou que exemplos nos procura,
 Si offendido o discurso da impiedade,
 Toda a ira, a que a perda nos persuade,
 Faz esquecer o horror da sepultura?

Inveja a Parca o raro entendimento
 Que agora nos roubou, e ao golpe astuto
 Sirva de injuria o mesmo monumento.

Porque inda que o morrer seja estatuto,
 Da saudade consegue o sentimento
 Que pareça vingança o que é tributo.

O segundo é a morte do Marquez de Gouvêa, fidalgo moço, bem visto na côrte, amado do povo por sua affabilidade, e que falleceu de uma phthisica pulmonar, resultado dos seus excessos amorosos, depois de dous annos inteiros de acerbos padecimentos, como consta das memorias d'aquelle tempo.

SONETO.

Não extingue da morte o atrevimento
Em Mucio excelso a illustre heroicidade;
Muda-lhe só na iniqua austeridade
Os cultos do palacio ao monumento.

Rendeu-lhe acclamações o orbe attento,
E hoje o busca no tumulto a saudade,
Mas tão distincto o excesso na vontade
Quanto vai da lisonja ao sentimento.

Mas intenta triumphar a morte dura,
Que o affecto triste do sepulchro fia
Na saudosa attenção á fé mais pura.

A memoria consagra a tyrannia,
Porque entregue a lembrança á sepultura
Faz sempre religiosa a idolatria.

Tenho pelos melhores sonetos do doutor Caetano José da Silva Soutomaior, os que sam de assumpto heroico: o author tinha certa elevação nas idéas, que o tornava proprio para este genero de composição: alguns, que passo a transcrever aqui, talvez comprovem, e justifiquem a minha opinião.

SONETO

A' espada de Pedro Mascaranhas no socêgo da paz.

Pendurêa entre louros infinitos
Mascaranhas, o grande, a heroica espada:
Porque em ara immortal seja adorada,
Troque o mundo os assombros pelos rites.

Si inveja foi dos Cesares invictos,
Deixe hoje na razão imaginada
A serie dos prodigios, que admirada
Não póde ser no ardente dos conflictos.

Cause respeito, se causou desmaio,
Que admirado, e rendido eu já contemplo
Pisuerga, Pyrenneo, Ebro, e Moncaio.

Descance a espada, e a Fama no seu tēplo
Em idolo converta o que foi raio,
Chegue a fazer deidade o que era exemplo.

Ao grande Affonso de Albuquerque, que perdendo-se a nau, em que navegava, preferiu salvar uma menina canarina, que se refugiou a seus pés, a salvar do naufragio a grande riqueza que trazia. Esta acção mencionada por quasi todos os historiadores das cousas orientaes é um grande documento do animo generoso daquelle heroe, que póde sem escrupulo haver-se pelo unico homem verdadeiramente grande, que de Portugal passou á India; seja isto dito sem menoscabo do valor de Duarte Pacheco, e da probidade de D. João de Castro.

SONETO.

Não me alteras, oh mar, sempre violento
Na furia destas ondas repetida,
Si estou, sendo remedio de uma vida,
Contra todo o futor deste elemento.

Nos estragos me adquires novo alento,
Pois ficamos com gloria esclarecida,
Eu assumpto da fama encarecida,
Tu da riqueza avaro monumento.

Pereça a oriental preciosidade,
E exista a honra da feliz violência,
Que foi maior que a dita a adversidade.

Porque fica, apesar desta inclemencia,
Superado o interesse da piedade,
E a desgraça vencida da innocencia.

Eis aqui outro ao mesmo assumpto, e talvez melhor.

SONETO.

Não assustes, oh barbaro elemento,
A innocente, que tenho ao peito unida,
Que á gloria desta acção compadecida
Respeita até das ondas o violento.

Tu logras o furor, eu logro o intento,
De ficarmos com sorte repartida,
Asylo nobre de uma tenra vida,
Sepulchro avaro de ouro macilento.

Si tenho a varonil integridade,
Que consegues no horror dessa inclemencia,
Ou que importa a infeliz calamidade?

Quando fica no exemplo da violencia
Desprezado o interesse da piedade,
E vencida a desgraça da innocencia.

A El-Rei D. Pedro, que visitando o Mosteiro de Alcobça, desconheceu a estatua de pedra, que o representava.

SONETO.

Senhor, a vossa effigie venerada
E' por vós com razão desconhecida;
Porque ficou na copia parecida
De reverente a pedra desmaiada.

Que importa que do artifice lavrada
Pareça que o cinzel lhe infunde a vida,
Si a grandeza só póde esclarecida
Ser nas vossas victorias retratada?

Estranhaes esta imagem justamente,
Si a luz original está diante,
O reflexo perdeu-se de repente.

Inda sendo o retrato similhante,
Porque em chegando o sol a estar presente,
Mudam sempre as estrellas de semblante.

A Alexandre Magno, apertando com o seu diadema
as feridas de Lysimacho:

SONETO.

Senhor, tenha o diadema lugar justo,
Que eu temo vê-lo menos respeitado,
Que importa a minha vida ao teu estado,
Si a reservas do estrago para o susto?

Não póde altivo, o meu valôr robusto
Permittir, que o diadema venerado
Fique nestas feridas profanado
Si as recebi por conservar o augusto.

Se te fez vencedor esta façanha,
Será tanta piedade em tanta gloria
Satisfação heroica, mas estranha.

Não percas no triumpho esta memoria,
Que só crescem regados na campanha
Com sangue illustre os louros da victoria.

Ao mesmo assumpto:

SONETO.

Rompe o sacro diadema persuadido
Que fica certamente mais honrado,
Nas illustres feridas de um soldado,
Que quando a regia fronte está cingido.

Felizmente em pedaços dividido,
Do teu sangue na purpura banhado,
Se atéqui o lograva affortunado
Agora é que o mereço esclarecido.

Porque heroico ás virtudes raras se una,
Com justiça exercito esta piedade,
Que acceitar teu valôr tanto repugna.

Remunero igualmente a heroicidade,
Que a victoria é acaso da fortuna,
E o premio distincção da magestade.

Tourear era neste tempo o divertimento mimoso da fidalguia, os mesmos principes tomavam parte neste divertimento mourisco, que ainda hoje tem entre nós tantos apaixonados, como no reino visinho. Será raro o poeta seiscentista em cujas obras se não encontre algum soneto, ou alguma canção em louvor de uma cutilada empregada com apcia, ou de algum rojão metido com graça, e desenvoltura no pescoço de algum touro. O nosso Camões do Rocio não escapou deste peccado original, e entre outros se encontra nas suas poesias este soneço em louvor do infante D. Antonio, que sabindo a um touro, que Antonio Antunes Portugal não tinha podido matar, o estendeu por terra da primeira cutilada. O louvor não podia ser melhor merecido, porque uma acção tão guapa pôe um homem, pelos menos, trezentos metros (para servir-me da linguagem dos janotas litteratos) acima dos Alexandres, e dos Cesares.

SONETO.

Dos golpes no confuso labyrintho
Morre ao mais duro o touro mais attento,
Pois sendo igual em todos o instrumento,
Em tudo o braço heroico o fez distincto.

Em cholera abrasado, em sangue tincto,
Conhece o bruto o alto regio alento,
E illustrando na morte o nascimento,
Obrou como a razão o que era instincto.

Para acabar elege uma ferida,
 Mas na eleição a rapida braveza
 Passa de irracional, fica entendida.

E em regia adoração de tanta alteza,
 Chega hoje a ser o estrago de uma vida
 Mais que injuria, lisonja á natureza.

Quando se pertende engrandecer cousas pequenas, é força que os conceitos saiam rebuscados, a expressão turgida, e que os hyperboles tomem o lugar do sublime.

A natural mordacidade do doutor Caetano José da Silva Soutomaior, faz com que elle nas satyras transcenda de ordinario os limites de uma censura moderada, e judiciosa: as setas despedidas do seu arco levam as pontas em braza, e queimam as feridas, que rasgaram: isto é um verdadeiro defeito; a satyra não deve degenerar em diffamação, e libello, cabe-lhe pungir o ridiculo, e o vicio, mas não matar o vicioso; a demasiada acrimonia não produz o pêjo, nem a emenda, mas o odio, e a desesperação. Além disso a natural destemidez do nosso poeta faz que elle não respeite niuguem, e quem poderia respeitar, quem não receiou accometer os jesuitas, tão poderosos então, e o confessor d'El-Rei, que sempre é nas côrtes um inimigo temivel? Que admira pois que elle ousasse dirigir um soneto satyrico ao Monteiro Mór? Este fidalgo era coronel de um dos regimentos da côrte, na expedição do anno de 1735, mas tinha o defeito de ser aquillo que hoje, em phrase de quartel, se chama *frigideira*, e por isso não cessava de mandar prender para soldado, segundo o estylo de recrutamento, que então havia, e que durou até ao nosso tempo: desagradou isto ao nosso doutor Soutomaior, que sem receiar a desforra de tão grande personagem desfechou contra elle este

SONETO.

Coronel satanaz, Fernão zarolho,
 Cruel harpia das que o abysmo encerra,
 Na empreza de affligires esta terra
 De que serve o bastão, si tens esse olhó?

Vai-te deitar na granja de remolho
Onde o vilão, porque o escorchas, berra;
Pois não é para o illustre ardor da guerra
Abobra com feitio de repolho.

Si soubeste juntar com força rara,
Sendo em ti o prender genealogia
De gallinha o louvor, de mono a cara,

Anda, prende, e ateima na porfia,
Pois em Aldegavinha tens a vara,
E n'Asia, em Capanor a feitoria.

E' natural que sua excellencia não ficasse mui satisfeito com o panegyrico, teve porém de dissimular, fazendo boa cara ao mau jogo, porque a benevolencia d'El-Rei punha o poeta fóra do alcance dos seus tiros.

Igual mordacidade, e diremos mesmo grosseria, se encontra em outro soneto dirigido contra um pregador da ordem dos Grillos, que se fazia notavel pela vermelhidão do rosto, que alguns praguentos attribuiam, não sei si com razão, ou sem ella, ao uso immoderado que o tal reverendo fazia das libações bacchicas.

SONETO.

Tal sermão, e tão grande, e sem parelha
Do nosso reverendo Frei Palrilha,
Será d'asnos oitava maravilha
Por sómente constar de muita orelha.

Eu quando o vi com cara tão vermelha,
Dizendo as asnidades em quadrilha,
Sem reparar nos calos da servilha,
Julguei tudo fumaças da botelha.

Si o sermão se prérgasse na Pampulha,
De toda a marotice a vil canalha,
Metera muito embora o frade a bulha.

Mas eu venho a inferir nesta baralha,
Que ou o tal frade a todos nos empulha,
Ou elle certamente come palha.

Cumpre confessar que para tractar assim um Padre Mestre, e prégador da sua ordem, quando as roupetas, e as cabeças rapadas tinham tamanha influencia, era necessaria ou muita coragem, ou muito pouca discrição,

CAPITULO II.

Outras poesias do doutor Caetano José da Silva Soutomaior.

Da Martinhada já dissemos o que basta no capitulo antecedente, nem aquelle poema é susceptivel de extracto, ou de citação em uma obra desta natureza.

O epicedio á morte da Infanta D. Francisca, uma das mais formosas princezas do seu tempo, é quanto a mim o melhor dos innumeraveis poemas que por esta occasião se publicaram em Portugal. Consiste este poema em uma longa silva, soberbamente versificada, e cheia de muitos rasgos poeticos, que fazem honra ao talento do author; como apesar de ter sido impresso naquelle tempo, se tem tornado tão raro como os proprios manuscritos, aqui o copiarei por inteiro.

Corre o Téjo saudoso docemente
Gigante, que do aljofar transparente
Vai formando com liquido thesouro
A estatura de neve, as veias de ouro:
Mas na margem, que borda crystalina
Sobre um tosco penhasco se reclina,
A bella Elysia, que do grego Ulysses
Inda chora os naufragios infelices;
Numen divino, tutelar deidade
Do grande emporio, da maior cidade,
E com causa mortal, que o peito inflamma
Tam brandamente as lagrimas derrama,

Que, viva imitadora do rochedo,
Os banha o susto, pavoroso medo,
Elle na agua do Téjo entumecido,
Ella dos olhos no crystal vertido,
Só mostra Elysia bella que é vivente
De seus brilhantes párpados na enchente :
Quem dissera que a dôr consegue tanto,
Que pôde converter em alma o pranto ?

Mas ao tremulo impulso de um suspiro,
Que ao Téjo corta o placido zaphiro
Cobre, sentindo o breve desaffogo,
O rosto bello de purpureo fogo,
Mas indo a dizer — ai! — logo um gemido,
Cortando a voz deixou o ai partido :
A metade torpou ao peito amante,
E a metade no ar naufraga, errante,
Causando em cada parte este ai violento
Estrago ao coração, lastima ao vento :
Mas a voz arrancando, e a alma nella,
Disse ao tosco rochedo Elysia bella :

“ Triste penhasco, sobre triste, rudo,
“ Sômente hoje discreto em seres mudo,
“ Atalaia soberba destas aguas,
“ Como não dizes repetidas magoas,
“ Como não sentes um mortal quebranto,
“ Meus olhos, e meu peito em fogo, e pranto ?
“ Que n'alma guarda, que a memoria sente,
“ Sem que a pena no estrago te violente ;
“ As boccas romperão ao teu desmaio,
“ Que a penha não resiste á dôr, que é raio :
“ Poucos serão os Nilos, e os Vesuvios
“ Que a esta queixa não bastam dous diluviós.

“ Mas ai ! mil vezes ai ! ai ! quem me dera
“ Um ai tão grande, que rompendo a esphera,
“ Saudoso convertesse em ais, em dôres
“ As estrellas do ceo, do campo as flores !
“ Porém, ai ! que inda este ai em nada explica
“ Outro ai, que d'alma vem, e na alma fica !

«Chegue a morte, sejamos, penha dura,

«Eu o cadaver, tu a sepultura.

«Porém o golpe pára, que primeiro,

«Penhasco bronco, rustico, e grosseiro,

«Quero este horrendo enigma declarar-te,

«E entre ardentes suspiros abrandar-te;

«Porque é maior excesso

«No triste horror de um tragico successo,

«Causar a magoa, quando influe a sorte,

«A uma pedra o pesar, que a um vivo a morte.

«Mas que fôra esta pena, si terrivel

«Não dera sentimento ao insensivel!

«Um novo modo de lamento afina,

«Pois sendo a causa de sentir divina,

«Os affectos, as magoas, e as ternuras

«Ham de ser mais que immensas, mais que puras;

«Ham de ser, quando acaso lhas consagres,

«Muito acima da esphera dos milagres.

«Porém, oh Téjo amado,

«Emblema pensativo ao meu cuidado,

«Que com silencio undoso

«Corres, ou de assustado, ou de saudoso,

«Iguala de meus olhos a corrente,

«Sim de saudades, não de prata a enchente.

«Seja esta vez, oh Téjo,

«Nesta pena se augmente o meu desejo;

«Pois quando as aguas sem morrer discorrem,

«Muito mais sentem, porque nunca morrem:

«Mas inda assim suspende espaço breve,

«O brilhante tumulto a tanta neve;

«E vê que os meus gemidos,

«Em echos uns aos outros succedidos,

«De crystal puro em laminas vistosas

«A teu curso são remoras saudosas:

«Sam de fogo, e chegando ao campo frio

«Logo se accendem, oh formoso rio,

«Phenomenos saudosos, que os altares

«A Thetis alumiam nestes mares.

Que inutil dispendio de espirito! Que affectação de
conceitos! Que profusa repetição das mesmas cousas por

differentes modos ! O mau gosto do seculo não deixava perceber ao poeta que sentimentos, e affectos vivos, e ternos, exprimidos singela, e naturalmente deviam produzir mais effeito que todos estes clarões phosphoricos e luzes-luzes rhetoricos que tanto se applaudiam, e admiravam no seu tempo.

“Vai as aguas nas vozes dilatando,
“E espuma sobre espuma levantando,
“Soberbo erige prateados montes,
“Typhéos de neve, de crystal Phaetontes,
“Que accendam, collocados no teu cume,
“Os meus gemidos com divino lume :
“Mas si formares liquidos gigantes
“Não temas hoje os raios fulminantes,
“Que os ham de ficar vendo as luzes bellas
“Affogados no pranto das estrellas,
“Ou no impulso primeiro dos seus giros,
“Abrasados no ardor dos meus suspiros,
“Não receis aos deoses, e aos estragos,
“Que vam comtigo meus gemidos vagos,
“Olha, oh Téjo, que sam minhas saudades
“No poder superiores ás deidades.”

A' vista de tão prolixo preambulo não teria o leitor razão para exclamar impacientado : “Senhora Elysia, já sabemos que chora, que geme, e que prantea, mas não será inda tempo de nos dizer porque?”

Disse, e unindo as mãos, os olhos bellos,
Que sam dos astros lucidos desvellos,
D'onde as brilhantes pérolas, que chora,
Nascem filhas do Sol, e não da Aurora,
Tão fixos pôz nos céos, que os seus lugares
Temem perder os outros luminares,

Com triste, e mudo abysmo
Nem o lamento rompe o paroxismo !
Tinha o silencio de brilhantes côres
Tantas estatuas, como o campo flores,
Sendo entre horrores de um sagrado medo,
O mundo sacrificio do segredo.

Mas torna Elysia logo enternecida

A dizer de constante, ou de offendida :

- “ A formosura unida á magestade
- “ Roubou da morte a barbara impiedade,
- “ Da morte, que eclypsou a luz do dia
- “ Na triste nuvem de uma pedra fria ;
- “ Pedra preciosa, iman do meu cuidado,
- “ Jaspe querido, marmore adorado !
- “ Erario enriquecido, altar saudoso !
- “ Templo sagrado ! cofre mysterioso !

“ Que agora occulta avaro

- “ O firmamento humano; o phenix raro,
- “ O resplendor divino, a chamma pura,
- “ Gloria d'Amor, accerto da ventura !
- “ Mimo da aurora, vida da belleza,
- “ Prodigio, que excede a natureza,
- “ Portento que não cabe no juizo !
- “ Porém um echo agora era preciso
- “ Que rompesse no impeto abrasado,
- “ Teu duro seio, oh jaspe idolatrado !
- “ Roubando-te entre lagrimas, e affectos
- “ Esse amavel objecto dos objectos.

“ Pedra, torna-me o bem, que eu te asseguro

- “ Com fé piedosa, com extremo puro
- “ Que si tinhas agora sempre infaustos
- “ De uma saudade os firmes holocaustos,
- “ Tu verás em mais nobres exercicios
- “ De gratidão perpetua os sacrificios ;
- “ Mas não hás de querer fina, e constante
- “ Que a mesma luz que tens te fez diamante;
- “ Só com sangue é que póde entérnecer-te

“ O intento de mover-te

- “ Porém que sangue ? As lagrimas sentidas
- “ Que a causa faz nos olhos bem nascidas,
- “ Mostrando que tambem hoje saudosas
- “ Póde a luz da razão ter mariposas.

“ Da reflexão ferido o entendimento

- “ Manda aos olhos as queixas, e os lamentos;
- “ Sentindo a perda de um divino encanto ;

« Quem duvida que da alma é sangue o pranto ?
« Desta alma, que assustada, e que ferida,
« Si a alma vida tem, perde a alma a vida :
« Porém de ti meu peito nada alcança,
« Pois, sepultada a flor, morre a esperança.

« Mas um gemido rapido, e violento
« Abraze a terra, accenda o firmamento,
« Morram os astros, nasçam os cometas,
« Subam as aguas, caiam os planetas,
« Ouvindo a dura nova lamentavel,
« Que offende o peito em dôr inconsolavel,
« Morreu de Portugal a bella Infanta :
« Oh reino victorioso ! Em magoa tanta
« Como não vóas, e entre as luzes bellas
« Os influxos castigas das estrellas !
« Mas suspende a cholerica ousadia,
« E de mim toda a queixa agora fia ;
« Sabe que a causa foi de tanta pena
« Que de invejoso o fado a morte ordena :
« Duvidou se immortal a formosura
« O feudo negaria á sepultura,
« Sendo esta luz irmã do Atlante Augusto
« Que deu ao Orbe assombro, á Europa susto :
« Quiz mostrar que era humana a magestade,
« E roubou-lhe o penhor da divindade.

« Oh rei invicto, oh principe glorioso,
« Sempre heroico, e hoje heroico em ser saudoso,
« Tire a inveja da morte fementida
« Da mais preciosa luz a amada vida ;
« Mas si a constancia nesse peito regio
« E' virtude real, é dote egregio,
« Do excesso na grandeza, e na distancia
« Vós tereis a firmeza, ella a inconstancia,
« E talvez que offender-vos nunca possa,
« Que é vosso o coração, si a pena é vossa.

« Eu sou, eu serei sempre, amado Téjo,
« Elysia desgraçada, porque vêjo
« Que, quando estende a noite o negro manto,

« No triste horror do solitario espanto,
 « Vacilante se entrega a phantasia
 « Da minha luz a rara idolatria ;
 « Lembra-me a luz, e lembra-me a bondade,
 « O esplendor, a belleza, a magestade,
 « O modo compassivo, o illustre affecto
 « Do meu perdido, venerado objecto,
 « Da deidade feliz, da formosura,
 « E tudo isto me rouba a sepultura.

« Nas causas repetido o sentimento,
 « Parece eternidade o meu tormento,
 « Ou que formam com duras impiedades
 « Minhas saudades todas as saudades,
 « Ainda era por immensa pouco afflicta
 « Sem ser por muitos modos infinita.

« Não pôde haver hyperbole que explique
 « Nem magoa, com que a pena mortifique,
 « Nem dôr, que o coração penetre dura,
 « Que meu mal conte, nem por conjectura ;
 « Eu porém o declaro, eu o digo todo,
 « Pois só pôde dizer-se deste modo :
 « Sou quem mil vezes vio seu rosto bello,
 « E nunca hei-de tornar jámais a vê-lo.

« Que importará que alegre nasça o dia
 « Si encontro o meu tormento na alegria?
 « Oh que sempre ha-de ser objecto ingrato
 « Sem esperança a vista do retrato !

« Que importa que o esplendor nascendo infante
 « Com tremulo fulgor, chamma radiante
 « Na ametade que sahe do horizonte
 « Do cume a superficie toque ao monte,
 « Explicando no ardor, que o valle perde
 « Perfil dourado a tanta gala verde?

« Que importa que raiando no hemispherio
 « Tenha do globo azul o sacro imperio,
 « Em fogo ardente de encarnada chamma

« Com que dos astros principe se acclama,
 « Ou que accenda na luz do meio dia
 « Brilhante, e pura neve a fonte fria;
 « Si eu vi maior portento
 « Que, perdido, hoje chora o meu lamento:
 « E inda, perdido, na memoria encanta!
 « Os olhos, digo, da divina infanta,
 « Onde em raios, e luzes junctamente
 « Unidos tinha o Sol zenith e oriente!

« Quem importará que dê a estrella d'alva
 « Em brando aljofar-á campanha a salva,
 « Porém só esta imagem no meu peito
 « Abre occultos mysterios ao conceito:
 « Não encontro razão na magoa justa
 « Com que sempre a manhan lagrimas custa,
 « Porque accordando a luz que vai subindo,
 « Destille o pranto quando nasce rindo.
 « Mas oh que destes males era presso
 « Antevio ao tristissimo successo,
 « E sentindo cortéz a bella aurora
 « Desde que houve Universo este mal chora:
 « Mas já nella o pesar hoje não cabe,
 « Eu chorarei até que o mundo acabe.

« Que importará que torne a primavera
 « Do rubi vegetante amada esphera,
 « E apurando na aurora as côres finas,
 « Empunhe Abril o sceptro entre as boninas:
 « Ou que o prado vistoso, o ceo sereno,
 « Tecendo vario, produzindo ameno,
 « Pinte a esmeralda os floridos paizes,
 « Onde sam de ouro, e nacar os matizes,
 « Que está sempre com magoa da ternura
 « Unida a variedade á formosura?

« Que importa que o jasmim se abraze em neve
 « E que de uma aura branda ao sópro leve
 « Crie a rosa, deidade colorida,
 « Em berço d'ambar a purpurea vida?
 « Ou que triumphante Clície entre as mais flores
 « Agua de ouro, no sol conte esplendores.

Que ha de de commum, ou de semelhante entre a aguia, e o girasol, para este poder chamar-se uma aguia de ouro? Estas methaphoras mal formadas sam doença endemica dos seiscentistas; parece que ignoravam, ou se tinham esquecido de que a methaphora é uma comparação abreviada, e que dous objectos não podem tomar-se um pelo outro não havendo entre elles perfeita similitude.

« Sendo de Flora o sempre raro imperio

« De fragrantas estrellas hemispherio :

« Mas si vêjo na pompa florescente

« Do tenro esmalte a ephimera luzente,

« Morrer a cada instante,

« Trocando em cinzas o carmim brilhante,

« Como ham de consolar na alma offendida

« Tantas mortes a perda de uma vida !

« Que importa, oh Téjo, que a corrente clara,

« Que espelho aos astros tremulo prepara,

« Chegue em puro crystal, neve fluente,

« Ao procelloso imperio do tridente,

« E que goze, sem susto de embarço,

« Da cerulea campanha undoso espaço,

« Que a limpha apures, e que as forças dobres

« De vidro azul nos paramós salobres,

« Si tem a pena em magoa repetida

« Maior innundação, e mais sentida ?

« Impossivel do pranto é nos pesares

« Que o poder desse mar vença a dous mares.

« Já remedio não ha mais que o lamento

« Na morte injusta do maior portento,

« Mas si no peito a bella luz amada

« Vive em doces affectos retratada,

« No pranto, que da vida rompe os laços

« Desfeito o coração, nos seus pedaços

« Attento vos mandou, meus olhos tristes,

« Copias do original, que amantes vistes :

« Mas nada já vereis, olhos, que é justo

« Que todo o objecto vos pareça susto.

- „ Quando no impulso de um buscado medo
- „ Sam as ramas do florido arvoredó
- „ Phantasmas, que creou a phantasia
- „ No horror desta mortal melancholia.

- „ Accudam a augmentar os meus tormentos
- „ Com piedade tyranna os elementos,
- „ A terra com temor pesada, e fria
- „ Abale o centro! pallida, e sombria,
- „ Produza só nos montes mais agrestes
- „ O verdor denegrido dos cyprestes,
- „ Dando á vista entre os horridos objectos
- „ Nos despidos penhascos esqueletos.

- „ As nymphas pelos campos destoucadas
- „ Umas chorasas, e outras desmaiadas,
- „ Na copia bella dos cabellos de ouro
- „ Que o mundo amante conheceu thesouro,
- „ Vam enxugando os olhos brandamente,
- „ E o crystal vivo em ouro refulgente
- „ Guardem finas, até que as minhas queixas
- „ Lhes façam arrancar de Ophir madeixas;
- „ Porque vêja admirado o firmamento
- „ Que vibra contra elle o sentimento
- „ Das nymphas tão iradas como bellas,
- „ Em pedaços os raios, e as estrellas.

- „ Chymera não pareça agora indina
- „ Vêr que a terra no ceo astros fulmina;
- „ Porque ao ceo fazer pôde infausta guerra,
- „ Quando tem sepultado ao sol, a terra.

- „ A agua o meu pesar também declare,
- „ Nos olhos corra, mas nas ondas pare:
- „ Que tem sentido cada peito humano
- „ Dentro no coração um oceano,
- „ E no pranto avivando-se os pesares,
- „ Desata a viva dôr em vivos mares:
- „ Mas ainda assim no pélago salgado
- „ O povo verdenegro convocado
- „ No buzio de Trião rudo se informe

“Ouvindo um rouco alento em voz desforme :
“Uns levantem no assopro a branca espuma,
“Bata de outros a cauda a salsa bruma
“Padrões formando de crystal ferido,
“Que nas sombras da noite amortecido
“Retrate mal em rouxas ametystes
“Umas quasi apagadas luzes tristes,
“Até que alterne os numeros suaves
“O ligeiro esquadrão das brancas aves,
“Os cysnes, que, tirando
“Da carroça de Venos, vem cantando,
“Que é só decente quando ao mal occorre
“A voz que ao mesmo tempo canta, e morre ;
“Digam que Venus pura, e mais formosa
“Faltou do mundo á machina lustrosa,
“E tornando a tirar o plaustro ufano,
“Vagando sem governo no oceano,
“Seja nas aguas tremulo nadante,
“Si da belleza foi carro triumphante.

“O ar sentindo a pena dos viventes,
“Na magoa involverá puros ambientes,
“De sorte que no immenso do seu giro
“Pareça todo o ar um só suspiro :
“E os mortaes, que respiram, seus alentos
“Só devam do pesar aos sentimentos,
“Que é razão desta pena na impiedade
“Que até a respiração seja saudade.

“Cubram nevoas grosseiras, e horroresas
“As espheras purissimas vistosas,
“No seu lucto arrastrando os horizontes,
“A negra sombra, que amortalha os montes,
“Ferida apenas do abreviado susto
“Do horroroso relampago, que adusto
“Corta violento, funebre alumea
“Os theatros, que erige a nuvem fea.

“O vento, duplicado nos bramidos,
“Cruzando a esphera a golpes repetidos,
“Abale, estremecendo, ao fixo polo

« Não saia, rompa os carceres d'Eolo,
« E arrancando a violencias o rochedo
« A vida vegetal do arvoredor,
« Sepulte ao peso dos penhascos brancos,
« Na insensível republica dos troncos,
« Si é preciso ao meu mal, que em dura sorte,
« Usos menos communs invente a morte.

« O fogo no esplendor do incendio summo
« Eclypse o proprio ardor em negro fumo,
« Depois de abrazador passe a abrazado,
« Em si mesmo nascido, e sepultado,
« E nas entranhas dos erguidos montes
« Cavernas, que officinas sam dos Brontes,
« Luza horroroso, pallido esmoreça,
« Até que o meu pesar firme lhe peça,
« Ou até que lhe rogue a sorte dura
« Que de azul labareda em chamma escura
« Saia rompendo as boccas macilentas,
« E augmente os terremotos nas tormentas;
« Mas como ha de luzir do fogo a chamma
« Si aquella que no peito almas inflamma
« Perde a decente luz gloriosa, e pura,
« Que illuminou divina a formosura!

« Mas que importa em cholicos intentos
« A ordem perturbar dos elementos?
« Si a Elysia triste, que entre penas chora,
« Ancias não tira, queixas não melhora,
« Ou no prado saudoso, ou n'alta esphera
« O sol, a aurora, o Téjo, a primavera?
« Que consegue meu mal nos seus clamores
« Si augmenta as queixas, si duplica as dores
« Sem alivio, piedade, ou desafogo
« No ar, na terra, n'agua, e mais no fogo?

« Ainda assim vam meus tristes pensamentos
« Em luzes, flores, raios, ondas, ventos,
« E unidos todos com saudoso susto,
« Ao sacrò monumento, ao jaspe augusto,
« Prostrando-se rendidos, e enluctados,

« O alento preso, os olhos desatados,
 « Vejam que arde meu peito em fogo puro,
 « Incenso humilde do penhasco duro;
 « Sagrado culto á immortal memoria
 « Da vida, que trocada, existe em gloria,
 « Que acabo sem morrer a cada instante
 « De fina, de saudosa, e de constante,
 « Pois soube descobrir na dôr sentida
 « Um modo eterno de perder a vida,
 « Attenta idolatrando em culto sacro
 « Ao formoso escondido simulacro:
 « E alentando o impossivel da esperanza
 « Uma fé soccorrida da lembrança,
 « Um objecto erigido na saudade,
 « Em logar o mysterio da deidade,
 « Encherá toda a vaga phantasia
 « De extatica, e mental idolatria,
 « Que estes extremos acham as ternuras
 « Quando faltam dos olhos as venturas.
 « Verão ali chorando eternamente
 « O que ama Elysia, no que Elysia sente,
 « Quanto Elysia perdeu, e quanto chora:
 « Mas, ai de mim! que a magoa vencedora
 « Deixa por voto ao marmore sagrado
 « Com eterno silencio, sepultado
 « Das lagrimas no pélago profundo
 « Elysia, Portugal, Europa, o Mundo! »

Quando se acaba de lêr este poema, occorrem naturalmente duas observações: a primeira, que o nome da infanta D. Francisca, cuja morte aqui se deplora, nem uma só vez se encontra nelle, sendo apenas, e de raro indicada pela denominação vaga de *Infanta de Portugal*, de modo que si não fosse o titulo, e o subsidio da historia, quasi nenhum leitor poderia adivinhar quem era o objecto de tantas lagrimas, lamentações, e saudades de Elysia. Segunda, que fallando-se aqui até a saciedade da belleza da sobredita infanta, si não falla em outra alguma das suas boas qualidades; quereria acaso o poeta indicar assim que naquella senhora, não havia cousa alguma que merecesse louvor, si não a formosura? Nes-

se caso não valeria a pena escrever tantos versos deplorando a sua morte. Não posso por tanto admitir semelhante supposição, mesmo porque é impossível que a infanta não praticasse em vida algumas das virtudes christãs, que podessem servir de fundamento para o seu elogio. Prefiro pois acusar o poeta de falta de reflexão, pois não viu que era um absurdo representar o povo portuguez, symbolisado na personagem allegorica de Elysia tão pensoso e tão sentido pela falta de uma pessoa, que não tinha de bom si não a formosura, dote na verdade muito estimavel, mas que quem o possui não deve a si, mas sómente ao acaso, e mero capricho da natureza. O povo é sempre juiz recto, e imparcial do merecimento dos principes, e quando os ama e os louva, é sempre pelas suas virtudes, e não pelos dotes naturaes de que se adornam. O povo francez temia, e não amava Luiz XIV., sem embargo de ser o homem mais formoso da sua corte, porque nelle não havia si não orgulho, e despotismo; mas adorava a Henrique IV., porque era bom, valente, generoso, e punha todo o desvello em felicitar a nação, que o ceo havia confiado á sua guarda, e direcção.

O epithalamio intitulado: *As Glorias de Erico*, consta de cento e oitenta oitavas, é por tanto demasiado extenso para ser copiado neste Ensaio: alguns trechos delle bastarão para fazer conhecer o seu estylo, e a maneira do poeta na fabricação das oitavas.

VENUS, E CUPIDO.

Quiz Glauco responder, mas parou vendo
Muito ao longe um concurso de esplendores,
E no ar pouco a pouco foi crescendo:
Brilhante confusão toda de ardores:
Logo que era, advertiu, carro estupendo
De Ophyr brilhante matizado as côres,
A quem pucha nos campos de zaphyro
De brancas aves um nevado tiro.

Da leve roda a ligeireza summa
Voltava em seu convexo movimento,
Nos breves globos, que levanta a escuma,

Mil circulos de perolas ao vento,
De ouro o reflexo adorna a sacra bruma,
Vendo os orbes em paramos de argento,
Com primores de artifice ignorado,
O crystal derretido, o mar dourado.

No carro vinha a deosa das deidades,
Doce causa de amantes desvarios,
Aquella, que no fogo das vontades
Abraza por costume os alvedrios;
Glorias, amores, gostos, e saudades
Dos bellos olhos desatava em rios,
Daquelles olhos, em que o sol respira,
Por quem o sol cegara, si os não vira.

A flexa nesta mão, naquella as guias,
Cupido fére os cysnes, que hoje enfrea,
E as cavernas do mar, grutas sombrias,
De claridade encheo mais que phebea:
Mas os olhos tapou nas ondas frias,
Que o materno esplendor tambem recea,
E fôra, a não cingir co'a venda a fronte,
De mais gloriosa luz novo Phaetonte.

A praia toca o carro, e a deosa logo
O cothurno de purpura, e diamantes
Na areia estampa, a que illumina o fogo
Doce incendio dos peitos palpitantes:
Pisa das almas um ardente rogo,
Explicado em feridas penetrantes,
Vôando com amavel exercicio
Em fumo os corações, em sacrificio.

O celeste vestido airoso ondeava
Tecendo entre extenção de muitas flores,
Com pasmoso artificio de alta idéa,
Pedacos de luzeiros superiores:
Aos olhos dos humanos lisongea
Uma nova materia de esplendores,
Que excellente nos animos conquista
Muito antes o respeito do que a vista.

O TEMPLO DA MEMORIA.

De vidro immenso a lucida planície
Aos olhos longamente se dilata,
Côr de pérola estende a superfície,
Que brilhante formou zaphyro, e prata:
O campo de crystal em parte é Clicie,
Que incendios de ouro, e purpura retrata,
Sendo no golfo, em que Neptune impera
A vista encanto, as ondas primavera.

No fim do undoso páramo de neve,
Grande edificio em machina rotunda,
Na dourada impressão, que a Apollo deve,
De novos Iris todo o golfo innunda:
Subindo á esphera lucida se atreve,
E mostra, sem que o vento horror lhe infunda,
Que é, resistindo os impetos de Noto,
A excelso numen consagrado voto.

Cobertas as paredes exteriores
Sam de grandes, e lucidos quadrados,
Da materia da concha, em que os candores
Das lagrimas da aurora estam guardados:
Tendo o puro metal, que entre os alvares
Gera Cinthra, os extremos perfilados,
Com subtiliza inculca aos olhos grata,
Em laminaes de côr, orlas de prata.

Té a cimalha eleva o puro ornato,
Mas chegando da purpura ao convexo,
De muitas tartarugas o artefacto,
Reparte em meias luas o reflexo;
Semicirculo impõem ardente, e grato,
A outro, que inferior lhe fica annexo,
Retratando em luzentes manchas bellas,
Sombras das nuvens, luzes das estrellas.

Mas ao findar se erige alta lanterna,
Da materia do templo fabricada,

Que tambem cobre tartaruga externa,
Em outra breve cúpula dourada :
Della sobe pyramide superna,
Da mesma prata dos perfis formada,
Tem de chamma a final extremidade,
Que accende a clara luz da eternidade.

A fachada da porta erige clara
Quatro columnas de crystal de roca,
Que em formatura dorica prepara
Com que a invejas o pélagos provoca,
A architrave de igual materia rara
Os finos capiteis luzida tóca,
Dando á vista brilhante, e felizmente
Formosa entrada, e portico luzente.

Entre adornos pasmosos, e luzidos
Sobre a porta domina um grande escudo,
Que dos Menezes sempre exclarecidos
As armas pinta com respeito mudo :
Sam augustos milagres repetidos
Que esta familia uniu vencendo a tudo ;
Si em França, e Portugal ergueram dinas
As Lises Clodoveo, Affonso as Quinas.

Antes da porta existe um pavimento
Em quadros, que formaram de labores
As conchas, que do mar no movimento
Vam polindo a dureza em vivas côres,
Gravado o liso, e solido ornamento
Debuxa os prados, que retrata em flores,
Ficando para assombros do futuro
O vario firme, primoroso o duro.

Da negra escuma crocodilos brutos
Em voraz turba, da soberba porta
Fazendo a guarda indomitos, e hirsutos,
Ao pasmo entregam a constancia absorta ;
Mas temendo, inda que horridos, astutes,
A luz com que a deidade as ondas corta,
Trocaram neste liquido elemento
Em genio docil o furor violento.

Cupido apressa os cysnes que iracundos
Da plumage volante ao sôpro leve,
Accendendo nos olhos rubicundos
Um fogo producção de muita neve:
E ligeiros vôando, ou furibundos,
Põem o brilhante carro em tempo breve
Na porta do alto Templo da Memoria
Cantando sem morrer esta victoria.

Erice, Glauco, Venus, e Cupido
Reverentes, e alegres respeitaram
O brazão sobre o portico luzido,
Que em victorias dous sceptros exaltaram:
E animados no excelso do appellido,
No ambito do Templo altivo entraram,
Sendo hoje, para dita de uma gloria
Altars da Fortuna, e da Memoria.

A parede interior do Templo claro
Com fórma circular estando em giro
Não refulgentes marmores de Paro,
Mas nacarados murices de Tyro:
Este carmim, que a concha occulta, raro,
Foi pranto da Alva, que nasceu suspiro,
Quando ausente do Céphalo, que adora,
Verteu de sangue lagrimas a Aurora.

Bellas columnas d'agatha luzente,
Sacros bustos de lasuli brilhante,
Sobre o fundo da purpura excellent
Reverberam com luzes de diamante,
E tremulo esplendor, ferindo o ambiente,
Já proximo apparece, e já distante,
Que até no immovel foi da pedra dura,
Nascida da inconstancia a formosura.

Do grande tecto o concavo admiravel
Enlaçam de coral ramos frondosos,
Que celeste artificio inimitavel
Com bella confusão deixou vistosos:
A vida florecente, e vegetavel

Poliu tantos adornos primorosos,
Que retratou de nacar no dispendio
Com purpura vistosa um novo incendio.

Flammanes gerações, buxios pintados,
O pavimento avulta entretecidos,
Sendo em brilhantes circulos, e ovados
Nova pompa de esmaltes coloridos:
Com ordem felizmente equivocados
Na proporção com gosto repartidos,
Sam no primor, que aos olhos lisongea,
Glorias da vista, confusão da idéa.

Da porta em linha recta encontra a vista
As sublimes estatuas, que a ventura
Sobre thronos excelsos de amethista
Fez objetos triumphantes da escultura:
Das tres partes do mundo na conquista
O seu respeito heroico eterno dura,
Que do tempo gentil inda o segredo
Adora o pasmo, sacrifica o medo.

Então á bella Erice, que admirada
Vendo estava a magnanima grandeza
Venus disse: « Oh formosa nympha amada,
« Retrato meu no excesso da belleza,
« Aqui tens a alta serie dilatada
« Dos heroes da fortuna portugueza,
« Que inda sam por milagre da memoria
« Pais da patria estes filhos da victoria. »

Estas oitavas sam bem fabricadas, e facilmente rima-
das: os seiscentistas eram em geral optimos versificado-
res, e nesta qualidade se distinguiam muito dos nossos
poetas modernos, que pela maior parte nos atormentam
os ouvidos com versos duros, prosaicos, e até errados,
mostrando assim uma vergonhosa ignorancia das regras
da versificação. Quanto ao *Templo da Memoria*, ou *Tem-
plo da Fama*, que é uma só cousa com dous nomes,
poucos sam os poetas que tenham resistido á tentação de
descrevel-o a seu modo, julgando-se authorisados a dis-

tribuir os logares nelle a seu talento. Pope arranhou nelle os poetas, Sá de Menezes os heroes da India, Soutomaior a familia da Ericeira, cujo escudo assentou na sua fachada.

Quanto á localidade desse Templo, em que todos falam, que muitos descrevem, e que ninguém viu, usaram os poetas da mesma liberdade. Pope erigiu-o no Parnaso, Sá de Menezes, e Soutomaior no fundo dos mares, e em consequencia disso deu-lhe um aspecto maritimo como poderia convir ao palacio de Neptuno. Sam caprichos da imaginação, que não devem levar-se a mal, ainda que a escolha do nosso author pareça um pouco extravagante.

Quanto á execução da pintura, é legitimamente no gosto da eschola castelhana, então em voga: muito ouro, muita pérola, muito chrystal, lapislazuli, muito coral, muita tartaruga, &c. Despreaux, que eu creio piamente se ria de tanto despendio, e prodigalidade de riquezas em um edificio destinado a fazer sepultado nos abysmos do Oceano, si podesse lêr, e entender esta descripção é natural que censurasse os termos technicos de que está ouriçada, e lhe applicaria estes versos da sua Arte Poetica.

Un auteur quelquefois trop plein de son objet,
Jamais, sans l'épuiser n'abandonne un sujet.
S'il rencontre un palais, il m'en peint la face;
Il me promene après de terrasse en terrasse:
Ici s'offre un perron; la regne un corridor;
La ce balcon s'enferme en un balustre d'or;
Il compte des plafonds les ronds, et les ovales;
Ce ne sont que festons, ce ne son qu'astragales.
Je saute vingt feuillets pour en trouver la fin;
Et je me sauve à peine au travers du jardin.
Fuyez de ces auteurs l'abondance sterile,
Et ne vous chargez point d'un detail inutile.

Boileau Art. Poet. Chant. I.

No tempo em que o poeta vivia, a eleição da abbadesa, ou prioreza de qualquer convento, era um grande acontecimento, em que o publico tomava o maior interesse, e em que jogavam mais intrigas do que hoje para uma

eleição de deputados; a cõrte, e a cidade tomavam partido por uma, ou por outra candidata, porque cada freira tinha um par de namorados, que a cortejavam, e cada um delles tinha amigos, que o ajudavam nas suas diligencias; chegava em fim o grande dia da eleição, e a nova prelada era festejada não só com grande numero de visitas, que hiam dar-lhe os parabens, mas com ricos presentes, e com brilhantes outeiros, em que a musica, e a poesia se esmeravam em celebrar as virtudes, e os meritos, ás vezes bem poucos, da nova soberana triennial daquelle reino feminil, e por isso sempre mais turbulento, e inquieto do que qualquer outro; nada mais difficil que não achar nas obras de algum dos poetas daquelle tempo alguns versos á exaltação de alguma prelada: hoje, que felizmente acabou a seita dos freiraticos, a eleição de uma abbadessa não faz rumor fóra dos muros do seu claustro, e um tal acontecimento é inteiramente ignorado no mundo, tanto estão mudados os costumes, e as manias dos homens!

O doutor Caetano José da Silva Soutomaior não podia escapar á influencia do seu seculo, é natural, que tivesse alguma freira por senhora dos seus pensamentos, que improvisasse ou recitasse versos nos outeiros, elogiando as novas preladas, e a prova está, entre outros escriptos deste genero, na seguinte sylva, destinada a celebrar a elevação de D. Anna Maria de Sousa no eminente grau de abbadessa do real convento de Santa Anna de Lishoa.

SYLVA.

Em virtudes, e em prendas heroína,
Prelada, mestra, e abbadessa dina,
Dessa dos astros lucida clausura,
Mimo do amor, imperio da ventura,
Que em discretos, e claros resplendores
A's estrellas unindo a cõr das flores,
E' ceo da perfeição, e da belleza
Criado com celeste natureza,
E convento em que heroica a santidade
Faz cada religiosa uma deidade.

Na sagrada, e na rigida observancia
Não só tem perfeição, porém constancia,
Cada uma das virtudes se faz dina
De que seja adorada por divina,
Para ser raro objecto do respeito,
Gloria da vista, imagem do conceito,
A tanta illustre clausurada estrella
Lhe sobeja não menos que o ser bella.

Mas hoje tem mostrado
Que vivem com juizo illuminado,
Elegendo discretas, e ditosas
Um sujeito de prendas tão gloriosas,
Um compendio de partes tão sublimes
Que approves tu, oh ceo, tu, terra estimes.

Oh si vôar minha alma hoje podera,
Enchendo o mundo, penetrando a esphera,
Explicar com seus echos dignamente
Em culto nobre, em metro reverente
De tantas perfeições a menor parte
Que o ceo comvosco provido reparte,
Perfeita, regular, e decorosa,
Modesta, sabia, illustre, prodigiosa,
Magnifica, observante, excelsa, e rara !
E que o mundo entre applausos a adorara
Si não tractareis com saber profundo
Sómente com desprezo a todo o mundo.

Por estes versos se vê que o poeta não era escrupuloso em louvar, porém as freiras como todas as mulheres estão dispostas a acreditar que tudo lhe é devido, e aceitam o incenso sem que lhe venha á idéa duvidar da sinceridade de quem lho tributa.

Sois filha de um tal pai, cuja memoria
Da sabia rectidão na immensa gloria
Presidiu, governou em muitos annos
Doutos areopagitas lusitanos,
E sendo o seu engenho curto espaço,
O mundo senador o viu do paço.
Honra illustre do sangue dos Cerqueiras,

Admirado das côrtes estrangeiras
 Quando o monarcha augusto e magestoso,
 Que em Lusitania tem sceptro glorioso,
 Fiando-lhe do peito todo o erario,
 O declarou ministro extraordinario;
 Tudo em vós excellencias, tudo glorias,
 Vos acclamam deidade das victorias.

Agora mais que nunca, que agitado
 O claustro religioso o mais sagrado
 Dos disturbios crueis de uma violencia,
 A semrazão triumphante da prudencia,
 A crueldade unida á contumacia,
 Perdido o norte, já sem efficacia
 A supplica, a razão; só a impiedade
 Um effeito gostoso da vontade,
 Porém depois do horror desta tormenta,
 Que tudo perturbou mais que violenta,
 Dourando a bella côr dos horizontes,
 Coroando de luz os altos montes,
 Os animos enchendo de alegria
 Como quando renasce infante o dia,
 Veiu o vosso esplendor em tudo claro
 A ser da religião exemplo raro.

O poeta alude aqui a um facto recente, em que elle havia tomado parte; para intelligencia deste lugar porei aqui o que o collecter destas obras, Antonio Corrêa Vianna, deixou escripto a este respeito.

Levantaram-se as religiosas do convento de Santa Anna, a fim de sahirem fóra; cuja noticia chegando logo á palacio, se deram promptamente as providencias do Soberano para lhes estorvar a resolução, mandando competente infantaria, que as impedisse, cuja, chegada que foi, achando as portas de par em par achou já todas a ellas para sabirem, armadas cada uma com o que poudes haver; mas como a immundade de tal sexo podia mais que todo o valor militar, viram-se os soldados impossibilitados de estorval-as, de que dando-se parte ao Throno, veiu immediatamente ordem ao nosso author para ir pacificar esta desordem; o qual assim que che-

gou á portaria do convento, aonde assim se portavam todas as religiosas, foi tal a intimativa que lhe expôz, e a discrição com que as moveu, que dissuadindo-as do seu intento, e deixando-as socegadas, se admirou com applauso n'este tempo, que para prender-lhes os passos foram mais fortes as cadeias, que sahiram da eloquente bocca de um tal Hercules da sabedoria, do que todos os movimentos, e ameaças com que se tinham portado os instrumentos, e os alumnos de Marte. »

Duas cousas ha a notar aqui : primeira, a casta de mulhierio bravo, que então povoava os conventos, e as desordens, e descomedimento, a que davam motivo as eleições de Preladas : segunda, o brio, e cortezia da tropa que não se atreveu a usar de violencia contra mulheres, e parecerá ainda mais notavel se nos recordarmos que tantas senhoras honestas foram insultadas, e espancadas com brutalidade propria de selvagens no tempo da usurpação, por Telles Jordão, e outros militares indignos da nobre profissão das armas, e isto sem mais causa que hirem ás prisões consolar, e soccorrer seus maridos e filhos que ali gemiam presos por haverem abraçado a causa da rainha, e da liberdade.

Em nova dita, em placido governo
As subditas terão alento eterno,
E será maravilha mais que humana
O sempre real convento de Santa Anna.
A formosura unida á santidade,
Farão que tenha o mando eternidade.

E vós, oh illústrissima senhora,
Que o tempo exalta, e que o universo adora,
Presidi, e vivei tão felizmente,
Que não passando nunca do oriente,
No principio o governo sempre esteja
A virtude triumphante, e morta a inveja.

A emulação cobarde já não ousa
Fallar no acerto de uma illustre Sousa,
Pois lhe causa deliquios, e desmaios
O infinito esplendor dos vossos raios.

E acompanhando a fama em voz activa,
Declaram todos que a Abbadessa viva!

Estes poemas puramente de circumstancia, perdem com o tempo todo o interesse, e só desafiam a curiosidade pela belleza do estylo poetico, e da linguagem, quando tem esse merito, e como monumentos dos costumes antigos.

Eis aqui umas endechas hendecasyllabas, á morte da Infanta D. Francisca, que não são desprovidas de merecimento.

Perturbe a voz queixosa
Afflicta dos pesares
Com mil suspiros tristes
Todo o immortal socego das Deidades.

Os saudosos affectos
Pertendem sepultar-se,
Que a alma tambem morre
Si morreu da belleza a divindade.

Até os troncos mudos
Publiquem tantos males,
E não pareça novo
Si as almas morrem, que o silencio falle.

Não bastou á belleza
Formosa o duplicar-se,
Quando a morte atropella
Da formosura a flôr, na flôr da idade.

Mas a versão que importa
Das flôres singulares,
Si a morte vence unidas
Nas perfeições de um resto a immensidade?

Tyranna não respeita
A bella luz amavel,
Que sacra divinisa
No ceo da formosura a magestade.

Tal é da morte dura
A sorte inexorável
Que fez dos seus rigores
Primeiro sacrificio a immensidade.

Dispõe que o peito os cultos
Ao tumbulo consagre,
Que deu ás almas nobres
Idolo triste, a sombra do cadaver.

Como intenta que os golpes
Muitas vidas estrague,
Feriu o ceo, e as luzes
Foi preciso que todas acabassem.

Invejou das estrellas
A immortal claridade,
Vingou-se, e se não poudo
Tirar-lhe a vida, maltratou-lhe a imagem.

Acabou-se o universo
Com golpe injusto, e facil,
Pois leva neste empenho
A morte a Infanta, a todos a saudade.

Quiz ajudar ao forte
A morte, que é cobarde,
Roubou a Infanta ao mundo,
Levou o mundo ao ceo esta vantagem.

Nem sempre esse deos cego
De triumphador se exalte,
Que hoje chorando prostra
Todo o imperio ao dominio da impiedade.

O véo dos olhos tira
Rasgando-o triste em partes,
Si a morte acaba as luzes
Que mais venda que a mesma escuridade?

Os olhos nelle enxuga
Que finos satisfazem
Em pranto enternecido
A negação, que tinham, das piedades.

Queixoso, e irado rompe
As fléxas a milhares,
Que nos peitos saudosos
Das fléxas té o ouro ha de abrandar-se.

A Fama não erige
Estatuas, e vaidades,
Que agora tristemente
Vai cobrindo de lucto os seus altares.

A trombeta é surdina,
Sam luctos as plumagens,
E todos seus alentos
Vagante sombra, que amortalha os ares.

No bronze risca os lémas,
Que é justo, que se grave
Com pranto enternecido
Versos tristes em laminas de jaspe.

Mas ainda assim as cinzas
Com finos cultos ardem,
Que a morte não perturba
Os corações no incendio eternisados.

Na urna sempre existe
Vivente a humanidade,
Que basta heroicamente
Dos peitos toda a fé para animar-se.

Por isso é que depresa
Da vida o ser amavel,
Pois sobra nō sepulchro
Para vida das cinzas o milagre.

Depois da morte, tudo
E' justo que se ignale,
Mas ha vida em que a morte
Faz o despojo ao menos respeitavel.

Parece que a memoria,
Parece que as vontades
Vam dando á vida bella
Outra vida, em que póde eternisar-se.

Porém, divina infanta,
A dita aos olhos falta
Porque eram dessas luzes
Do mundo os olhos um grosseiro exame.

E vivendo entre estrellas
Do globo azul esmaltes,
Sereis como no mundo
O luminar maior dos luminares.

Que eu prometo, senhora,
Que nas penalidades,
Vêja a magoa sentida
Tantos viventes quantos exemplares.

Estas endechas sam um perfeito, e genuino modêlo do estylo lyrico, como os seiscentistas o comprehendiam; isto é, mui differente do que os gregos, e romanos adoptaram nestas composições, e que depois os arcades tão felizmente imitaram, quando tomaram a si a gloriosa empreza de restaurar o bom gosto, e a boa poesia em Portugal.

Persuado-me que os trechos, que ficam transcriptos, bastarão para o leitor formar o seu juizo sobre o talento, e estylo deste poeta, que faz honra á eschola hespanhola; servirão igualmente para desvanecer o errado conceito daquelles, que conhecendo-o só pela parte impressa da Martinhada, o tem em conta de um bufão obsceno, cuja penna sómente se empregava em assumptos tão sordidos como aquelle. Ficarão esses á vista das composições aqui citadas, convencidos de que elle tractava habitualmente materias sérias, e dignas das Musas.

Si o seu despeito, ou odio contra o confessor d'El-Rei D. João V. o levou a desmascarar naquelle poema a sensualidade brutal do reverendo, não prova isso que o poeta fosse depravado em seus costumes, e um novo Aretino: sabemos pelo testemunho, e tradição dos seus contemporaneos, que elle era de genio folgasão, jovial e mordaz, mas nada existe que prove a irregularidade dos seus costumes, e a immoralidade do seu proceder; nem é crível que de outro modo elle podesse grangear a estima da

côrte, e o favor do proprio Monarcha : segundo as idéas do tempo um magistrado discolo , e de escandaloso procedimento, não só seria menoscabado dos seus collegas, ahorrécido de todos, mas não passaria muito tempo que não fosse riscado do serviço.

CAPITULO III.

Nicolau Luiz.

Raro será o leitor, nenhum talvez, para quem este nome não seja desconhecido ; elle o era para todos os poetas, e litteratos, e não são poucos, com quem tenho convivido : e com tudo esse nome é o de um homem de grande talento, de um poeta secundo, que por muitos annos forneceu o theatro de dramas que foram mui bem acceitos e applaudidos pela côrte, e a cidade ; de um poeta que viveu em tempos mui proximos a nós, de cujos dramas se encontram collecções em muitas livrarias, cuja leitura é ainda mui frequente no povo, e em pessoas que não são povo, e que os fêem sem saberem de quem sam.

O mesmo me aconteceu muitos annos, e o pouco que sei relativo a este homem original, devo-o ás informações que delle me deram alguns dos nossos excellentes actores antigos como José Felix da Costa, Victorino José Leite, João Ignacio Henriques, José Antonio Ferreira, Victor Porphyrio de Borja, e Antonio Borges Garrido, que haviam na sua mocidade representado nas suas comédias, sido ensaiados, e dirigidos por elle, e que tributavam á sua memoria gratidão, e sincero respeito.

Quando existia o tão fallado theatro do Bairro Alto, edificado no pateo do Conde de Soure, morava no fim da rua da Rosa um mestre de meninos, toucado com uma cabelleira de grande rabixo, que ninguem viu na rua se

não embuçado em capote de baetão de toda a roda, como então se usava. Este homem chamava-se Nicolau Luiz, era natural de Lisboa, de genio excentrico, e assiduo frequentador daquelle theatro.

Nicolau Luiz era solteiro, e a sua familia compunha-se de uma criada velha, que elle costumava dizer, gracejando, "que tinha em casa como ratasana morta para espantalho das vivas" e de um gallego tambem velho, que lhe fazia os recados.

Este mestre de meninos, que não tinha como os do nosso tempo, que de certo valem menos do que elle, a fatuidade de nomear-se professor, ou director de lyceu, possuia uma livraria, que fazia as suas delicias, porém esta livraria compunha-se quasi exclusivamente das obras de Calderon, Moreto, Lope de Vega Carpio, Alarcon, Roxas, e outros comicos hespanhoes, de que era, e com razão, admirador sincero, e entusiasta.

Por muitos annos se não fez notar Nicolau Luiz senão pelo desalinho, e desmazelo do seu vestuario, por um grande cão d'agua, que o acompanhava sempre, pela sua continuada assistencia na platéa do Bairro Alto, e pelas repetidas pitadas de simonte, que sorvia com toda a placidez, e magestade cathedratica: ninguem si quer sonhava que no mestre eschola da rua da Rosa andava occulto um poeta, e muito menos um poeta dramatico.

Era impossivel que um homem, que frequentava tanto o theatro, não tomasse com o correr do tempo conhecimento com alguns dos actores; e elle se ligou muito especialmente com o famoso centro José Procopio. Talvez que esta tendencia de um para o outro nascesse do espirito de classe, pois José Procopio havia sido em outro tempo professor de rhetorica, e poetica, mas faltando-lhe a paciencia, que exige o magisterio; havia abandonado Cicero, e Quintiliano, preferindo representar no tablado ás noites, a aturar rapazes de dia.

Em uma tarde que Nicolau Luiz, e José Procopio conversavam tomando café no botequim do theatro, manifestou este áquelle o desgosto que lhe causava não encontrar um drama para o seu beneficio com as circumstancias, que elle desejava. Nicolau Luiz, ouvindo isto, o conduziu a sua casa, e abrindo uma papelreira, lhe

apresentou algumas comedias, primorosamente copiadas por elle, e lhe disse com ar mysterioso, que as examinasse, e visse se entre ellas deparava cousa que lhe conviesse. De quem sam? (perguntou Procopio) Minhas, (lhe responde Nicolau com muita pachorra). Suas! (tornou Procopio) Minhas (disse o outro) divirto-me nisso no tempo que a rapaziada me deixa livre!

O actor ficou attonito vendo que tinha convivido tanto tempo com um poeta dramatico sem lhe ter aventado a prenda; e mais attonito ficou quando percorrendo aquellas composições achou nellas tanto conhecimento da scena, e tantas bellezas theatraes, que elle na qualidade de professor de poetica, e de actor devia conhecer, e sentir melhor do que qualquer outro. Escolheu pois para seu beneficio a Castro, que os comicos depois nomearam *velha*, para a distinguir da tragedia de João Baptista Gomes, que elles denominavam a *Castro nova*.

A seu tempo começaram os ensaios da sobredita comedia, e o author, que assistia a elles, fez tão assisadas observações, e deu tão bons conselhos sobre o modo de *a meter em scena*, sobre a declamação, e vestuario, que a companhia não podia accreditar que tão grande somma de conhecimentos scenicos, se abrigasse debaixo daquelle cabelleira mal penteada.

Chegou o dia da representação, o theatro estava cheio, não só por ser noite de beneficio, mas porque a noticia de que se representava a comedia de um author novo, não podia deixar de promover a concorrência, em tempo em que o povo da capital mostrava um gosto decidido pelos espectaculos theatraes.

A Castro produziu um grande effeito nos espectadores, o que facilmente acreditará, quem sabe que a pesar da grande acclamação que teve em nossos dias a Castro de João Baptista Gomes, ella continuou a ser bem vista no theatro de Lisboa. Os actores animados pelos applausos do publico, que rompiam a cada scena, empenharam todas as forças, e o theatro pareceu fundar-se com vivas, e applausos, quando a celebre Cecilia Rosa, a melhor actriz daquelle tempo, que executava o papel de D. Ignez, apresentando os filhinhos ao rei, lhe dizia soffocada em lagrimas:

Nelles vos apresento, Affonso invicto,
Para serem do indulto intercessoras,
As mesmas testemunhas do delicto.

O drama foi representado em vinte recitas consecutivas, e sempre com a mesma fortuna.

A' Castro seguiu-se *Amor e Obrigação*, que teve iguaes applausos, e depois mais algumas, e vendo o empresario, a perfeição, e talento com que o nosso poeta dirigia os ensaios, o escripturou com bom salario para ensaiador, e director da sua companhia.

Desde então Nicolau Luiz se consagrou todo ao serviço do theatro, fechou a aula, queimou a serula, e só cuidou de escrever comédias, e ensaiar-as. Si devo dar credito ao que diziam os actores, que trabalharam debaixo da sua direcção, nunca appareceu no theatro portuguez um ensaiador tão habil. « Uma comédia metida em scena por Nicolau Luiz (me disse muitas vezes José Felix), era um ramalhete! » E com tudo este homem que tinha tanta habilidade para fazer com que os outros representassem bem, sahio um dia na tentação de entrar em uma comédia, e o fez tão mal que ficou para sempre curado dessa veleidade. Tanto é certo que ensaiar, e representar sam talentos perfeitamente distinctos, e que raras vezes se encontram reunidos no mesmo sujeito.

O bom ordenado, que recebia como ensaiador, o producto do seu beneficio, e das suas comédias, em nada alteraram, ou melhoraram o modo de viver de Nicolau Luiz, continuou a habitar na mesma casa, em que exercera o magisterio; continuou no mesmo desalinho, e falta de acieio no trajar; o seu dinheiro, apenas recebido, era logo desbaratado em brodios, romarias, e outras funções, e divertimentos com os comicos, e outros amigos de igual humor, e com o sexo feminino, de que foi, segundo ouvi, em demasia apaixonado, de que nascia muitas vezes o vêr-se obrigado a contrahir dividas, que poderia bem excusar, se tivesse a cautela de contar com o dia de amanhã!

Si era pouco zeloso da sua fortuna, e bem estar, não o era menos da sua gloria litteraria: nunca houve homem que menos caso fizesse dos seus escriptos, e da fa-

ma, que delles podia provir-lhe; os seus versos apenas compostos passavam logo para as mãos dos actores, vendia os manuscriptos das suas comedias aos cegos, que as imprimiam, e vendiam, sem que elle siquer tomasse o trabalho de corrigir as provas, ou exigisse que o seu nome fosse estampado no frontespicio. Era nisto como as mãis, que engeitam os filhos, e os mandam lançar na roda, sem que mais se recordem delles.

Deste desleixo provieram dous graves inconvenientes: primeiro, a incorrecção com que sahiram impressos os seus dramas: segundo, o estar hoje o seu nome completamente esquecido, apesar das suas obras serem ainda mui lidas.

O methodo de composição seguido por Nicolau Luiz era lançar mão de uma comedia hespanhola, ou italiana, eliminar della tudo o que lhe desagradava, substitui-lo por scenas de sua invenção, e ás vezes juntar-lhe novas personagens, e dialogar tudo a seu modo; isto pôde verificar quem comparar a D. Ignez de Castro de Guevarra com a do nosso poeta. Igual methodo seguiu depois Antonio Xavier na composição dos seus dramas, quasi todos fundados em dramas francezes.

E' indubitavel, que pelo menos um terço das *Comedias de cordel*, assim chamadas porque os cegos as expunham á venda em papel, pendentes de um barbante pregado nas paredes ou nas portas, pertencem a Nicolau, porém como nenhuma traz o seu nome no frontespicio, é cousa bastante difficil o averiguar quaes sam as que sahiram verdadeiramente da sua penna, e para isso não vejo si não um meio, que é a confrontação do estylo de cada drama com a daquelles que ha certeza serem delle, deixo esse trabalho a quem tomar a tarefa de escrever a historia do nosso theatro, e para o guiar nessa indagação, aqui lhe deixo apontados os titulos das comedias que me consta serem suas, pela informação de alguns actores, que nellas haviam feito papeis.

D. Ignez de Castro.

Amor, e Obrigação.

Aspasia na Syria.

D. João de Alvarado.

Alarico em Roma.

O Escravo em grilhões de Ouro.
Cordova Restaurada.
O Conde Alarcos.
A Restauração de Granada,
A Bella Selvagem.
A Ilha desabitada.

As comedias de Nicolau Luiz sam todas escriptas umas em versos octosyllabos, outras parte em octosyllabos, e parte em hendecasyllabos, e outras, mui poucas, todas em hendecasyllabos. Nunca entrou na cabeça do bom mestre de meninos que uma comedia podesse ser escripta em prosa; e nisso tinha razão sobeja, a comedia é um poema, e poemas em prosa sam um contrasenso dos tempos modernos. Tragedia em prosa, epopeia em prosa, e odes em prosa, como Lamothe ousou escreve-las, poderão ser tudo que quizerem menos poesias, porque a poesia nunca foi a linguagem dos tendeiros, e capateiros, mas o idyoma dos deoses, que se distingue pelo colorido do estylo, e a harmonia metrica, de que não pôde prescindir. A opinião contraria só pôde ser defendida pelos que não sabem fazer versos, e querem ordenar-se poetas com reverendas falsas. Voltaire, cujo voto é de tanto peso em materias de gosto, diz, que se transpõem todos os limites das artes, e se confundem todas as idéas quando se dá á prosa o nome de poesia. O judicioso La Harpe examinando a Conquista de Granada, de Florian, fulmina com todo o rigor da sua critica os chamados poemas epicos em prosa, como composições ridiculas, e monstruosas. No theatro portuguez está tão enraizado o uso de comedias, e dramas em prosa, que será por ora mui difficultoso o acabar com elle; até por que os comicos não sabem representar em verso.

Nicolau Luiz, como a maior parte dos dramaticos hespanhoes, que lhe serviram de modelo, é pouco exacto na pintura dos costumes, e caracteres das diversas nações que apresentava em scena. Os seus heroes, quaesquer que sejam, pensam sempre e fallam como peninsulares, os mais bem pintados sam os mouros, e esses mesmos ainda deixam muito que desejar.

Não pôde porém dizer-se o mesmo da expressão dos affectos, que é muitas vezes eloquente, os seus pensamen-

tos elevados: ha nos seus dramas scenas que arrebatam por sua força, e originalidade, e trechos de poesia excellentes, tal é a seguinte narração da *Ilha Desabitada*.

GUALBARINO.

Tornei como mandaste, e te confesso
Que da scena, que vi inesperada
Fiquei confuso, timido, e perplexo;
A Rodrigo recorde a tua offerta,
E a resposta lhe peço; elle então chama
Seus velhos hespanhoes á sua presença.
Vêjo sahir dos concavos rochedos,
Que lhe servem d'abrigo, aquelles vultos
Duvidosos, que de homens conservavam
Só a figura, que atéli mostravam;
Que vem todos a um tempo obedientes
A' voz do capitão chegar primeiro:
E o que mais se apressa, tropeçando
Dos debeis passos chega derradeiro.
O que tem a cabana mais distante
Ultimo não quer ser, tremendo sahe,
E vendo adiantar-se os companheiros,
A hobrear com elles corre, e cahe,
Chegam! as ordens do seu chefe esperam,
Todos curvos não só por humildade,
Que a faltar-lhe attenção sendo preciso
Supprira o peso ali da muita idade.
Revestido Rodrigo de um character
Mais vistoso, com esta falla rompe,
O funebre silencio do congresso,
Que ou já sabem, ou temem o successo.
"Amados filhos (diz) e companheiros
"Na serie de fadigas gloriosas,
"Vós bem sabeis o quanto trabalhosas
"Sam as illustres glorias dos guerreiros,
"Estas pois, que honrarão nossa memoria,
"Com perigo da vida merecemos,
"E no misero estado, em que nos vêmos
"Tentemos fortes a ultima victoria.
"Vinte annos ha, que da fatal tormenta

«Nos abrigou o justo ceo nesta Ilha,
«É nella, com sagrada maravilha,
«De fructos innocentes nos sustenta.
«Em paz vos governei em quanto o brio
«De hespanhoes presistiu em nossos peitos,
«Faltou este, e escravos ou, sujeitos
«Ficamos ás leis impias de um gentio.
«A todos o cruel nos ameaça,
«Com a morte, em vingança rigorosa
«De não lhe dar Mathilde por esposa,
«Ultima injuria, e ultima desgraça!
«Como bons, e catholicos soldados
«Si quereis, filhos meus, ter morte honrada
«Em defeza da nossa lei sagrada,
«Exponde o peito aos golpes dos malvados:
«Livrai aquella misera innocente
«Dos braços de um idolatra insolente.»

Inda não concluia a falla, quando
As nevadas cabeças levantando,
Os do congresso, mais que conselheiros
Se quizeram mostrar fortes guerreiros.
Olham para o semblante angustiado
Do capitão, em lagrimas banhado,
E sem gastarem vozes escusadas
Proferem juntos, com tremendos echos,
«Vamos todos buscar mortes honradas.»
E de improvisio, eu pasmo! eu me confundo,
Féras ao parecer mais desumanas
Não nutrem as montanhas indianas,
Nem julgo as possa haver em todo o mundo.
Os corpos descahidos, e curvados
Lanças parecem já postas a prumo,
Agora os passos movem appressados,
Na demora uns com outros se enfurecem,
E nas cãas que são velhos só parecem.
Qual ao tronco de uma arvore se lança
Para lhe servir d'arma; qual nos braços
Se crê com forças, cégo de vingança,
Para arrancar ás rochas uns pedaços;
Este corre á cabana, e traz a espada,
Que livrou do naufragio; de roliços

Seikos tem já aquelle a mão armada :
Uns empunham os paus ao sol tostados,
Outros arcos, e flexas, e em um breve
Instante eu olho, e todos vêjo armados
Desafiando a morte ! pareciam
Na intrepidez do aspecto, na braveza
Das diversas acções qual mais famosa,
Que a juvenil idade vigorosa
Lhe tinha transformado a natureza,
Ou que ali como divida pagara
A's forças, que co'os annos lhe tirara.
Todos se apressam para o féro estrago,
Como para um convite de delicias :
Assim o deixo, e sam estas noticias
A funesta resposta que te trago.

Esta narração pareceria hoje demasiado extensa em razão da impaciencia dos espectadores, que pensam que devem ir ao theatro, para vêr muito, e ouvir pouco, e alcunham de *seccatura* qualquer falla, ou qualquer scena de maior extenção.

Não era assim no tempo do poeta, em que as *relações*, que assim chamavam ás narrações, estavam em moda, e não se julgava boa a comedia que não tinha uma narração para a dama, outra para o galão, outra para o rei, e quanto maiores eram estas narrações mais se estimavam, porque nellas é que os actores empenhavam toda a força da sua representação.

E' comtudo preciso confessar, que sem embargo de um tanto extensa, esta narração além de em geral bem versificada, contém excellentes rasgos de poesia, tal é a pintura dos velhos hespanhoes sahidos das grutas á voz do seu chefe, a attenção com que ouvem a pathetica oração, que elle lhe dirige, o valôr que ella lhes infunde, em que parecem renascer, e recohrar forças, a ancia com que correm ás armas, tudo isto são excellentes pinceladas, que recitadas com energia por bons actores, deviam produzir grande effeito.

Vejamos como é bem pintada a morte do barbaro Tucapel, que vencido pelos hespanhoes conserva até ao ultimo instante a sua altiveza, e ferocidade.

RODRIGO.

Olá, não o mateis, qual brava fera
 Nutrida na mais bárbara montanha
 Dos desertos de Arauco, irá o monstro
 Seguro com grilhões, ser pasmo a Hespanha.

TUCAPEL.

Enganas-te, soberbo, o meu destino
 Hoje sei dominar! si me guardavas
 Para ser de europeos ludibrio indigno,
 Este ferro, meu braço, e minha furia
 Livrar-me agora sabem dessa injuria.
 O mundo não dirá, filhos traidores,
 Que vosso triste pai morreu infame
 Nas mãos destes crueis conquistadores,
 Mas sim, que limitou a desventura
 Cravando o peito, e abrindo a sepultura.
(Fere-se, e precipita-se no mar).

Para darmos ao leitor alguma idéa do modo de dialogar deste poeta, transcreveremos dous trechos em versos octosyllabos, que sam os de que elle faz mais uso, assim como os seus modélos: seja o primeiro extrahido do acto terceiro, scena segunda, da Destruição de Troya.

HELENA, e ENONE.

HELENA.

Em vão, Enone, pertendes
 Consolar meu peito afflicto,
 Tudo, em que cuido sam penas,
 E sustos quanto respiro,
 Já todos os meus segredos
 Te communiquei, tens visto
 Com quanta causa hoje choro:
 Pois consente o fado esquivo,
 Que da patria desterrada,
 Dos vassallos sem auxilio,
 Aborrecida do esposo,

E em termos de vêr perdido
 Aquelle presado objecto,
 Origem dos meus martyrios;
 E entre tão crueis rigores
 Como posso ter alivio?

ENONE.

Não eras tu a que á pouco
 Me consolavas? Preciso
 E' que te lembres do lance,
 E com mais justos motivos;
 Que si o meu mal é causado
 Por deixar-me aquelle indigno
 Infame esposo, tu sentes
 Por te ausentares do abrigo
 Do teu, por tua vontade,
 E é duplicado martyrio
 O pesar, que outrem me causa,
 Que o que eu por meu gosto sinto.

HELENA

Por mais que o animo esforce,
 Por mais que fujo, e resisto
 A' paixão, que me atormenta,
 Parece que o meu destino
 Com violencia tyranna
 Faz com que esteja restricto
 Todo o poder da minhã alma,
 Pois a cada instante sinto
 Que um superior impulso
 Me rouba della o dominio.

ENONE.

Nem os deoses, nem os fados
 Costumam ser impropicios,
 Os deoses, porque sam justos,
 Os fados porque é delirio
 Suppôr que delles depende
 Qualquer successo: Acredita
 Que o bem, e o mal só depende
 Do que obramos.

HELENA.

Tenho visto
Mil innocentes culpados,
E muitos réos absolvidos.

ENONE.

Porém lá chega a Verdade,
Que como sabio ministro,
Dá ao innocente o premio,
E impõe ao réo o castigo.

HELENA.

Enone, das minhas penas
Bem sei que eu fui o motivo;
A qualquer parte que volto,
Me parece que diviso
O vulto de Meneláo,
Tão cruel, e enfurecido,
Que vibrando o agudo ferro,
Quer fazer neste conflicto
Por expiar seu aggravado
Do meu sangue sacrificio.
Ai de mim!... querida Enone!...
Ceos! quem me ampara!
(*Desmaia nos braços de Enone*).

Seja o segundo tirado do acto quarto da Bella Selva-
gem, drama imitado do grande comico vençsiano, o dou-
tor Carlos Goldoni.

D. ALVA.

Desafogai a paixão
Meus affectos desgraçados,
Pois fostes mal empregados
Em um falso coração;
Não vos evito o profundo
Excesso com que chorais,
Mas que inda um vil adorais
Se esconda á face do mundo.
Ama, coração o indigno,
Sem dar razão de que o amas;

Até que as amantes chammas
 Possa apagar o destino.
 Mas como em taes sentimentos
 O meu cégo amor se empenha?
 E' possivel, que inda tenha
 Tão infames pensamentos?
 Vença a um excesso inimigo
 O meu decoroso tracto,
 E não me lembre o ingrato
 Mais do que para o castigo!...
 Elle vem; vêja o rigor...
 Porém não! eu me retiro,
 Que um descuidado suspiro
 Póde dar provas de amor!

XIMENES *e a dita.*

XIMENES.

Dona Alva! meu bem! Senhora!...

D. ALVA.

Calla-te, infiel, não proffras
 Esse nome!

XIMENES.

Tantas iras
 A um triste, que vos adora?

D. ALVA.

Vai-te!

XIMENES.

Não! a teu furor
 Humilde, e amante me exponho.

D. ALVA.

Calla-te, que me envergonho
 De que me adore um traidor!

XIMENES.

Suspendei o impio excesso
 Com quem foi do vosso agrado.

D. ALVA.

Não recordo haver-te amado,
Lembra-me que te aborreço.

XIMENES.

Naquelles ditosos dias
Da primeira inclinação,
Foram ao teu coração
Doces as idolatrias.

D. ALVA.

Te amei?

XIMENES.

Foste meu objecto.

D. ALVA.

Si tal foi, como tens dito,
Vê como um cruel delicto
Escureceu tanto affecto.

XIMENES.

Tornai, senhora a queter-me,
Vereis que soube emendar-me.

D. ALVA.

E' vil para restaurar-me
Quem foi vil para perder-me.

XIMENES.

As iras me certificam
De que foste lisongeira,
Pois de uma fé verdadeira
Sempre algum resquicio fica.

D. ALVA.

Quando, infame, foste digno
De prender-me o coração?

XIMENES.

Antes que uma vil traição
De vós me fizesse indigno.

D. ALVA.

Talvez que no teu conceito
Já vivesse a affronta minha,

XIMENES.

Não, meu bem, que inda não tinha
Manchado de infamia o peito.
Vêjo o meu estrago certo,
Pois vos não causa desgosto
Vêrdes, senhora, o meu rosto
De pejo, e de horror coberto.
Si pelo ceo castigado
Me vêdes nesta afflicção,
Que melhor satisfação
Pertendeis de um desgraçado?
Mereça aos erros desculpa
O arrependimento meu,
Vêde, senhora, que o ceo
Perdoa piedoso as culpas;
Usar esta acção sublime
Si está vendo entre os humanos,
Perdoam os soberanos
Aos seus vassallos o crime:
Só eu devo sem effeito
De vós perdão esperar?
Não, que para mo negar
Não tendes tão fero o peito.

D. ALVA.

Ingrato! já não me enganas,
Calla os pensamentos teus,
Não se mensuram c'os ceos
As nossas paixões humanas;
Somos a vingar sujeitos
Os aggravos affrontosos,
E sempre serão piedosos
Os ceos, pois não tem defeitos.
Os homens negam piedade,
Si querem, ao rogo attento,
Póde do arrependimento

Contentar-se a magestade,
Mas seja virtude ou vicio
Minha paixão dominante,
Não verás em meu semblante
De piedade um leve indício.
E podes desenganar-te
Que sinto, oh alma tyranna,
Não ser tua soberana
Para poder castigar-te.

XIMENES.

A minha contraria sorte
Soberana vos pertende,
Pois de vossa mão depende
Minha vida, ou minha morte :
Applaca piedosa, e humana
Do irmão o bem justo enfado,
Um feliz de um desgraçado
Fareis como soberana.

D. ALVA.

Bem sei que á minha presença,
Vieste, ingrato inimigo,
Buscar perdão do castigo,
E não pedil-o da offensa.
Em teu rosto fementido
E' a palidéz, que vêjo
Mais de te humilhares pêjo,
Que signal de arrependido :
Não, não me empenhas no indulto,
Antes com maior razão
Estimula-te o Irmão
Para a vingança do insulto.
Triste coração, valôr! (*á parte*).

XIMENES.

Ah! tu suspiras, meu bem!

D. ALVA.

Vai-te já, não vêja alguém
Que eu inda fallo a um traidor!

XIMENES.

Porque nutrir intentaes
Na pena um rigor constante,
Si o vosso gentil semblante
Dá de piedoso signacs?
Dos olhos a formosura,
Onde sempre o amor existe,
Póde reparar n'um triste
Sem que lhe cause ternura?
Não, meu bem! da crueldade
Deixa já o modo ingrato,
Pois vosso rosto um retrato
E' da mais terna piedade.
Duvido, Dona Alva, que esse
Desejo de rigor mude
Aquella amavel virtude
Que o mundo em vós reconhece,
Si como esposo, senhora,
Já não mereço fallar-vos,
Ao menos possa buscar-vos
Para minha protectora;
Goze minha alma opprimida
De vossa mão generosa,
Sendo fineza de esposa,
E amor de compadecida. (*ajoelha*).
Vêde a vossos pés rendido,
Quem já vistes humilhado,
Então de amor abrazado,
Hoje da injuria abatido;
Mas como é a petição
Diversa, obtenha o favor,
Que então supplicava amor,
Agora implora perdão;
Applacai já da ira o fogo,
Pois não é, chara inimiga,
O castigo que me obriga
A's humildades do rogo,
Sam sim o vosso respeito,
A injuria dos meus parentes,

A murmuração das gentes,
E os remorsos do meu peito.

D. ALVA (*á parte*).

Completoou-se o meu desejo
Em vêr aos meus pés o altivo.

XIMENES.

Seja do indulto motivo
O meu lastimoso péjo.

D. ALVA.

Te envergonhas, aleivoso
De abater teu pensamento?

XIMENES.

Sim, que cresce o abatimento
De um delicto vergonhoso.
Farei muitos sacrificios
Por vencer vossa paixão.

D. ALVA.

Levanta-te.

XIMENES.

De perdão
Dá primeiro alguns indícios.

D. ALVA.

Ergue-te, falso.

XIMENES.

Obedeço.

D. ALVA.

Oh meu coração, conforto!

XIMENES.

Em fim, vós me quereis morto?

D. ALVA.

A tua morte appeteco.

XIMENES.

Um peito, que foi benigno,
Tanto hoje o odio alimenta?

D. ALVA.

Da minha vista te ausenta,
Pois és de perdão indigno.

Este dialogo é grandemente theatral, ainda que hoje talvez parecesse extenso de mais. E pôde aqui observar-se o quanto o verso octosyllabo é proprio para a declamação scenica, e quam bem andou Gil Vicente, e os comicos hespanhoes em ordinariamente o empregarem nos seus dramas. E' elle o unico que nos dous idiomas da Peninsula pôde supprir o jambo,

populares
Vicentem strepitos,

segundo o dizer de Horacio.

Vejamos agora Nicolau Luiz no dialogo comico. O Sechibirat, o gracioso do drama *A Bella Selvagem*, recebe de Zadir, um dos chefes indianos, um punhal, e a ordem de assassinar D. Affonso, o general portuguez. Sechibirat, como todos os selvagens, tem uma paixão ardente pelo vinho, e pelas bebidas espirituosas, e apparece em scena meio embriagado, com uma garrafa na mão, e como todos os homens, naquelle estado, arrazoá sobre o projecto de que está incumbido, confundindo a cada instante as especies, e baralhando as idéas.

SECHIBIRAT.

Ninguém vê vê! chuchar esta
Segunda garrafa posso! (*bebe*).
Excede o gosto do vinho
Do mundo os melhores gostos! ...
Bemdito momento, em que
Chegaram ao nosso porto
Desta bebida excellente
Os possuidores ditosos! ... (*bebe*).
E queria Zadir que eu

Desse morte a Dom Affonso !
Ora é bem asno !... tomara
Ser senhor de todo o ouro
Para dar-lho em recompensa
Deste licor precioso !..
Zadir que vá bogiar,
E não faça de mim tolo !..
Cá vai á sua saude,
Por que eu não o quero morto. (*bebe*).
Que ! matar o capitão !..
O capitão !... Eu !... irrorio !
Vinho, e mais vinho, e o punhal
Hei-de deital-o n'um poço. (*bebe e cambalea*).
Tem-te !... tem-te, Sechibirat,
Que é isto ? o chão está torto ?
Ou quer-me lançar abaixo
Andando comigo aos tombos ?
Mas não !... sou eu que, de alegre,
Ter-me sobre os pés não posso ;
Zadir é um asneirão !..
Viva Affonso, e vivam todos ! (*bebe*).

Rosa, e o dito.

ROSA.

Aqui está Sechibirat,
Que nem pôde abrir os olhos,
Quero vêr se desta vez
As negras barbas lhe corto.
Oh Sechibirat, como estás ?

SECHIBIRAT.

Estou bem bom !..

ROSA.

Ora folgo.

SECHIBIRAT.

Ah Rosa ! Rosa desta alma !
Em que estado me tens posto !

ROSA.

Estás bebado ?

SECHIBIRAT.

Não, filha :
Tenho baques no miolo.

ROSA.

Não é nada.

SECHIBIRAT.

Não é nada !
Ah cachorra! esse teu rosto
E' capaz de fazer dar-me
O coração um estouro.

ROSA.

Bem sei que me queres muito.

SECHIBIRAT.

Ora toma, bebe um golo.

ROSA.

Eu não bebo a estas horas.

SECHIBIRAT.

Pois eu beberia a todos
Os instantes, si tivesse
Sempre a garrafa com molho. (*bebe*).

ROSA.

O pobre está bem toldado!

SECHIBIRAT.

Ai triste de mim! soccorro!
Mofina sorte! Rosinha,
Chora tambem, pois eu choro.

ROSA.

Que tens?

SECHIBIRAT.

Acabou-se o vinho!
E estou mui sequioso,

Ai! o licor da minha alma,
Que me fugiu!

ROSA.

Queres outro?

SECHIBIRAT.

Eu não te direi que não,
Nem inda depois de morto.

ROSA.

Deixa-me cortar-te a barba,
Verás que to trago logo.

SECHIBIRAT.

Que? que corte a barba?

ROSA.

Sim.

SECHIBIRAT.

Hei-de ficar descomposto?

ROSA.

Antes ficas mais bonito.

SECHIBIRAT.

Ficar sem barba! não soffro.

ROSA.

Pois dava-te um barril cheio
Si ma desses.

SECHIBIRAT.

Estou louco?
Que tem esta pobre barba
Com o vinho!

ROSA.

Faço gosto
De pessui-la!

SECHIBIRAT.

Mas dize,
Para que?

ROSA.

Um pincel novo
Quero fazer, e uma escova,
Que arranhe mais que as de coco.

SECHIBIRAT.

Não quero!

ROSA (*pegando-lhe na barba*).

Dá-me a barbinha!

SECHIBIRAT (*tirando o punhal*).

Irta! tira a mão do rosto,
Ou te cravo este punhal.

ROSA.

Traidor! infame! aleivoso!
Tu com punhal escondido!
Vou dize-lo a Dom Affonso.

SECHIBIRAT.

Eu te tiro esse trabalho,
Cravando-to pelo corpo.

(*Atira-lhe um golpe, ella se retira, e elle cambalea*).

ROSA.

(*Tremo delle*). Não me firas,
Pois bem sabes que te adoro.

SECHIBIRAT.

Que é isso? não te matei?

ROSA.

Não, eu estou viva.

SECHIBIRAT.

Como?

Não corre sangue do golpe?
Pois eu dei-to como um doudo.

ROSA.

Não vês que não tenho nada?

SECHIBIRAT.

Adiante! traze-me um pouco
De vinho, e façam-se as pazes:
Não temas, que já escondo
O punhal!

ROSA.

Para que o guardas?

SECHIBIRAT.

Cá para certo negocio.

ROSA.

Tu queres matar alguém?

SECHIBIRAT.

Quero, e não quero!

ROSA.

Pois logo

Como é isto?

SECHIBIRAT.

Eu a mulheres
Os meus segredos não conto,
Todas sam mui chocalheiras.

ROSA.

Pois vinho de nenhum modo
Te darei, si mo não dizes.

SECHIBIRAT.

Não digo, que não sou tolo.

ROSA.

Eu adivinho.

SECHIBIRAT.

Adivinha.

ROSA.

Tens aos portuguezes odio.

SECHIBIRAT.

Que! eu odio a uma nação
Que traz licor tão gostoso?
Fóra! não adivinhaste.
Tem muito bom vinho Affonso;
Que tenho eu cá que Zadir
Esteja d'elle zeloso?
Eu não o hei-de matar,
Que não caio nesse logro.

ROSA.

Zadir te mandou matar
A meu amo?

SECHIBIRAT.

Como? como?
Quem te contou isso Rosa?

ROSA.

Sou eu, que adivinho todos
Os segredos.

SECHIBIRAT.

Irre, Rosa!
Tu conversas c'o Demonio?

ROSA.

Sou grande adivinhadora.

SECHIBIRAT.

Vou dormir, que tenho somno.

ROSA.

Já que eu sei alguma cousa,
E tenho genio curioso,
Dize por que causa quer
Zadir a meu patrão morto?

SECHIBIRAT.

Eu te digo, porém guarda
Segredo em todos os modos.

ROSA.

Não receis.

SECHIBIRAT.

Vem alguém?

ROSA.

Estamos sós, conta.

SECHIBIRAT.

Cento,

Chamou-me Zadir, e tinha
Encarniçados os olhos,
Camur estava com elle,
Mas então mui furioso:
Um dizia é minha filha,
Respondia então o outro
E' minha esposa! e eu me agrado
Do vinho que é saboroso.

ROSA.

Mas quem te deu o punhal?

SECHIBIRAT.

O punhal é de aço todo,
E o vinho é uma delicia.

Irra! Senhor Dom Affonso,
Zadir quer que eu mesmo o mate!

ROSA.

Tu, Sechibirat!

SECHIBIRAT.

Aposto
Que sou capaz de beber
Uma pipa só d'um golo!
Quero dormir; boas noites
Minha Rosa.

(Deita-se no chão, e vai adormecendo pouco a pouco).

ROSA.

Está bonito!
Tomara poder tirar-lhe
O punhal.

SECHIBIRAT.

Oh cães! sam poucos.

ROSA.

Elle não ha de ter frio,
Que tem bem roupa no corpo.

SECHIBIRAT.

Rosa!.. Rosa!.. tenho sede,
Traz-me vinho!

ROSA.

Sim, logo.

SECHIBIRAT.

Morra, ou não morra? sim, morra!
O punhal, o vinho!

ROSA.

Em sonhos
Parece que está fallando;
Zadir é bem aleivososo!

Meu amo o livrou da morte,
 E o barbero lhe têm odio!
 Vou aviaal-o depressa,
 Porém quero vêr se posso
 Levar-lhe o punhal! oh bello!
 Dorme, porque já dá roncós,
 Tiro-lho sem que me sinta!...
 Fóra! que tem leve o somno,
 Vamos mais de vagarinho...
 E que tal para o negocio!
 Com um só golpe o matava!
 Arrenégo do Demonio!
 Si não têmesse o vir gente...
 E' agora o tempo proprio
 De cortar-lhe a barba... sim,
 Agora me lembra o modo.
 Olá, senhores soldados,
 Sejam um dia piedosos,
 Este pobre homem tomou
 Uma bebedeira; e como
 Vossas mercês saberão,
 Pois as tomam mui bem todos;
 Levem-no com muito geito
 Para aquella casa, e logo
 Lhe darei a paga.

SECHIBIRAT.

Rosa,
 Vê não me dês algum tombo.

ROSA.

Vou dar parte ao meu patrão,
 E a cortar-lhe as barbas torno.

Esta scena me parece mui theatral, bem dialogada, e graciosa. O modo porque Sechibirat, perturbado pelos fumos da embriaguez, que progressivamente se vai d'elle apoderando, deixa escapar o segredo, que pertendia occultar, a confusão de suas idéas, tudo isto me parece rigosamente comico; e justifica a grande reputação, de que o poeta gozou no seu tempo.

Na scena I. do acto IV. deste mesmo drama, ao levantar do panno, vê-se Sechibirat, dormindo, estendido na terra, em um pequeno bosque; desperta ainda atordoado pelo vinho mal cosido, leva a mão á barba, e não a achando, admira-se, e procura pelo chão.

SECHIBIRAT:

Que é isto, que me succede?
A minha barba não acho!
Será sonho? ou é deveras?
Durmo? ou estou accordado?
Eu novo cabeça, e mãos,
Eu bullo o's pés, eu fallo, ...
Logo não durmo, nem sonho,
Porém barba! ... nem bocado!
Ai pobre de mim sem barba,
Fiquei com o rosto calvo,
Que dirão os meus patricios;
Vendo-me sem este ornato?
Quero pelas minhas barbas
Fazer espantoso pranto!
Ninguém me dirá que choro
Já pelas barbas abaixo,
Como torno a ser criança,
Não me é o chorar estranho,
Como é ás vezes nos outros
O vêr chorar um barbado.
Que escarneo farão de mim
Todos os americanos!
Ai a barba da minha alma
Que me deixou desbarbado! ...
Ah Rosa! moçina Rosa!
Contra ti grito, e me assanho!
Pois por amor de um pinçel
Me quizeste vêr pellado!
Com este ferro; ... que é d'elle?
Onde estará, que o não acho?
A feiticieira moçina
Mo roubou! ... mas reparando
Bem neste sitio, ... onde estou?

Isto é cousa do diabo!...
 Adormeci n'uma casa,
 E agora accordo no campo!...
 Porém tudo isto é medo;
 O que me dá mais aballo
 E' da minha barba a falta,
 Vou-me esconder n'um penhasco;
 Adeos, oh mundo! adeos vinho,
 Morrerei desesperado
 Com sede; agua nunca mais
 Me irá pela goella abaixo!

E' na verdade mui risivel a amofinação, e desespero do pobre Sechibirat, pela perda da sua barba, que a travessa Rosa por veleidade feminina lhe havia cortado: mas é elle verosimil? De certo que não; os americanos, não só nunca foram como os russos, e os turcos ciosos das barbas, mas todos os historiadores no-los representam como imberbes, e costumados a arrancar todo o cabello do corpo; eis aqui como a este respeito se expressa o bispo D. Jeronymo Osorio, no livro II. de *Rebus Emmanuelis*: *Hominu sunt colore subnigro, capillum habent mallum nigrum, atque promersum; sunt omne imberbes, propterea quod volsellis omnes corporis pilos evelunt.* O mesmo affirma Roberson na sua vida de Colombo, e todos os escriptores hespanhóes, e portuguezes, que tractaram da America. A' vista do que não pôde entender-se a razão porque Sechibirat se envergonhe tanto de apparecer desbarbado diante dos seus patricios, que não usam de semelhante cousa, porque seria para elles muito incommoda em razão do clima quente em que habitam, em que mostram mais bom senso que os nossos janotas, cujos bigodes, barbas, e peras formam um ridiculo contrasenso com o calor do nosso clima, e os nossos trajes estreitos, e justos. Mas estas reflexões não as fazem os espectadores, que só attendem ao effeito theatral, e aos gestos dos actores. Nem farei disso grande censura ao author, que authorisado pelo exemplo dos dramaticos castelhanos, a quem imitava, punha pouca exactidão na observancia dos costumes, e do caracter nacional dos differentes povos.

Eis aqui outra scena comica porque principia o acto segundo da *Ilha Deshabitada*.

GLANEA, e RONGO.

RONGO.

Foge, Glanea, depressa destes bosques.

GLANEA,

Tens medo que me engula alguma fera?

RONGO.

Peior! peior!

GLANEA.

Que dizes? peior damno?

RONGO.

Pois não será peior que algum magano
Dos hespanhões, que habitam nesta parte;
Qual faminto leão venha apanhar-te?

GLANEA.

Rongo, dos hespanhoes mal não me digas,
Que sam uns coutadinhos; com agrados
Tractam as indianas, e vocês
Sam para ellas tigres assanhados.
Olha, a escolher marido, não te engano,
Antes um hespanhol, que um indiano.

RONGO.

Ah velhaca gentia! e não te abraza
Com seus raios o sol? Oh! luz do dia!
Castigai esta perfida, pois é
Indigna já do nome de gentia!
Os indios a despresem, nenhum seja
Jámais com seu amor compadecido,
Desesperada por casar se veja,
Sem achar entre todos um marido.

Todos os nossos algarvios, no seu immenso vocabulário de pragas, que tanto os tem tornado celebres, não

seriam capazes de encontrar maldição mais assustadora para uma mulher, que o não casar, e por isso não admira que a pobre Glanea fique tão atterrada com ella.

GLANEA.

Pobresinha de mim! que desventura!

RONGO.

Já tremes do castigo? emfim, perjura,
Ainda que não queiras,
Ainda que chores qual desamparada,
Has-de morrer solteira.

GLANEA.

Oh que praga! que praga rigorosa!
Não haverá um indio compassivo
Que me ampare, e me queira para esposa!

RONGO.

Nada, nada, em castigo do que disse,
Ha-de levar á cova a donzelice,
Depois de se damnar com pena, e magoa,
Que a mulher sem marido
Se damna como o cão, por falta d'agua!

GLANEA.

Desgraçada mulher, fuge dos indios!

RONGO.

Que? d'onde vai? não cuide que me engana.

GLANEA.

Vou a vêr mui depressa
Se encontro alguma alma castelhana
Que me livre das pragas, que me rogas.

SANCHO, e os ditos.

Aqui tens uma já, e tão amante,
Que suspira por ti a todo o instante.

RONGO.

Que injuria! que insolencia! eu desespero!

GLANEA.

Chegaste em bella occasião, meu Sancho,
Queres casar comigo?

SANCHO.

Olá si quero!

GLANEA.

E este bruto de Rongô me dizia
Que por mea mal solteira morreria!
Inda bêm! inda bêm! que hei-de casar,
Só para te fazer desesperar!

RONGO.

Ah sô tractante, vá-se já embora!
Si não quer, que lho diga
Com mais algum rigor.

SANCHO.

Que mal lhe faço?

RONGO.

Anda-me aqui atraz da rapariga!

GLANEA.

Que lhe importa a vossê, impertinente?
E' meu pai? meu marido? ou meu parente,
Para me andar guardando a todo o instante.

RONGO.

Oh velhaca! eu não sou o seu amante?
Não a posso guardar como marido
Que hei-de ser logo, logo?...

SANCHO.

Ora, senhor lapuz, vá abalando,
Si não quer que lhe vá tocando a fogo.

RONGO.

Não tenho medo a ralhos castelhanos,
Venha comigo já, que entre maganos
Não a quero deixar.

GLANEA.

Largue-me e braga.

Si não leva dous murros irmãos desta. (*Dá-lhe*)

SANCHO.

Agora me regalias, Glanea, investe,
Esmurra-lhe os narizes com estouros,
Que as vacas também marram como os touros.

GLANEA.

Então, larga?

RONGO.

Não quero.

GLANEA.

Irá levando. (*Dá-lhe*)

SANCHO.

Eu te ajudo também. (*Dá-lhe*)

RONGO.

Si torna a dar-me.

A Tucapel irei logo queixar-me.

SANCHO.

Pois para que o attenda mais contente,
Leve-lhe estes dous murros de presente.

Parece-me que entre as comedias heroicas de Nicolau Luiz tem o primeiro logar a *D. Ignez de Castro*, *Amor e Obrigação*, a *Cordova Restaurada*, *Aspasia na Syria*, e o *Conde Alarcos*. Entre as comedias de capa, e espada, ou de figuras, como lhe chamam os hespanhoes, as que mais abonam o seu talento sam *D. João de Alvarado*, a *Dama dos Encantos*, e os *Tributos da Mocidade*.

Seria muito para desejar, que algum curioso tomasse o trabalho de collegir as melhores comedias de Nicolau Luiz, e limpando-as dos innumeraveis erros typographicos, que as deturpam, fizesse dellas uma edição pitida, fazendo assim reviver o nome deste bello engenho tão benemerito do theatro portuguez.

Nicolau Luiz chegou a idade muito avançada, e morreu pobre; não porque a fortuna se lhe mostrasse em tudo pouco favorável; mas porque a sua imprevidencia o levou a dissipar quanto ganhava, sem nunca pensar no futuro.

CAPITULO IV.

O Advogado Antonio José da Silva.

A fortuna foi sempre em Portugal pouco favorável aos poetas, parece que esta divindade caprichosa se aprez em deprimir mais os que mostram maior talento; Camões, Francisco Manoel, Garção, Bocage, e Santos e Silva, sam provas exuberantes desta asserção, mas no numero destes illustres desgraçados, não ha um só que possa comparar-se com aquelle de que vamos a tractar neste capitulo.

Antonio José da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 8 de Maio de 1705, e foi baptisado na Sé do Rio de Janeiro. Foi filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher Lourença Coutinho, e tinha dous irmãos mais velhos, um dos quaes se chamava André Mendes da Silva, e outro Balthasar Rodrigues da Silva, que eram os nomes de seus avós paterno, e materno.

Estes individuos compunham uma familia de christãos novos, das mais ricas, e aparentadas do Rio de Janeiro, e destas familias existiam muitas no Brasil, que os donatarios haviam para ali conduzido, fiados no privilegio de asylo inviolavel, que o governo lhe havia outorgado, como meio de accelerar a população daquelle parte do mundo, que então, com razão se julgava a sua primeira necessidade. A estas familias se juntaram outras, que para lá passaram da Hollanda, e para quem os hollande-

zes, quando no reinado de D. João IV. cederam quanto ali haviam usurpado no tempo dos Filippes, haviam estipulado em sua capitulação segurança, e protecção.

Destas familias hebraicas algumas conservavam ainda a lei de Moysés, porém a sua maioria, no todo e na maior parte dos seus individuos, haviam abraçado o christianismo: porém todas se davam com ardor ao trabalho, á industria, e ao commercio, com grande proveito seu, e das terras em que habitavam, e com especialidade do Rio de Janeiro, onde ellas eram mais numerosas, e que pelas vantagens de sua situação já fazia esperar que não tardaria muito, em despojar a Bahia da prerogativa de capital do Brasil.

Todas estas familias israelitas, ex-israelitas, e mixtas se julgavam seguras, e deviam julgar-se assim, confiadas na fé de tractados, e de estipulações solemnes, que por muitos annos foram religiosamente observadas, e sempre o deveriam ser, tanto por credito do governo, como por interesse politico, e prosperidade commum dos portuguezes d'aquem, e d'alem mar.

Porém a razão do fanatismo, si nelle ha razão, não é como a razão da politica, tem como os doidos uma idéa fixa a que subordina tudo, e uma vez que triumphhe a sua opinião, pouco lhe importa que seja a troco do extermínio do genero humano.

No principio do seculo passado inflammou-se o zélo da Inquisição pela conversão, ou extermínio dos judeos brasileiros; e como a Inquisição não respeitava tractados, nem estipulações, e o governo de então tudo faria, menos contrastar as resoluções daquelle terrivel tribunal, depressa a perseguição transpoz de um salto o Atlantico, e foi lavrar no Brasil como um vasto incendio. Todos os dias numerosas familias eram violentamente arrancadas do seio dos seus lares, arrojadas nos porões das embarcações, e conduzidas aos carcereos do Santo Officio de Lisboa; muitas vezes sem mais causa que as calumnias dos seus inimigos, ou meras suspeitas sem fundamento.

Entre estas numerosas familias judias veio a Lisboa, em 1713, como ellas debaixo de prisão, a do doutor João Mendes da Silva, não por accusações contra elle, notoriamente conhecido por grande devoto, e grande compo-

sitor de poesias devotas, mas contra sua mulher Lourença Coutinho, por suspeitas de judaismo, a qual foi por isso sepultada nos carcereiros da Inquisição. Não pôde a verdade deixar de admirar-se o extraordinario theor da justiça deste tribunal, que fazia transportar presa do Brasil a Lisboa uma familia inteira unicamente por suspeitas que havia de um dos seus membros; e que não as havia dos outros prova-se claramente, porque o doutor João Mendes ficou livre com seus filhos, tranquillamente advogando, em quanto sua infeliz mulher soffria as torturas, e os rigores dos carcereiros da Inquisição. Parece porém, que ou ella não tinha culpa, ou que suas culpas não eram graves, porque passados alguns tempos foi posta em liberdade.

Antonio José da Silva contava apenas seis annos quando chegou a Lisboa, e nesta cidade principiou a sua educação litteraria, frequentando as aulas de primeiras letras, e depois as de instrucção secundaria; e como a pobre creança, pela nota de judaismo que manchava a sua familia, não tractava senão com parentes, e christãos novos perseguidos, e com israelitas declarados, foi a pouco e pouco cedendo á influencia dos seus exemplos, e das suas doutrinas, e desgraçadamente chegou por fim a adoptal-as.

Concluidos os estudos preparatorios, passou a Coimbra, onde estudou direito canonico com grande aproveitamento, porém este estudo não teve efficacia, ao que parece, para o desviar da lei de Moysés, que havia adoptado.

Tendo voltado a Lisboa depois de conseguidos os graus academicos, começou a practicar a advocacia em 1726 no escriptorio de seu pai, contando então vinte e um annos de idade.

E' muito natural, que por alguma imprudencia sua deixasse transflorar o segredo da sua religião, e que algum dos muitos familiares, e espiões do Santo Officio, do que a capital estava então cheia, fosse denunciá-lo ao tribunal, como judaisante; o certo é que em 8 de Agosto foi preso, e conduzido ás prisões da Inquisição, em que sua desgraçada mãe havia por tanto tempo gemido, e padecido.

Instaurou-se o seu processo, confessou francamente o

seu delicto, e offereceu fazer completa abjuração dos seus erros; e apesar desta lhe ser aceita, não deixou por isso de ser posto a tractos, e torturado tão cruelmente, que os dedos lhe ficaram em tal estado, que por muito tempo não poudo nem assignar o seu nome. Os juizes fizeram consignar no auto, que elle durante o tormento invocava a Deos, e não a Virgem, ou algum santo.

No mez de Outubro celebrou o tribunal da Inquisição um auto de fé, e nelle, entre muitos outros réos, compareceu Antonio José, e fez publica abjuração dos dogmas judaicos, e findo elle, foi em fim restituído á liberdade.

Havendo escapado de tão horriveis trabalhos voltou para casa de seu pai, e continuou no exercicio de advogado. Parece que a sua abjuração fôra sincera, pois consta que rompendo toda a communicação com judeos, e christãos novos, começou a frequentar os religiosos mais instruidos e bem morigerados de alguns conventos; que na occasião do seu segundo processo não duvidaram de attestar a sua religiosidade, e excellente comportamento moral.

Antonio José da Silva casou em 1734 com Leonor Maria de Carvalho, cuja filiação, e qualidade se ignora, porém é muito probavel que pertencesse a alguma familia tambem de origem hebraica, porque não é natural, segundo a opinião daquelle tempo, que algum christão velho desse sua filha a um christão novo; especialmente havendo passado pelo labéo de haver estado nas masmorras do Santo Officio, e feito figura em um auto de fé.

Em 1735 lhe deu sua mulher uma filha, que foi baptizada na freguezia do Soccorro, pondo-se-lhe o nome de Loutença, que era o de sua avó paterna.

Antonio José havia principiado a cultivar a poesia na Universidade de Coimbra; mas a sua maior vocação era para a poesia dramatica; e como naquelle tempo havia na Mouraria um theatro mui frequentado, em que representavam figuras innanimadas, para elle principiou a escrever seus dramas, que foram alli muito acceitos e applaudidos, não só pela pompa das suas decorações, e pelo prestígio da musica, e da dança com que os anima-

va, mas pelo bem enredado de suas fabulas, e a inextinguivel jovialidade de seu dialogo.

Naquelle theatro, e por aquelles actores foram executadas as *Guerras de Alecrim e Mangerona*, o *Labyrintho de Creta*, *Variedades de Protheo*, *Esopaida*, *Amphitrião*, *D. Quixote de la Mancha*, *Medea*, e o *Precipicio de Phaeton*, que occupam o primeiro e segundo volume da collecção publicada em 1744 por Francisco Luiz Ameno, mais conhecida pela denominação de *Operas do Judeo*. As que comprehendem o terceiro e quarto volume, não são de Antonio José, mas de Alexandre Antonio de Lima, e de outros authores, e pela maior parte ruins traducções do italiano, e tenho para mim, que nenhum bom conhecedor de estylos ousará affirmar o contrario.

E' muito probavel que o poeta com os interesses do escriptorio, e do theatro podesse viver, si não abastado, pelo menos livre de vexames, e precisões com a sua pequena familia, mormente em tempos de tão pouco luxo, e em que o espirito de dissipação ainda não tinha ganhado a classe media; podia pois considerar-se feliz, e esquecer as calamidades, e trabalhos passados, si a desventura lhe não accarretasse outros ainda maiores.

E' natural que a Inquisição tivesse em vista o poeta pelas censuras que aventurava nas suas peças contra o relaxamento do clero, e por tal, ou qual trecho do *Amphitrião*, em que parece alludir ao mau tractamento que recebera nos carceres: além disso a sua gloria dramatica devia crear-lhe invejosos, e os invejosos sam sempre os inimigos mais temiveis, por que a inveja só cabe em almas vis, e estas nem se applaçam, nem escrupulisam nos meios de vingança.

Pequenas cousas sam muitas vezes origens de grandes desastres. Lourença Coutinho, mãe do poeta, tinha uma escrava preta, por que nesse tempo havia ainda escravos neste reino, e aquella escrava era deshonestas, e dissoluta, como todas ellas, e como o sam quasi todas as criadas.

Antonio José da Silva a castigou, e é natural que com rigor approximado ao que em taes casos se usa no Brasil: a negra era vingativa como quasi todos os negros, e ou por malignidade propria, ou por sugestões de pes-

soa, ou pessoas a quem se queixou, apresentou contra elle no Santo Officio uma denuncia de judaizante, e de relapso.

Falsa, ou verdadeira, esta denuncia era um pretexto plausivel para a prisão de Antonio José, e esse pretexto era esperado anciosamente para satisfação do odio concebido contra o desgraçado, e em consequência disso no dia fatal de 5 de Outubro de 1737, segundo anniversário de sua filha, os familiares, e heleguins da Inquisição se apresentaram na sua casa no Largo do Soccorro, e o conduziram aos calabouços do Rocio, com sua esposa Leonor Maria de Carvalho, e a negra denunciante, que devia ser interrogada no processo que se lhe ia formar.

Porém a justiça de Deos não quiz que esta perversa mulher continuasse a ajudar a ruína de seu senhor, nem gozasse de sua vingança tão traidoramente procurada, pois apenas a negra entrou no cárcere possuiu-se de taes terrores, que dentro em breves dias terminou a sua existencia.

Sepultado o supposto réo no cárcere n.º 6., do chamado *corredor meio novo* deu-se obra ao seu processo, e como faltavam provas, e culpas articuladas, e definidas, pois todas se reduziam ás accusações vagas, taes quaes as podia dar uma negra boçal de Cabo Verde, quizeram os seus juizes, ou seus algozes sahir da difficuldade creando-as na sua mesma prisão.

Do seu processo, que existe no real archivo da Torre do Tombo, consta que os guardas foram incumbidos de o espionar pelas *esculas* ou boracos que existiam nos cantos dos tectos dos carcerees daquelle terrivel tribunal, dispostos de maneira que se podesse ver, e ouvir quanto nelles se passava; como eu notei visitando grande parte daquellas masmorras quando se patentearam ao publico em 1821. Que os ditos guardas quasi todos depozeram que muitas vezes o viram ajoelhar, persignar-se, e recitar devotamente as orações christãs; acrescentando sómente alguns, que elle alguns dias não tocava na comida, naturalmente (diziam elles) por satisfazer aos jejuns da lei de Moysés; como si a um homem, em tal lugar, em taes circumstancias, separado dos seus; e em manifesto risco de morte, e que morte não sobrassem

motivos para perder o appetite! Collocassem os guardas, e os juizes em caso identico, e então veriamos se mostravam avidez ainda para os manjares mais delicados!

Consta igualmente do mesmo processo, que o poeta protestou sempre pela sua innocencia; que produziu em sua defeza muitas testemunhas, e entre ellas religiosos graves de diferentes Ordens, até da Dominicana, e que todos elles affiançaram o seu zêlo religioso, a sua exactão no cumprimento dos preceitos da igreja; mas tudo foi baldado, e a fatal sentença foi lavrada sem mais fundamento, que o não ter algumas vezes vontade de comer, e o depoimento singular de um só denunciante.

Esta sentença foi relaxada ao braço secular em 14 de Março de 1739, e ficou em segredo durante sete mezes, estando entre tanto elle por confiança na sua innocencia, e os seus amigos pelos depoimentos favoraveis que haviam feito a seu favor lisongeados com a mui verosimil esperanza da sua absolvição.

Chegou em fim a cathastrophe desta espantosa tragedia; e na tarde do dia 16 de Outubro se lhe intimou a sentença, sendo logo conduzido ao oratorio, onde o padre Francisco Lopes, da Companhia de Jesus, durante aquella tremenda pausa entre a morte, e a vida, lhe assistiu, e lhe prodigalisou as consolações, e os auxilios da religião.

No fim dos tres dias de oratorio foi conduzido com a pompa, e acompanhamento usados em taes casos, ao Campo da lã, isto é, ao sitio onde hoje se acha edificado o Terreiro Publico, e ali reduzido a cinzas. Assim acabou o homem, que ia assentando os fundamentos do nosso theatro comico nacional! tendo apenas trinta e quatro annos de idade. Respeitemos a sua memoria, honremos os seus talentos, e demos lagrimas á sua desventura!

A Inquisição foi mais benigna com sua desgraçada viuva Leonar Maria de Carvalho, e sua mãe Lourença Coutinho, pois se contentou de as condemnar a fazer abjuração publica no mesmo auto de fé, em que seu desgraçado marido, e filho representou um papel tão desastroso.

Nenhum homem ainda se aproximou mais da tempera

de espirito de Aristophanes do que Antonio José da Silva. Ha em ambos elles a mesma originalidade, invenção phantastica, e incorrecção na contextura das fabellas, a mesma habilitade em pintar pelo lado ridiculo os costumes nacionaes, a mesma acrimonia satyrica, a mesma facilidade de dialogo, e igual conhecimento do effeito theatral, e sobre tudo a mesma abundancia de graciosidade popular, de apodaduras, e chistes. E' impossivel que haja genio tão melancholico, que possa lêr, ou assistir á representação das suas comedias, sem rir com um riso *inextinguivel*, como os deoses de Homero quando viram Vulcano coxeando, lhes servir de copeiro.

Antonio José da Silva tinha um gosto raro para inventar decorações, brilhantes para os seus dramas, e para compor letras para a musica, que nelles sabia introduzir a proposito, e sem prejuizo da representação.

Alguns criticos tacham a sua linguagem de plebéa, as suas graças de grosseiras, e algumas das suas expressões de obscenas, e indecentes; mas como nas numerosas colleções de entremezes desse tempo, existentes na bibliotheca publica, e nas poesias jocoserias dos seiscentistas se encontram essas mesmas expressões, e não poucas ainda peiores do que ellas, força é acreditar que taes phrases eram então do bom tom, e que a censura é mal fundada. Já no primeiro tomo desta obra fiz observar a proposito de algumas coplas dos nossos trovadores, quasi todos cortezãos e fidalgos, e por consequencia bem educados, que as idéas de decencia, e a graciosidade variam com os tempos, como os costumes, e os usos.

Uma prova do grande talento dramatico de Antonio José, é que apenas haverá drama seu, que a favor de pequenos cortes, e modificações de phrase, não possa hoje ser representado, e muito applaudido do publico, uma vez que o decorador seja habil, a musica boa, e que seja executada por actores de merito, e que sejam ao mesmo tempo cantores. Lembro-me de ter ha bastantes annos assistido no theatro do Salitre a uma representação do *Labyrintho de Creta*, e que esta peça foi vivamente applaudida, em muitas recitas consecutivas, e muito maior effeito produziria si não lhe houvessem tirado a musica e algumas das decorações.

Uma sorte ainda mais feliz teriam hoje em scena as *Guerras do Alecrim e Mangerona*, geralmente reconhecida pela obra mais perfeita de Antonio José, e uma das poucas comedias portuguezas que merecem o nome de boas. O theatro normal devia fazer esta tentativa; mas torno a dizer seria necessario não prescindir da musica, e ter grande esmero com o scenario, e a representação.

Logo immediata em merecimento ás *Guerras de Alecrim e Mangerona* me parece estar a *Esopaida*, tanto no estylo, como na arte do dialogo facil, e chistoso. Nada mais bem pintado que a potulancia graciosa d'Esopo, e a pedantaria de seu senhor o philosopho Xanto, os caracteres dos outros actores não desmerecem muito destes, especialmente o da tarasca Euripedes, mulher do philosopho.

No *D. Quixote* soube o author com muito gosto e engenho reduzir ás pequenas dimensões de um quadro dramatico os principaes acontecimentos da Novella de Cervantes.

As *Variiedades de Protheo*, e o *Precipicio de Phaeton*, recommendam-se pelo apparatus, e pompa theatral, e pelo bem inventado das transformações, de que abundam estas operas, e pela profusão dos incidentes, e situações variadas.

Os *Encantos de Medda*, podem considerar-se como uma das peças de Antonio José da Silva, que mais effeito deve produzir representada pelos lances em que o heroe se vê collocado, pelo duplice amor de Medéa, e Creusa, que ambas disputam o seu coração. Aqui o author se afastou bastante da tradição mythologica, mas nem elle, nem os seus espectadores se mostraram nunca escrupulosos a esse respeito.

Amphytrião, ou Jupiter e Alemena, era um assumpto já tractado por Plauto, e por Camões, e por isso se tornava mais difficultoso de pôr em scena. Antonio José não se acobardou com isso; esem copiar nem a um, nem a outro, soube produzir um dos melhores dramas que sobre aquelle assumpto se tem escripto; elle soube melhor que ninguem atenuar a indecencia da sua idéa fundamental aturdindo o espectador com a sua inexaurível jovialidade! que rica invenção na contextura da fabula! que força comica nas diversas scenas entre Alemena, e

Amphitrão, entre este, e Jupiter, entre Mercúrio e Sar-
 amago, entre Cornucopia, e ambos elles! Que naturalida-
 de de dialogo! que diversidade nos incidentes, e que
 profusão de facecias! que fecundidade de talento drama-
 tico pressupõem a concepção, e a execução desta come-
 dia! Basta o breve, e pomposo desenlace de uma ordi-
 dura tão complicada para abqnar o instincto dramatico
 com que a natureza o dotára.

Algunas citações das suas operas servirão para dar aos
 leitores, e ainda mais aos estrangeiros alguma idéa das
 facecias comicas, e do modo de dialogar do Aristophanes
 brasileiro.

Na primeira scena da *Esopaida*, ou vida de Esopo, o
 theatro representa um mercado, ou feira em Athenas,
 com todos os accessorios proprios em espectaculos seme-
 lhantes; por entre o grande concurso de homens, e de
 mulheres, que concorrem a fazer suas compras, vê-se
 entrar em scena o phylosopho Zeno, trazendo comsigo Eso-
 po, e dous outros escravos, de que deseja desfazer-se.
 Esopo logo se faz conhecer pela sua jovialidade, e ditos
 engenhosos.

ZENO.

Onde, Esopo, vas? Tu não ouves? com quem fal-
 lo eu?

ESOP.

Eu comigo?

ZENO.

Sim.

ESOP.

Eu não me chamo Esopo Vaz; sou Esopo só, nú, e
 cru, e espurio como minha mãe me pariu.

ZENO.

Aonde ias, entremetido?

ESOP.

Si eu fôra entremetido, perguntára a v. m. para que
 nos traz hoje a esta grande feira?

ZENO.

Para vender-vos a todos tres, pois todos três sois in-

toleraveis pelas vossas manhas; porque tu és um bebedor, e tu um ladrão.

ESOPHO.

Visto isso, quem comprar a este, sendo ladrão, compra sisa, e tudo. E eu, senhor, quaes sam as minha habilidades, ou virtudes?

ZENO.

Sam boas; primeiramente mexeriqueiro, e bacharel.

ESOPHO.

Si eu fôra bacharel soubera direito; si eu soubera direito eu me endireitára, e não fôra corcovado. Não é por ahí que vai o gato ás filhozes. Tem mais de que me accuse?

ZENO.

Mais tenho; e o ser alcoviteiro não presta?

ESOPHO.

Eu digo que não presta! mas o que lhe digo é que se v. m. me vende por isso, não saltará quem por isso me compre. Ora o certo é que estamos em um tempo em que se não sabem estimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Si v. m. bem soubera o que eu sou, talvez me não vendesse, porém fallando com a mais cap-tiva reverencia, não é o mel para a bocca do asno.

ZENO.

Qual é o mel, e qual é o asno?

ESOPHO.

O asno fallando por entre dentes é v. m., e o mel é o que sáe, e o que levo do tinteiro.

ZENO.

Acaba com isso, que si começa com arengas, nunca acabarás. Mas em quanto vam chegando os feirantes vamos passeando por esta praça. Que te parece? não é boa?

ESOPHO.

De boa tem pouco.

ZENO.

Pois achas que esta praça não é boa? Que achaques lhe pões.

ESOPHO.

Senhor, não póde deixar de ser achacada uma praça com fontes, e a meu vêr tem dôr de pedra, porque ouri-na de vagar.

HOMEM.

Ah sô amigo, que procura? si quer uma boa espada aqui a tem.

ESOPHO.

Sou tentado com espadas, este homem é bruxo, advi-nhou-me o genio. Vejamos lá que tal é?

HOMEM.

E' uma folhinha velha.

ESOPHO.

Folhinha velha! isso é do anno passado, e não serve para este. Quero uma folhinha para este anno, que vem com um eclipse de estocadas.

HOMEM.

Não me entende? digo que tem aqui uma espada velha.

ESOPHO.

Peior! eu não quero si não uma espada nova, e vem cá o senhor a feira com uma espada velha!

HOMEM.

Vá-se d'ahi, que não entende de espadas, ahi tem rocas, vá compral-as.

ESOPHO.

(O homem não tem siso) pois fia v. m. de mim, que não entendo de espadas? pois saiba que meu pai foi ferro-velho, e quando me gerou na bainha de minha mãe, nas-ci eu tão espadando que cuidou a comadre, que eu era um peixe espada, e por signal que a poucos dias de nas-

cido me punham á cabeceira uma espada núa por amor das bruxas.

HOMEM.

Passa fóra, corcunda ; inda levas a merenda ás costas ?

ESOPO.

A das costas é minha ; a que está mais abaixo é para vossê.

OUTRO.

Fóra, poeta !

ESOPO.

Olha tu não te faça uma synalepha na cara, e um poema de pés quebrados.

ZENO.

Valha-te o diabo, maldito ! não te calarás, que és aqui o fabula do povo.

ESOPO.

Pois se eu sou a do povo, tambem o povo é a fabula de Esopo.

MULHER.

Aqui tem boas couves, menino, merque comigo.

ESOPO.

Devéras que a menina das couves não é mau repolho para a panella do amor.

MULHER.

Olha quem falla em amor ! tira-te d'ahi espantalho, não me enguices a venda.

ESOPO.

Eu nunca vi vencer com Venus, vêem vossês ? esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que sam dous valentes carneiros.

ESCRAVO.

Dize-lhe dessas.

ESOPO.

Chiton que ahi vem nosso patrão direito como um fu-

so ; esperem, esperem, lá vai para a feira das bestas ! Ah senhor ! aonde vai ? também v. m. se quer vender ?

ZENO.

Que dizes, bruto ?

ESOPO.

Que arre para cá, não se troque v. m. que ao depois não o poderemos conhecer ! e quando não, ponha um signal na orelha, e vá-se.

ZENO.

Como te tenho por bobo tens licença para tudo.

XANTO, PERIANDRO, ENNIO *com vestidos
talares, e os ditos.*

XANTO.

Nesta mesma variedade confusa se sustenta a potencia visiva.

PERIANDRO.

Senhor mestre Xanto, sobre isso de potencia visiva tinha eu um argumento, e muito forte.

XANTO.

Periandro, fique-vos de advertencia que nem todo o logar é para todas as cousas ; nas praças vende-se, e nas aulas argumenta-se.

ENNIO.

Diz bem o nosso mestre ; vós, Periandro, sois terrivel.

PERIANDRO.

E vós, Ennio, também me quereis reprehender ? é o que me falta.

ZENO.

Senhor phylosopho, v. m. por ventura quererá comprar algum destes escravos ?

XANTO.

Eu só venho comprar um jumento para a nora da minha quinta.

Esopo.

Eu nunca vi phylosopho com quinta.

XANTO.

Mas si comtudo me accomodar no preço, não se me dá de comprar um escravo. Anda tu cá, que sabes fazer?

1.º ESCRAVO.

Tudo.

XANTO.

E tu?

2.º ESCRAVO.

Eu tudo sei fazer.

PERIANDRO.

Quem tudo sabe, nada sabe.

XANTO.

E tu, monstro, que sabes fazer?

Esopo.

Eu nada, graças a Deos!

XANTO.

Homem, si é que o és, é possível que não saibas fazer cousa alguma?

Esopo.

Senhor, não se admire v. m., que como estes meus companheiros tomaram por sua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

PERIANDRO.

Que diz da resposta, senhor Xanto?

XANTO.

Está com subtileza: ora dize-me, como te chamam?

Esopo.

A mim chamam-me como me querem chamar; não ha meia hora que uns me chamaram poeta, outros corcunda.

XANTO.

Pergunto o teu nome,

ESOPO.

Eu, senhor, com perdão de v. m. chamo-me Esopo.

XANTO.

D'onde naceste?

ESOPO.

Do ventre de minha mãe.

XANTO.

Não me entendes? em que logar naceste?

ESOPO.

Tambem não me disse minha mãe si me pariu em logar alto, ou baixo; mas cuido que foi ahí algures ao pé de alguma cama.

PERIANDRO.

Ennio, o escravo tem atacado o phylosopho nosso mestre.

XANTO.

Ou tu és mui simples, ou muito velhaco. Pergunto-te de donde és natural.

ESOPO.

Aqui d'El-Rei, senhor, eu sou legitimo, e não natural.

XANTO.

Valha-te Deos! aonde é a tua patria?

ESOPO.

Isso é outra cousa: sou de d'onde me vai bem, que ahí é a minha terra.

XANTO.

Na verdade que me tem admirado as respostas deste escravo. Hei-de compral-o por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

ZENO.

Pois não quer estes dous, que sam perfeitos, e só lhe

agradou esse bruto? mas como v. m. disse que vinha comprar um jumento, levando Esopo, tudo vem a ser o mesmo.

XANTO.

Eu, senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

ZENO.

Uma vez que v. m. assim o quer, toda-vez que me der dez moedas leve-o.

XANTO.

Aqui as tem.

ESOPO.

Que diabo estarão dizendo um ao outro, apertando para mim? eu estou vendido aqui.

XANTO.

Esopo, anda comigo, que te comprei.

ZENO.

Esopo, vai com o senhor Xanto, que a elle te vendi.

ESOPO.

Não disse eu que estava vendido? Vamos, senhor Xanto phylósofio; mas saiba que ambos vamos vendidos.

XANTO.

De que sorte?

ESOPO.

Eu porque v. m. me comprou; e v. m. porque não sabe o que leva em mim.

XANTO.

O que levo em ti eu o sei.

Diz, alguém que estas duas scenas não estão bem dialogadas, e cheias de comico popular? que o character de Esopo, sua jovialidade, humor sarcástico, e sentencioso não está aqui bem representado?

Um dos grandes meritos de Antonio José da Silva, e

que falla muitas vezes aos mais affamados comicos, consiste na brevidade, e clareza das suas exposições, todas em acção, e em que o assumpto, é o caracter das personagens se mostram por si, sem o ordinario soccorro das narrações, quasi sempre inverosimeis, porque de ordinario uma personagem conta a outra cousas que ella de necessidade deve saber, mas que é necessario repetir para intelligencia dos espectadores.

No *D. Quixote*, por exemplo, ao levantar do panno vê-se uma sala, e nella *D. Quixote* sentado, e o barbeiro fazendo-lhe a barba, e junto delle a sobrinha, e ama. O dialogo principia por uma conversa de novidades, como de ordinario acontece entre os barbeiros, os mais incansaveis tagarellas, e falladores do mundo, e os freguezes, que procuram assim entreter-se, e distrahir-se do fastidioso tempo do barbeamento; porém essa conversa, á primeira vista indifferente, em breve nos fará conhecer o heroe da Mancha, e os seus graciosos delirios.

D. QUIXOTE.

Senhor mestre barbeiro, véja v.m. como me péga nessas barbas, que são as mais honradas que tem toda a Hespanha, e pôde gabar-se de que nem quantos gigantes tem o mundo se atreveram a olhar para ellas nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba teza.

BARBEIRO.

Ella assim o mostra, pois de teza que é, dobra o fio á navalha.

D. QUIXOTE.

Ora só mestre, vossê bem sabe que é obrigação dos do seu officio, quando fazem as barbas, dizer as novidades, que ha pela cidade. Que se falla dos principes da Italia, e do governo politico do orbe? que como estive doente, e tantos tempos de cama, por causa das minhas cavallarias andantes, não tenho sabido nada.

BARBEIRO.

Senhor *D. Quixote*, novidades não faltam: dizem que o turco vem com uma poderosa armada assollando os ma-

rao, e os principes todos procuram fazer-lhe guerra offensiva e defensiva, para o que já em Biscaia se prepara uma grossa armada.

D. QUIXOTE (*sorrindo.*)

Para que se cansam com tantas machinas? eu lhe dêra um bom arbitrio, com que em menos de uma hora, vencessem quantas armadas, e armadilhas o turco tiver.

BARBEIRO.

Diga v. m. qual é.

D. QUIXOTE.

Não quero, porque não saltarão mexeriqueiros, que lho vão dizer, e ganhem as alviçaras do meu trabalho.

BARBEIRO.

Diga v. m., que lhe prometo á fé de barbeiro que aqui fique sepultado septe braças debaixo do chão como pedra de raio.

D. QUIXOTE.

Debaixo dessa fé, que é mui boa, o direi: mandem esses principês buscar alguns cavalleiros andantes, que não faltam na nossa Hespanha, que só um delles bastará para destruir com a sua espada, e sua lança mil armadas.

ANA.

Triste de mim, senhora! seu tio está outra vez doado; ainda crê que ha no mundo cavalleiros andantes.

SOBRINHA.

A mim me metem se por aqui não anda Sancho Pança, que é quem lhe mete estas loucuras na cabeça.

ANA.

Vamos ter com Simão Carrasco, a vêr se lhe pôde tirar estas asnciras da cabeça, que é homem de manha.

SOBRINHA.

Vamos. (*vam-se.*)

Barbeiro. Como é possível, senhor D. Quixote de la Mancha, que um cavalleiro andante possa destruir um navio, quanto mais uma armada?

D. Quixote. São mestre, tracto do seu estojo, e das suas navalhas, e não se meta a querer investigar os reconditos arcanos dos cavalleiros andantes! Si vossê lera as antigas historias de Palmeirim d'Oliveira, Roldão, Amadis de Gaula, Amadis da Grecia, e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocças canta as suas nunca vistas façanhas, soubera então o que vale um cavalleiro andante! bem sei de um, que só com um suspiro é capaz de afundar uma armada, e com galeões.

BARBEIRO.

Quem será esse tal? tomara-o conhecer.

D. QUIXOTE.

Sou eu!... eu!... D. Quixote de la Mancha; por outro nome, o cavalleiro da triste figura. Eu, torno a dizer, eu só, com a minha espada, a minha lança, e o meu broquel, me atrevo a engulir o gram-turco, como quem engole uma cereja de sacco.

BARBEIRO.

Quando eu cuidava, que v. m. estava de todo são dessa loucura ainda o vejo tão enfermo della! Ora, Senhor, deixe essa teima. Quem lhe meteu em cabeça que havia no mundo cavalleiros andantes, e quando isso assim fôra, v. m. por ventura tinha barbas para o ser?

D. QUIXOTE.

Oh grandissimo magano!... por vida de minha senhora Dulcinea del Toboso, que vos farei em pó e cinza! assim se perde o respeito a um cavalleiro andante? (Atira com o barbeiro ao chão).

E' assim que se apresenta em scena um caracter dramatico, aqui apparece D. Quixote todo inteiro como o criou Cervantes, e os antecedentes da acção vem ao conhecimento do espectador como por acaso, e sem intenção: isto prova que ao poeta não faltava artificio, nem o conhecimento da theoria da sua arte.

Bocage fazia grande apreço das comedias de Antonio José, e a respeito de D. Quixote referirei uma anecdota sua, que mostra que elle lia estes dramas com reflexão, e sabia investigar as suas bellezas.

Indo eu uma vez visita-lo, durante a sua ultima enfermidade, achei-o deitado de bruços sobre a cama, com um livro na mão, e rindo como um doido. «Que livro é esse (lhe perguntei), que te provoca tanta hilaridade? Sam (respondeu) as Operas do Judeo, e achei aqui no D. Quixote uma idéa tão bufona, tão estravagante, que admira haver escapado a Cervantes!» e depois de algumas gargalhadas, lêu o seguinte:

D. QUIXOTE.

E si bem reparo agora nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinea; porque sem duvida Sancho ás vezes o vêjo com o rosto mais afeminado, que quasi me persuado que está Dulcinea transformada nelle.

SANCHO.

(Meu amo está no espaço imaginario!) Ah Senhor, toca a cavalgar que o rocicante está sellado, e o burro albardado. senhor!... v. m. não ouve?

D. QUIXOTE.

Sim, ouço! que seja possivel, prodigioso enigma de amor, galharda Dulcinea del Toboso, que os magicos antagonistas do meu valor, te transformassem em Sancho Pança?

SANCHO.

(Ainda esta me faltava para ouvir, e que aturar!) Que diz Senhor? está louco? com quem falla v. m.?

D. QUIXOTE.

Fallo contigo, Sancho fingido, e com Dulcinea transformada.

SANCHO.

Se v. m. algum dia tivesse juizo, dissera que o tinha perdido. Que Sancho fingido, ou que Dulcinea transformada é esta?

D. QUIXOTE.

Não sei como agora falle, si como a Sancho, si como a Dulcinea! vá como fôr! Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e sordida pessoa a sem igual Dulcinea; vê tu, Sancho amigo, si ha maior desaforo, si ha maior insolencia destes feitiçeiros, que mascarar o semblante puro, e rubicundo de Dulcinea com a mascara horrenda da tua torpe cara!

SANCHO.

Ora diga-me, Senhor, por onde sabe v. m. que a senhora Dulcinea está transformada em mim?

D. QUIXOTE.

Isso é que tu não alcanças, simples Sancho! pois sabe que nós, os cavalleiros andantes, temos cá um tal instincto, que nos é permittido descobrir aonde está o engano, e a transformação, pelos effluvios que exhala o corpo, e pela physionomia do rosto.

SANCHO.

Basta que conheceu v. m. pela simonetria do rosto! pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da senhora Dulcinea? Ora eu atéqui não cuidei que v. m. era tão louco! Cuido que nem na vida de v. m. se conta semelhante desventura!

D. QUIXOTE.

Quanto mais te desesperas, mais inculcas que és Dulcinea. Deixa-me beijar-te os athomos animados desses pés! já que não permittes tocar com os meus labios o jasmim dessa mão. Dulcissima Dulcinea! . . . (Quer abraçar Sancho).

SANCHO.

Aqui d'el-rei, senhor, que não sou Dulcinea! tire-se lá! olhe que lhe dou uma canelada!

D. QUIXOTE.

Ora, meu Sancho, dize-me em segredo, si és Dulcinea, que eu te prometto um bom premio!

SANCHO.

Como, senhor, lhe hei-de dizer? sou tão macho como v. m.

D. QUIXOTE.

Sancho, nesse mesmo dengue agora confirmo que és Dulcinea.

SANCHO.

Ora leve o diabo o dengue! que queira v. m. que a força eu seja Dulcinea ensauchada, ou Sancho endulcinado? Ora pois já que quer que eu seja Dulcinea, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. QUIXOTE.

Tu me queres dar couces? agora vejo que não és Dulcinea! pois Dulcinea tão formosa, e tão discreta nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua grossaria.

Acabada esta leitura algumas vezes interrompida pelo riso, Bocage proseguir: "Então? que te parece? não é isto uma lembrança bem original, bem graciosa, e bem propria? e o judeo não soube tirar della um grande partido produzindo uma scena bem comica? Oh esta idéa devia ter occorrido a Miguel de Cervantes!

Tinha razão Bocage, como sempre lhe acontecia em materias de gosto, quando o seu bom senso não era influenciado pela rivalidade, e pelos seus despeitos pueris. Estou bem certo de que se esta scenas se representasse no theatro, fazendo de D. Quixote o inimitavel Theodorico, e de Sancho Pança o graciosissimo João dos San-

tes, o riso levantado dos camarotes, e da platéa atroa-
ria todo o theatro, e não deixaria ouvir os actores.

Nas *Guerras do Alecrim, e Mangerona*, Semicupio, que é o gracioso da comedia, consegue introduzir-se em casa de D. Lanserote, velho avaro, para dar a sua filha D. Chloris um recado de D. Gil Vaz seu amante; o meio de que se serve para isso é fingir-se vendedor de alecrim; e D. Chloris, que ouve o pregão, o faz chamar, mas como estão presentes o velho, seu sobrinho D. Tiburcio, e algumas pessoas mais, Semicupio finge-se repentinamente atacado de um accidente, acodem-lhe todos, deitam-lhe agua, &c. e por fim o velho vendo que não torna a si, manda á creada Sevadilha que o cubra com o seu capote de saragoça, e o deixem descansar, e retiram-se todos, á excepção da creada, então Semicupio levanta-se, principia como era de razão, por que a caridade bem entendida começa por nós, a tractar dos seus amores com a creada, chama esta depois a ama, Semicupio desempenha a sua missão, e retira-se levando o capote do velho. Depois de todas estas situações cómicas, apparece D. Lanserote perguntando á creada pelo seu capote, e então tem lugar este dialogo cheio de rapidez, de movimento, e comica naturalidade.

LANSEROTE.

Já sabiu o homem, Sevadilha?

SEVADILHA.

Sim, senhor.

LANSEROTE.

Guardaste o capote?

SEVADILHA (*á parte*).

Ahi é ella.

LANSEROTE.

Não ouves? guardaste o capote?

SEVADILHA.

Qual capote?

LANSEROTE.

O meu.

Qual meu?

SEVADILHA.

O meu de saragoça.

LANSEROTE.

Ah sim! o capote do homem do alecrim.

SEVADILHA.

Qual homem?

LANSEROTE.

O do accidente.

SEVADILHA.

Tu zombas?

LANSEROTE.

Zombaria fóra; o homem levou o capotê.

SEVADILHA.

O meu capote!

LANSEROTE.

Eu não sei si era de v. m., o que sei é que o homem do alecrim levou um capote, com que estava coberto.

SEVADILHA.

E como o levou?

LANSEROTE.

Nos hombros.

SEVADILHA.

O meu capote furtado?

LANSEROTE.

Pois nunca se viu furtar um capote?

SEVADILHA.

Não, birbantona, que era um capote aquelle que nunca ninguém furtou. Oh dia infeliz! dia aziago! dia indigno de que o sol te visite com seus raios!

LANSEROTE.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

LANSEROTE.

Tu, descuidada, has-de pôr para ali o meu capote,
ou do corpo to hei-de tirar.

SEVADILHA.

Como o ha-de tirar si o não tenho?

LANSEROTE.

Desta sorte.

DUETO.

LANSEROTE.

Moça tonta, e descuidada,

SEVADILHA.

Ha mulher mais desgraçada
Neste mundo? não, não ha.

LANSEROTE.

Si não dás o meu capote
Tua capa hei-de rasgar.

SEVADILHA.

Não me rasgue a minha capa.

LANSEROTE.

Dá-me, moça, o meu capote.

SEVADILHA.

Minha capa

LANSEROTE.

O meu capote

AMBOS.

Tracta logo de pagar.

LANSEROTE.

Meu capote assim furtado!

SEVADILHA.

Meu adorno assim rasgado!

LANSEROTE.

Contra a moça

SEVADILHA.

Contra o velho

AMBOS.

A justiça hei-de chamar.

Não é menos gracioso o modo porque Semicupio dá
conta depois a seu amo do resultado da sua commissão.
Vejamos:

D. GIL.

Disse a Semicupio que aqui o esperava; mas tarda

tanto, que entendo que o apanharam na empreza. Mas será aquelle que ali vem? Não é Semicupio, que elle não tem capote. Quem será?

SEMICUPIO.

Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deos que não me chegue ao vulto! Não sei si torne para traz, mas peor é mostrar cobardia; eu faço das tripas coração, vou chegando, mas sempre de longe.

D. GIL.

Elle se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

SEMICUPIO.

Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: affaste-se lá!... deixe-me passar, aliás o passarei.

D. GIL.

V. m. póde passar.

SEMICUPIO.

Ai que é D. Gil; pois agora farei por que me tenha por valoroso! quem está ahí! falle, quando não despeça-se desta vida, que o mando para a outra.

D. GIL.

Primeiro perderá a sua quem me intenta reconhecer.

SEMICUPIO.

Tenha mão, Sr. D. Gil Vaz, que sou Semicupio.

D. GIL.

Si não fallas, talvez que a graça te sahisse cara.

SEMICUPIO.

Igual v. m., que se o não conheço pela voz, sem duvida, Sr. D. Gil Vaz, lhe prego com o seu nome na cara.

D. GIL.

Deixemos isso; dá-me novas de D. Chloris: dize, podes-te dar-lhe o recado?

SEMICUPIO.

Não sabe que sou o Cesar dos alcoviteiros?

D. GIL.

Dá-me um abraço, meu Semicupio.

SEMICUPIO.

Não quero abraços, venham as alviças, si não emudeci como oraculo.

D. GIL.

Em casa tas darei; conta-me primeiro o que fazia D. Chloris.

SEMICUPIO.

Isso sam contos largos; estava toda rodeada de brazeiros de alecrim, com um grande móiho delle no peito, cheirando a rainha de Hungria, mascando alecrim, como quem masca tabaco de fumo. E como acabava de jantar yinha com um palito de alecrim, e finalmente, senhor, com o alecrim anda sempre tão verde, como se tivesse icthericia.

D. GIL.

E do mais, que passaste?

SEMICUPIO.

Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de D. Chloris, picando logo na minhoca do engano ficou engasgahada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei á mão tente.

D. GIL.

Incriveis sam as tuas habilidades; e que capote é esse?

SEMICUPIO.

Este é o despojo do meu triumpho. Joguei com o velho os centos, ganhei-lhe este capote, e si v. m. soubesse a virtude que elle tem, pasmaria.

D. GIL.

Que virtude tem?

SEMICUPIO.

E' um grande remedio para sarar de accidentes de gota coral.

D. GIL.

Conta-me isso.

SEMICUPIO.

Fallemos de manso, que ahi vem um homem.

Muitos rasgos semelhantes se encontram nas outras operas, assim como na de *S. Gonçalo de Amarante*, e na dos *Amantes de Escabeche*, dous dramas, que correm manuscritos, e que alguns attribuem a Antonio José, quanto a mim com bastante razão, porque nelles reina o mesmo espirito, o mesmo estilo, a mesma facilidade em dispôr, e ligar as scenas, e sobre tudo a mesma graciosidade, que não pôde equivocar-se com a de outro.

Parece por isso impossivel que tantas pessoas, mesmo instruidas, tenham attribuido a Antonio José da Silva as

operas, ou comedias, que formam o terceiro, e quarto volumes da colleção publicada pelos typographos Francisco Luiz Ameno, e Simão Thaddeo Ferreira. E' certo que a estas comedias, pela maior parte de Alexandre Antonio de Lima, não falta merecimento dramatico, mas basta considerar a sua linguagem, maneira de dialogar, e o forçado dos gracejos pará reconhecer, que quem compoz as operas contheudas nos dous primeiros volumes não podia ser author das que compõem o terceiro, e quarto.

E' além disso inverosimil que um homem que viveu tão pouco, porque prematuramente lhe tiraram com tanta crueldade a vida, podesse compôr tamanho numero de dramas, muito mais tendo de empregar a maior parte do seu tempo no laborioso exercicio do mister de Advogado, mister que elle exerceu tanto em vida de seu pai, como depois da sua morte, ficando com o seu escriptorio, e a sua clientella.

Sim, o doutor João Mendes da Silva terminou a existencia antes de seu filho, e nisso foi elle mais feliz do que sua esposa Lourença Coutinho, pois não teve como ella a desventura horrorosa de presenciar, de saber ao menos o barbaro, e lastimoso supplicio daquelle a quem dera o ser, e que tanto honrava a sua familia, e a sua patria com os seus talentos. Morreu a tempo, e muitas vezes morrer a tempo, é o maior beneficio, que pôde fazer-nos a Providencia.

Havendo nos trechos acima transcriptos dado idéa aos leitores do dialogo, e espirito comico deste poeta brasileiro, passaremos a fazer conhecer o seu estilo poetico, e seu gosto de versificar, e para isso, na falta de alguns manuscriptos seus, e de algumas obras que se publicaram avulsas, e hoje mui raras, ou absolutamente perdidas, nos serviremos do Epicedio á morte prematura da infanta D. Francisca. A falta desta princeza, que passava por uma das mais bellas, que então existiam na Europa, foi grandemente sentida dos portuguezes, excitou o estro dos melhores poetas do tempo, de modo que a colleção dos versos publicados por esta occasião formam um grosso volume de 4.º, que alguns curiosos possuem.

O Epicedio de Antonio José reduz-se a uma glosa, em oitava rythma, do soneto de Luiz de Camões, que principia

Alma minha gentil, que te partiste
E é uma das melhores composições deste genero.

SONETO.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no ceo eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Si lá no assento ethereo, a que subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr, que me ficou,
Da magoa sem remedio de perder-te,
Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

GLOSA.

Que importa que separe a féra morte
Os extremos, que amor ligou na vida,
Si quando mais violenta intima o córte
Vive a alma no affecto mais unida?
E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de um tumulto escondida,
Nunca do peito meu te dividiste,
Alma minha gentil, que te partiste.

Si no regio pensil flôr animada
Purpuras arrastrava a galhardia,
Por isso na belleza inseparada
A duração ephemera existia:
Si está na formosura vinculada
Esta da morte occulta sympathia,
Que muito te ausentasses levemente
Tão cedo desta vida descontente.

Como flôr acabou quem rosa era,
Porém nessa fragrancia transitoria

Não quiz ser flôr na humana primavera,
Por viver seraphim na excelsa gloria:
Já que o desejo meu te considera,
Gozando nesse Empyreo alta victoria,
Apesar da saudosa dôr vehemente
Repousa lá no ceo eternamente.

Nessa patria de raios luminosa,
Onde immortal se adora a luz immensa,
Alegre viverás, alma ditosa,
Sem limites jámais na gloria immensa,
Que eu infeliz, em ancia luctuosa,
Farei no meu gemido a dôr extensa,
Eterno goza tu o bem que viste,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Não cuides que o affecto de adorar-te
Se extinguiu nos limites de perder-te,
Porque na viva fé de idolatrar-te
Na memoria conservo o bem de vêr-te:
Tão constante me enlevo em venerar-te,
Que não sei que podesse mais querer-te;
Si cá na terra dura, onde me viste,
Si lá no assento ethereo, a que subiste.

E se nesse brilhante ajuntamento
De algum humano bem memoria dura,
E porque no logar da culpa isempto
Não se vêja de ingrato a mancha impura,
Lembre-te pois, oh alma, o vago alento,
Que em suspiros exhalla esta ancia pura,
Lembre-te, pois tambem no ceo luzente
Memoria desta vida se consente.

Quantas vezes a tanta galhardia
Portugal sacrificios dedicava?
Nos altares de um peito amor ardia,
Nos ardores de uma alma amor se achava;
Si este extremo, que em luzes se accendia,
Era fragoa de amor, que se abrazava,
Para alivio efficaz d'um peito ausente,
Não te esqueças daquelle amor ardente.

Mas si algum dia o gosto por activo
Em crystalino riso se explicava,
Que tambem o prazer por excessivo
Pelos olhos rhetorico fallava,
Hoje corre turbado o successivo
Crystal, que o rosto amado publicava,
Turvo destila a magoa, o pranto triste,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

Para eterno padrão uma saudade
Mausoleo immortal se erige: oh quanto
Póde uma dôr! pois toda a eternidade
Breve circulo é de affecto tanto;
Recebe pois, oh inclita deidade,
O liquido holocausto de meu pranto,
Si acaso digno é de engrandecer-te,
E se vires que póde merecer-te.

Neste féro tormento desigual
Sem remedio me vêjo enlouquecer,
Sendo sómente alivio para o mal
Nesta ausencia infeliz por ti morrer!
Vivo tão satisfeito do fatal
Tormento, que me obriga a padecer,
Que mitigo no mal, que me deixou,
Alguma cousa a dôr, que me ficou.

Viste as Tagides bellas lamentando
Entre as ondas do Têjo a morte escura,
Que lacrimoso feudo derramando,
Dam a Neptuno infausta investidura?
Não viste os patrios montes arrancando
Do coração de penha a fonte pura?
Pois tudo effeitos sam, si bem si adver-te,
Da magoa sem remedio de perder-te.

Mas si tens por objecto o celestial
Numen, de quem te ostentas girasol,
Felice tu mil vezes, que immortal
Vives eterna, á sombra desse sol:
E se pois transmigrou teu ser mortal
A um sublime ser, sendo crysol

Da virtude, que a tanto te exaltou,
Roga a Deos, que teus annos encurtou.

Quantos desejarão no grave espanto
Da ausencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Accender essas cinzas com suspiros!
Qual á morte dirá: Não tardes tanto!
Leva-me a mim tambem em vagos giros,
Pois quão cedo de mim soube esconder-te,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te!

Qual nevada bonina, que o subtil
Matutino licor feliz bebeu,
A quem o Sol ardente em raios mil
A odorifera pompa lhe abateu,
Assim, oh bella infanta, alma gentil,
Noto no teu estrago o golpe seu,
Que admirado do mal por certo estou,
Quão cedo dos meus olhos te levou!

Alguns leitores se admirarão sem duvida de vêr o epicedio de uma princeza metido na glosa de um soneto; mas devem lembrar-se de que naquelle seculo se dava grande apreço a estes esforços de espirito, porque então as difficuldades passavam por poesia. Os melhores poetas do tempo, e alguns mesmo do principio deste seculo, como Antonio Barbosa Bacelar, Frey Jeronymo Bahia, Antonio da Fonseca Soares, e outros muitos se deram a este modo de poetar, deixando-nos glosados em oitavas muitos sonetos de Camões, e de outros.

Quanto ao estylo parece-me ter mais pontos de semelhança com o de Calderon, que com o de Gongora, nem é isso de admirar em um poeta dramatico, que devia sem duvida estudar muito os excellentes dramas daquelle grande comico, e facilmente tomamos alguns elementos do estylo daquelles authores, cuja leitura nos é familiar.

A este poemeto juntaremos algumas poesias, que Antonio José deixou distribuidas pelas suas operas, taes são estes sonetos á mangerona, ao alecrim, e ao malmequer, que se recitam na linda comedia das Guerras de Alecrim, e Mangerona.

SONETO.

A' Mangerona.

Para vencer as flôres, quiz amor
Settas de mangerona fabricar ;
Foi discreta eleição, pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flôr.

O jasmim desmaiou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No girasol foi culto o inclinar,
Ais o jacintho deu de inveja, e dôr.

Entre as vencidas flores pode vêr
Retirar-se fugido o alecrim,
Que amor para vingar-se o quiz colhêr.

Cantdu das flores o triumpho emfim,
Nem os dêspojos quiz, por não querer
Jacintho, girasol, rosa, e jasmim.

SONETO.

Apologia do Alecrim.

Um dia para Psyliche quiz Amor
Uma grinalda bella fabricar,
E, por mais que buscou, não poude achar
Flor do seu gosto, entre tanta flor.

Desprezou do jasmim o seu candor,
E a rosa não quiz por se espinhar,
Ao girasol mostrou não se inclinar
E ao jacintho deixou na sua dôr.

Mas tanto que chegou Cupido a vêr
Entre virentes pompas o alecrim,
Um verde ramo pertendeu colhêr:

Tu só me agradas (disse) pois emfim
Por ti desprezo, só por te querer
Jacintho, girasol, rosa, e jasmim.

SONETO.

Ao Malmequer.

Essa, que em cacos velhos se produz
Mangerona miserrima sem flor,
Esse pobre alecrim, que em seu ardor
Todo se abraza por sahir á luz;

Ainda que se vêjam hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido que ellas o bolo ham-de repôr,
Si não negro seja eu como um lapuz.

O malmequer, senhores, isso sim,
Que é flor que desengana, sem fazer
No verde da Esperança amor sem fim.

Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá que a mangerona, e o alecrim
As plantas beijarão do malmequer.

Estes sonetos sam, como já dissemos, extrahidos das Guerras de Alecrim, e Mangerona; e por occasião deste drama proporei aos tafucs antiquarios, uma questão,

Que si elles a resolverem,
Feliz do genero humano!

Todas as pessoas, que conhecem Cintra, sabem que os elegantes, e janotas, que estão habituados a passar o verão naquella paraiso terreal, costumam juntar-se todas as noites faça luar, ou faça escuro, na estrada dos Pisões, juncto á quinta da Regaleira, e ali sentados em dous grandes camapés de pedra, e cal, murmuram, politicam, e o maior numero tractam de amores, até que já bem tarde se retiram daquella pasmaceira.

Por muito estrambolico, que pareça este gosto de sahir das casas, e dar uma grande caminhada, para ir palrar, e tijolar no meio de uma estrada, muitas vezes debaixo de uma ventania que sopra, e sibila ameaçando constipações, e pleurizes, é certo que elle é muito antigo naquella villa, e que aquelle ajuntamento tem tido lugar em diferentes sitios, como o Campo de Centeaes, a Fonte dos Amores, e primeiro na sombria, soli-

taria, e pedregosa estrada da Cabeça, onde ainda existem os bancos de pedra e cal, onde então se assentava aquella turma jovial, dividida em dous ranchos, appellados um *do Alecrim*, e outro *da Mangerona*, cujos raminhos então usavam trazer no peito. Pergunto agora, seriam estes ranchos quem sugeriu a Antonio José a idéa da sua comedia? ou a comedia de Antonio José a origem destes dous ranchos? espero pela solução deste problema, que julgo tão necessario para a intelligencia da historia do nosso theatro, como frei Claudio, de burlesca memoria, julgava indispensavel a chronica da casa dos vinte e quatro para a intelligencia da historia do reino.

Ha nos dramas de Antonio José alguns recitativos e arias, que mostram bem quanto lhe eram familiares as operas de Metastasio, e de Apostolo Zeno. Tal é o seguinte.

RECITATIVO.

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influiz com luz opaca,
Rigor tão féro contra um innocentel
Que delicto fiz eu, para que sinta
O peso desta asperrima cadeia,
Nos horrores de um carcere penoso,
Em cuja triste, lobrega morada
Habita a confusão, e o susto mora?
Mas si acaso, tyranna, estrella impia
E' culpa o não ter culpa, eu culpa tenho!
Mas, si a culpa, que tenho, não é culpa,
Para que me usurpaes com impiedade
O credito, a esposa, a liberdade?

ARIA.

Oh que tormento barbaro
Dentro do peito sinto!
A esposa me desdenha,
A patria me despenha,
E até o ceo parece
Que não se compadece
De um misero penar.

Mas, oh Deoses, si sois justos,
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegaes hoje a castigar?

RECITATIVO.

Oh infeliz! oh triste sem alivio
Misero amante, como sem Ismene
Viverei? morrerei ao duro golpe
Da sentença cruel, que me separa
Aquella alma sublime deste corpo
Cuja união amor ligou constante.
Oh Jupiter piedoso, dessa esphera
O trisulco furor do teu incendio
Contra um peito infeliz fulmina ingente,
Que para provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado
Que nascer infeliz um desgraçado.

ARIA.

Irado, e languante
Frenetico, e amante,
Oh injusta deidade,
Da sua impiedade,
A Jove supremo
Me quero queixar
Si a luz me usurpaste,
Do sacro hymineo,
Cruel te enganaste,
Que em chamma mais pura
Minha alma constante
Se sente abraçar.

RECITATIVO.

Já que em tanto tormento não alcanço
Alivio neste apocripho delicto,
A quem reccorrerei misero amante?
A quem reccorrerei? a quem, Alcmena,
Si não ao puro archivo do meu peito,
Onde os extremos meus, e os meus suspiros
Fielmente exhalados

Poderão commover as duras penhas,
E os asperos rochedos!
Que talvez nesta barbara aspereza
Ache menos rigor, menos dureza.

ARIA.

Pois, tyranna, não te abrauda
Do meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, esquiva Alcmena
Que farei por te abraudar?
Ao teu idolo adorado
Meu affecto já prostrado
Toda a victima de uma alma
Sacrifica em teu altar!

Descobre-se nestas composições para musica um grande tino dramatico; os recitativos nunca parecem demasiado longos, as clausulas são breves e bem calculadas para as pausas do periodo musical, os versos faceis, fluidos, e harmoniosos, nada de palavras asperas, de contracções inharmonicas, e discordantes. As arias ligam-se artificialmente com o recitativo, e pela graça da idéa e bem collocado das rimas, e a chistosa mistura de versos graves, e agudos deviam inspirar o compositor para as notar sem difficuldade.

Algumas das arias dos dramas de Antonio José, considerando-as destacadas das situações em que elle as collocou, poderiam sem escrupulo tomar-se por lindissimas Odes Anacreonticas. Citaremos alguns exemplos.

ARIA.

Em ti mesmo considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois contigo está meu mal,
E contigo está meu bem.
Deixa pois que triste viva,
Quem alegre busca a morte,
E verás que dessa sorte
Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convém.

Não é menos bella a seguinte

ARIA.

Na onda repetida
Do Zephireo impelida,
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido crystal.

Si pois a clara espuma
Tropheo de um monte alcança,
Bem pôde haver mudança
Na instancia dos carinhos,
Do genio seu fatal.

Será possível dar um torneio mais gracioso, e mais
terno a uma declaração de amor do que o que observa-
mos nesta

ARIA.

Não sei que novo affecto
Sinto no amante peito;
Sei só que o seu effeito
Me obriga a te adorar.

O teu doce atractivo
Já sente o amante peito,
E á vida não compete
Gosto mais singular.

Como é imaginosa, e brilhante a aria seguinte!

O navegante,
Que, combatido
De uma tormenta,
Logo experimenta
Quieto o vento,
Tranquillo o mar;

Como eu, nem tanto,
Se alegre, vendo
Que vai crescendo
Minha ventura,
E vai cessando
Do meu gemido
O suspirar.

Que imagens tão agradaveis, que expressão tão volupiosa, e amena se encontra nas seguintes arias, em que respira o espirito de Anacreonte, e Metastasio.

ARIA.

Vis-te, oh Chlori, a flôr gigante
Que procura firme, e amante
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte sem desmaios,
Sol, que gira, sam teus raios,
E' meu peito girasol.

Mas ai, Chlori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no chrysol.

ARIA.

Ditosa pastorinha,
Que alegre em verde prado
Só cuida no seu gado
Ao som da melodia,
Que inspira a rude flauta
Do amante seu pastor.
Politicas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta,
Das flores, que tributa
A fé de um casto amor.

ARIA.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando expira nos incendios
Solicíta o mesmo ardor!

Tal, oh Chlori, me imagino
Pois parece que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appetite o teu rigor.

ARIA.

Selvatica fêra
Da brenha mais tosca,

Se encrespa, se enrosca,
Si a chara consorte,
Nos braços encontra
D'amante rival.

Si o rustico instincto
De um bruto padece,
Desculpa merece
Uma alma abrazada
Dos zêlos no mal.

ARIA.

Dirás ao meu bem
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante serei.

Estas bellissimas composições fazem lamentar que se perdessem as poesias lyricas de Antonio José, que naturalmente deviam ser muitas, pois espirito tão poetico não é crível que se conservasse muito tempo em ocio em um tempo em que a poesia, si em geral não era boa, pelo menos era muito estimada, e não serão dignos da execração da posteridade os algozes, que tão barbaramente tiraram do numero dos vivos, no começo da idade viril, um poeta que tanta honra podia fazer á sua patria?

A graça proverbial de Antonio José faria considerar como grave descuido, o não apresentar aqui algumas das cantigas burlescas que elle espalhou pelas suas operas.

ARIA.

Toda a mulher que não fôr
Inclinada ao matrimonio,
Ha-de leval-a o demonio
Si não a levar amor:
Traete logo de depôr
Seu tyranno desdenhar;
Porém si não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar por não morrer,
Ou morrer por não casar.

ARIA.

E' o amor que uma alma engole
 Sabão molle,
 Pois com elle quem se esfrega
 Cabra céga,
 Escorrega
 Cae aqui, cae acolá:
 Assim uma alma namorada
 Esfregada,
 Ensaboada,
 Que tropeços não fará?

ARIA.

Não ha quem me diga
 Por esta cidade
 Si devo casar,
 Si não, ou si sim?
 Porém que verdade
 Me podem dizer,
 Si eu hei-de morrer
 Assim como assim?

ARIA.

Que tremulo marres,
 Que extatico morras,
 Que extitico mirres,
 Que marras, que morres, que mirres,
 E a mim que se me dá?
 Por mais que em teus males
 Em ancias estales,
 E em prazer te estiles
 Debalde será.

ARIA.

Si cuidas menina
 Que eu seja perjuro,
 Pois olha eu te juro
 Um raio me parta,
 Me abraze um corisco,
 O diabo me leve
 Si eu falso te fôr.

Mas ai ! Taramella,
Si és linda, si és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor.

ARIA.

Não vêem o meu noivo
Como é galatinho ?
Com esse focinho
Queria mulher ?
Que tolo ! que simples ! que ~~nescio~~ é vossê.
Bem sei não mereço
Tão lindos amores,
Porém taes favores
Os lanço de mim co'a ponta do pé !

ARIA.

Viram já vossês um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranha, tudo arraza,
E caçando o pobre rato
Este guincha que o não rape,
D'ali diz-lhe a moça " *cape*,
E o gato responde " *miau*,
E a senhora grita *xó* ?
Dessa sorte Amor tyranno
Faz das unhas duras frexas,
Que trepando da alma ás brexas
Corações, forçuras, bofes
Come, engole, e faz em pó.

A Inquisição extinguiu a vida de Antonio José; a censura fez esquecer o seu nome, não consentindo que elle se estampasse á frente de suas operas; o povo que as estimava, e applaudia, só as designava pelo nome de *Comedias do Judeo* ! As escholae latina, e franceza conseguiram banir essas mesmas comedias da circulação litteraria, a primeira, porque não eram classicas; a segunda, porque não eram escriptas no estylo elegantemente amaneirado, que havia tomado dos francezes: o geral

dos litteratos, sem as lêr, fallava dellas com desdem, como de abortos dramaticos sahidos de um cerebro extravagante, e phantastico : até que no presente seculo os seus escriptos examinados por um critico justo, vam adquirindo uma voga, que promete que em breve a nação lhe faça justiça, e a sua gloria se restabeleça : consta que no Brazil se prepara uma edição nitida dos seus escriptos ; que um poeta daquella nação, mancebo de grande talento, teve a coragem de apresentar Antonio José no theatro, em um drama seu intitulado « O Poeta e a Inquisição » que foi muito applaudido do publico.

Eu, sem querer dar o meu gosto como regra, não tenho duvida em confessar, que tenho grande predilecção pelos dramas deste illustre brasileiro, e estou persuadido que os nossos poetas dramaticos tem muito que aprender dos seus escriptos, que encerram grandes bellezas, e muito conhecimento de scena ; e de que seria mui util que alguns dos mancebos, que hoje seguem com muito talento a carreira theatral, se deixassem de imitar os melodramas, e vaudevilles francezes, e se applicassem a aperfeiçoar o systema dramatico de Antonio José, criando a verdadeira comedia popular portugueza, de que elle lançou os fundamentos.

CAPITULO V.

Recapitulação.

De todas as escolas poeticas, que atégora tem dominado em Portugal, a mais abundante de talentos, e grandes engenhos tem sido a hespanhola. Gabriel Pereira de Castro, Vasco Mousinho de Quevedo, Manoel de Gálhegos, Manoel de Vasconcellos Barbuda, Antonio da Fonseca Soares, Frey Jeronymo Vahia, Antonio Barbosa Bacelar, e alguns outros nomeados nos capitulos antecedentes haviam nascido poetas, e seriam grandes poetas se tivessem tido a ventura de nascer no tempo em que os bons estudos floresciaam na nossa patria ; no tem-

po em que os grandes môdelos da sabia antiguidade, fonte inexaurivel do bello ideal, e da pura imitação da natureza os podia guiar ás regiões do sublime, porque a poesia marcha sempre a par da illustração, e dos conhecimentos do seculo.

Nascidos porém no tempo em que os jesuitas apoderando-se do magisterio, desde as aulas de primeiras letras, até ás cadeiras da Universidade de Coimbra, procurando adrede que ninguem sebesse nem estudasse si não o que convinha aos interesses da Companhia, substituindo para isso a boa phylosophia, e a boa theologia pela phylosophia, e theologia escolastica, como era possivel que esses grandes engenhos se desenvolvessem, e aperfeçoassem no meio das trevas de uma ignorancia systematica? Como podiam elles estudar a bella natureza, si as sciencias naturaes eram desprezadas? formar o bom gosto, si lhe arrancavam das mãos os livros gregos, e latinos, inculcando-lhe a sua leitura como inutil, e perigosa?

Criados entre as argucias, as distincções, e as subtilidades de que lhes nutriam o espirito, força era que elle se fosse depravando, e corrompendo, e como o bom estylo nasce das idéas claras, e do bom pensar, como era possivel que adquirissem um estylo puro, correcto, e elegante? quem não vê que em taes circumstancias, quanto maior fosse o talento mais se perderia nas idéas alambicadas, e exaggeradas, grangeando assim um estylo pretencioso, affectado, cheio de trocadilhos, de jogos de palavras, de combinações pueris, e de methaphoras exquisitas, e mal formadas? como podiam colher fructos sasonados, os que só procuravam flôres brilhantes? o que então se chamava dizer bem, era o dizer as cousas de uma maneira extraordinaria, e fóra do natural, ter juizo era qualidade; para ser admirado era necessario ser discreto, e o discreto, segundo a opinião do tempo, era pensar e expressar-se de um modo insolito, extravagante, e quasi sempre ininteligivel: lêa-se a *Arte de Agudeza y Ingenio* de Gracian, e ali se verá como se entendia a eloquencia, a poesia, e o sublime. Quando o mau gosto se reduz a preceitos, quando se fórma uma arte para dar as regras de extravaganciar, e delirar em prosa, e

verso, é necessario que todo o bom saber esteja perdido, que a corrupção seja geral, e que o systema de educação seja pessimo, e em taes casos mais valeria a pura ignorancia, porque só grandes talentos podem ser superiores á barbaridade do seu seculo, como o mostraram Homero, Dante, Shakespeare, e Optz, mas acham muito mais difficuldade em desamparar-se das luzes enganadoras, e dos preconceitos de uma erudição falsa, e bastarda.

Nem se julgue que o estylo pretencioso, e ridiculamente affectado do seculo de seiscentos fosse peculiar, e privativo dos poetas; pelo contrario, elles cantavam como todos os seus contemporaneos fallavam; todos os livros desse tempo historia, philosophia, theologia, &c. estão escriptos no mesmo estylo, no mesmo estylo eram os sermões, as conversações, e até as correspondencias particulares; isto prova que o mal vinha das aulas, e não do capricho de alguns escriptores de pouco siso. Si assim não fosse como poderia a poesia ser tão estimada, e applaudida naquelle seculo? como poderia o povo entender então os poetas, si o seu espirito não estivesse, digamol-o assim, adelgado pela philosophia escolastica, e habilitado para adivinhar charadas?

O estylo é o grande defeito dos seiscentistas, ou da escola hespanhola; mas devemos por isso proscrever, como fizeram alguns criticos demasiado severos, todos os poetas daquela epocha, e daquela escola? não por certo. Nem todos elles peccaram no mesmo grau de extravagancia. Houve então alguns poetas, que á força de bom senso, e de gosto natural, souberam escapar aos excessos ridiculos, e estravagantes do estylo em voga, e conservar-se quasi sempre nos limites do que se chama estylo florido, e que fazem desculpar os seus defeitos com grande numero de verdadeiras bellezas. Neste numero conto eu Gabriel Pereira, Quevedo, Bacelar, Galhegos, e Gregorio de Mattos.

Não pôde igualmente negar-se que a arte fez alguns progressos naquelle tempo, e com aquella escola; os poetas sam de ordinario mais originaes do que os seus antecessores. Os poemas didaticos, e didascalicos foram comprehendidos naquelle seculo, mesmo quando alguns

dos seus authores pertencem á eschola italiana. E' da mesma epocha a introdução dos romances na nossa lingua, assim como a das decimas, uma das mais bellas e harmoniosas combinações rimicas nos versos octosyllabos, as canções chegaram-se mais á ode pela fôrma externa; os assumptos foram mais variados, e a poesia teve um character mais popular apparecendo nella muitas, e differentes allusões aos usos, e costumes populares.

E' tambem deste seculo a poesia satyrica, propriamente dita, e jocoseria, em que tanto se distinguiram Gregorio de Mattos Guerra, Thomaz Pinto Brandão, e outros.

Houve tambem um grande progresso, e melhoramento nas clausulas, e periodos poeticos, que nesta eschola se apresentam mais bem cortados, de modo que não falta a respiração antes das pausas.

A versificação sobre tudo foi nestes poetas mais fluida, mais rapida, e harmoniosa; nos seus poemas raros, os versos prosaicos, e mais raros ainda os versos duros, e talvez que o pouco apreço, que elles fizeram de Ferreira tivesse por motivo principal a dureza, e escabrosidade, que geralmente se nota na sua versificação, e talvez que mais que a outra causa devesse Camões á soberba harmonia dos seus optimos versos, a grande admiração, e estima que lhe tributaram os poetas daquelle tempo.

Parece-me pois que os criticos, que pozeram peito á empreza da restauração do bom gosto, e da poesia andaram com demasiado rigor quando envolveram em uma proscricção geral todos os poetas da eschola hespanhola, sem excepção nenhuma: equivocando assim os homens de verdadeiro talento com os ineptos, que quizeram campar por poetas contra a vontade de Apollo, e de Minerva: talvez que esse demasiado rigor fosse então necessario; porém hoje que as circumstancias são outras, que se professam outros principios em litteratura, tenho para mim que é tempo de julgar esses poetas com imparcialidade, de fazer justiça ao merito, e de se examinarem em suas obras, porque em grande parte dellas ha muito que aproveitar.

FIM DO TOMO DECIMO.

INDICE DO TOMO X.

LIVRO XXIII.

CAPITULO I. <i>Antonio da Fonseca Soares</i>	5
CAPITULO II. <i>Poesias Lyricas de Antonio da Fonseca Soares</i>	29
CAPITULO III. <i>Manoel Botelho de Oliveira</i>	67
CAPITULO IV. <i>Manoel Tavares Cavalleiro</i>	84

LIVRO XXIV.

CAPITULO I. <i>Manoel de Sousa Moreira</i>	125
CAPITULO II. <i>Troylo de Vasconcellos da Cunha</i>	200
CAPITULO III. <i>D. Joanna Josefa de Menezes, terceira Condessa da Ericeira</i>	231

LIVRO XXV.

CAPITULO I. <i>Caetano José da Silva Soutomaior</i>	244
CAPITULO II. <i>Outras poesias do doutor Caetano José da Silva Soutomaior</i>	266
CAPITULO III. <i>Nicolau Luiz</i>	294
CAPITULO IV. <i>O Advogado Antonio José da Silva</i>	328
CAPITULO V. <i>Recapitulação</i>	371



3 2044 048 706 634

